ZACUTO LUSITANO

Zacuto Lusitano

(Reducção do retrato publicado nas edições in-folio das suas obras)

Zacuto Lusitano

A SUA VIDA E A SUA OBRA

POR

MAXIMIANO LEMOS

Major medico do exercito portuguez, lente de medicina legal na Escola Medico-Cirurgica do Porto, socio correspondente da Academia Real das Sciencias e da Sociedade das Sciencias Medicas

PORTO

Eduardo Tavares Martins, editor

Rua dos Clerigos, 8 e 10

1909

CAPITULO I

Expulsão dos judeus da Espanha — Abrahão Ben Samuel Zacuto — Noticias sobre a sua familia — Zacuto Lusitano

A EXPULSÃO dos judeus da Espanha pelo famoso edito de 31 de março de 1492, precisamente quando triumphava a unidade castelhana sob o dominio de Fernando e Isabel, é um dos factos capitaes na historia da peninsula.

Divergem muito as opiniões dos historiadores na apreciação d'este violento proceder.

Nos judeus não haja esperança de encontrar-se serenidade na critica d'um acto que tanto e tão fundo os opprimia e vexava. Prorompem em afflictivos lamentos e proclamam que os soberanos espanhoes procederam como tyrannos d'inaudita crueldade, tão revoltante e tão iniqua que offendeu a propria divindade que puniu com severidade os seus auctores.

"Grandes perseguidores foram os nossos Fernando e Isabel, escreve Menasseh Ben Israel. Veja-se

o fim que tiveram: ella morrendo como morreu, elle perseguido de seu genro e dos seus proprios vassallos. O unico filho que teve, desposado de dezesete annos, no primeiro das suas bodas mallogrado, sem deixar geração: a filha em quem librava as suas esperanças de successão, a que herdou o reino e o odio, pois não quiz casar com o rei Manuel, sem que nos desterrasse ou forçasse á sua religião, de parto morreu em Saragoça, e o filho que deste parto nasceu, em quem tinham postas as suas esperanças os do reino de Castella, Aragão e Portugal, morreu aos dezoito mezes, extinguindo-se a successão espanhola por linha masculina.„ (1)

N'outra obra, a mesma ideia é traduzida por esta fórma pelo celebrado rabbino:

“Desterrou-os (aos judeus) Fernando e Isabel, mas não ficaram sem castigo, padecendo ella uma enfermidade torpissima e incuravel e por fim morrendo sem successor legitimo. O rei D. João II de Portugal mandou as creanças innocentes para as ilhas dos Lagartos (2), mas este casando depois seu filho D. Affonso com a filha do rei D. Fernando de Castella, no melhor tempo dos seus folguedos e bodas, correndo uma carreira, atravessou-se-lhe o demonio, derrubou-o do cavallo e ao mesmo rei dentro em poucos dias mataram com veneno e o seu reino foi gosado pelo maior inimigo que tinha. D. Manuel fez á força christãos muitos judeus, mas esta maldade pagou-a bem caro Portugal, perecendo na quarta ge-

(1) *Esperança de Israel*, n.º LXVIII, pag. 109.

(2) As ilhas de Cabo Verde.

ração toda a nobreza com o rei e reino, ás mãos de barbaros mauritanos.„ ([1])

Tão dolorosamente se exprimira muito antes Salomão Usque na sua *Consolação ás tribulações de Israel*. "... Os que ficaram... em nome de confessos em Espanha, em tanta maneira prosperaram naquelle reino que entravam no numero dos grandes e mais nobres senhores que nelle havia: por onde vieram a parentar altamente, tendo cargos assignalados e de grande importancia na côrte, com titulo de condes, marquezes e bispos e de outras assaz grandes dignidades, aquellas que o mundo soe dar aos que o seguem: os outros que todavia ficaram judeus sendo secretamente destes favorecidos, tambem iam prevalecendo e prosperando. Durou isto até elrey dom Fernando e a Rainha dona Isabel sua mulher, e como meus bens são como a flor arrancada de sua raiz que presto se seca e amurchece, assi pereceu este, porque achando os inimigos de minha prosperidade apparelho em Elrey e muito mais na Rainha dona Isabel de os perseguir metteram a mão nisso inclinando-os á destruição dos confessos, e pouco trabalho era necessario para gastar os animos dos principes porque de sua natureza parece sairam os maiores inimigos deste povo que vieram ao mundo: e para que houvesse effeito a vontade com o poder que tinham, contra os que estavam no habito de confessos desconhecidos e á fé da christandade já sotopostos e

([1]) Menasseh Ben Israel — *Terceira parte del Conciliador*, pag. 103.

com seus animos mui repousados, tendo-se por seguros em ser christãos fizeram vir de Roma um fero monstro de forma tão estranha e tão espantosa catadura que só de sua fama toda Europa treme... „ [1]

E' indubitavelmente empolgante o retrato que o historiador judeu traça da Inquisição espanhola, o monstro a que allude na passagem acima transcripta:

"Seu corpo é de aspero ferro com mortifero veneno amassado, com uma durissima concha coberto de bastas escamas de aço fabricada, mil azas de pennas negras e peçonhentas o levantam da terra, e mil pés danosos e estragadores o movem, sua figura daquella do temeroso leão toma parte, e parte da terrivel catadura das serpes dos desertos de Africa: a grandeza de seus dentes aquelles dos mais poderosos Elephantes arremedam: e o silvo ou voz com maior presteza que o venenoso Basilisco mata: dos olhos e bocca continuas chammas e labaredas de consummidor fogo lhe sáem, o pasto de que se ceva é outro com corpos humanos amassado, precede a Aguia na ligeireza do seu voar, mas por onde passa faz com a tristonha sombra cerração por mais claro que o Sol naquelle dia se mostre, finalmente seu rasto no que atraz fica deixa uma tenebra como aquella que foi aos Egypcios dada por uma das plagas, e depois que onde seu voo encaminhou arriba, a verdura que pisa, ou arvore viçoso sobre

---

[1] *Consolação ás tribulações de Israel*, ed. Mendes dos Remedios, III, pag. XXVI.

que põe os pés, seca, estraga e amurchece e sobre isso de raiz com o destruidor bico o arranca, e de tal sorte com sua peçonha todo aquelle circuito que comprehende o deixa assolado, que como os desertos e areaes da Syria onde planta não prende nem erva nasce o converte; essa tal alimaria em todo o povoado de meus filhos (que em habito de christandade estavam desconhecidos) metteu, e com o fogo dos olhos um grandissimo numero abrasou semeando a terra de infinitos orfãos e viuvas: com a bocca e poderosos dentes suas riquezas e ouro lhes englutiu e destrinçou; com os pesados e peçonhentos pés suas famas e grandezas lhe pisou e destruiu, e com a temerosa e disforme catadura, a outros seus córados rostos lhe desfigurou e sumiu e seus corações e almas com seu voo escureceu, e estes mesmos effeitos vai inda agora naquella região continuando nos membros que de meu corpo ficaram destroncados na Espanha, sem lhes valer mostrarem-se christãos para salvar a vida: não deixando inda que me condemne de vos dizer a verdade, que alem dos inimigos houve alguns delles naquelle tempo que entregavam em poder deste cruel monstro a seus irmãos e dos mais destes a pobreza dava esforço e cór a suas maldades, porque iam em casa de algum confesso rico e dizendo-lhe de sua necessidade lhe pediam cincoenta ou cem cruzados emprestados, e tanto que lhos negava dali o iam acusar dizendo que judaizava com elles; durou esta maneira de desaventura quatro annos, porque determinando estes principes desarreigar de todo ponto os confessos do judesmo, e afastados de sua conversação, desterraram de seus reinos todos aquelles a quem

a ira de Frei Vicente ([1]) não alcançou e outros cuja constancia os havia na lei de Mosseh conservado: os quaes uns e outros vagaram por muitas e diversas partes com assaz tribulação e fadiga, uns passando-se ao reino de Portugal; outros ás terras de mouros e alguns pelo reino de Napoles e outras partes da Europa se espalharam... ([2])

Menos exclusivos, os historiadores christãos, catholicos ou protestantes, collocaram-se para pronunciar as suas sentenças em differentes pontos de vista. Ha entre os espanhoes quem, julgando o edito um acto inspirado pelo ceu, enche os reis catholicos de bençãos e elogios, por terem concebido e executado com tanta decisão como energia esse decreto que extirpou do solo espanhol a vil cizania que por tantas edades o tinha collocado á beira da perdição e ruina. Ha, fóra de Espanha, quem, encarando o acto sob o aspecto social e economico, condemne os seus auctores como principes pouco aptos para dar a felicidade áquelle grande imperio, constituido sob a sua mão triumphante, pois que tão desavisadamente o sangravam e enfraqueciam, cerceando inconsideradamente a sua população e estancando todas as fontes da sua prosperidade e riqueza.

Tão pouco faltou quem, aquilatando o famoso edito debaixo do seu aspecto moral e politico, taxasse D. Fernando e D. Isabel de injustos e mal intencionados, lançando-lhes a accusação de que só aspira-

([1]) S. Vicente Ferrer.
([2]) Usque. op. cit., pag. XXVI e XXVI v.

vam a apoderar-se da substancia dos hebreus, ao expulsarem-n'os com tal violencia do lar paterno.

Para outros que, formando singular antithese com os historiadores espanhoes citados em primeiro logar, encararam o edito sob o aspecto religioso, os conquistadores de Granada só mereceram os qualificativos de intolerantes, fanaticos e crueis, com o accrescimo de terem inclinado a fronte ante o poder theocratico que tanto ao publicar-se o edito de expulsão dos judeus como ao produzir-se o da instituição do Santo Officio se sobrepunha realmente á ponderada majestade do throno. A maior parte dos escriptores modernos inclina-se a suppôr nos reis catholicos o interesse tão mesquinho como bastardo de se apossarem dos bens e propriedades dos judeus, do mesmo modo que se estavam apoderando, por meio dos processos inquisitoriaes, das propriedades e bens dos conversos.

D. José Amador de los Rios, que estuda desenvolvidamente o assumpto e que procura aprecial-o com justiça, condemna o edito porque feria d'um só golpe e para sempre antigos direitos creados á sombra dos seculos, das crenças e das instituições nacionaes e ainda porque o uso da prerogativa régia, exercida d'este modo, prejudicou muitissimo o desenvolvimento da agricultura, do commercio, das artes, das sciencias e das letras.

Triumphante a egreja depois da exaltação de Constantino e do symbolo de Nicéa, era effectivamente considerada como uma das maiores victorias do christianismo a dispersão total dos judeus no meio das nações. Estava escripto que haviam de

viver condemnados á proscripção eterna, que tinham de supportar o jugo da servidão e que chegariam, sem patria, sem terra e sem templo, á final consummação dos seculos.

A esta doutrina deu a mesma Egreja representação e validade legal logo que, reunida em concilios ecumenicos, pôde ditar canones e disposições geraes que regularam em toda a extensão do já decadente imperio romano a vida dos discipulos de Christo.

Não soffreu modificação esta crença elevada a doutrina canonica durante a invasão dos barbaros e quando estes se fixaram no Occidente e aqui receberam o christianismo, admittiram a geração hebréa entre as outras nações submettidas ao seu imperio e quando os visigodos, abandonado o arianismo, proclamaram a integridade do dogma catholico, levantava-se a proclamar e defender doutrinas de tolerancia, um momento olvidadas por Sisebuto, a inspirada voz de Santo Isidoro.

Vinha entretanto a terrivel catastrophe do Guadalete, a que succedia o grito salvador de Covadonga, e empenhada aquella porfiada lucta que durou oito seculos apresentou a guerra nos três primeiros um caracter altamente exterminador, sendo o ferro e o fogo implacaveis ministros do odio reciproco de mussulmanos e christãos e caíndo envolta no anathema commum a vacillante população judaica. Logo, porém, que surgia alguma tranquillidade e se afastava o receio de voltar a nova escravidão, deixava Fernando I de entregar ás chammas mesquitas e synagogas, ulemas e rabbinos, não sendo tambem vendidos *sub coronâ* os povoadores mahometanos e judeus

por elle conquistados. Unidos na terrivel sorte da guerra com os sectarios do Islam e amparados agora pela fé dos pactos, mantiveram os descendentes de Judá, como de futuro as conservaram aquelles, as suas fazendas e propriedades, e chamados em breve pelos *fueros* e *cartas-pueblas* a tomar parte activa na repovoação das regiões arrancadas ao jugo dos moiros, receberam de principes como Affonso VI e Affonso VII de Castella, Ramiro I e Affonso I de Aragão e D. Affonso Henriques e D. Sancho I de Portugal immunidades e privilegios que asseguraram e legitimaram a sua permanencia em todas as monarchias peninsulares. Esta politica humanitaria para com os judeus era seguida pelos conquistadores de Cuenca e Baeza, Maiorca e Palencia, Cordova e Sevilha, Murcia e Algeciras, e os proprios reis catholicos, ao fazerem a conquista de Granada, seguiram esta politica tradicional que achava apoio nas leis do reino e nos proprios canones da Egreja.

Porque é mister advertir que, inspirada no ensino dos Padres, para quem nunca foi obra de força o chamamento dos judeus ao seio do christianismo, todas as vezes que foi congregada a Egreja havia proclamado a primitiva doutrina, amparando a existencia do povo judeu, embora obrigando-o a certo afastamento e distincção como prova de servidão e dependencia. Nem se deve esquecer que nos *fueros* e *cartas-puêblas municipales* tinham obtido constante representação nas leis, ainda que limitada sempre á jurisdicção das suas judiarias, tanto no civil e criminal como no religioso, e á acquisição e exercicio da propriedade, ás vezes um tanto limitada, sem

participação alguma politica na republica, pelo que dizia respeito ás relações com os christãos.

Observando estes principios e praticas, collocava Affonso VIII no *Fuero Viejo* de Castella as suas legitimas propriedades a salvo de injustas aggressões: Fernando III e Jayme I concediam-lhes, nos famosos foraes de Cordova e de Valencia, o privilegio de serem julgados por juizes proprios, prerogativa que Affonso X ampliava e ratificava nas *Leis Novas*; tomando o mesmo rei sabio para guia e escudo as decretaes da Egreja, introduzia no Codigo universal das *Partidas* a doutrina de que devia ser respeitada a existencia do povo hebreu entre os christãos e vedava todo o acto de violencia para lhes impôr a fé catholica, e ao dar por ultimo força de lei a este codigo nas côrtes de Alcalá de 1348, o vencedor do Salado não só mostrava o firme proposito de que nunca saíssem os judeus de Espanha, mas auctorizava-os a adquirirem todo o genero de propriedades, exceptuando apenas os abbadengos e behetrias.

Desde então, em quasi todas as leis feitas em côrtes durante os reinados seguintes, por mais contradictorias que nos pareçam relativamente aos accidentes da usura, thema obrigado dos procuradores de villas e cidades, quasi em todas as pragmaticas e cedulas expedidas pelos reis, ostentava-se o desejo de que vivessem na peninsula os descendentes de Israel, lisonjeando sempre a principes e legisladores a esperança de que, sendo como cultivadores da lei mosaica de grande utilidade ao Estado, mais o seriam abjurando espontanea e sinceramente a sua crença.

Como era, portanto, que esquecendo as antigas

tradições das monarchias christãs, desprezando as primitivas capitulações e *cartas-pueblas* que legitimavam a existencia dos judeus; desrespeitando as leis protectoras que tendiam a perpetual-os no solo espanhol, como era que, repetimos, calcando os pactos firmados por elles mesmos deante dos muros de Granada, expulsavam os reis catholicos, por meio d'um acto privativo de auctoridade absoluta, tantos milhares de habitantes da sua propria terra?

Surprehende tanto mais o facto quanto nenhumas difficuldades e escrupulos tinham Fernando e Isabel manifestado em acceitar os serviços dos hebreus para pôrem remate á obra que os fazia senhores de toda a Espanha, e logo depois de estes fazerem esforços pessoaes e não regatearem subsidios pecuniarios para que surtissem bom resultado os projectos de conquista em que os reis andavam empenhados.

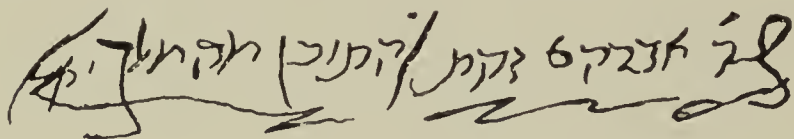
Se, considerado sob o ponto de vista da moral e do direito, era uma violencia injustificada o edito de 31 de março, sob o ponto de vista das suas consequencias para a riqueza e prosperidade do estado era um fautor de decadencia e ruina.

O commercio e as artes industriaes iam soffrer um profundo abalo, porque se os judeus deixavam em Espanha o oiro, a prata e a moeda cunhada, levavam comsigo o habito do trabalho e a destreza manual que, fecundados pelas licções da experiencia, constituiram em todos os tempos o fundamento da prosperidade e da grandeza material das nações.

Não é licito desconhecer e muito menos depreciar os serviços que á civilização espanhola prestou a

raça judia. Ora, trazendo á lingua latina e ao romance vulgar os livros da antiguidade classica, conservados nas versões arabes: ora, traduzindo em castelhano grande numero de producções hebréas: ora, emfim, tomando parte activa nas controversias a que dava logar o empenho do proselytismo, contribuiram para estimular o nascente desejo de saber nos christãos até se irmanarem com elles no cultivo da litteratura nacional.

A philosophia moral e a historia, a poesia e a eloquencia tiveram nos judeus espanhoes afamados interpretes que não só influiram com as suas obras no progresso da arte e da sciencia dentro da peninsula mas que levaram a estranhas terras o fructo dos seus engenhos com peregrinas producções.

A raça hebréa perseguida, despedaçada e em vesperas de desastrado desterro, dava ao rei catholico e a seu pae notaveis chronistas como Hernando del Pulgar e Micer Gonzalo de Santa Maria, e, sob a direcção do cardeal Cisneros, Pablo de Heredia e Alfonso de Alcalá tomavam parte notavel na edição da celebre *Biblia Polyglotta.*

Uma das aptidões mais notaveis da raça hebréa era para o exercicio da medicina e da cirurgia. A prova mais concludente do que affirmamos está nas providencias que muitos concelhos e *ayuntamientos* se viram obrigados a adoptar, por occasião da expulsão, para repararem o damno que de tal facto resultava. Não são poucos, no Aragão e na Catalunha, os municipios que interpõem rogos efficazes para que os physicos e cirurgiões judeus permaneçam em determinadas villas e cidades, depois de terem abraçado

o christianismo. Mas são indubitavelmente mais numerosos os que, privados dos seus facultativos, se vêem forçados a procural-os em terra estranha, com grande dispendio e sacrificio. E' exemplo do que fica assignalado o que consta do archivo da cidade de Victoria. Por decisão do seu municipio, tomada em 7 de dezembro de 1428, mandavam-se pagar a D. David, cirurgião, *seiscentos mararedis*, provenientes de uma avença annual que elle tinha feito com o concelho. Esta avença permaneceu até 1492 com pequenas modificações. Mas, em 29 de outubro d'este ultimo anno, resolvia o *ayuntamiento* rogar ao licenceado Mestre Antonio Tornay que fosse residir n'aquella cidade, pelo que lhe daria em cada anno *dez mil mararedis*, porquanto pela ausencia dos judeus, physicos da dita cidade e das suas comarcas, estavam estas muito necessitadas de cirurgiões e medicos. Este facto é geral, como é geral a differença entre os salarios estabelecidos para os medicos judeus e para os que os vinham substituir. (1)

D'entre os hebreus mais illustres que de Espanha foram expulsos, sobresáe o astronomo Abrahão Ben Samuel Zacuto, tambem conhecido por Diogo Rodrigues. Este notavel medico e mathematico nasceu em Salamanca pelos annos de 1450 e foi cathedratico de astronomia na universidade da sua terra natal e mais tarde na de Saragoça e em Cartha-

(1) D. José Amador de los Rios — *Historia social, politica y religiosa de los judíos de España y Portugal* — t. III — Madrid, 1876, pag. 410 e 411.

gena. ([1]) Exilado de Espanha, veiu para Portugal, onde cedo foi nomeado astronomo da côrte e historiographo de D. João II. Provavel é que fosse elle o arabi da judiaria de Lisboa, a quem se refere um mandado de pagamento de 1493. ([2]) O favor que en-

Fac-simile da assignatura de Abrahão Zacuto, astrologo

controu junto de D. João II accentuou-se muito junto do seu successor. O snr. Mendes dos Remedios julga provavel que a carta de alforria que D. Manuel concedeu, no principio do seu reinado, aos judeus captivos, fosse um acto inspirado por Abrahão Zacuto. ([3]) Gaspar Correia affirma que D. Manuel era muito inclinado á astronomia, pelo que muito praticava com o judeu Zacuto, porque em tudo o achava muito certo. Com elle se entendeu o monarcha portuguez

([1]) Affirma A. Ribeiro dos Santos que Agostinho Riccio no seu tratado *De motu octavæ Sphæræ*, publicado em 1513, confessa que foi discipulo de Zacuto em Salamanca e Carthagena. (*Memorias de litteratura*, II, pag. 385).

([2]) Sousa Viterbo — *Occorrencias da vida judaica*, in *Archivo Historico*, II, pag. 183.

([3]) J. Mendes dos Bemedios — *Os Judeus em Portugal* — Coimbra, 1895, pag. 277.

secretamente antes da partida da expedição de Vasco da Gama para a India. Zacuto estava em Beja quando o rei o mandou chamar, para saber o que a astrologia prognosticava a respeito da projectada expedição. Sobretudo desejava averiguar se era uma empresa possivel e não uma vã tentativa. Nada se faria sem a opinião de Zacuto, que podia reclamar o tempo de que precisasse para consultar os astros. Passado tempo, e depois de ter regressado de Beja, o esclarecido astronomo apresentou-se a D. Manuel e disse-lhe: "Senhor, com o muito cuidado que tomei no que me Vossa Alteza tanto encarregou, com o querer de Nosso Senhor, o que achei e tenho sabido é que a provincia da India é mui longe desta nossa região, alongada por longos mares e terras, todas de gentes pretas ou naturaes: em que ha grandes riquezas e mercadorias, que correm por muitas partes do mundo, e tudo de muito perigo, primeiro que possam vir a esta nossa região, o que tenho bem olhado, e por querer de Nosso Senhor alcançado que Vossa Alteza a descobrirá, e grande parte da India sogigará em mui breve tempo, porque, Senhor, vosso planeta é grande sob a divisa de Vossa Real pessoa, a esphera em que se contem os Ceus e terra, que tudo Deus quererá trazer a vosso poder, e tudo acabará o que nunca acabara El Rey que Deus tem, inda que todo seu Reino nisso gastára, porque esta cousa Deus a tinha guardado para Vossa Alteza. E acho que a India a descobrirão dous irmãos vossos naturaes, mas quaes elles sejam eu não o alcanço. Mas pois de Deus assi está ordenado elle o mostrará, pelo que tenho a Vossa Alteza dito toda verdade do que ponho minha cabeça a pe-

nhor sob o aprazimento de Nosso Senhor, em cujo poder tudo é.„ ([1])

Vasco da Gama colheu de Zacuto avisos uteis que aproveitou na sua memoravel expedição. ([2])

Depois que as viagens á India se repetiram, o astronomo salmantino procurou tornar segura a navegação em tão remotas paragens, para o que inventou um novo astrolabio de cobre com o qual se podia determinar a altura do sol, e mais tarde uma agulha de marear, "compasso dos graus do Sul para a conta das leguas no discurso do andar do Sol... Para fazer observações quando este astro estivesse coberto "concertou as tabuadas do discurso do Sol, com as circumferencias da estrella do Norte, para o que fez outro artificio para tomar o ponto em que estava a estrella do Norte, por tal arte, com que de todo os pilotos ficaram em mui perfeito saber de navegar em todos os tempos com muita perfeição.„ ([3])

Os seus grandes serviços não o protegeram, todavia, contra as perseguições inauguradas por D. Manuel, por instigação de Fernando e Isabel, e viu-se obrigado a procurar segurança em Tunis. Correu a viagem cheia de trabalhos, e o medico judeu por duas vezes foi feito prisioneiro. Mesmo na Africa, só teve tranquillidade até á invasão espanhola, vendo-se então forçado a fugir para a Turquia, onde residiu até á morte, succedida pelos annos de 1510.

Em 1473, quando ainda em Salamanca, Zacuto

([1]) Gaspar Correia — *Lendas da India*, I, pag. 10.
([2]) Gaspar Correia, op. cit., I, pag. 16 e 23.
([3]) Gaspar Correia, op. cit., I, pag. 261 e seg.

escreveu o seu *Bi'ur Luhot*, que foi publicado n'uma versão latina sob o titulo de *Almanach Perpetuum* pelo seu discipulo José Vizinho (Leiria, 1496) (1) que tambem o traduziu em espanhol e o juntou ao seu *She'erit Yosef*.

Em 1504, durante a sua residencia em Tunis, escreveu uma historia chronologica dos judeus, desde a creação até 1500, em que faz constantes referencias á litteratura judaica e que tem o titulo de *Sefer ha-Yuhasin*. N'esta obra, que Ribeiro dos Santos diz muito erudita e sabia, Zacuto dá conta da lei oral como transmittida de Moisés pelos anciãos, prophetas e sabios até ao anno de 1500, e recorda os actos e monumentos dos reis de Israel, assim como os de alguns dos soberanos das nações vizinhas. Consagra muito espaço ao captiveiro de Babylonia, aos aconte-

(1) D'este livro vimos um exemplar na Bibliotheca Nacional. Tem o titulo: *Almanach ppetuuz celestiuz motuuz | astronomi Zacuti cui' Radix est.* Na ultima pagina encontra-se a seguinte subscripção: *Explicĩut table tablas astronomice Raby abraham Zacuti | astronomi serenissimi Regis Emanuel Rex portugalie et cet | cũ canonib' traductis alinga ebrayca in latinũ p magistrũ | Joseph Vizinũ discipulũ et' actoris opera et arte viri soler | tis magistri ortas curaqz sua nõ mediocri imprẽsione cõple | te existũt felicibu', astris año apma rets ethereas circuitione | 1496 sole existẽte in 15 g̃ 53 m̃ 35 s piscinz sub celo leyree* — 8.º *de 168 pag. não numeradas.*

Na mesma Bibliotheca existe outro exemplar com o titulo de *Almanach perpetuũ | sine tacuinus | Ephemerides & diariũ Abraami Za | cuti hebrei | Theoremata aũt Joañis Michaelis germani budurẽn. Cũ L. Gauri | ci Doctoris egregii castigationi- | bus et plerisqz tabellis | nup adiectis | quo- | ruz index est.*

Este livro, sem data, foi impresso por *Junta calcographus.*

Ha outras edições de que temos noticia mas que não vimos.

cimentos que se deram durante o periodo do Segundo Templo, ás caracteristicas d'este periodo, aos principes do captiveiro e aos reitores das academias de Sura e Pumbedita. Apesar do auctor não ser muito escrupuloso em discriminar as fontes de informação e de ter caído em erros numerosos, affirma-se que é obra valiosa para o estudo da historia litteraria dos judeus.

O *Sefer ha-Yuhasin* foi publicado por Samuel Shalom com muitas omissões e addições do editor (Constantinopla, 1566) e republicado em Cracovia em 1581, em Amsterdam em 1717 e em Kœnigsberg em 1857. Uma edição completa appareceu n'esse mesmo anno em Londres, pelos cuidados de Filipowski.

Julgam-se de Zacuto outras três obras: *Sefer Tekunat Zakkut*, livro de astronomia que ainda está manuscripto; *Arba im la-Binah*, tratado de astrologia e *Hosafot le-Sefer ha-Aruk*, diccionario rabbinico arameano, a respeito do qual Geiger publicou uma noticia. [1] Attribue-lhe ainda Kayserling um manuscripto com o titulo *Do clima e sitio de Portugal*.

Este manuscripto suscita questões interessantes que vamos expôr. Barbosa Machado, na sua *Bibliotheca Lusitana*, além do illustre medico que é objecto do nosso trabalho, inclue dois outros Zacutos. O astronomo de que até agora temos tratado não podia encontrar menção na sua obra por não ser portuguez.

Os Zacutos a que se refere são: Diogo Rodrigues Zacuto, e Zacuto Lusitano.

---

(1) *The Jewish Encyclopedia*, XII — Art. ZACUTO.

Do primeiro diz que era natural de Evora e avô do celebre Zacuto Lusitano. Floresceu nos reinados de D. João II e D. Manuel com opinião de famoso medico e insigne mathematico, fazendo d'elle honrosa menção o P.e Francisco da Fonseca na *Evora Gloriosa*. Attribue-lhe a auctoria de dois livros, ambos manuscriptos: *Tábuas astronomicas* e *Do clima e sitio de Portugal*, e accrescenta que do auctor se lembra Fr. Bernardo de Brito na *Geographia antiga da Lusitania* e o moderno addicionador da *Bibliotheca Geographica*, de Antonio de Leão.

Do segundo diz que era "professor dos delirios do Talmud, dos quaes teve por interprete a Rabbi Sangor„. Foi perito na astrologia e geographia escrevendo o *Tratado do clima da Lusitania*, offerecido a el-rei D. Affonso V. Começa *Ouvide honrado senhor;* acaba *agoyros e boa folgança ayades.* Conserva-se na livraria do Real Convento de Alcobaça. D'esta dedicatoria transcreveram uma parte Fr. Bernardo de Brito, *Monarchia Lusitana*, parte I, liv. I, cap. 30 e Manuel de Faria e Sousa, *Europa Portugueza*, t. 3.°, parte IV, cap. 9, n.° 11. Damião de Goes, *De fertilitate Hispan.*, o venera por um dos maiores astrologos do seu tempo, como tambem João Soares de Brito, *Theatro Lusit. Litter.*, tit. 7, n.° 1.

Temos, portanto, vivendo pela mesma epocha, três Zacutos, todos elles astronomos ou pelo menos peritos na astronomia. A dois d'elles se attribue um manuscripto a que se dá o titulo de *Tratado do clima da Lusitania*, em relação a um, e *Do clima e sitio de Portugal*, em relação a outro.

Que o manuscripto existiu, e porventura ainda

existe, parece fóra de duvida. Na *Monarchia Lusitana*, liv. I, pag. 6, vem um instrumento passado pelo licenceado Jeronymo do Souto, ouvidor da comarca e correição dos coutos de Alcobaça, dos manuscriptos que serviram para a organização da obra e entre elles cita-se: outro livro do *Clima de Portugal*, escripto á mão em letra tabelliôa e papel mui grosso, em lingua portugueza mui antiga, feito pelo judeu Çacuto. Começa: *Ouvide honrado senhor* e acaba *agoyros e boa folgança ayades.*

Já Antonio Ribeiro dos Santos suspeitou que o manuscripto attribuido a Diogo Rodrigues Zacuto e o da auctoria de Zacuto Lusitano fossem uma e a mesma obra. Não póde haver duvida de que assim é. O livro que no instrumento de Jeronymo do Souto é chamado *Do clima de Portugal*, é citado duas vezes na *Geographia antiga da Lusitania* de Fr. Bernardo de Brito, a pag. 6 v. da edição de 1597, uma relativamente ao rio Zezere e outra ao Tavora, e em ambas estas passagens estão em notas marginaes estas palavras: Çacut. *De clim. Lusitan.*

Não ha, portanto, motivo para conservar na *Bibliotheca Lusitana* o artigo com a rubrica de *Zacuto Lusitano*, o que tambem Ribeiro dos Santos presentiu. Haverá motivo para conservar o Diogo Rodrigues, fazendo-o distincto do Zacuto Salmanticense? Tambem se nos afigura que não. Um e outro floresceram na mesma occasião. As *Tábuas astronomicas* que a Diogo Zacuto são attribuidas são provavelmente o livro de que damos noticia a pag. 23, e assim fica justificado Kayserling. O que se não póde admittir é que Diogo Zacuto fosse avô do nosso bio-

graphado e muito menos descendente do astronomo salmanticense.

Resta uma duvida, de pouca monta no entretanto. O livro é offerecido a D. Affonso v, segundo se affirma, e, se a Abrahão Zacuto pertence, não podia ter sido escripto depois de vindo para Portugal, visto que á data da expulsão dos judeus da Espanha, já o ultimo rei cavalleiro não pertencia ao numero dos vivos. Fôra constantemente, porém, afeiçoado aos estudos astronomicos, e o proprio medico Zacuto, objecto d'este trabalho, recorda os seus meritos como tal. [1] O astronomo salmantino collocaria o seu estudo sobre o *Clima e sitio de Portugal* sob a egide protectora de quem tinha competencia para o apreciar.

Não era o astronomo salmanticense o primeiro Zacuto que se vinha estabelecer em Portugal e é de crêr que fossem parentes outros individuos do mesmo appellido que aqui demoravam. Em Gouveia, em 1455, encontrava-se um Salomão Zacuto, e em 1469 um Abrahão Zacuto, nomes que se acham registados na chancellaria de Affonso v. Eram mercadores e obtinham cartas para poderem contractar. [2]

Da descendencia immediata de Abrahão Ben Samuel Zacuto pouco sabemos. De um seu filho, Samuel,

---

(1) *Maiorem canem ex 29 stellis constare, minorem ex duabus solum Rex Alphonsus, Principum Lusitanorum sapientissimus et mathematicus insignis, memoriæ commendarit.* Zacuti Lusitani, *Operum tomus primus.* Lugduni, 1657, pag. 663.

(2) Vejam-se os documentos I a III reunidos no fim do volume que nos foram obsequiosamente cedidos pelo modesto e estudioso conservador do Real Archivo da Torre do Tombo, Pedro A. de Azevedo, a quem protestamos o nosso vivo reconhecimento.

affirma Isaac Broydé que acompanhou seu pae á Africa, quando elle se viu obrigado a emigrar. ([1]) Carmoly julga pelo contrario que os filhos do illustre astronomo permaneceram em Portugal, provavelmente como christãos novos, o que tambem se nos afigura muito verosimil. ([2])

Poucas noticias obtivemos sobre os paes de Zacuto Lusitano. Carmoly dá a entender que eram abastados, senão ricos, e que a sua morte deixou mais tarde o nosso biographado em circumstancias extremamente difficeis. Motivos ha para acreditar que viveram, pelo menos temporariamente, na Espanha.

Diz Zacuto que os seus maiores tinham conhecido uma mulher barbada chamada Brigida de Peñaranda, que vivia na povoação d'este nome, e elle proprio viu um retrato d'esta mulher. Gaspar dos Reis Franco tambem teve nas mãos em Sevilha no anno de 1651 um retrato d'ella, mas affirma que Jacob Segarra a havia visto em Valencia no anno de 1590. Os maiores a que Zacuto se refere devem ter sido provavelmente os paes. ([3])

([1]) *The Jewish Encyclopedia*, art. cit.

([2]) Carmoly — *Histoire des medecins juifs anciens et modernes* — Bruxelles, 1844, pag. 179.

([3]) *Quod similiter alteri in Hispania accidisse quæ Brigida de Peñaranda vocabatur, refert Jacobus Segarra qui Valentiæ eam vidisse ait anno 1590* (Reis Franco — *Elysius jucundarum campus*, ed. de Bruxellas, 1660 [?], pag. 421).

Ego bona fide testari possum, vidisse me effigiem fæminæ sexagenariæ, à maioribus meis fide dignis, propriis oculis conspectæ, quæ olim vixit in oppido vocato Penheranda, quod triginta milliaribus distat à Matrito, aula Regis Hispaniæ, cui a juventute in tantam molem barba excrevit ut os ventriculi attingeret, vocabaturque Brizida de Penheranda (Zacuti — *Operum tomus primus*, pag. 467).

Posteriormente, porém, a mãe de Zacuto veiu estabelecer-se em Lisboa, onde por 1633 vivia em companhia de duas filhas.

Perante o inquisidor D. Alvaro de Athaide, compareceu espontaneamente, a 23 d'outubro de 1637, Salvador das Neves, filho de Abrahão Machorro, lisbonense, e de Esther Zacuto, filha tambem de portuguezes, mas nascida em Amsterdam.

Este Salvador das Neves vira a luz na cidade hollandeza e era sobrinho e cunhado do medico que constitue o objecto d'este livro. Vinha denunciar, e a dar-se credito ao que declarava, em 1633 ainda era viva e residia em Lisboa a mãe de Zacuto. Era viuva e exercia a profissão de *borladora*, que tambem exerciam suas filhas. A mãe de Zacuto instava com o filho para que a viesse buscar porque não desejava morrer entre christãos e ficar-lhe-hia a elle o remorso de saber que ella expirara no inferno em que vivia. Queixava-se ainda de que o filho se não lembrava das irmãs. Felizmente para as pobres mulheres e infelizmente para nós, Salvador das Neves não sabia o seu nome nem onde moravam. (1) Uma outra denuncia, a 27 de junho de 1640, feita por Francisco Alvares Peres, relativamente a Abrahão Zacuto, fala egualmente n'uma irmã d'elle, moradora na Rua dos Ourives do Oiro. (2)

(1) V. documento n.º IV tambem communicado pelo snr. Pedro A. d'Azevedo.

(2) V. documento n.º V, egualmente encontrado pelo snr. Pedro A. d'Azevedo.

Zacuto Lusitano ([1]) nasceu em Lisboa em 1575. ([2]) Encarece-lhe o seu biographo a origem, notavel pelas virtudes que exornavam muitos dos seus membros e pela erudição e amor ao estudo de outros. Não podia evidentemente esquecer como o mais digno de menção o celebre mathematico de quem o nosso biographado era trineto *(trinepos)* e cujos meritos são devidamente assignalados.

Muito novo começou Zacuto a dar manifestações de intelligencia e applicação que mereciam ser cultivadas com esmero. Entregue a um professor idoneo, estudou a grammatica e a rhetorica na sua terra natal, passando depois a Salamanca e a Coimbra, onde estudou philosophia e medicina.

([1]) A principal fonte de informações sobre Zacuto é a biographia que antecede as suas obras e assignada por Luiz de Lemos, lisbonense, medico ordinario da real camara.

Este Luiz de Lemos nada tem de commum com o medico de egual nome natural de Fronteira, que Zacuto cita repetidas vezes. Este nasceu em 1534 (*Gazeta medica do Porto*, III, 1899, pag 198), o que acarretaria como conclusão ter escripto a biographia de Zacuto depois dos 108 annos, visto que n'ella dá conta da morte do medico judeu, succedida em 1642. Tambem o biographo de Zacuto não podia ser medico da camara dos reis portuguezes, porque não teria ousado apreciar a obra da inquisição nos termos em que o faz; só poderia ser algum refugiado christão novo ou judeu que em paiz estranho residisse.

Apesar d'isto, julgamos seguras as informações que fornece, precisamente porque a sua biographia acompanha as obras de Zacuto.

([2]) Biographia citada.—*Olyssippo, dulcissima patria mea* (Zacuti, *Operum tomus primus*, pag. 963. — *Vidi anno 1601, quum totam ferè Lusitaniam & dulcissimam meam patriam Olysipponem immanis hic morbus arriperet* (Id., pag. 754), etc.

Não se encontram nas obras de Zacuto as referencias a acontecimentos da sua vida que tanto interesse dão á leitura das obras de Amato, mas uma ou outra vez algumas circumstancias são relembradas. Surprehende portanto um pouco que elle se não refira á universidade de Salamanca que, apesar de já em decadencia, ainda poderia dar honra aos seus discipulos. Por outro lado, entre apreciações elogiosas que acompanham as suas obras, está publicada uma de Francisco Mondragon, vice-regente da cadeira de vespera de medicina em Salamanca. Este professor vangloria-se de ter uma cadeira na inclita Academia, celeberrima em todo o orbe. Enchendo de louvores o nosso Zacuto, natural seria que o professor espanhol reivindicasse para a sua escola uma parte da gloria que aureolava o discipulo. Nada d'isso succede. A razão deve estar em que a passagem por

Zacuto Lusitano

(Reproducção do retrato publicado em P. Freheri — Theatri virorum eruditione clarorum Tomus posterior. Noribergæ MDCLXXXVIII).

Este retrato, que devemos ao extremado favor do snr. Annibal Fernandes Thomaz, foi certamente desenhado sobre o que publicamos no frontispicio.

Salamanca foi curta, como aliás o diz o seu biographo, Luiz de Lemos.

Tambem nada nos conta a respeito dos seus estudos em Coimbra. Nem mestres, nem condiscipulos são recordados. As notas que se encontram nas suas obras a respeito da cidade universitaria reportam-se a uma época posterior. Ha uma só excepção, a noticia de um facto que recolhera da tradição oral e nós queremos relembrar, porque nos põe em contacto com um dos professores mais illustres de medicina, o venerando Thomaz Rodrigues da Veiga.

Quando "o intrepido e infeliz rei D. Sebastião" se partiu de Coimbra para Lisboa, acompanhado d'uma grande comitiva, n'uma cidade maritima foi recebido com grande pompa, reunindo-se grande numero de fidalgos e de homens do povo. (1) Armara-se um estrado guarnecido de plantas odoriferas, onde ostentavam a sua belleza mulheres illustres. Repicavam os sinos, resoavam as musicas, e as acclamações festivas perdiam-se no ar. Ao pôr os pés n'esse estrado, um pescador que toda a vida passara no mar cahiu por terra. Prestaram-lhe soccorros dois medicos que o suppuzeram acommettido de uma apoplexia e que, vendo-o sem sentidos nem movimento, o queriam mandar enterrar. Assim esteve tres dias. Voltando o Rei a passar no mesmo sitio e inquirindo da saude do pescador, mandou chamar o seu physico-

(1) Zacuto refere-se á visita que D. Sebastião fez a Coimbra nos fins de 1570 e de que regressou em principios de fevereiro de 1571. Não era ainda nascido o chronista do acontecimento que narramos no texto.

mór, o grande Thomaz da Veiga, lente de prima na universidade, "summo Antiste na arte de Hippocrates, Phenix da medicina„. Este inquire dos habitos do doente e da origem da doença e attribue-a á acção dos perfumes que o pescador respirara. Manda collocar-lhe junto do leito algas e limos, e a inspiração de emanações maritimas faz-lhe abrir os olhos passadas quatro horas. Reconhece os individuos que o cercam. Está salvo. Desde então gosou vigorosa saude, *pancraticé vixit.* [1]

[1] Zacuti Lusitani — *Operum tomus secundus — Praxis medica admiranda,* pag. 120 e 121.

CAPITULO II

Zacuto em Siguenza — Fundação e desenvolvimento d'esta cidade — O seu collegio-universidade

Depois de ter feito os seus estudos de philosophia e medicina em Salamanca e Coimbra, Zacuto foi completar o curso medico na universidade de Siguenza.

Siguenza é uma antiga cidade episcopal da Castella-a-Nova, construida em amphitheatro sobre o Henares, sub-affluente direito do Tejo, pelo Jarama, a uma altura de 985 metros.

No logar que hoje occupa, houve uma *Secontia* celtibera que formava parte das seis cidades que, adscriptas ao convento juridico de Cluny, constituiam os principaes centros de população dos Arevacos. Havendo o consul M. Porcio Catão, com o pretor P. Manlio, domado os celtiberos nos fins do seculo II antes de Christo e mandado derribar os muros das suas cidades mais fortes, foi esta Secontia

a ultima a render-se, enchendo de riquezas e gloria os generaes romanos.

Conservou a tradição o nome de Villavieja a um terreno situado na vertente norte da Cuesta de las Merinas, na estreita veiga de Valdecan, onde se encontraram pedras lavradas e moedas antigas. Não distante d'esse terreno alteia-se um cabeço de fórma conica e escarpadas ladeiras que domina a varzea do Henares e em cujo cume se descortinam vestigios bem claros de uma fortaleza.

A curiosidade de alguns e a cubiça de muitos levou-os a fazerem escavações que deram em resultado o encontro de pedras esculpidas e moedas romanas envoltas em cinzas, a indicarem a sorte que teve a fortaleza que certamente não foi posterior á dominação dos romanos na Espanha. Deviam tel-a construido depois de se haverem assenhoreado da povoação celtiberica, por um lado para conterem os vencidos e por outro para vigiarem a via romana que passava por aquelle cabeço, seguindo a margem direita do rio, por onde vae hoje o caminho de ferro. Ao amparo dos seus baluartes se deve ter desenvolvido a povoação romana pela falda meridional da cordilheira, buscando os campos ferteis da veiga, onde a ambição e avidez dos conquistadores do mundo podia encontrar mais elementos de commodidade e riqueza.

Alcandorava-se tambem de ha muito no vertice da collina que domina o centro do valle do lado sul um povoado entrincheirado em baluartes de terra e defendido pelas vantajosas condições do logar. Esta povoação seria d'origem phenicia, ou menos prova-

velmente carthagineza, em todo o caso d'origem asiatica; a ella vieram juntar-se alguns judeus depois da sua dispersão em tempo de Tito.

Devia ser esta a situação de Siguenza ao começar do seculo v, quando os barbaros do norte caíram sobre o imperio romano, e penetraram na peninsula, destruindo todas as povoações que encontraram no caminho, levando a toda a parte o saque e o sangue.

Durante este periodo, em que os habitantes de comarcas inteiras fugiram para os montes, preferindo a convivencia com feras á dos homens, deve ter succumbido a povoação celtiberica de Villavieja, assim como a romana que na risonha veiga se tinha enraizado. A ajuizar pelas escassas memorias que ficaram da epocha romana no termo de Siguenza e pelas cinzas que envolvem os cimentos do castello do *Cerro del Tesoro,* a ruina deve ter sido completa.

Pouco depois, em 414, uma nova horda de barbaros invadiu a peninsula, mas eram barbaros cultos que procuraram fundar em Espanha um estado independente e poderoso. Os visigodos, que não conheciam o arroteamento do solo e eram relativamente poucos para os vastos terrenos que lhes cabiam, precisaram de crear uma população de colonos e clientes entre os habitantes do paiz conquistado. Procurando reunir os habitantes dispersos, devem ter renascido então dois centros de povoado, o dos dominadores amparado pelos muros escalavrados da fortaleza, e o dos agricultores na proximidade dos campos mais ferteis. Este estado de coisas não durou muito tempo, pois que, tendo-se Recaredo convertido á fé christã

no terceiro concilio de Toledo, a humilde povoação dos abatidos colonos veiu a representar o centro de auctoridade e de vida d'aquelle territorio, e á espada dos guerreiros, erigida sobre o castello roqueiro, succedeu o baculo pastoral do bispo que apascentava a numerosa grei de Christo. Precisamente n'essa assembleia sôa pela primeira vez o nome de um bispo de Siguenza, Protogenes (de 589 a 610), que como tal subscreve as respectivas actas. Basta este facto para attestar a importancia que Siguenza começou a tomar no seculo VI, importancia que correspondeu á povoação inferior onde tinha assento a auctoridade episcopal, mas que ao romper o antagonismo religioso entre dominadores e vencidos creou laços de união entre ambas as povoações, porque uma e outra eram habitadas por christãos.

A invasão arabe do seculo VIII não deve ter modificado a situação. Os arabes foram até certo ponto benignos para os vencidos e deram provas d'uma tolerancia religiosa de que os christãos não aproveitaram o exemplo. Permittiram-lhes a religião de seus paes: deixaram-lhes as leis e os juizes em quanto se referia ás transacções da vida civil e aos delictos commettidos dentro da sua propria grei; mas vedaram-lhes em troca toda a manifestação do culto christão, cujas ceremonias deviam celebrar-se á porta fechada; impuzeram-lhes subidos tributos sobre as suas propriedades, occasionando quasi a sua ruina; sujeitaram-n'os a uma capitação pessoal e para os conservarem sempre a distancia, evitando os effeitos da doutrina evangelica, prohibiram-lhes falar em publico e em secreto do falso propheta e da sua lei, im-

pondo-lhes, se quebrantassem tal preceito, pena de morte. [1]

Se se approximarem estes factos dos que assignalaram tristemente no seculo XVI o dominio christão, ha-de confessar-se que em oito seculos não houve grande progresso em materia de tolerancia religiosa!

A reconquista de Siguenza deve-se ás expedições de Fernando I que no anno de 1060, atravessando a cordilheira do Guadarrama, percorreu os campos regados pelo Henares, fazendo tributarios os moiros e preparando a queda do reino de Toledo que devia realizar-se no reinado de seu filho D. Affonso, depois das sangrentas discordias que durante vinte annos paralysaram os progressos das armas christãs.

Enthronizado este monarcha e reunindo os estados de Leão, Galliza, Asturias e Portugal, tratou de levar por deante a empresa nacional contra os moiros, começando pela guerra de Toledo, em 1081, que em quatro campanhas lhe valeu o dominio da extensa região limitada ao norte pelo Douro e ao sul pelo Tejo, e a conquista da antiga metropole da Espanha submettida 374 annos ao poder dos arabes.

A escassa ou nenhuma importancia de Siguenza sob o dominio arabe foi decerto a causa por que nem a empresa de Fernando I nem as conquistas de Affonso VI livraram definitivamente o seu territorio do poder dos sarracenos. Refugiados nas margens do Tejo, mantinham as suas avançadas tão perto de Siguenza

---

[1] Sanchez Casado — *Historia de España*, pag. 153, cit. por Perez Villamil — *Estudios de historia y arte — La catedral de Siguenza* — Madrid, 1899, pag. 31.

que o castello de Villafragosa (hoje Aragosa) era seu, e á sua sombra refluiam sobre o territorio que aquellas rapidas conquistas lhe tiravam.

Um grave acontecimento que novamente collocou em perigo a independencia da Espanha contribuiu para mallograr as primeiras tentativas de libertação do territorio: a terrivel invasão dos almoravides, rudes e fanaticos berberescos do Sahará que chamados pelos musulmanos de Espanha em seu auxilio, depois das conquistas de D. Affonso, caíram sobre a peninsula no anno de 1086 e arrastando comsigo os regulos do Meio-dia levaram o exterminio e a assolação a todas as comarcas andaluzas, penetraram em Valencia, subiram pela Extremadura e em rapidas algaradas chegaram ás portas de Toledo, talando antes os territorios banhados pelo Henares que voltaram a ficar debaixo do dominio arabe.

Em tão apertadas circumstancias, complicam-se as difficuldades dos estados christãos com as desavenças e luctas de D. Urraca e seu marido D. Affonso, o Lidador, de que os moiros se aproveitam para firmar a sua dominação. Vêmos então apparecer bispos guerreiros que tomam a peito defender as suas dioceses. O arcebispo de Toledo D. Bernardo recuperou Alcalá e o seu companheiro e amigo D. Bernardo de Agen (1122 a 1151), que fôra nomeado bispo de Siguenza em vida de Affonso VI ou pouco tempo depois, ganhou em batalha o territorio da sua capital diocesana, acontecimento que se suppõe occorrido em dia de S. Vicente Martyr, 22 de janeiro de 1124.

D. Bernardo de Agen não se contentou com este

triumpho. Como quer que estivesse destruido o templo visigodo que em Siguenza fôra edificado, procurou reconstruil-o, não no primitivo local, mas em logar mais proprio e que apresentasse condições de facil defesa, visto que os moiros ainda tinham as suas atalaias a pequena distancia. Documento seguro de 16 de setembro de 1138 nos prova que onde se levanta hoje a cathedral de Siguenza se erguia ou começava a erguer-se uma egreja para serviço religioso de uns trezentos moradores, que tantos seriam os que tinha a cidade banhada pelo Henares. Tratou depois de consolidar a nascente instituição e a somma de privilegios que conseguiu da rainha D. Urraca e do imperador D. Affonso, formaria um volume, no dizer do snr. Gonzalez Chantos, que examinou detidamente o archivo capitular. (1) O monarcha chegou a renunciar á sua propria soberania, declarando o territorio da nova egreja submettido á auctoridade temporal dos seus prelados.

Siguenza Velha tinha duas egrejas em tempo de D. Bernardo: a egreja maior de Santa Maria e a de Santa Maria a Velha, e esteve aggregada ao territorio de Medina, povoação que durante a dominação agarena foi cabeça de districto. Durante o episcopado do seu successor Pedro de Lucata (1152 a 1156) a cidade foi transferida para logar mais baixo e n'este novo assento fez-se outra egreja, Santa Cruz, na qual nem os conegos nem o bispo percebiam qualquer parte dos dizimos, e em que foram reunidas as juris-

(1) Perez Villamil. op. cit., pag. 42.

dicções das duas freguezias que havia em tempo de D. Bernardo.

Ao subir á cathedra episcopal D. Cerebruno (1156-1168), a cidade formava uma ferradura ou semicirculo cujas pontas eram em cima o castello, em baixo a cathedral, desenvolvendo-se a curva na direcção do poente e deixando despovoado o centro da collina. O novo bispo aventurou-se á empresa de completar a cidade com um bairro central, e destinou a importancia das terças parochiaes para a obra dos muros que a deviam defender. E' do seu tempo que se deve datar a abertura ao culto da cathedral de Siguenza, onde ainda hoje se encontram vestigios de uma construcção do seculo XII. A diocese começou pelo mesmo tempo a encher-se de mosteiros cistercienses, sendo o mais notavel o de Santa Maria de Huerta.

Durante muito tempo, a fabrica da cathedral será o cuidado constante dos bispos de Siguenza. No episcado de Gomes Barroso (1348-1361) ergueu-se a torre dos sinos e foi o edificio coroado de ameias, a attestarem a sua origem e destino exclusivamente militar. Os seus successores não afroixarão de esforços em completar e aformosear o templo, ou em reformal-o quando algum dos seus membros ameace ruina. E de passo a povoação vae progredindo. No fim do seculo XV destruiu-se a muralha que cercava a cathedral, sequestrando-a do restante povoado. Agora uma unica linha de muros rodeia Siguenza e novas ruas se abrem desde que cessa o isolamento. Deante d'ella abre-se a praça Maior, e a amplitude que a nova cerca dá á cidade permitte construir

ruas novas como a do Seminario, Medina, Cardeal Mendoza, Yedra, ou prolongar outras, como a das Comedias. O Hospital de Santa Cruz, devido á munificencia do cardeal Cisneros, está terminado em 1514. [1]

De bom grado procurariamos vasculhar a historia antiga de Siguenza, mas já de sobra nos temos demorado. Outro assumpto reclama a nossa attenção com mais imperio e esse vem a ser o da creação da sua universidade.

Em 1476 erigiu D. João Lopez de Medina o collegio-universidade de Santo Antonio de Portaceli, que depois serviu de typo ao de Santo Ildefonso de Alcalá e a outros que em seguida se erigiram. A creação d'este collegio deveu-se á influencia do famoso cardeal Jimenez de Cisneros que em Siguenza foi capellão-mór da cathedral e provisor do bispo Mendoza. Da amizade que o unia a Lopez de Medina fala Alvaro Gomez de Castro, que considera este varão de singular honradez de costumes e dotado de grande prudencia no manejo dos negocios. [2]

Lopez de Medina começou em 1476 a edificação do convento de Santo Antonio e logo depois a do collegio, e conseguiu que em 1483 Xisto IV approvasse a fundação d'este collegio e das suas cathedras, assim como a annexação dos canonicatos e benefi-

---

(1) D. José M. Quadrado y D. Vicente de La Fuente — *España — Sus monumentos y artes — Castella la Nueva*, t. II — Barcelona, 1886, pag. 165 e seguintes.

(2) *De rebus gestis à Francisco Ximenio Cisneros*. Compluti, 1567, fol. 3 v.

cios que lhe estavam adstrictos. Ao collegio achava-se annexo um pequeno hospital e a reunião n'um mesmo edificio de um convento para meditação, de um collegio para estudo e ensino e de um hospital para exercicio da caridade é encarecida por traduzir um alto pensamento que abraçava todo o conjuncto da vida christã. ([1]) D'uma bulla do nuncio Nicolau Franco d'esse anno de 1476 ainda não consta a creação do collegio, mas esse documento estabelecia no convento duas conezias, uma para o ensino da theologia e outra para o do direito canonico, além d'uma ração para quem tivesse a seu cargo o curso de Artes.

A fundação do collegio foi approvada em 1477 pelo cardeal Mendoza, arcebispo de Sevilha e bispo de Siguenza, e confirmada pelo pontifice Xisto IV pela sua bulla de 8 das calendas d'outubro de 1483.

O numero de collegiaes que o fundador creou foi treze, em memoria de Christo e dos apostolos, mas o collegio devia ter a mais quatro familiares, estudantes. Mais tarde, admittiram-se n'elle collegiaes hospedes sem numero fixo.

A nomeação dos internados era feita pelas cathedraes em que Lopez de Medina obtivera prebendas, que eram Toledo, Sevilha, Burgos, Cordova, Jaen, Cuenca, Siguenza, Osma, Calahorra, Santo Domingo de la Calzada e Leão, e deviam ser pelo menos tonsurados, de dezenove annos feitos, virtuosos e habeis para o estudo.

([1]) D. Vicente de La Fuente — *Historia de las universidades, colegios y demas establecimientos de enseñanza en España.* Tomo II, Madrid, 1885, pag. 12.

Estes alumnos deviam ser pobres e não podiam conservar a beca desde o momento que tivessem uma renda fixa de duzentos ducados. Durava o internato sete annos. O collegial recebia comida, vestuario e um quarto mobilado e decente. Tiravam-se para o ingresso no estabelecimento informações judiciaes que versavam sobre limpeza de sangue.

Os collegiaes ouviam missa todos os dias ao amanhecer, rezavam o officio pequeno e aos domingos as vesperas do dia. Por costume immemorial recitavam ao anoitecer o rosario e outras preces, seguia-se o estudo por três horas e depois reuniam-se na capella para responsarem o fundador e os bemfeitores. As constituições do collegio mandavam que os recolhidos communngassem três vezes por anno: no principio do curso, na quaresma e por occasião da eleição do reitor, que se fazia em junho ao terminar o anno lectivo. Tambem deviam commungar no Natal e na Paschoa, mas estabeleceu-se desde o principio o costume de commungarem todos os mezes.

Para evitar partidos e repartir os cargos, mandou o Conselho que das treze becas se fizessem três turnos: um chamado de Castella-a-Nova, outro de Castella-a-Velha e outro de Andaluzia. O reitor era d'um turno e os conselheiros tirados dos outros dois. Reitor, conselheiros e secretario formavam a capella menor, para as coisas diarias e correntes; para as mais graves reunia-se o collegio em capella maior; e, se o assumpto era arduo, avisavam-se os patronos, que eram um conego dignidade da cathedral de Siguenza, nomeado annualmente pelo cabido, e o prior do mosteiro contiguo de S. Jeronymo.

A' fundação do collegio corresponde a erecção da universidade que lhe estava unida. Esta creação foi approvada pelo papa Innocencio VIII, em 1489, depois da morte do seu fundador.

Tambem o papa Xisto IV creou o hospital para quatro pobres sexagenarios, concedendo indulgencia plenaria para os que n'elle morressem. No collegio devia haver oito camas preparadas para estes asylados, mais propriamente do que doentes.

O convento foi collocado fóra da cidade, na outra margem do Henares, em logar insulado e deserto. Logo, porém, que Medina desappareceu do mundo dos vivos, quiz-se dar maior amplitude ao seu pensamento, e o reitor e collegiaes representaram ao papa, fazendo vêr as despezas crescidas que faziam indo ás universidades buscar os graus de licenceado e doutor. Pediram tambem que lhes fosse concedido trasladar-se para a cidade, visto que o terreno em que estava assentado o collegio de Santo Antonio era humido e doentio e ainda porque o edificio ameaçava ruinas. Acolheu Innocencio VIII benevolamente o pedido e em data de 30 d'abril de 1489 expediu uma bulla que outorgou quanto se lhe impetrava ou talvez ainda mais. Se bem logramos entender uma passagem de La Fuente que vamos seguindo, os que frequentassem o collegio de Siguenza podiam ahi receber os graus de bacharel, mestre ou doutor. Os cursos que tivessem feito em outra parte não eram obrigados a repetil-os alli. O grau de bacharel recebiam-n'o dos mestres ou doutores que occupavam as cadeiras do mesmo collegio. O de licenceado, de mestre e de doutor era-lhes dado por quem ao tempo

fosse bispo de Siguenza ou seu provisor, assistido por três mestres ou doutores, que deviam submetter o candidato a um escrupuloso exame. Os que fossem considerados idoneos gosavam dos privilegios e prerogativas que tinham os individuos formados por outras universidades.

Tambem o papa concedeu a mudança solicitada, auctorizando o cardeal Mendoza a trasladar o collegio-universidade para perto das muralhas de Siguenza. Oppuzeram-se a essa trasladação os religiosos Jeronymos, o que foi prejudicial ás escolas, afastadas como ficavam da povoação.

A bulla de Paulo III, de 30 d'agosto de 1540, converteu a cadeira de Philosophia, anteriormente fundada, n'uma outra de vespera de Theologia. Em virtude d'esta resolução acordou-se, com annuencia dos padroeiros, em proceder á creação d'outras duas cadeiras, de Physica e Logica, sendo reitor mestre Vellosillo. Instalou-se a primeira em 1549 e a segunda em 1571. Desde então parece que os collegiaes principiaram a reger as cathedras de Artes, passando d'este modo de estudantes a professores. Tambem se pensou em crear cathedras de leis e medicina, para completar todas as faculdades, e effectivamente em 1552 o papa Julio III concedeu a fundação d'estas cadeiras

Em 1551 organizou o claustro os estatutos das faculdades de direito civil e canonico, e tambem de medicina, e três annos depois procedia-se á reformação dos estatutos das faculdades antigas de Theologia e Artes, ficando assim definitivamente organizada a universidade.

Em fins do seculo XVI, o visitador D. Juan Llanos Valdés poz termo a um grande litigio que o collegio de Santo Antonio vinha sustentando com os seus patronos. Ao mesmo tempo censurou a universidade por não ter estatutos assignados pelo rei, e effectivamente os que estavam em vigor, organizados pelo claustro, não tinham a approvação de ninguem. Mereceu-lhe tambem reparo a falta de formalidades que havia na concessão dos graus, pois que se votava publicamente, accrescentando que nos actos solemnes não se guardavam as prescripções devidas nas côres das insignias doutoraes e se repartiam arbitrariamente as propinas.

Quanto á regencia das cadeiras, verberou Llanos Valdés que ellas estivessem occupadas pelos collegiaes antigos sem concurso nem opposição, fossem ou não aptos, e que além d'isto e sem necessidade os professores tivessem substitutos.

Em virtude das censuras do visitador, a universidade mandou em 1598 o dr. Perez Vasco, conego de Siguenza, a Madrid para promover a approvação dos seus estatutos de 1551.

Desde então, a vida exterior da universidade traduziu-se apenas em pleitos em defesa de direitos reaes ou suppostos.

Obteve, em 1602, isenção de pagar subsidio pelas rendas que cobrava do arciprestado de Aillon, allegando para isso que uma bulla exceptuava as casas que albergavam doentes e exerciam hospitalidade. E' certo, porém, que o Deão, cabido e clero de Siguenza o levaram muito a mal e manifestaram que o decantado hospital se reduzia ao asylo de quatro

velhos, a quem chamavam donatos e usavam o traje dos primitivos recolhidos, que era um roupão de pano pardo com capuz, e que longe de assistirem a elles os collegiaes, segundo o desejo do instituidor, os exploravam fazendo-os servir de creados.

A seguir, vêm contendas com o cabido sobre o direito de collocar bancos na cathedral para assistir aos sermões; contendas sobre a assistencia á capella de S. Braz; disputas com os padroeiros sobre as ceremonias que se haviam de seguir na eleição e confirmação do reitor; pleito com o cancellario sobre ir á direita nos graus e passeios dos graduandos; refregas sobre a eleição dos reitores e expulsão dos collegiaes antigos que não queriam sahir do collegio; pleitos sobre eleições de collegiaes e reprovações injustas de alguns apresentados, especialmente dos que eram designados pelo cabido de Siguenza.

Não admira, portanto, que a Universidade de Siguenza, como outras de Espanha, gosasse desde o principio uma triste celebridade. Não se comprehende até que, ao lado de universidades bem dotadas, grandes centros de instrucção superior onde estão representados todos os materiaes do saber, onde, ao lado do ensino profissional, têm logar as investigações livres, pudessem subsistir estes collegios-universidades, instituições hybridas, de modestissimos recursos, de limitado ensino, cuja existencia está inteiramente ligada á de um collegio que ao mesmo tempo lhe fornece discipulos e mestres.

Siguenza, então, mais do que qualquer outra, apresentava causas de ruina imminente. A dois passos ficava-lhe Alcalá, com uma installação majestosa, com

riquezas immensas, com um professorado arrancado a peso d'oiro aos mais opulentos centros litterarios. Cisneros tivera a peito fazel-a hombrear com Salamanca e excedel-a até. Quando Francisco I, depois da derrota da Pavia, era levado prisioneiro para Madrid, teve de atravessar Alcalá. Professores, collegiaes e estudantes receberam-n'o respeitosamente ás portas da cidade e levaram-n'o ás Escolas. O monarcha francez percorreu silenciosamente os claustros, as salas de honra e todas as dependencias do vasto edificio. As suas impressões só as traduziu no fim da visita, ao despedir-se do reitor e dos outros dignitarios e numa phrase julgou aquella obra, tão rapidamente realizada, filha d'um só pensamento e de um só esforço: "Na verdade, não poderá applicar-se ao vosso fundador o dizer do Evangelho: *Hic homo cœpit ædificare et non potuit consummare*„. O vosso Jimenez fez sósinho mais do que em França fizeram uns poucos de reis [1].

Os grandes escriptores que a Espanha ainda possuia no seculo XVII tomam á sua conta ridicularizar esta Universidade *silvestre*.

Lembram-se do D. Quixote? Aquelle Pedro Peres, cura de Argamasilla, com quem o heroe manchego tinha testilhas sobre quem havia sido melhor cavalleiro, se Palmeirim de Inglaterra, se Amadis de Gaula, o homem que, de companhia com o barbeiro e a sobrinha, procede ao auto de fé dos livros de cavallaria, "era homem douto, graduado em Siguenza„ [2].

---

[1] Gustave Reynier — *La vie universitaire dans l'ancienne Espagne*. Paris. 1902. pag. 121.

[2] *D. Quixote*, lib. I. cap. I.

Na *Historia de la vida del buscon llamado Don Pablos,* Quevedo mostra-nos um camarada de D. Pablos semi-morto sob as panellas de barro e escudellas de madeira que lhe atira um bando de mendigos famelicos, porque na grade do convento de S. Jeronymo obtivera injustamente uma dupla ração de sopa: "Miren el todo trapos, como muñeca de niños, más triste que pastelaria en cuaresma, con más agujeros que una flauta, y más remiendos que una pia, y más manchas que un jaspe, y más puntos que un libro de musica: que hay hombre en la sopa del bendito santo que puede ser obispo o otra cualquier dignidad, y se afrenta un don Peluche de comer! Graduado soy de bachiller en artes por Siguenza!„ ([1]).

Figueroa, no seu *Pasagero*, metteu em scena um estudante que, depois de ter passado em Alcalá seis annos sem fazer nada, volta, nas proximidades da Pascoa, "á estalagem que nos é fornecida pela natureza„, isto é, á casa paterna. O pae, que tratava como podia os doentes da sua aldeia, quiz, no fim dum banquete, interrogal-o sobre alguns pontos de medicina. Respondeu o estudante "como responderia uma mula com bridão, selim e manta„, e apesar do pouco saber do pae, este reconheceu que o filho ainda sabia menos do que elle. Depois de se ter indignado, como convinha, e de lhe ter feito as monitorias que se adivinham, socegou depressa e algumas horas depois, chamando-o ao seu gabinete, disse-lhe: "Tu não sabes nada, mas o mal talvez não seja sem remedio e não se dirá que eu gastei tanto dinheiro inutilmente.

([1]) Parte II, cap. II, pag. 513 da edição Rivadeneyra.

Felizmente não é preciso ser sabio para exercer a arte da medicina. Basta ter na memoria um certo numero de sentenças e aphorismos que são os logares communs da nossa sciencia. Quanto ao gráu, encontrarás certamente alguma universidade *silvestre* onde se não mostrem difficeis nem nas horas de frequencia nem nos exames e em que a faculdade em peso grite em unisono: *Accipiamus pecuniam et mittamus asinum in patriam suam:* Venha a nós o dinheiro e mandemos o burro para a terra„. [1]

A Espanha, que aliás tanto motivo de orgulho tem na creação das suas duas grandes universidades de Salamanca e Alcalá e que mesmo na fundação das suas universidades menores obedecia a um pensamento generoso, enchia de vaias os que a estas ultimas iam buscar os gráus e titulos academicos. A uns chamava os *tibi quoques*, da fórmula sabida: *Et ego auctoritate Apostolica et Regia qua fungor, confero tibi gradum Doctoris in facultate* N., a que se seguiam as palavras *et tibi quoque*, quando havia mais do que um doutor a graduar. [2] A outros, ainda de menos consideração que os primeiros, denominava-os "Doctores de cal y canto„ porque o producto das propinas era destinado a edificações que se não podiam levar a cabo sem fomentar a receita pela concessão de gráus a individuos "de mas dinero que talento„. Esta ultima designação vem de Valladolid. [3]

(1) *Alirio*, III, pag. 110.

(2) La Fuente, op. cit., II, pag. 189. A origem do nome diz La Fuente que é Almagro, onde havia apenas duas borlas doutoraes, uma para o Reitor e outra para todos os graduandos.

(3) La Fuente, op. cit., III, pag. 141.

Effectivamente, a decadencia das universidades menores começa a sentir-se logo depois da sua creação, sobretudo pela deficiencia de recursos para a sua sustentação. A penuria aggrava-se ainda com a demora que no collegio fazem alguns dos collegiaes depois de passados os sete annos por que são admittidos. A' custa d'empenhos, mantêm-se alli até encontrarem collocação, pagando uma pequena quantia insufficiente para a sua sustentação, verdadeiros zangãos que absorvem os rendimentos da colmeia. [1] O poder central ainda frequentemente vae buscar-lhes uma parte dos minguados recursos. Pouco depois de Zacuto chegar a Siguenza, o collegio de Santo Antonio vê-se em tamanha penuria que apenas póde sustentar seis collegiaes. [2] A disciplina enfraquece, nenhuma emulação se estabelece entre os que o frequentam. Os pleitos em que anda envolvida a Universidade absorvem-lhe rendas e, peor do que isso, prejudicam-lhe toda a actividade scientifica.

Mais alguns annos volvidos (1643), o collegio estava tão empenhado que não podia pagar os salarios dos cathedraticos, e alguns dias faltava o necessario para dar ao cozinheiro para as compras. As rendas dos gráus andavam por uns dois mil reales e no seculo seguinte ainda baixaram mais.

Para maior desgraça, entrou nelle o espirito de provincialismo e os alcarrenhos queixavam-se de que quasi não tinham entrada alli, onde dominavam os castelhanos velhos.

---

(1) La Fuente, op. cit., III, pag. 133.
(2) La Fuente, op. cit., III, pag. 130.

Accrescia o desejo dos bispos em fundir o collegio com o seminario, e este gosava de tão escassa reputação que, n'uma representação feita pelo Collegio de Santo Antonio contra as pretenções do reitor daquelle estabelecimento, allegava-se que todo o seu professorado se limitava a um repetidor (repasante) dos seminaristas e que em dois seculos e meio que tinham decorrido desde a fundação, não sahira delle uma pessoa distincta ou de importancia na Egreja.

No principio do segundo quartel do seculo XVIII, a Universidade de Alcalá formúla contra a sua vizinha uma requisitoria formidavel. Dizia ella que ninguem, no grande estabelecimento fundado por Cisneros, queria sujeitar-se ás disposições regulamentares para a obtenção do gráu de bacharel, ou de doutor, porque o ia *comprar a una das universidades que se venden*, e depois vinha incorporar-se na de Alcalá. ([1])

Esta asperrima censura não haja duvida de que a Siguenza se dirige. Logo a seguir, queixando-se da facilidade com que em algumas universidades se obtinham os titulos, Alcalá não hesita em nomear a sua vizinha. Denuncía ella o abuso inqualificavel que se dava com as opposições ás cadeiras. Os candidatos iam primeiro a uma universidade menor buscar o gráu de bacharel ou licenceado, *y teniendo de su parte al rector y a esto subordinado el secretario y demás Ministros,* sem difficuldade eram incorporados e antepunham-se aos filhos de Alcalá, com evidente prejuizo destes. Mas não ficava nisto a accusação. Depois de dois annos de residencia em Alcalá, os escolares iam

([1]) La Fuente, op. cit., III, pag. 190.

á Universidade de Siguenza, ou a outra menor, e *con una certificacion supuesta de haber cursado los años establecidos por la Ley*, eram graduados. ([1])

Em 1733, um filho de Alcalá, sem sahir desta cidade, era feito em Siguenza bacharel e licenceado em canones. ([2])

Demoramo-nos muito já, mas ainda queremos accrescentar uma nota caracteristica. Um viajante italiano, o Padre Norberto Caimo, percorrendo a Espanha pouco depois de 1750, "acha que nada ha mais deploravel do que a Universidade de Siguenza e os seus três collegios„. Ninguem alli ouviu falar de Newton ou Descartes. "Assisti, diz elle, a uma these publica de medicina e anatomia. A principal questão que nella se discutiu foi saber de que utilidade ou prejuizo seria para o homem ter um dedo a mais ou a menos„. ([3])

Se pelo fim do seculo XVI os abusos não haviam chegado ao que depois foram, é motivo de surpresa que Zacuto buscásse para se doutorar uma universidade sem prestigio algum, quando passara por Salamanca e Coimbra. A razão deve ser a que já anteriormente indicamos. E' do tempo dos seus estudos neste ultimo estabelecimento que ficou reduzido á indigencia pela morte do pae. ([4]) Ora em Siguenza,

---

([1]) La Fuente, op. cit., III, pag. 293.

([2]) La Fuente, op. cit., III, pag. 295 e 296.

([3]) *Lettere d'un vago italiano ad un suo amico*, citado por Gustave Reynier. op. cit. pag. 216.

([4]) Paquot — *Memoires pour servir à l'histoire litteraire des dix-sept provinces des Pays-Bas*. I. Louvain. 1765, pag. 199.

a acreditarmos que ainda se não tivesse chegado ao regimen do suborno e da venda dos gráus, havia certamente uma facilidade muito maior para a sua obtenção do que em qualquer das grandes universidades. Por maioria de razão, succederia isto a quem a pobreza estimulava a applicação e a quem não faltava capacidade nem sciencia, como no futuro havia de mostrar tão brilhantemente.

Nada sabemos ao certo do tempo que alli se demorou. Nem na sua obra ha qualquer referencia a Siguenza, nem mesmo conhecemos os estatutos da Universidade da cidade episcopal. Mas já vimos que era facil obter ahi o gráu academico, validando-se os estudos feitos em outras universidades. O que affirma Luiz de Lemos, e é depois delle repetido unanimemente, é que Zacuto ahi recebeu a borla doutoral aos 21 annos e, portanto, em 1596.

Entre as cartas laudatorias que em tão larga escala se encontram nas obras do medico judeu, vê-se no tomo primeiro uma do doutor Gladiola, de Granada, outr'ora lente de prima na *inclita* Universidade de Siguenza, em que os meritos de Zacuto são altamente proclamados. Deve ter sido um dos seus professores, e as doutrinas expostas na *De medicorum principum historia* estavam de harmonia com as recebidas no estabelecimento que o tivera por alumno. Em summa, o que o dr. Gladiola mostra na sua epistola é um grande apego á medicina tradicional e uma aversão manifesta ás novidades, e não ha duvida de que era essa a caracteristica das universidades espanholas da epocha.

Todavia, como havemos de vêr mais adeante, se

o discipulo de Siguenza havia de conservar toda a sua vida affecto entranhado ao galenismo, e se o respeito pelos antigos constitue a base da sua doutrina, a observação clinica, a pratica das autopsias e a acquisição de novos medicamentos haviam de imprimir fundas modificações nas ideias primitivamente recebidas.

CAPITULO III

Regresso de Espanha — Zacuto em Coimbra — Os jesuitas Manuel Alvares, Manuel de Goes, João Correia e Francisco Suarez — Os professores de medicina Balthasar de Azeredo e Antonio Gomes — A perseguição aos lentes christãos novos.

Terminado o seu curso medico, Zacuto voltou á patria.

A frequencia de uma universidade estrangeira não dava direito ao exercicio da clinica em Portugal. Zacuto tinha de fazer um exame de habilitação perante o physico-mór e para elle se preparou. Este facto que o seu biographo omitte está bem assente pela leitura da sua obra. O medico judeu julgou provavelmente que em parte alguma encontraria tanta facilidade para preparar o seu exame como em Coimbra, e como o alvará de 4 de novembro de 1545, então em vigor, determinava que ninguem pudesse receber carta de habilitação sem ter praticado dois annos com qualquer medico, Zacuto deve ter passado este tempo na cidade banhada pelo Mondego. Do que não póde ha-

ver duvida é de que em 1597 alli estava, porque elle proprio o affirma.

Zacuto em Coimbra viveu na intimidade dos padres da Companhia de Jesus. Bem o prova o facto seguinte: No seu collegio, ardia o P.e Manuel Alvares em febre maligna que resistia a todo o tratamento. Foram chamados a cural-o os medicos mais celebres d'aquella "inclita Academia„ e com elles Zacuto. Chegam, exploram o pulso que era obscuro, pequeno, debil e desegual. A isto, juntava-se grande anciedade, frequentes vomitos esverdeados, inquietação contínua, friura dos extremos, vigilia importuna, delirio intenso, lingua aspera, secca, urina espessa, fezes anegradas. O doente estava consumido e mirrado, ás portas da morte, desenganado dos medicos, quando ao nono dia da doença eis que apparece junto d'elle o padre João Correia, que na India Oriental, entre os japonezes, por espaço de trinta annos desempenhara as funcções de provincial. N'aquella região, assim como se encontram diversos generos de venenos, tambem a benefica mão do creador, amiserado do genero humano, produziu contra elles antidotos quasi innumeraveis. Toma elle nas mãos uma pequena capsula d'oiro e della tira uma concreção nascida no olho d'um veado, redonda e do tamanho d'uma pequena noz, de côr cinzenta, pouco pesada, cuja efficacia já quatro vezes verificara em individuos envenenados e mordidos por um tigre. Na presença dos medicos e do padre Francisco Suarez, grande philosopho e naquella Universidade professor de prima emerito, membro d'aquella Sociedade, raspa de leve com uma faca d'oiro a pedra, dissolve três grãos do pó tenuis-

O padre Manuel Alvares, da Companhia de Jesus

(O original d'este retrato pertence
ao snr. Annibal Fernandes Thomaz).

simo, semelhante a limalha fina, em duas onças de agua destillada de escorcioneira, e dá isto a beber ao moribundo jesuita. Produziu o remedio profundo abalo no doente, mas provocou-lhe um somno placido por espaço de meia hora e depois de despertar começou a suar abundantemente por todo o corpo por espaço de uma hora. Passada a sudação, o enfermo recuperou a razão, dormiu suavemente, comeu alegremente e ao undecimo dia estava livre da febre. Esta pedra é um antidoto contra os venenos e doenças toxicas, e muito usada para casos semelhantes pelos nobres da India; ao padre Correia tinha sido dada por um principe japonez chamado Micoronon Dono. (¹)

E' esta a narração de Zacuto, mas ha que fazer-lhe alguns commentarios. Dos três jesuitas que encontramos reunidos, quem era o doente?

Manuel Alvares não póde ser o auctor dos famosos *De Institutione Grammatici libri tres* que em 1555 foi de Lisboa para Coimbra, como substituto das classes de Rhetorica, Poesia, Humanidades e Grammatica, leccionar no Collegio das Artes, e ao depois ahi adquiriu renome como conhecedor das linguas latina, grega e hebraica. Não póde ser esse, porque desde 1583 repoisava da afadigosa lida de incutir aversão ao latim em todos aquelles que precisavam de conhecer esta lingua. Havia 14 annos que fallecera em Evora, aos 57 annos de edade (²).

(¹) Zacuti, *Operum tomus primus. De medicorum principum historia*, pag. 901.

(²) Barbosa Machado — *Bibliotheca Lusitana*, art. Manuel Alvares.

Ainda outra razão havia que juntar, se esta não fosse de natureza a tornar impossivel qualquer duvida. O padre Manuel Alvares, a quem Zacuto se refere, era um sexagenario, e escrevera uns commentarios sobre os livros de Aristoteles *sobre a geração e a alma* que os physicos reliam com prazer. [1] Ora o padre Manuel Alvares não escreveu estas obras.

Tambem não póde ser outro jesuita do mesmo nome, natural de Alter do Chão, que entrou para a Companhia de Jesus em 1590, aos 17 annos de edade, e depois missionou pela Guiné e pela serra Leoa. Zacuto não podia tomar por sexagenario um rapaz de 24 annos, por muito que o ascetismo da vida o tivesse avelhentado. [2]

O auctor dos Commentarios a respeito dos livros de Aristoteles sobre a geração e sobre a alma, não se chamava Manuel Alvares, dava pelo nome de Manuel de Goes. Nascera em Portel em 1542 e era filho de João Vagueiro e Maria Alvares. Possivel é que o appellido da mãe induzisse Zacuto em confusão. Em 1597, a ser vivo, tinha 55 annos, o que se approxima da edade que o medico judeu lhe attribue. Mas affirma-se geralmente que Manuel de Goes não passara dos 51 annos e fallecera no collegio de Coimbra em 13 de fevereiro de 1593. [3]

Não seria tambem este o doente? Ao menos ha

---

(1) ... *qui commentarii in libros Arist. de generatione et anima, quos Physici summa cum voluptate perlustrant, conscripsit.* Zacuti, *Operum tomus primus*, pag. 901.

(2) Barbosa Machado — op. cit. — art. Manuel Alvares (2.º).

(3) Barbosa Machado — op. cit. — art. Manuel de Goes.

alguns motivos para pôr em duvida a data da morte, a unica circumstancia que se oppõe a que ao Padre Manuel de Goes se attribua o que Zacuto erradamente diz ter-se passado com o Padre Manuel Alvares. Os livros publicados pelo illustre jesuita e que fazem parte dos *Commentarii Collegii Conimbricensis Societatis Jesu* têm as datas de 1593, 1594, 1597 e 1598. São exactamente os ultimos editados os que vêmos citados por Zacuto. Os commentarios seguintes, que versam sobre a *Dialectica* de Aristoteles, são obras do padre Sebastião do Couto e têm a data de 1606. Não quererá isto dizer que Manuel de Goes morreu depois de 1598? Se assim fosse, cessavam todas as duvidas.

Não encontramos nos historiadores da Companhia de Jesus que consultamos qualquer referencia ao Padre João Correia que, no dizer de Zacuto, tanto peregrinara pelo Japão. Apesar d'isso, n'este ponto a informação do medico judeu merece todo o credito, visto que n'um manuscripto do collegio bracharense, hoje existente na bibliotheca da Universidade, e publicado no *Instituto*, menciona-se por diversas vezes este nome como d'um provincial dos jesuitas. [1] A julgar pelos documentos registados no *Livro das obediencias*, João Correia já desempenhava as suas funcções em 21 de março de 1588 e ainda o pudemos seguir até 12 d'outubro de 1601.

---

[1] *Livro em qve se escreuem as obediencias de nosso padre geral.* 1571. *Nenhũa outra cousa se deue aqui escreuer neste liuro senão as ordens E obediencias de Roma* — no *Instituto*, XLVI — 1899 e seguintes.

No processo de Antonio Homem depoz como testemunha um padre com o mesmo nome, mas é provavel que já se não tratasse do provincial que, a ser vivo, devia estar em edade muito provecta. (1)

Francisco Suarez, diz o snr. Theophilo Braga, "é uma das figuras mais preeminentes do pensamento europeu no fim do seculo XVI e ... o seu magisterio na Universidade de Coimbra de 1597 a 1616 irradia sobre aquella corporação uma luz extraordinaria". Nasceu em Granada, de uma familia nobre, em 5 de janeiro de 1548, e d'ahi o ser conhecido em Espanha e Portugal pelo nome de Granatense. Fez na terra natal os primeiros estudos de latim e rhetorica, e partiu para Salamanca em cuja Universidade se matriculou na faculdade de leis, em 1561. Estudou artes em Medina del Campo e depois theologia em Salamanca, já depois de iniciado na Companhia de Jesus. N'esta cidade se estreou no professorado, mas em obediencia aos seus superiores, Suarez ensinou philosophia em Segovia e depois theologia nesta cidade, em Valladolid, em Avila, novamente em Valladolid e em Roma, onde adquiriu uma reputação européa.

Depois de ter doutrinado com extraordinario brilho durante oito annos na capital do mundo catholico, viu-se obrigado a abandonal-a por falta de saude e veiu para Alcalá, onde corria a ouvil-o uma enorme

(1) O nome do P.e João Correia não apparece no livro do snr. Camara Manuel — *Missões dos jesuitas no Oriente no seculo XVI e XVII*. Lisboa. Imprensa Nacional, 1894. onde vem uma lista dos jesuitas que partiram para o Japão.

O padre Francisco Suarez, da Companhia de Jesus

Este retrato é reproducção do publicado na obra do snr. Dr. Ribeiro de Vasconcellos — *Francisco Suarez*, Coimbra, 1897, e desenhado pelo snr. A. A. Gonçalves.

quantidade de discipulos (1588). Ahi se demorou outros oito annos, até que em 1595 foi chamado a Salamanca. Philippe II, accedendo ao pedido da Universidade de Coimbra, ordenou a sua transferencia para esta cidade, apesar da reluctancia que o famoso jesuita manifestava em deixar Salamanca.

Por uma provisão de 14 d'abril de 1597 foi promovido para a cadeira de prima de theologia da Universidade de Coimbra, de que tomou posse em 8 de maio. Como, porém, não tinha recebido o gráu em nenhuma universidade, e o caso levantasse alguma estranheza, apenas fizera sete lições em Coimbra, foi a Evora, onde perante a Universidade fez o acto magno, voltando a Salamanca e depois a Coimbra onde se incorporou na faculdade de theologia em 2 d'outubro. Na Universidade se demorou até 17 de fevereiro de 1616, em que se jubilou na cadeira de prima. Transferiu então a sua residencia para a casa da Companhia em Lisboa, onde morreu em 25 de setembro de 1617, "no meio dos seus activos estudos„. (1)

Na corrente das novas ideias no principio do seculo XVII em que o cartesianismo é o phenomeno dominante, o papel de Francisco Suarez, "o primeiro theologo e o primeiro philosopho do seu tempo„ é assim apresentado por Franck:

---

(1) Theophilo Braga — *Historia da Universidade de Coimbra*, II — 1895, pag. 250. — Ribeiro de Vasconcellos — *Francisco Suarez (Doctor eximius)* — Coimbra, 1897. N'este livro encontram-se as mais completas informações sobre o celebre jesuita.

"Suarez tornou-se celebre pelo seu espirito encyclopedico e pela sua vasta erudição, mas estas qualidades não nos dão uma ideia bastante d'elle. Suarez é uma figura original que exige ser estudada com mais minuciosidade; é uma intelligencia das mais fortes e que actuou na historia do direito natural de uma maneira excepcional. Bem longe de se mostrar contrario a esta sciencia, á qual S. Thomaz de Aquino prestou homenagem, e de que o apparecimento é já um facto irrevogavel, elle defende-a contra os detractores, sustenta os principios mais audaciosos na apparencia, e põe ao seu serviço as auctoridades mais poderosas e todo o arsenal da sua dialectica; mas, pouco a pouco, com uma habilidade, poder-se-hia dizer com uma astucia incomparavel, torna a tirar-lhe tudo quanto lhe tinha dado, abafa-a e dissolve-a pelos seus *distinguo*, pelas excepções, pelas reservas, até que nada subsiste, sem que se saiba positivamente o que foi feito d'ella. Não receies que o homem da auctoridade e da tradição despoje a sociedade de todos os seus direitos e proscreva até o nome da liberdade. Não: segundo Suarez, a soberania reside no povo; todo o poder politico foi fundado pelos seus suffragios e póde ser destruido por um acto da sua vontade. Suarez não pára só nisto; préga abertamente o tyrannicidio, e em certos casos o assassinato de um rei legitimo. Mas para que? Para abater o poder temporal nas suas attribuições e na sua origem, para o aviltar aos seus proprios olhos pela ameaça sempre suspensa sobre a sua existencia; ao passo que põe em parallelo com elle uma auctoridade sempre immutavel, universal, divina, que

paira sobre a ruina de todas as outras potencias, e que os povos nas suas dilacerações interiores ou nas suas luctas reciprocas bem devem tomar como conselheira e como julgadora„. (1)

Não é hoje difficil saber quem eram os lentes da faculdade de medicina ao tempo em que o P.e Manuel de Goes adoeceu. Pelo *Catalogo manuscripto* de Figueirôa, podemos reconstituir o corpo docente n'essa epocha. (2) Era o seguinte:

Lente de prima — Balthasar de Azeredo
» » vespera — Pedro Alvares
» » terça — Antonio Gomes
» » crisibus — Pedro de Barros Pinto
» » methodo — Antonio Alves do Amaral
» » cirurgia — João Bravo Chamiço.

Destes professores, os mais distinctos e aquelles certamente que se encontraram á cabeceira do doente foram Balthasar de Azeredo e Antonio Gomes. São elles os unicos a quem Zacuto se refere na sua obra.

Balthasar de Azeredo era natural de Guimarães, onde nascera por 1552 (3), filho de Jorge de Azeredo e irmão de Gaspar de Azeredo, que foi conego doutoral de Braga. Depois de receber as insignias doutoraes foi admittido no collegio de S. Paulo a 4

(1) Theophilo Braga, op. cit., II, pag. 249.

(2) A parte d'este catalogo relativa á medicina está publicada em *Archivos de historia de medicina*, VI — pag. 129 e seguintes.

(3) Theophilo Braga, op. cit., II, pag. 568.

de maio de 1579. ([1]) A sua carreira de professor começou pela cadeira de Crisibus, nada constando do seu provimento, mas sabe-se que já o era em 2 de junho de 1582. Por provisão e sentença do conselho de 24 de dezembro de 1583 foi elevado á cadeira de Avicena, e depois á de Prima, não constando tambem quando foi provido e apenas que já era proprietario d'esta cadeira em 12 de janeiro de 1589 e jubilado nella por carta de 4 de dezembro de 1604. Foi depois reconduzido por uma provisão que não foi registada, tomando posse em 28 de janeiro de 1605. ([2]) Foi-lhe então concedida uma tença de 20$000 réis, o habito de Christo e um prazo da Universidade de renda de mais de 60$000 réis e dois moios de trigo e de cevada. ([3])

Ao passo que ia proseguindo na sua carreira universitaria, desempenhava Balthasar de Azeredo outras funcções. Por vezes foi vereador de Coimbra e especialmente em 1601, em que houve rebates de peste naquella cidade, morrendo mais de sessenta pessoas, a que elle só acudiu. Elle proprio affirma que velava por todas as coisas necessarias, "pedindo esmola pelas communidades para remediar o provimento dos empedidos e doentes, visitando-os de dia e de noite e dando ordem a cura e tudo o mais que convinha, com muito trabalho e perigo de sua pessoa, sem com isso faltar em sua obrigação ordinaria das escolas„. Esta diligencia foi-lhe agradecida pelo marquez vice-rei.

([1]) Barbosa Machado — *Bibliotheca Lusitana*, I, pag. 442.
([2]) Catalogo de Figueirôa citado.
([3]) Theophilo Braga, op. cit., II, pag. 478.

Por morte de Philippe II, resolvendo a Universidade prestar-lhe honras funebres mandando celebrar solemnes exequias, foi Balthasar de Azeredo encarregado de pronunciar o elogio funebre.

Vindo os inglezes a Buarcos e Figueira em som de guerra, e tendo o reitor da Universidade organizado uma força para se oppôr á invasão, o lente de prima de medicina acompanhou-o com armas e cavallo e seus creados e outras pessoas á sua custa. ([1])

Ulteriormente, Balthasar de Azeredo foi nomeado Physico-mór, mas como na Universidade houvesse necessidade dos seus serviços, uma carta regia de 17 de dezembro de 1609 mandou que por quatro annos residisse em Coimbra oito mezes, e quatro em Lisboa. ([2]) Balthasar de Azeredo deve ter fallecido em 1634 ou pouco depois. ([3])

Estamos mais documentados a respeito de Antonio Gomes. Este professor nasceu em Alcobaça e era christão novo. Foi nomeado substituto da cadeira de Methodo por opposição e sentença do conselho em 3 de fevereiro de 1584, lente de Crisibus por opposição e sentença do conselho em 6 d'abril de 1590 e de Avicena em 7 de janeiro de 1592, de vespera em 26 de março de 1602 e de prima por provisão de 13 de dezembro de 1614 de que tomou posse em 7 de fevereiro de 1615. ([1])

([1]) Theophilo Braga, op. cit., II, pag. 489.

([2]) Theophilo Braga, op. cit., II, pag. 496.

([3]) Uma carta que escreveu a Zacuto é datada de Lisboa de 10 d'outubro de 1634. Todavia Barbosa Machado dá como data do fallecimento 6 de janeiro de 1631.

([1]) Catalogo de Figueirôa.

Zacuto manteve com elle relações que proseguiram durante muito tempo. Dos seus livros conclue-se que estava ao facto da sua carreira universitaria, ou pelo menos conhecia a sua promoção a lente de prima. Carteava-se com elle, e, em precioso escrinio onde o medico judeu guardava algumas cartas de homens illustres com quem travara relações, conservava uma do professor de Coimbra, a quem chama medico clarissimo. (1)

Acaso Zacuto tinha noticia tambem das suas desditas, visto que Antonio Gomes foi um dos professores universitarios que o odio religioso afastou das suas cadeiras. Já em 1610 se queixava elle de que os seus inimigos haviam feito um regimento em que se dispunha que só os lentes christãos velhos votassem no exame dos medicos e de que na interpretação do regimento dos boticarios de partido entendiam que os lentes de Prima e de Vespera apenas deviam votar se fossem christãos velhos. Nisto havia sómente o proposito de o vexar, e contra estas disposições se insurgia elle que não tinha a decidir sobre limpeza de sangue, "mas sómente se eram aptos„, e só disso tratava. A reclamação era acompanhada da certidão do Bispo-conde, do reitor do Collegio de Jesus, do conde de Tarouca, do reitor do Collegio

(1) *Accessi fortè ad scrinium in quo illustrium virorum erant reservatæ Epistolæ, et unam inveni D. Antonii Gomez, Medici clarissimi, olim in florentissima Conimbricensi Academia Professoris primarii emeriti, in qua cum rarum exemplum esset notatum, id huc referre, visum est.* — Zacuti, *Operum tomus secundus. De praxi medici admiranda*, pag. 196.

dos carmelitas descalços, do ministro do Collegio da Santissima Trindade, do Prior do Collegio de Christo e da abbadessa do mosteiro de Santa Clara que todos certificavam que o Dr. Antonio Gomes procedia de modo que a todos os que o tratavam era exemplo das letras que professava e de muita christandade e que em suas curas mostrava com muita satisfacção o que de suas letras e experiencia se devia e podia esperar.

Não logrou o douto professor satisfacção a todas as suas reclamações, mas ao menos, pelo que dizia respeito ao regimento dos boticarios, não foi admittida a excepção odiosa. ([1]) A tempestade, porém, estava a formar-se e não tardaria que rebentasse com mais fragor.

Foi por occasião da visita feita á Universidade em 1615 por D. Martinho Affonso de Mexia, bispo de Leiria e eleito de Lamego, que a perseguição aos lentes christãos-novos attingiu a maior violencia. Uma das victimas foi precisamente o Dr. Antonio Gomes. Das inquirições a que então procedeu essa alçada de novo genero resultou para elle a suspensão. A Mesa de Consciencia e Ordens opinava que não convinha que elle fosse reintegrado e propunha que fosse jubilado na cadeira de Vespera " porque já tinha lido nella os annos bastantes conforme os estatutos e se entender que com esta mercê se averia por satisfeito „. ([2])

Devemos acreditar que as accusações que se

([1]) Theophilo Braga, op. cit., II, pag. 504.
([2]) Theophilo Braga, op. cit., II, pag. 505.

faziam a Antonio Gomes não eram graves. Assim o prova a resposta que o rei, por carta de 8 de outubro de 1617, enviou. Tomando em consideração o tempo em que elle estava suspenso da cadeira de Prima por sentença da junta em que assistira o bispo de Lamego, levantava-lhe a suspensão, impondo-lhe a multa de quarenta cruzados em favor do Hospital de Santo Antonio dos Portuguezes de Madrid mas ficando privado de votar nas provisões de conezias doutoraes.

Não se apresentou elle ao serviço, e em 28 de setembro de 1618 a Mesa de Consciencia consultava que estando sem proprietario a cadeira de Prima, o que de fórma alguma convinha, devia el-rei ordenar que a fosse lêr sem delação alguma e, não indo, tomar a conclusão que julgasse conveniente. (1)

Pouco depois, em 1620, estava elle novamente preso, mas em Madrid, onde apparecera dias antes. (2)

Substituiu-o na regencia da sua cadeira o Dr. João Bravo Chamiço, que em 1623 allegava esse facto como titulo de jubilação na cadeira de Prima. Da sua petição consta que a cadeira de Prima de Medicina estava vaga por culpas do Dr. Antonio Gomes. (3)

---

(1) Theophilo Braga, op. cit., II, pag. 506.

(2) E' o que consta do processo de Violante Gomes, sua irmã, archivado na Torre do Tombo, com o n.º 6.915. N'elle se lê: se prendeo na dita villa (de Alcobaça) Maria Gomes, mulher do dr. Antonio Gomes, lente de prima de Medicina da Universidade de Coimbra, que outro sy se diz foi preso na Corte de Madrid, onde residia auia dias. (Informação do snr. Pedro A. d'Azevedo).

(3) Theophilo Braga, op. cit., II, pag. 506.

Este ainda estava encarcerado pelo crime de heresia de que era accusado. ([1]) Nada sabemos do seu destino ulterior. Morreria no carcere? é o que nos parece mais provavel. Em 5 de maio de 1624 fez-se um sumptuoso auto de fé na Ribeira, em que sahiram 48 homens e 36 mulheres. N'esse auto, em que figurou o Dr. Antonio Homem, ia Maria Gomes, mulher do lente de prima Antonio Gomes. ([2])

Nas accusações feitas a Antonio Gomes não é a de menor valia uma que parece uma subtil invenção do terror, de mãos dadas com a intolerancia: a de pertencer á famosa *confraria de Fr. Diogo*.

Esta instituição está hoje bem conhecida, graças aos trabalhos de Theophilo Braga e ás suas pacientes investigações. N'um processo que a Inquisição de Lisboa moveu a Miguel Gomes, o Manco, encontrou o illustre professor a primeira referencia a esta instituição. No dizer do confitente, era uma associação de christãos-novos que tinham Fr. Diogo na conta de santo, tendo morrido como tal na crença de Moisés, e que lhe rogavam que intercedesse a Deus por elles em suas petições e necessidades. Nas suas reuniões, além d'orações em commum, colhiam-se esmolas que se distribuiam pelas pessoas pobres da mesma crença. ([3]) Miguel Gomes denunciou como fazendo parte d'esta confraria numerosas pessoas e entre ellas differentes lentes da Universidade, mas o Dr. Antonio

---

([1]) Idem, II, pag. 506.

([2]) Moreira — *Collecção de sentenças*, mss. da Bibliotheca nacional, I, fol. 91.

([3]) Theophilo Braga, op. cit., II, pag. 512.

Gomes não figura n'esse numero. Um dos denunciados era um tal Antonio d'Oliveira, mais tarde feitor na alfandega de Arronches, que foi processado em Coimbra, e interrogado em 6 de setembro de 1622. E' tão extraordinario esse depoimento que basta lêl-o para se reputar d'inteira justiça o que o P.e Antonio Vieira escreveu a respeito da confraria de Fr. Diogo: "Não entendo como seja possivel que nenhum juiz se pudesse persuadir a que fosse verdadeiro o que em Coimbra se publicou em muitas sentenças de uma *Companhia de judeus* com summo sacerdote, conforme o rito de Arão, e vestimenta sacerdotal, com campainhas e candieiro de sete luzes, sem nenhuma d'estas cousas apparecerem. ([1])

Depoz Antonio d'Oliveira que haveria oito annos estando com o Dr. Antonio Gomes, ambos sós em sua casa, lhe declarava este o dia em que no mez de setembro cahia o jejum do dia grande que se havia de fazer em casa de Antonio Homem. No dia aprazado fingiu elle que ia a Lorvão, e muito cedo dirigiu-se a casa de Antonio Homem e estando sós sentados em cadeiras lhe disse o infeliz professor que folgava muito de saber que elle confitente estava determinado a guardar os preceitos da lei de Moisés, fazendo os jejuns a que era obrigado, mostrando-lhe quanto importava para a salvação da alma a observancia das prescripções da lei e que disto o advertia pela amizade que lhe votava, apesar das divergencias que a respeito de umas casas a testemunha tivera com seu irmão Mathias Homem. A isto, respondeu Antonio

([1]) Theophilo Braga, op. cit., II, pag. 512.

d'Oliveira que tinha muito na vontade cumprir pontualmente o seu conselho sobre aquelle objecto, agradecendo-lhe a mercê que lhe fazia em o advertir, dizendo-lhe que o venerava como pae e senhor, e logo o Dr. Antonio Homem o abraçou, lançando-lhe uma benção, correndo-lhe a mão pela cabeça e dizendo em nome de Deus: Moisés, Abrahão, Isaac e Jacob. Entretanto chegava André d'Avellar e o Dr. Antonio Homem ordenou ao confitente que entrasse com este para a casa d'estudo, onde ao cabo de meia hora o veiu chamar levando-o para outra sala. Encontrou ahi os doutores Manuel Roiz Navarro e *Antonio Gomes*, o Dr. Francisco Dias, defunto, lente que foi de Prima de Canones, e os conegos Francisco Dias e Chrispim da Costa, Antonio Dias da Cunha, Antonio Correia de Sá, cidadão de Coimbra, o licenceado André Vaz Cabaço, Francisco d'Almeida, medico, o licenceado Antonio Dias de Almeida, o Dr. Francisco Gomes, seu pae Henrique d'Arede, José Coutinho, Diogo Lopes de Sequeira, e depois de reunidos descalçaram-se todos e "estando descalços, com as barbas feitas, em corpo, descarapuçados, arrimados ás paredes„, se sentou o Dr. Antonio Homem em uma cadeira de téla ou de velludo, e logo fez uma pratica e exhortação em latim a que vivessem na lei de Moisés, referindo algumas passagens do Velho Testamento e todos os circumstantes em certas passagens faziam reverencias, a saber, alevantavam os olhos ao ceu e punham as palmas das mãos erguidas em compostura, abaixando a cabeça até aos peitos, ou inclinando-a a um e outro lado, e o Dr. Antonio Homem repetiu alguns psalmos, que elle por

vezes explicava em latim e alguns circumstantes traduziam aos menos versados nessa lingua. Terminadas estas rezas, que duraram uma hora proximamente, entrou o mesmo doutor para outra casa de dentro que ficava junto ao quintal onde se demorou por espaço de um quarto de hora.

Decorrido este tempo, ouviram tocar mansamente uma buzina por três vezes, e feitas por elle e pelos demais três reverencias como as anteriores, entraram os ditos conegos, André de Avellar, Chrispim da Costa, Fernão Dias e Antonio Dias da Cunha, e depois de estarem juntos mais d'outro quarto de hora tornou a soar a buzina por três vezes, e fazendo elle confitente e os seus companheiros as mesmas três reverencias foram entrando dois a dois para a camara de dentro, onde estava Antonio Homem e os quatro conegos, camara que tinha alcatifas nas paredes, entre as quaes a testemunha conheceu uma que servia na sé, e numa parede que ficava á direita ou esquerda da porta, a meio, estava encostado um bufete coberto com toalhas brancas, e sobre elle grande numero de vélas brancas accesas e algumas em castiçaes de prata da egreja, em fórma de serpentinas de três luzes, e um livro e retabulo de Moisés que tinha estado em casa de Chrispim da Costa e de Antonio Dias. Junto a este bufete, havia outro coberto egualmente de toalhas, no qual se via um candieiro com três mecheiros accesos, uma naveta, um thuribulo e uma figura de vulto de Fr. Diogo que foi queimado em Lisboa, de dois palmos pouco mais ou menos de altura. Junto ao altar estava de pé o Dr. Antonio Homem, revestido com as mesmas vestes com que

fizera sacrificio Chrispim da Costa, e com uma mitra na cabeça. Esta mitra era "sarrada por cima" e aos lados, junto das fontes, tinha duas laminas d'oiro, do tamanho de um ovo grande, em uma das quaes se via uma figura de Moisés em relevo, e na outra uma serpente. Do que era a mitra não se lembrava o depoente, mas parecia-lhe que era rica.

Dum e doutro lado do altar estavam os quatro conegos, possivelmente vestidos de branco, visto que tambem não estava certo disso. Emquanto Antonio Homem rezava junto do altar e sempre com a mitra na cabeça e todos os circumstantes de pé em redor da sala, André de Avellar entregou de joelhos o thuribulo acceso a Antonio Homem que por algumas vezes incensou ao revez, passando-o depois a André de Avellar que lh'o retribuiu, fazendo-lhe uma grande reverencia, a que Antonio Homem correspondeu com uma leve inclinação de cabeça, e depois a todos os presentes que se desfaziam em guaias emquanto eram thuribulados. Terminada esta ceremonia, Antonio Homem começou a lêr no livro que estava no altar e que era o Velho Testamento, fazendo algumas reverencias para elle em differentes passagens da leitura, e não se virando nunca para os assistentes que de quando em quando proferiam com admiração a palavra Jehovah e outras em hebraico, acompanhando-as sempre de guaias e de rezas que o depoente não entendeu. Nisto se passou até perto do meio-dia. Então Antonio Homem sentou-se na cadeira que ficava junto ao altar e dalli foi rezando alguns psalmos que ia interpretando no sentido de que a lei de Moisés era a verdadeira, e o

Dr. Navarro, que ficara junto do confitente, affirmava que era um erro applicar os versos dos psalmos á religião de Christo. Esta reza e interpretação dos textos durou mais de duas horas. Passadas ellas, Antonio Homem approximou-se novamente do altar e tocou por três vezes a buzina que então Antonio d'Oliveira houve ensejo de vêr, mas não advertiu "de que tamanho era, nem de que metal, nem feitio„... Sendo já perto da noite quando acabou esta segunda explicação e reza, Antonio Homem tornou a incensar, e de pé junto do altar fez uma pratica em linguagem a todos os circumstantes, encommendando-lhes a guarda da lei de Moisés e seus preceitos e o segredo d'aquelle acto e frequencia d'outros semelhantes. Sentou-se depois, e a um a um os assistentes, ajoelhando, lhe vieram beijar o fato, junto aos pés e Antonio Homem corria-lhes a mão pela cabeça e com este acto acabou o jejum e ceremonia. (1)

Agora que nos são conhecidos alguns dos mestres de Zacuto, podemos continuar a narrar as peripecias da sua vida. Não é crivel que, ao encontrar-se com tão illustres professores junto dum doente como o P.e Manuel de Goes, o medico judeu fizesse acto de clinico. Nem a edade, nem a reputação o podiam recommendar. Elle mesmo se encarrega de nos dizer

(1) O depoimento de Antonio d'Oliveira vem publicado em Theophilo Braga, op. cit., pag. 588 e seg. Na transcripção que fazemos, algumas passagens são ligeiramente abreviadas, sem alterar o caracter do documento.

que andava á pratica com os lentes da Universidade mais afamados. ([1])

A' excepção do caso clinico que fórma a substancia d'este capitulo, Zacuto é avaro de notas sobre Coimbra. Deve, porém, acreditar-se que, num meio tão hostil a quem não tinha limpeza de sangue, não lhe ficaram saudades. A má vontade a quem provavelmente o vexava e opprimia traduz-se bem na maneira como se refere a um medico que encontrou em Lisboa e que tinha obtido *uma conducta de medicina na Universidade*. Esse julgava-o mais apto para governar um arado do que para tomar o pulso: *ad arandum magis, quam ad curandum natus*. ([2]) E não se limita a isto. Retrata o collega com as feições seguintes: ventas largas, fronte estreita e rugosa, sobrancelhas cahidas, ventre volumoso, rosto turgido, olhos milvinos e cavos, pés curtos; e accrescenta que, a dar-se credito a Aristoteles, nos seus livros *De physionomia*, todas estas feições são manifestos signaes de estulticia. A narração do encontro com elle confirmou-o no juizo que formara á simples inspecção.

E' possivel que tambem a Coimbra se refira o facto seguinte que Zacuto diz passado na sua juventude, e que em si nada tem de caracteristico, podendo

([1]) *Celebriores illius inclytæ Academiæ Professores unà mecum vocati, qui fortè exercendæ praxis gratia cum eis convenerant.* Zacuti, *Operum tomus primus*, pag. 901.

([2]) Zacuti, *Operum tomus secundus—Praxis medica admiranda*, Lib. III, obs. ultima, pag. 146. O facto deve ser referido a 1599, visto que Zacuto o diz passado ha 35 annos e escrever o mais tardar em 1634.

indifferentemente collocar-se em Salamanca, em Siguenza, em qualquer universidade peninsular. Quando o medico judeu estudava medicina com toda a applicação, eram seus condiscipulos quatro rapazes, um dos quaes tinha tal aversão ao queijo que mal lhe sentisse o cheiro, ao passar em qualquer sitio, caía em deliquio de que difficilmente se restabelecia. Os companheiros, novos como eram, e sem medirem as consequencias do que faziam, quizeram divertir-se com elle. Na tampa duma arca em que guardava fructas e pães doces abriram um orificio que depois taparam com cêra e por elle lançaram queijo. em pó tenuissimo sobre as guloseimas guardadas. Mal elle abriu a arca e percebeu o cheiro do queijo, foi acommettido por um desmaio. A face e os labios puzeram-se lividos, sobreveiu estertor com pequenez de pulso. O pobre estudante parecia morto e os companheiros já estavam bem arrependidos da brincadeira. Felizmente, não teve ella consequencias fataes. O doente começou a espumar pela bocca, como os epilepticos, e recuperou os sentidos. ([1])

E' tudo quanto a respeito de Coimbra pudémos encontrar em Zacuto. Agora vamos seguil-o em meio mais vasto.

([1]) Zacuti, *Operum tomus secundus* — *Praxis medica admiranda*, lib. III, obs. CVII, pag. 122.

CAPITULO IV

Zacuto em Lisboa — A peste de 1598 — Os clientes de Zacuto: o Marquez de Ferreira — O Dr. Tavora — As relações de Zacuto: Manuel Bocarro Frances, Balthasar d'Azeredo, Francisco Guilherme Casmak — As producções das possessões portuguezas — Villa Viçosa — A saída de Portugal.

Feito o seu exame de habilitação, Zacuto estabeleceu-se em Lisboa, o que deve ter succedido por 1598; mas pelo menos algum tempo foi passado em qualquer obscura povoação junto á capital. Faz elle numerosas referencias a uma epidemia que por toda a Europa se desenvolveu em 1600 e annos seguintes e affirma ter observado numerosos individuos affectados de tal doença. Alguns residiam nessa povoação cujo nome não é indicado. [1]

E' difficil, á face dos textos de Zacuto, formar

[1] *Ego anno 1600, qùum hæc truculenta Hydra, totam ferè Europam, præsertim Hispaniam devastasset, in pago quodam plures notari dira peste correptos.* (Zacuti, *Operum tomus secundus — Praxis medica admiranda*, lib. III, obs. XXXVIII, pag. 104).

ideia exacta do que era esta epidemia. Chega mesmo a acreditar-se que ao mesmo tempo se desenvolvessem differentes doenças que elle reune sob a designação commum de peste.

Não ha duvida de que em 1598 foi salteada Lisboa por uma epidemia de peste, cujos primeiros rebates se observaram em outubro. Desde logo se tomaram as providencias que a experiencia de outros andaços aconselhara. A camara foi auctorizada a levantar um emprestimo por conta das rendas da cidade, para despezas sanitarias. Estabeleceu-se em Alcantara, sitio alto e lavado de ventos, uma enfermaria para os empéstados, com aposentos separados para convalescentes. A doença em breve se estendeu a Sacavem, Torres Vedras, Cascaes, Leiria e Thomar, chegando a Coimbra em janeiro de 1599. Desenvolveu-se nesta cidade com intensidade, apesar das providencias inspiradas pelo bispo D. Affonso de Castello Branco, escolhendo-se logar para degredo e casa de saude em Santo Antonio dos Olivaes. O aperto em que a cidade se achava mettia horror. Haviam-se ausentado os estudantes, a turba dos pobres a cada momento cruzava as ruas tortuosas, onde se apinhava uma multidão faminta que pedia pão. Felizmente que alli não durou muito tempo a doença, achando-se de todo extincta em julho.

Entretanto, o flagello estendia-se a Aveiro, a Villa Nova de Gaia, ao Porto, onde não foi grande o numero de victimas, porque cedo se tomaram as providencias então aconselhadas para evitar que a doença se ateasse, nomeando-se desde setembro guarda de saude. Propagava-se a Guimarães, a Mi-

randella e Villa Real, accendia-se em Setubal, Evora e Elvas e causava no Algarve numerosas victimas.

Em principios de setembro de 1599, a peste começava a declinar em Lisboa, e tanto que se fechou a casa de saude, tendo-se feito antes uma procissão a Nossa Senhora da Penha de França. Desde 25 de outubro de 1598 até 8 de setembro do anno seguinte tinham entrado naquelle lazareto vinte mil duzentos e vinte e sete doentes, dos quaes se curaram treze mil oitocentos e sessenta e um, fallecendo os restantes. Era cedo, porém, para tanto regosijo. Logo no mez seguinte a doença recomeçava, e caminhando lenta, mas constantemente, arrastou-se até 1602, dando entrada na mesma casa até fevereiro dois mil trezentos e vinte e seis doentes, dos quaes morreram mil trezentos e sessenta e um. Em abril de 1603 considerava-se a doença de todo extincta em Lisboa, mas em 1 de julho começava de novo para em breve se extinguir.

Quanto á sua origem, tem-se como certo que procedeu de Flandres, onde Rodrigo de Castro a observou em 1598, por intermedio de navios que vieram aportar a Santander. Dahi se estendeu a toda a Espanha e a Marrocos, onde fez mais de quatro mil victimas. Natural era que tambem a Portugal se propagasse. [1]

Ha desta epidemia, além das referencias de Za-

[1] Maximiano Lemos — *Historia da medicina em Portugal*, II, pag. 237 e seg.

cuto, dois relatos medicos. Jeronymo Nunes Ramires dá noticia muito summaria della, datando a sua apparição em Lisboa de 1598 e affirmando que uma parte de Portugal ficou despovoada. [1]

Ambrosio Nunes publicou a seu respeito um livro ainda hoje digno de apreço e consideração. Infelizmente, a obra, onde vêm desenvolvidos os capitulos relativos á etiologia, ao tratamento e á prophylaxia da doença, é muito parca sobre os symptomas por que a doença se manifestava.

O illustre medico diz que entre os casos de peste se podem estabelecer dois generos ou differenças geraes: um delles comprehende os que não são acompanhados de febre, o outro aquelles em que apparece movimento febril.

Na fórma apyretica, ha que estabelecer duas especies: uma acha-se nos que, estando sãos e andando de pé ou deitando-se sem sentirem mal algum, morrem subitamente: e outra nos que apresentam algum inchaço debaixo dos braços ou nas virilhas. Nesta especie ainda ha que admittir duas differenças: uma é dos inchaços que não amadurecem e algumas vezes permanecem por toda a vida; a outra é dos mesmos inchaços quando amadurecem por si sem febre e andando de pé os que os apresentam.

O genero de peste que é acompanhado de febre tem tantas especies como a propria febre, e assim se

[1] *Commentaria in librum Galeni de ratione curandi per sanguinis missionem.* Olisipone: Ex officina Petri Crasbeeck — Anno 1608, pag. 143.

O Dr. Ambrosio Nunes

Este retrato é uma reducção do que acompanha o seu livro *Enarrationvm in priores tres libros aphorismorvm Hippochratis* — Conimbricæ, 1603.

encontram febres hecticas, diarias e putridas, pestilenciaes ou não pestilenciaes.

O que distingue a hectica pestilencial da que a não é vem a ser que logo desde a primeira hora começa hectica, mata com muita brevidade e sem remedio, e que o halito do doente é fetido, o que é commum a todas as febres pestilenciaes.

As febres diarias pestilenciaes caracterizam-se pela rapidez com que acarretam a morte, o que não vae além de vinte e quatro horas. Muitos dos que foram acommettidos na epidemia de 1598 succumbiram a esta fórma.

Finalmente, a fórma putrida apresenta como symptomas: uma febre pouco intensa, mas com inquietação e oppressão respiratoria; urina boa com cozimento e bom pulso, apesar do doente ir caminhando para a morte; respiração grande e frequente; pulso pequeno e apressado; grande fastio e aborrecimento á comida; nauseas, vomitos e camaras de diversas côres e humores com corrupção; urina aquosa e delgada ou muito vermelha ou citrina, ou negra ou doutra côr, ou turva; desmaios grandes ou amiudados; frialdade dos extremos; vigilia ou somno profundo, ou inclinação a dormir velando; delirios perpetuos (!) ou interpolados; suor frio ou quente pelo pescoço ou peito, ou por todo o corpo sem proveito; lingua branca ou muito carregada em côr, verde, negra ou amarella; carbunculos ou anthrazes, ou bolhas ou pintas, ou pustulas ou maculas por todo o corpo ou por algumas partes delle ou finalmente por inchaços nas virilhas, nos sovacos ou no pescoço.

Estes signaes não apparecem em todos os doen-

tes, pelo contrario bastam alguns para caracterizar o typo pestilencial da febre putrida. ([1])

A' face do que fica transcripto, não póde restar duvida que Nunes ainda confundia com a peste doenças que nada tinham de commum com ella. Mas elle mesmo diz que por 1599 se déram em Lisboa casos de terçãs malignas e de tabardilho, sempre mortaes. ([2])

Tinha para nós particular interesse, para aferirmos a descripção de Zacuto. o averiguar a séde dos bubões. Ora Ambrosio Nunes, que aliás não colheu da peste a experiencia que poderia suppôr-se, attento que o seu papel se reduziu mais a aconselhar medidas prophylacticas do que a tratar doentes. apenas diz que a séde de predilecção dos bubões era o pescoço, os sovacos e as virilhas, referindo-se a um caso em que estavam tomados ambos os sovacos e ambas as virilhas. Quanto aos carbunculos appareceram por toda a parte. ([3])

A ajuizar do que diz o medico judeu. um grande numero dos doentes que observou eram effectivamente de peste bubonica. Assim, em mulheres gravidas, nos primeiros ou ultimos mezes da gestação. observou bubões nas virilhas, nos joelhos ou outras partes inferiores. ([4])

([1]) Ambrosio Nunes — *Tractado repartido en cinco partes principales, que declaran el mal que significa este nombre Peste.* Coimbra. Na officina de Diogo Gomez Loureyro, 1601, pag. 37 e seg.

([2]) Pag. 48 v.

([3]) Parte v, pag. 11 e seg.

([4]) Zacuti, *Operum tomus primus,* lib. I, obs. XXIX, pag. 60.

Se algumas destas sédes são pouco communs, outras menciona que tambem se não registam a miude. Viu bubões na cabeça, na nuca, nos hombros, no thorax, no umbigo, sobre o femur ou sobre a tibia. Quando surgiam n'estas regiões, eram constantemente seguidos de morte. ([1])

Raras vezes a peste tomava a fórma hemorrhagica. ([2])

Ao lado, porém, destes casos em que o bubão caracterizava a doença, Zacuto observeu outros em que, no principio da invasão, saía pelo nariz grande quantidade de vermes vivos, redondos e negros, que quasi corroíam as visceras. Sobrevinham suores pelo rosto e pelo thorax, com lividez de todo o corpo, a que se seguia constantemente a morte. ([3])

Outras vezes, porém, predominavam phenomenos intestinaes, acompanhados de symptomas de intoxicação, tão graves que os doentes falleciam todos, não chegando nenhum até ao quarto dia. ([4])

Por ultimo, casos havia em que, depois da invasão da doença, e privados os doentes dos sentidos, lhes começavam a caír os pêlos. Surgia-lhes uma pustula livida no nariz que em vinte horas lhes corroía totalmente este orgão, sobrevinha friura e mor-

([1]) Zacuti, *Operum tomus secundus — Praxis medica admiranda*, lib. III, obs. XXXIX, pag. 105.

([2]) Id., lib. III, obs. XLI, pag. 105.

([3]) Zacuti, *Operum tomus primus. De medicorum principum historia*, lib. IV, pag. 754.

([4]) Zacuti, *Operum tomus secundus. Praxis medica admiranda*, lib. II, obs. XXIII, pag. 47.

tificação dos extremos, a que se seguia a morte. Não escapou um só. (1)

Esta epidemia de peste foi o baptismo de fogo de Zacuto. Os creditos que então adquiriu trouxeram-lhe clinica illustre e remuneradora. Entre as pessoas de quem tratou cita o marquez de Ferreira, da estirpe dos reis portuguezes, (2) em quem observou as virtudes do *cachunde*.

Este marquez de Ferreira foi D. Francisco de Mello, 3.º conde de Tentugal, que nasceu em Villa Alva do Alemtejo em 5 de agosto de 1588 e falleceu em 18 de março de 1645. Durante o governo dos Philippes, conservou-se retirado da côrte e vivia em Evora quando alli se déram em 1637 os tumultos conhecidos pelo nome de alteração de Evora. Julgando, como a maior parte da nobreza, que essa sublevação não podia triumphar do jugo estrangeiro, procurou tranquillizar os animos do povo, mas logo que teve conhecimento da revolução de 1640 partiu para Villa Viçosa e acompanhou D. João IV para Lisboa. O novo soberano escolheu-o para conselheiro d'estado e para um dos logares de ministro de despacho, e em 1642 nomeou-o mordomo-mór da rainha.

Mas, se é esta a unica pessoa de elevada gerarchia cujo nome é mencionado, outros portuguezes de eminente posição são indicados. Tratou um vice-rei

(1) Zacuti, *Operum tomus secundus — Praxis medica admiranda*, lib. III, obs. XXXVIII, pag. 104.

(2) Zacuti, *Operum tomus primus. De medicorum principum historia*, lib. I, obs. XXXVII, pag. 73 e 74. — *Operum tomus secundus. Praxis medica admiranda*, lib. II, obs. IV, pag. 42.

da India, um esforçado capitão de Malaca e numerosos fidalgos.

Tambem lhe não faltou clinica largamente remunerada e Zacuto encontrou, para emparelhar com o magnifico feitor de Antuerpia, a quem se refere Amato, um opulento mercador lusitano que, tendo chamado a tratal-o quatro medicos e oito cirurgiões de uma inflammação do penis com febre intensa, dava a cada um por dia 12 aureos, ou sejam perto de 40$000 réis, de maneira que ao terminar a doença, ao vigesimo dia, tinha dispendido mais de 9.000$000 réis! ([1]) E' certo, porém, que Zacuto não affirma que fosse em Lisboa que prestou serviços clinicos a este compatriota.

Sempre pensamos que Zacuto Lusitano não podia usar em Lisboa deste nome, cuja notoriedade devia chamar sobre elle a attenção dos esbirros da Inquisição. Todavia esta conjectura durante muito tempo não encontrou confirmação. Descobriu, porém, o snr. Pedro A. d'Azevedo dois documentos preciosos sob este ponto de vista. Um delles é a denuncia a que já nos referimos a pag. 29, devida a seu sobrinho Salvador das Neves. Desse documento, a que mais d'uma vez nos havemos ainda de referir, consta que elle usava em Lisboa o appellido Tavora.

O outro documento é um depoimento feito em 27 de junho de 1640 perante o inquisidor Diogo de Sousa, por Francisco Alvares Peres. Nelle affirma o declarante que haveria dez mezes se achara em

([1]) Zacuti, *Operum tomus primus. De medicorum principum historia*, lib. III, pag. 481.

Amsterdam e alli vira Manuel Alvares, que por outro nome judaico se chamava Abrahão Zacuto, e que ouvira dizer que elle era natural de Lisboa e que alli tinha uma irmã moradora na rua dos Ourives do Oiro.

Se os dois documentos se referem a um mesmo individuo, Zacuto seria conhecido na sua terra natal pelo nome de Manuel Alvares de Tavora. Apresentamos a condicional porque neste ultimo documento se diz que Zacuto era corretor, e nenhuma allusão se faz á sua profissão de medico, quando demais a mais já adquirira grande notoriedade. (1)

Foi provavelmente em Lisboa que Zacuto se relacionou com o seu correligionario e amigo Manuel Bocarro Frances, tambem conhecido por Jacob Rosales. Este illustre medico nasceu em Lisboa em 1588 (2) e era filho de outro medico, Fernando Bocarro, auctor de um *Memorial de muita importancia para ver S. Magestade o Senhor Rey D. Filippe III, rey de Portugal em como se hão-de remediar as necessidades de Portugal e como se ha-de haver contra seus inimigos que molestão aquella coroa e os mais seus Reynos.* (3) Estudou medicina e mathematicas em Montpellier e Alcalá, onde se doutorou, e obteve o grau de licenceado em Coimbra. Na patria, cedo

(1) V. documento v, no fim do volume.

(2) Assim o dizem Barbosa Machado, Innocencio e Kayserling na *Bibliotheca española portugueza-judaica*, mas o mesmo Kayserling, na *Jewish Encyclopedia*, affirma que outros o dão nascido em 1593, o que parece pouco provavel.

(3) Barbosa Machado — *Bibliotheca Lusitana*, II, pag. 19.

adquiriu grande reputação como clinico, tendo entre os seus clientes o duque de Bragança D. Theodosio e seu irmão D. Constantino, D. Luiz de Lencastre, commendador-mór de Santiago, e o arcebispo de Braga, D. Fr. Aleixo de Menezes. ([1])

Residiu bastante tempo em Lisboa, onde viveu até aos fins do primeiro quartel do seculo XVII. Ahi estava em 9 de novembro de 1618, quando appareceu o primeiro dos cometas que são objecto dum dos seus livros. Surgiu outro em 26 do mesmo mez e anno, observando-se por então phenomenos extraordinarios como uma chuva de sangue que caíu no mar, em Setubal, por espaço de duas horas. ([2])

Em junho de 1622 achou-se de passagem em Madrid e prestou serviços clinicos a D. Balthasar de Çuniga, presidente da Italia e do conselho de Philippe III. ([3]) Já voltara, porém, a Lisboa a 1 de março de 1624, data da dedicatoria do seu *Anacephaleoses* ao rei de Portugal.

Não lhe correu sem desgostos a vida no seu paiz, como o testemunham estas palavras suas: "Teue meu auo João Bocarro filho de Antonio Bocarro capitão que foy de Safim, a meu Pay só filho seu legitimo & teue outros muytos bastardos, que nesta cidade se fizerão muy ricos & tyranos, os quais aniquilando a honra dos Bocarros tomarão mercantins exercicios, & ocasiões de perseguirem a meu Pay: porque são mais fauorecidos, & amparados: & a mi,

([1]) Barbosa Machado — op. cit., III, pag. 196.
([2]) *Tratado dos Cometas*, pag. 9 v., 14 v., 18 v. e 20.
([3]) *Anacephaleoses* — Annotações, pag. 28.

cujo intento he so o augmento da patria, perseguẽ os mesmos Luzitanos, & Ministros com tanto rigor, que posso dizer com Camões, que não menos milagre he o escapar delles a vida, do que foy o acresentarse ao Rei Iudaico: este foy o motiuo pera o incendio de minha obra: mas sendo necessario obedecer, aos que era forçoso seruir, suspendi a execuçam: mas nã quis logo tirar mais a luz que este primeiro Anaceph. prometendo, se fôr aceyto, e eu mais amparado de justiça, & verdade, sem tantas extroções, de fazer logo estãpar os outros tres e seus fragmentos.„ [1]

Com fundamento se póde affirmar que não foi voluntariamente que abandonou a patria. Em 1625, achava-se em Roma, onde se dedicou ás mathematicas e á astrologia e travou relações de amizade com Galileu que convidou "o admirando e doutissimo astrologo„, como este lhe chama, a escrever uma obra sobre a sciencia que cultivava. [2]

Diz Barbosa que ahi tratou, entre outras pessoas, o duque de Pastrana, embaixador de Castella, e é certo que ainda estava nesta cidade em 26 de setembro de 1626. [3] Transportou-se em seguida para Amsterdam, onde abertamente confessou o judaismo,

(1) Advertencia ao leitor do *Anacephaleoses da Monarchia Luzitana*, fol. 4 v.

(2) Referindo-se ás relações com Galileu, escreve Bocarro na dedicatoria do seu *Fasciculus trium verarum propositionum: In tribus libris Fœtus astrologici, Galileus Galileus, cui ipsos dedimus, Romæ, anno 1626, typis excudi fecit.* Na *præfatiuncula*, accrescenta: *Secundum commentariolum Excellentissimus in scientiis Galilæus Galilæus. Mathematicorum Coriphæus, Romæ anno 1626, typis dedit.*

(3) Brito Aranha, *Diccionario bibliographico portuguez*, XVI. pag. 143.

tomando o nome de Jacob e ahi residiu até pouco antes de 1632 em que passou a Hamburgo. [1] Nesta cidade viveu alguns annos no convivio de muitos judeus portuguezes que ahi se tinham refugiado, mantendo correspondencia com homens illustres de todos os paizes, entre os quaes se assignala João Kepler e Christiano Longimano. [2] Prefaciava as obras de Menasseh ben Israel, de Moses Abudiente e de Zacuto Lusitano.

No livro quarto da edição de Amsterdam das obras deste illustre medico, pelo livreiro Henrique Laurentius (1637), vem uma ode sapphica em honra de Zacuto, que não foi reproduzida nas edições posteriores.

No 1.º volume da edição completa das obras do nosso biographado, em que se contém a *De medicorum principum historia* inserem-se versos latinos de Rosales, uns dos quaes intitulados *Poculum poeticum in Zacutinas laudes*. Nelles se intitula hamburguez, medico philosopho e mathematico, e nesta ultima composição medico hebreu. Neste mesmo volume é publicada uma observação de ulceração da bexiga por elle communicada. [3]

A' frente do segundo volume encontra-se a *Armatura medica: hoc est modo addiscendæ medicinæ per Zacutinas historias, earumque Praxin.*

[1] A dedicatoria do seu *Carmen intellectuale* a João Beverwyck tem a data de Hamburgo, 1 d'agosto de 1639.

[2] Assim o affirma na *præfatiuncula* do seu *Fasciculus trium verarum propositionum.*

[3] Zacuti, *Operum tomus primus. De medicina principum historia*, lib. II, pag. 425.

Ignoramos o fundamento com que Barbosa affirma que alcançou grandes creditos tratando as imperatrizes Leonor e Maria e o principe da Dinamarca, filho de Christiano IV. Talvez a estas circumstancias se deva o facto de Fernando III lhe ter concedido o titulo de conde palatino em 17 de julho de 1647. (1)

Tambem nos são desconhecidas as razões que o levaram a trocar Hamburgo por Amsterdam e depois o fizeram abandonar os Paizes-Baixos para se fixar na Italia. Num manuscripto existente na Bibliotheca nacional acha-se uma carta de Bocarro a Francisco de Sousa Coutinho datada de Leorne de 27 de maio de 1650.

A dedicatoria do seu *Fasciculum trium verarum propositionum* a Cosme III, principe da Etruria, tem a data de Florença, equinoccio do outomno de 1653, mas Bocarro breve voltou a Leorne.

Ahi residia ainda em 1658, como testemunharam perante a Inquisição de Lisboa Gregorio de Pina, conego da Sé de Evora, e Manuel dos Reis de Carvalho, conego da Sé de Coimbra. Segundo os depoimentos conformes d'estes dois ecclesiasticos, em Leorne, visitando a Synagoga, ahi encontraram Manuel Bocarro com quem falaram, e elle lhes declarou que era judeu, embora tivesse para si que os que seguiam a lei de Christo se salvavam tambem. (2)

Affirmam Barbosa e Innocencio que morreu em

(1) No frontispicio do *Fasciculum trium verarum propositionum* (1654), já elle inclue este entre os seus titulos.

(2) Pedro A. d'Azevedo — *A inquisição e alguns seiscentistas* in *Archivo Historico*, III, pag. 462 e 463.

Florença em 1662 e esta data é tambem adoptada por Kayserling na sua *Bibliotheca española portugueza judaica*, embora não fixe a localidade, mas na *Jewish Encyclopedia* diz que elle falleceu em Florença ou em Leorne em 1662 ou 1668.

A lista das obras que se devem a Rosales é a seguinte:

1.ª Tratado dos | cometas qve ap | pareceram em novem | bro passado de 1618. | Composto pello licenceado | Manvel Bocarro Frances, Medico, & Astrologo | natural desta cidade de Lisboa | Dirigido ao illvstrissimo senhor | Dom Fernão Martins Mascarenhas, Bispo & Inqvisidor | Gèral nestes Reynos & Senhorios de Portvgal &. | Com todas as licenças necessarias. | Em Lisboa por Pedro Craesbeeck. Anno 1619 | 4.º de 20 folhas numeradas só pela frente.

2.ª Anacephaleoses da | monarchia | Lvzitana. | Pello doctor... Dirigidos ao senhor della | el Rey N. Senhor. Anno 1624 (tendo ao centro as armas portuguezas). Com todas as licenças necessarias. Em Lisboa. Por Antonio Aluarez. 1624 4.º de 58 folhas numeradas pela frente.

D'este livro se fez nova edição: Lisboa, na Typ. Lacerdina, 1809. 8.º pequeno de 57 paginas e mais 4 innumeradas.

3.ª Status astrologicus. | Anacephalaeosis I. Monarchiae | Lusitanae. | Doctoris Immanuelis Bocarri Frances, | y Rosales. | Olim 10. Mayi, Anni 1624. Ulyssipone, excusi Tractatus. | In quo continentur miranda prognostica, | super Regnorum Hispaniarum, & totius Europae mutationem; | & Virorum Admirandorum, ultimaeq; Monarchiae | praedictionem. | Secunda editio, ab Autore denuó recognitae, & |

latine reddita. Sem indicações de data e logar de impressão, mas Barbosa affirma que saiu em Hamburgo, por Henrique Werner, em 1644. Fol. de 63 paginas.

4.ª Luz pequena lunar e estellifera da Monarchia Lusitana, explicação do primeiro Anacephaleoses impresso em Lisboa 1624. Sobre o principe encuberto e monarchia alli prognosticada: referem-se os versos do qurto Anacephaleoses por que os castelhanos impediram imprimir-se com outros. Roma, sem o nome do impressor, 1626 — 8.º. Affirma Barbosa que esta obra foi publicada por industria de Galileo Galilei.

5.ª Brindis nupcial e egloga panegyrica, representada nas vodas dos senhores Isach e Sara Abas. Hamburgo, 1632 — 8.º (Kayserling).

6.ª Fasciculus | trivm verarvm | propositionvm, astronomicæ, astrologicæ | et philosophicæ, | avctore | Immanvele B. F. Y. Rosales Hebraeo | Med. Doct. S. Rom. Imperij Nobili, & Comite Palat. | Ad Serenissimvm | magnvm Etrvriæ | Principem Heroem, Virumque Admirandum | Cosmvm Tertivm. | Florentiæ, Typis Francisci Honuphry MDCLIV. Superiorum permissu. 4.º de 12 (innumeradas) 108 paginas.

Além dos trabalhos que Rosales deixou nas obras de Zacuto, escreveu tambem: Επος Νοητικου *sive Carmen intellectuale*, em latim, em nove secções, onde ainda se lembra de Zacuto, para o venerar como consummado tanto na philosophia como na medicina, e *Panegyricus in Laudem Eximii... viri Menasseh ben Israel* em louvor do livro *De Termino Vitæ* de Menasseh ben Israel; e uma ode e epigramma em portuguez na *Grammatica* de Moses Abudiente.

Deixou tambem manuscripta a *Verdadera Composicion del mundo mathematico y philosophico.* [1]

Affirma elle ter escripto e imprimido um breve compendio em verso latino sobre os cometas, de que não temos nenhuma outra noticia. [2]

Um dos homens com quem Zacuto mais conviveu em Lisboa foi o seu antigo professor Balthasar de Azeredo. " Depois que te partiste, diz-lhe este annos depois, a minha casa está vasia de erudição e doutrina. A tua presença era ornamento d'ella e estimulo constante para estudo e elucidação de duvidas „. [3]

Devia ser isto depois da aposentação do illustre

[1] A este livro se refere elle nos seguintes termos: Mas a opinião contraria affirmatiua *(de que as estrellas e planetas têm influencia sobre o mundo exterior)* he mais seguida & verdadeira, como eu mais largamente prouo nos meus comentarios da verdadeira composição do mundo. (*Anacephaleoses*, pag. 40 v.).

[2] Defendilhe contra a comum toda a composição dos Ceos, pois lhe (a D. Balthasar de Cuniga) proney que não erão feitos da quinta essencia Aristotelica, senão elementares, & corruptiueis, & que não auia orbes reais, & verdadeiros, porque as estrellas, & Planetas se mouião por si somente naquella continnidade aerea, que chamão Ceo: reprouei-lhe a composição dos elementos, que Arist. affirma: pois mostrey que não auia região de fogo sob o concauo da lua, & que auia somente hua região do ar continua daqui ate o Ceo Empyreo: gostou tanto Sua Excelencia de me ounir, que me obrigou a fazer-lhe de tudo hum breue compendio em verso latino que logo imprimi, & lhe mandey. (*Anacephaleoses*, pag. 28 e 28 v.).

[3] *Post discessum tuum ab hac urbe, Museum meum relictum est vacuum eruditione et doctrina: nam illud præsentia tua ornabas, et me, etsi militem veteranum, profitendique munere jam defessum, ad dubia ardua dissolvenda instigabas*... (Carta de Lisboa, 10 d'outubro de 1634, no 1.º vol. das obras de Zacuto).

professor, e quando já elle exercia as elevadas funcções de physico-mór.

Encontramos tambem a indicação em Zacuto de um illustre cirurgião, Guilherme, que assistia no Hospital dos militares espanhoes. Com esta simples designação refere-se elle a Francisco Guilherme Casmak. Affirma Barbosa Machado que este illustre cirurgião nasceu em Lisboa a 4 d'outubro de 1569, sendo filho de Nicolau Guilherme, normando de nação, e de Catharina Manrique Casmak. Estudou humanidades no collegio dos jesuitas e a medicina em Paris e Salamanca. Na sua *Relação cirurgica*, intitula-se elle cirurgião de Elrey Nosso Senhor e do Hospital Real em que se cura a infantaria hespanhola, e no *Almanach prototypo*, cirurgião de numero delrey e das pessoas reaes. Affirma elle que desde 1590 estabelecera residencia em Lisboa, o que não está em harmonia com um documento existente no Archivo Municipal de Lisboa, que o dá como exercendo a clinica naquella cidade apenas desde 1607. Nesse diploma diz-se que elle prestara relevantes serviços por occasião daquellas epidemias então designadas pelo nome de peste, e attesta a municipalidade o elevado conceito em que o tinha, pois affirma que " a sua muita experiencia, ajudada de letras e de boa fortuna que tem em todas as suas curas, tem adquirido tal estimação neste povo que se tem pelo primeiro homem da sua profissão ". [1]

[1] Carta da Camara a el-rei em 22 de dezembro de 1637. Oliveira — *Elementos para a historia do municipio de Lisboa*, IV, pag. 313.

Francisco Guilherme Casmak

Reducção do retrato que acompanha alguns exemplares do *Almanach prototypo*, gravado por Peter de Jode. Foi-nos communicado pelo snr. A. Fernandes Thomaz.

A mesma opinião formavam delle os medicos seus contemporaneos. Fr. Manuel d'Azevedo, falando dos poucos fundamentos de saber que tinham os cirurgiões do seu tempo, opina que, se elles fossem como um Francisco Guilherme e outros que aprenderam a cirurgia em universidades, assim como o latim e a philosophia, ficando assim habilitados a lêr alguns livros de medicina, deveria admittir-se-lhes o voto em conferencias e permittir a exploração do pulso. ([1])

Duarte Madeira Arraes, que tinha sido seu condiscipulo na Universidade de Salamanca, tambem o considerava um insigne cirurgião. ([2])

A attestar os seus meritos deixou Casmak na sua *Relação cirurgica* ([3]) a observação de um caso clinico de fractura complicada do ante-braço que, tendo acarretado a gangrena do membro, reclamou a amputação. O paciente era Tristão da Cunha de Mello e Atayde, commendador de Soure e de S. Cosme, senhor das villas de Povolide, de Castro Verde, da Serra da Estrella e do logar de Paradella. A ferida foi pensada com clara d'ovo e agua temperada de vinagre, methodo curativo de que zombavam, no dizer do auctor, os cirurgiões estrangeiros. Mais tarde foi polvilhada com sublimado e curada com fios seccos.

([1]) Fr. Manuel de Azevedo — *Correção de abusos*, I, Lisboa, MDCLXXX, pag. 455.

([2]) *Novæ philosophiæ et medicinæ De qualitatibvs occvltis a nemine vnqvam excultæ* — Lisboa, 1650, pag. 600.

([3]) *Relaçam chyrurgica de hvm cazo grave de qve svccedeo mortificarse hvm braço, & cortarse com bom successo* — Em Lisboa. Por Geraldo da Vinha. Anno 1623.

Curiosas são as informações que se colhem deste pequeno livro sobre o exercicio clinico no seculo XVII. A uma conferencia que se fez ao doente assistiram cinco medicos, cinco cirurgiões e um algebrista. Numa outra conferencia, ainda estiveram presentes mais dois facultativos. Entre elles contavam-se o illustre cirurgião Antonio da Cruz e Simão Delgado, ambos do Hospital Real de Todos os Santos.

Casmak apresenta-se neste opusculo como um cirurgião de valor. Por vezes até se mostra superior aos preconceitos do seu tempo. Assim, tratando da pedra bazar e noticiando que acreditavam na sua efficacia todos os arabes e muitos modernos como Garcia da Orta, Amato Lusitano, Laguna, Mattiolo, Sylvatico, Mercado e outros, escreve com singeleza: "Porém espantado estou de lêr estas maravilhas que dellas escrevem e das poucas que no tempo presente vêmos, porque ha trinta e três annos que uso della nesta cidade de Lisboa, aonde assisto e a vi ministrar infinitas vezes a medicos doutissimos em tempo de peste e sem ella e nem a elles ouvi nem vi do uso da dita pedra coisa notavel nem effeito maravilhoso". (1) Todavia, Casmak não conclue, como poderia julgar-se, pela inutilidade do seu emprego. Julga que a variedade dos seus effeitos resulta de que provêm de animaes diversos.

Casmak era dado tambem á astronomia, como o demonstra o seu *Almanach prototypo* que saíu á luz em 1644. (2)

(1) *Relaçam chyrurgica*, pag. 36.

(2) *Almanach prototypo e exemplar de pronosticos*. Em Lisboa. Por Paulo Craesbeeck, & á sua custa.

No hospital da infantaria espanhola de que era cirurgião Casmak, viu Zacuto um caso notavel. Tratava-se d'um rapaz novo que desde a puericia era acommettido de dôres renaes. Estas dôres foram-se aggravando, sobrevindo magreza extrema, febre, sêde, ardor na região lombar, constipação rebelde do ventre, e insomnia pertinaz. Por ultimo, manifestou-se um fastio extremo e morreu. Então o cirurgião Guilherme dissecou o cadaver na presença de medicos eruditos e de muitos homens illustres, e procurada a região onde o doente dizia sentir como que uma faca aguda ou um cutello, encontrou-se num e outro bacinete vermes gordos, vivos, do tamanho de meio dedo indicador. (1)

As frequentes viagens dos portuguezes offereciam a Zacuto excellente occasião de estudar as propriedades de differentes producções exoticas. Assim se encontram na sua obra informações valiosas sobre esses productos, e nomeadamente sobre os de proveniencia brazileira.

Soccorrendo-se da auctoridade de João de Barros, refere-se a um chefe indio que na guerra usava no braço uma manilha d'oiro em que estava encastoado um osso d'um animal chamado *Cabal* que tinha a propriedade de estancar o sangue das feridas, logo que estas fossem tocadas por elle. (3)

Narrando as maravilhosas propriedades que nos

(1) Zacuti, *Operum tomus secundus — Praxis historiarum*, obs. VI, pag. 442 e 443.

(2) Decada 2.ª, lib. VI, cap. 2.

(3) Zacuti, *Operum tomus primus*, lib. I, pag. 39.

seculos XVI e XVII se attribuiam ao unicornio, relata que um portuguez, Luiz Rodrigues, vira sete destes animaes proximo do templo de Meca. ([1])

Conseguiu colher e publíca a formula do *cachunde* que obtivera de medicos que haviam exercido a clinica na India e na China e refere que os potentados destas regiões o usavam, conservando na bocca pequenas particulas desta substancia á maneira de rebuçados. Della se faziam pequenas figuras que os mercadores levavam a varias plagas do mundo e principalmente a Lisboa, "celeberrimo emporio de todo o orbe„. ([2])

Na India oriental, no reino das Molucas e na ilha de Amboina, nasce uma raiz chamada tambem amboina, semelhante ao gengibre na côr, sabor e cheiro. Esta substancia, de notavel adstringencia, é um valioso e seguro remedio contra a hydropisia. ([3])

Dá noticia do maracujá-açu, a que attribue propriedades alixipharmacas, se bem que inferiores ás do cardo bento. A sua efficacia manifestar-se-hia sobretudo na peste e nas febres malignas e ardentes. ([4])

Descreve pela primeira vez o côco das Molucas que trinta e quatro annos antes tinha sido trazido a Lisboa por mercadores lusitanos, e que era distincto do côco das Maldivas. ([5])

Dá noticia dos caimans da America, embora exaggerando-lhe as proporções e damnos, affirmando que

---

([1]) Zacuti, *Operum tomus primus*, lib. I, pag. 73.
([2]) Id., pag. 74. — Id., lib. II, pag. 201.
([3]) Id., lib. II, pag. 401.
([4]) Id., lib. IV, pag. 777.
([5]) Id., lib. IV, pag. 777.

alguns delles attingem vinte e quatro pés de compridos, e podem devorar um cavallo inteiro com o respectivo cavalleiro, da mesma sorte que são capazes de subverter grandes navios. ([1])

Refere-se á situação geographica das ilhas de Cabo Verde, affirmando que della resulta uma grande egualdade de temperatura, que é sempre elevada, e informa que os negros habitantes chegam a edades provectas, não sendo raros os sexagenarios. ([2])

Aconselha como do maior proveito para dissolver e partir os calculos vesicaes a agua destillada de ananaz, baseando-se em que o fructo verde corróe o ferro. Era isso affirmado pelos mercadores hollandezes e pelos nossos lusitanos que tinham tracto com o Brazil. ([3])

Ao genipapo, outro fructo brazileiro que se encontra principalmente em Pernambuco, attribue a virtude de tingir de negro o cabello. Usava-se o succo expresso que tinha a virtude de o fazer nascer. ([4])

Na mesma região encontravam-se aranhas de grande tamanho e de notaveis propriedades peçonhentas. As suas cheliceras (?) são de precioso auxilio para combater as dôres de dentes. ([5])

Do novo mundo, da provincia de Potosi e de uma localidade chamada Lipis, vinha uma pedra saphirina,

---

([1]) Zacuti, *Operum tomus primus*, lib. IV, pag. 875.

([2]) Id., Lib. VI, pag. 963.

([3]) Zacuti, *Operum tomus secundus — Praxis historiarum* lib. II, pag. 441.

([4]) Id., *De praxi medica admiranda*, lib. I, obs. I, pag. 1.

([5]) Id., lib. I, obs. LXXXIV, pag. 20.

durissima, a que se chamava *Lapis lipis*. Era muito adstringente, e apparecia no mercado reduzida a laminas que tinham o aspecto do anil. Dissolvida em agua, era excellente topico para as feridas. ([1])

Tambem do Brazil provinha uma planta que crescia nos montes altos e asperos parecida com a tanchagem e cuja raiz era semelhante na côr e na fórma á chicoria. Esta planta era dotada de propriedades anti-hemorrhagicas. Chamavam-lhe os portuguezes *Raiz da serra*. ([2])

Mais interesse offerece a noticia que dá do cacau e do chocolate, que é uma primeiras que se conhecem. Affirma que em toda a provincia do Perú, no reino do Mexico, nasce uma arvore semelhante ao pecegueiro, de cuja casca surgem fructos semelhantes a um pequeno pepino, de côr vermelha, lisos e insipidos, em cujo meditullio se encontram sementes vermelhas, semelhantes a favas, que constituem o cacau, nome que tambem se dá á arvore que o produz. Dessas sementes torradas ao sol e trituradas faz-se uma farinha que, misturada com pimenta, cravo e semente d'aniz, assim como o pó de uma raiz semelhante ao aipo e chamada *bainha de cacau*, e com a addicção de assucar e pouca agua faz-se uma especie de papas que engrossadas ao lume constituem o chocolate. Os ricos, os nobres e os amantes da saude juntam-lhe ambar e almiscar. Esta confecção é usada assiduamente na America para corroborar o estomago, e nem mesmo os pobres deixam de a tomar.

([1]) Zacuti, *Operum tomus secundus — De praxis medica admiranda*. lib. I, obs. LXXXIX, pag. 21.

([2]) Id., lib. I, obs. CXXVIII, pag. 33.

Trazido á Europa e primeiro que a qualquer outra parte a Sevilha, o seu uso generalizou-se na França, na Italia e na Inglaterra. (1)

Julgamos que é Zacuto o primeiro que dá informações sobre a cola que nasce na Guiné e que nos descreve como um fructo da fórma e do tamanho de uma castanha, de côr vermelha clara e de sabor algum tanto amargo. Attribue-lhe propriedades antipyreticas, sobretudo se fôr dada em agua de endivia. (2)

Menciona tambem uma especie de junco, originario do Peru, e a que os indigenas chamavam *icho*, cujo fumo provoca a eliminação do mercurio que não tenha sido expulso pela saliva. (3)

Volta a occupar-se do maracujá-açu que se encontra em todo o Brazil, mas especialmente perto da cidade de Pernambuco, proximo do curso dos rios e das fontes. A planta que o fornece é arborea, semelhante á videira, de folhas parecidas com as da hera, e attinge proporções que lhe permittem resguardar do sol muitos homens juntos. O fructo, quando maduro, é um pouco maior que um ovo de gallinha, de superficie lisa, côr verde escura, semelhante a uma noz verde. Cortado a meio, tem no centro um humor mucoso, acido, odorifero, com um nucleo pequeno que os dentes podem triturar. A casca é molle e póde preparar-se com assucar. A polpa tambem se come depois

(1) Zacuti, *Operum tomus secundus — De praxis medica admiranda*, lib. II, obs. VII, pag. 42.

(2) Id., lib. II, obs. XLVI, pag. 52.

(3) Id., lib. II, obs. CXXXVII, pag. 75.

de coberta com assucar. Zacuto considera o maracujá como um antidoto excellentissimo contra as febres, e de notavel efficacia para fortificar o coração, temperar o calor do figado, refrigerar os rins, deminuir o fogo dos orgãos genitaes, modificar as funcções da pelle e curar a esterilidade procedente do calor. [1]

Na provincia occidental de Squilaque, perto da cidade chamada Burgos, existe um animal pequeno semelhante a um lagarto, frequentissimo nos campos, chamado vulgarmente *guarit*, cuja mordedura é muito venenosa. Contra os effeitos da mordedura, são excellente remedio as fezes do mesmo animal. [2]

Attribue grandes virtudes para combater a embriaguez a uma especie de gomma da India oriental chamada pelos indigenas *lakeka*. [3]

Para fazer desapparecer as manchas negras que ás vezes deixa no rosto a syphilis, preconiza o decocto de uma arvore que cresce no Brazil e muito semelhante á aroeira, a que dá o nome de *coqual*. [4]

Algumas informações de interesse fornece Zacuto a proposito de Lisboa. Por causa da sua situação geographica e da sua elevação polar que é analoga á de Roma, é curta a duração da vida humana na capital do reino e ainda menor do que naquella cidade. Em Roma poucos são os habitantes que passam além dos sessenta annos, e em Lisboa ainda menos.

---

(1) Zacuti, *Operum tomus secundus — De praxis medica admiranda*, lib. III, obs. XXVII, pag. 101.

(2) Id., lib. III, obs. XCIII, pag. 117.

(3) Id., lib. III, obs. CXXVII, pag. 135.

(4) Id., lib. II, obs. LXXVII, pag. 18.

A sua temperatura expõe os seus moradores a toda a especie de catarrhos. ([1])

Para esta mortalidade excessiva concorre muito a frequencia da tysica. Das qualidades do solo e das propriedades do ar, crasso e nevoento, resulta que em Portugal a doença é extremamente frequente em montes e valles. Note-se que Zacuto admitte a curabilidade da tysica e sobretudo a sua prophylaxia, tratando os predispostos por meio d'um regimen apropriado. ([2])

A's qualidades do ar dá egualmente o medico judeu um papel importantissimo, senão na cura, pelo menos no prolongamento da vida dos tuberculosos. Palmella, pelo seu ar secco e pela grande quantidade de pinheiros que alli crescem, convinha-lhes muito. Tanto elle, Zacuto, como os mais peritos medicos de Lisboa, para ahi transferiam os seus doentes de affecções pulmonares e tinham que applaudir-se d'esta resolução. Em uns abrandava a tosse, mas noutros, que ahi se demoravam por annos, ou se formava uma crusta que tolhia a repetição das hemoptyses, ou mesmo um *callo endurecido* que os permittia considerar curados. Quando, pelo contrario, as hemoptyses se repetiam, chegavam rapidamente á consumpção. ([3])

Sublinhamos as palavras callo endurecido, para que se veja que Zacuto conhecia bem o processo curativo das lesões pulmonares por esclerose.

([1]) Zacuti, *Operum tomus primus. De medicorum principum historia*, lib. VI, pag. 963.

([2]) Id., lib. II, pag. 245.

([3]) Zacuti, *Operum tomus secundus — Praxis historiarum*, lib. II, obs. II, pag. 377.

Zacuto defende os clinicos portuguezes e espanhoes da accusação que lhes tinha feito Rodrigo da Fonseca de serem sequiosos e ávidos de sangue, pela frequencia com que aconselhavam e praticavam a sangria, não recuando em a recommendarem em creanças de quatro e seis mezes. O illustre medico não contradizia a affirmação, nem o podia fazer num paiz onde chegara a estabelecer-se como proverbio que em Lisboa não havia sangria má, nem purga boa. (1) A sua defeza consiste em affirmar, com Celso, que os methodos therapeuticos variam com os logares e que se não podem empregar indifferentemente em Roma, no Egypto ou em França. Ora quasi todas as doenças em Portugal derivam da grande abundancia de sangue, resultante da uberrima alimentação dos seus naturaes, assim como da temperatura do solo e do ar, e a pratica de muitos medicos demonstrava as vantagens da subtracção de sangue. Pela mesma razão, na India oriental e occidental, em todo o Brazil, assim como no reino de Valencia, a sangria era largamente praticada pelos medicos e em todas estas regiões os que pelo contrario eram timidos na sua applicação comprometiam gravemente os seus doentes. (2)

Mais tarde, voltou a occupar-se do mesmo assumpto a proposito da sangria na variola. Recommendava-a Avicena, e com a sua opinião se tinham conformado os medicos de todos os paizes que haviam

(1) Fr. Manuel de Azevedo, op. cit., pag. 208.

(2) Zacuti, *Operum tomus secundus. De medicorum principum historia*, lib. I, pag. 143.

escripto a respeito de exanthemas: espanhoes, portuguezes, italianos, francezes, inglezes e allemães. Deste modo de vêr se afastavam os que exerciam nos Paizes-Baixos, *in nostro Belgio*, que, apesar de doutissimos e experimentadissimos, censuravam acremente este procedimento. Zacuto persistia na opinião tradicional, e tanto nos portuguezes que estavam habituados á sangria, como nos proprios belgas de qualquer idade, sexo ou condição que fossem, se applaudia do seu emprego. ([1])

Zacuto não foi, como Amato, um viajante infatigavel dentro da sua patria. Muito pelo contrario, não se encontra nas suas obras, além de Coimbra, de Lisboa e de Palmella, para onde, como acabamos de vêr, mandava os seus tuberculosos, outra indicação de qualquer localidade onde tivesse permanecido, ou apenas passasse, senão Villa Viçosa.

Quanto á formosa povoação alemtejana, dá-nos elle noticia da morte de D. Antonio, filho do duque de Bragança, dizendo que este principe foi envenenado por meio dum ramo de flôres, e que a morte sobreveiu quatro horas depois da propinação do veneno. ([2]) Não pudemos saber quem era este principe, e inclinamo-nos a crêr que haja confusão de Zacuto.

Refere-nos tambem que ahi habitava um homem riquissimo cuja mulher, impressionada por ter visto durante a gestação uma pintura d'um unicornio, deu

([1]) Zacuti, *Operum tomus primus. De medicorum principum historia*, lib. IV, pag. 780.

([2]) Zacuti, *Operum tomus primus. De medicorum principum historia*, lib. V, pag. 796.

á luz uma creança que tinha na fronte um nodulo largo e duro que com os progressos da idade foi crescendo, de maneira que veiu a formar uma especie de corno de meio palmo de comprimento, mais duro na ponta que na base. O portador da monstruosidade nunca se quiz sujeitar á extracção do tumor que, aliás, medicos e cirurgiões reputavam não dever ser seguida de consequencias funestas. Deu-se ao estudo litterario e fez progressos notaveis na philosophia. ([1])

Affirmam Paquot e Banga que por 1625 recrudesceu a perseguição aos conversos e por isso Zacuto se viu obrigado a abandonar a patria. Não era preciso tanto. Bastaria que á inquisição se tornasse suspeito.

Os motivos que o forçaram a emigrar estão bem patentes nas suas obras e na biographia escripta por Luiz de Lemos.

Zacuto escreve: *Nam hebræus sum et peregrinus qui deserens Lusitaniam et patriam Olysipponem, crebrioribus ætumnarum, ætatisque longæve procellis, huc illucque, Euripi modo, agitatus, uberiores fructus edere non potui.* ([2])

Luiz de Lemos refere-se ás vexações a que estavam sujeitos os israelitas *sob o dominio d'um principe atroz* e claramente affirma que Zacuto se quiz subtrahir a esses vexames.

Nada ha n'estas affirmações que surprehenda. O

([1]) Zacuti, *Operum tomus secundus. Praxis medica admiranda*, obs. XCVII, pag. 118.

([2]) Zacuti, *Operum tomus primus. Peroratio*, pag. 984.

que espanta é que elle pudesse residir tanto tempo em Lisboa sem ser inquietado.

Banga informa-nos que o nosso compatriota vagou incerto antes de chegar á nobre cidade hollandeza. Tambem se nos afigura assim. Por essa epocha muitos portuguezes solicitaram licença para se ausentarem para Espanha e nas obras de Zacuto ha referencias a individuos que tratou na vizinha nação. Um, entre elles, lhe merece especial menção, um senador portuguez na côrte de Madrid que fôra acommettido por uma colica que foi tratada pelos medicos mais illustres. A intervenção do nosso emigrado vê-se que foi meramente fortuita. ([1])

Julgamos provavel portanto que Zacuto se transferisse a Espanha e dahi passasse a Amsterdam.

O medico judeu tinha então 50 annos. Casara e ao exilio acompanhavam-n'o a mulher, três filhos e duas filhas. ([2]) Deixava em Lisboa, como dissemos, a velha mãe viuva e duas irmãs.

Saudades do torrão natal e da familia amarguraram-lhe ainda as incertezas do futuro. Animo, peregrino! A gloria que ha-de aureolar o teu nome nunca a conquistaras na tua intolerante e fanatizada patria!

([1]) *Mihi fortè per plateam ambulanti et ab hospitio in quo habitabam decedenti, Lusitanus juvenis factus est obviam, rogatque obnixè, ut ad ægrum invisendum accedam, quod libenter feci.* (*Operum tomus secundus. Praxis medica admiranda*, lib. II, obs. XXIX, pag. 48).

([2]) E' o que consta da denuncia de seu sobrinho Salvador das Neves, doc. n.º 4 em appendice.

CAPITULO V

Zacuto na Hollanda — Amsterdam no seculo XVII — Os judeus peninsulares: resenha da sua actividade — Menasseh ben Israel

Em 1625, chegava portanto Zacuto á populosissima cidade de Amsterdam. [1]

O qualificativo é delle, mas não se creia que a capital economica da Hollanda fosse, no primeiro quartel do seculo XVII, coisa parecida com o que hoje é.

---

[1] Luiz de Lemos, dizendo que Zacuto se formou aos 21 annos em Siguenza, o que vem a deitar a 1596, e que exerceu a clinica em Portugal por trinta annos, leva a fixar em 1626 o estabelecimento de Zacuto na cidade cortada pelo Amstel. Mas Barbosa Machado affirma, embora não cite a origem da informação, que elle se circumcidou em Amsterdam em 1625. Esta data é a que adoptamos, baseando-nos no proprio testemunho de Zacuto quando escreve: *Annus agitur duodecimus, si rectè recordor, quo ad hanc populosissimam civitatem Amstelodamensem... accessi* (Zacuti, *Operum tomus primus. De medicorum principum historia*, lib. IV, hist. LIV, pag. 781). Isto era escripto, o mais tardar, em 1637, data que tem o volume da edição do livreiro Henrique Laurentius.

A sua população não era superior a 100:000 almas (1622), isto é, pouco mais ou menos a quarta parte dos seus actuaes habitantes. Os acontecimentos a que havia de dever a sua prosperidade e engrandecimento vinham mais ou menos distantes.

Amsterdam não é uma cidade de velhos pergaminhos nobiliarchicos. A sua origem é modesta e moderna. No seculo XIII era uma pobre aldeia de pescadores que alli construiram as suas mesquinhas cabanas. Por 1204, um nobre de nome Gilberto que vivia em Ouderkerk, a 7 kilometros das pescarias, construiu alli um castello. Em 1235, apparece pela primeira vez o nome de Amsterdam numa carta do conde Florencio IV, que isenta a pequena povoação de certos impostos. Em 1290, o conde Florencio V dá-a como feudo a um dos seus barões. Em 1296, o conde da Hollanda, Guilherme III, reune-a aos seus dominios. Em 1340, Guilherme IV dá-lhe uma constituição municipal. Começa então Amsterdam a ganhar importancia: é frequentada pelos marinheiros da Hansa, adherindo em 1369 á liga formada por ella. Dá asylo aos mercadores emigrados das Flandres e do Brabante e apresenta já o caracter sympathico de cidade de refugio que devia conservar até ao seculo XVIII. Em 1482 cerca-se de muralhas e fortificações. Sob o dominio espanhol e por occasião das luctas sustentadas pela Hollanda em favor da sua independencia, Amsterdam representou um papel áparte que ainda não vimos sufficientemente esclarecido. Foi a unica cidade que de 1572 a 1578 se manteve fiel á Espanha e se oppoz á Reforma. Todas as tentativas feitas pelo principe d'Orange para a

chamar ao partido nacional mallograram-se d'encontro á obstinação das auctoridades civis que, por outro lado, apesar da pacificação de Gand (1576), repelliam energicamente o protestantismo. Todavia, em 15 de janeiro de 1578, concluiu-se um arranjo amigavel, a *Satisfacção d'Amsterdam*, na qual se reconhecia a supremacia nominal da religião catholica e a tolerancia pelo culto reformado. Mas, apesar dos progressos rapidos do protestantismo, os magistrados, todos catholicos, resistiam ainda, e para que cedessem foi precisa uma revolução municipal. Em 28 de maio de 1578, foram expulsos, assim como um grande numero de religiosos e senadores. Desde então, Amsterdam, completamente devotada á Reforma, participou da politica geral da Hollanda. Rapidamente, a sua população augmenta. De 1585 a 1595, o territorio duplica; Antuerpia recáe sob o dominio espanhol e muitos habitantes, principalmente commerciantes, abandonam-n'a para se virem estabelecer em Amsterdam. ([1])

E' nesta altura da historia de Amsterdam que Zacuto nella vem residir.

A situação dos judeus nesta cidade merece alguma attenção. Não existem provas da existencia de hebreus em Amsterdam antes da ultima metade do seculo XVI. Quando ella adheriu á União de Utrecht (1597) que, entre outras providencias, acabou com as perseguições religiosas, os marranos portuguezes fixaram a sua esperança em Amsterdam e os primeiros que para ella vieram chegaram em 1593. Eram Ma-

([1]) *La Grande Encyclopedie*, art. AMSTERDAM.

nuel Lopes Pereira, sua irmã Maria Nunes e seu tio Miguel Lopes. Não foi prospera a viagem, pois que foram capturados por piratas inglezes e levados a Londres. Mal se tinham feito novamente de véla para Amsterdam, uma tempestade arrastou-os das costas da Frisia Oriental para Emden. Então o rabbi Moses Uri Levi prestou-lhes auxilio para o seguimento da viagem e breve se lhes foi juntar para os receber de novo na religião judaica. Dentro em pouco se seguiram outros judeus portuguezes, na maior parte parentes dos primeiros immigrantes.

No dia da expiação de 5357 (2 d'outubro de 1596) reuniram-se para orar, provavelmente pela primeira vez, em casa de D. Samuel Palache, embaixador do imperador de Marrocos nos Paizes-Baixos. Eram apenas dezeseis. Pouco depois foi construido um templo, chamado Beth Jacob, do nome dum dos seus fundadores, Jacob Tirado, e consagrado no dia do anno novo de 5358 (1597). Prégou Moses Uri Levi em allemão e seu filho Aarão ha-Levi (nascido em 1578) traduziu o sermão em espanhol. Os rabbis desta synagoga foram José Pardo (em funcções desde 1597 até 1619) e Moses ben Aroyo (desde 1597 até á sua partida para Constantinopla). Em 1616 occupava este cargo Saul Levi Morteira. Nos archivos da cidade de Amsterdam, a mais antiga data até hoje encontrada relativamente aos judeus portuguezes é a de 28 de novembro de 1598, em que foi registada a participação do projectado casamento de Manuel Lopes Homé com a mencionada Maria Nunes. A communidade depressa cresceu com a chegada de refugiados de Portugal e do sul da França; e uma

synagoga foi aberta por Isaac Franco Medeiros em 1608, com o nome de Neve Salom. Os seus primeiros rabbis foram Judah Vega (que serviu desde 1608 até á sua partida para Constantinopla); Isaac Usiel de Fez (1610-1622) e Menasseh ben Israel (1622), a quem em breve nos referiremos com mais detenção.

Motivos tinha Amsterdam para se applaudir do acolhimento feito aos judeus. A Hollanda era, naquelle tempo, uma região pobrissima, e os marranos portuguezes e espanhoes levaram-lhe grandes riquezas. Tomaram parte em empresas maritimas e desenvolveram o commercio, e não só a cidade se ampliou com o seu dinheiro, mas augmentou egualmente em riqueza intellectual. As varias instituições congregacionaes eram carinhosamente protegidas. A communidade portugueza estabeleceu um primeiro cemiterio em Groede em 1602. Em abril de 1614 obtinha outro cemiterio em Ouderkerk, sobre o Amstel, que ainda está em serviço. Mas ao cabo de uma tranquilla existencia de dois annos, a congregação Neve Salom foi perturbada por dissenções entre os seus membros. Severas reprehensões pelo hakam Usiel nos seus sermões e differenças de opiniões concernentes a diversas materias rituaes alienaram-lhe grande numero delles que, sob a direcção de David Bento Osorio, formaram uma terceira congregação chamada Beth Israel (1618). Os seus rabbis foram David Pardo, Samuel Tardiola e Isaac Aboab da Fonseca.

As praticas religiosas eram tacitamente permittidas pelos magistrados da cidade. Durante as contestações entre os remonstrantes e contra-remonstrantes, frequentes referencias se fizeram á liberdade de culto

de que gosavam os judeus. Por este motivo os Estados geraes nomearam uma commissão para organizar estatutos relativos aos israelitas (1615) e uma decisão da cidade datada de 8 de novembro de 1616 prohibiu-lhes que falassem em publico contra a religião christã e que publicassem qualquer coisa contra ella, vedando tambem o casamento entre christãos e judeus. Pelo mesmo tempo foram estabelecidas fórmas especiaes de juramento para estes ultimos, em lingua espanhola. O resultado da conferencia foi uma resolução (1619) que concedia a cada cidade direito de fazer regulamentos proprios concernentes aos judeus.

Como acima ficou dito, os judeus portuguezes fundaram três congregações. Quando, no começo da quarta decada do seculo XVII, numerosos individuos que seguiam a religião hebréa vieram para Amsterdam, os de Espanha e Portugal trabalharam por estabelecer união entre elles e ao cabo de longas negociações consolidaram-se as três congregações (1638). A synagoga Beth Jacob foi vendida; a de Beth Israel foi remodelada e transformada numa escola (Talmud Tora) e a de Neve Salom foi conservada como templo commum. Foi proclamada nesta synagoga uma constituição de quarenta e dois artigos que tinha recebido a sancção das auctoridades da cidade (1638). [1]

Abria-se agora um periodo de quietação e progresso. A congregação tornou-se um foco para que convergia toda a actividade litteraria e scientifica do judaismo.

---

(1) *The Jewish Encyclopedia*, art. AMSTERDAM.

O estudo dos monumentos dessa actividade reclama outra penna que não a nossa para ser posta em relevo. O assumpto é cheio de difficuldades, tanto mais que em Portugal e Espanha nos não consta que se lhe tenha dado a attenção devida. E todavia merece-a por todos os motivos e principalmente porque, se essa actividade reflecte, como não podia deixar de reflectir, as correntes geraes de desenvolvimento das ideias e traduz a influencia do meio, é principalmente uma expansão do movimento peninsular. Os judeus não são hollandezes, mesmo quando já lhes foi berço o admiravel paiz do norte; são exilados que a todo o momento manifestam a sua saudade pela patria originaria, acompanham de longe o seu desenvolvimento e vangloriam-se da sua origem, como se dentro da propria raça constituissem uma aristocracia. Se as suas palavras por vezes traduzem amargura, são passageira expressão da dôr e do desespero que lhes causava a violencia com que haviam sido tratados. Quando Menasseh ben Israel, ao receber na synagoga de Amsterdam o principe de Orange Frederico Henrique, lhe dizia em nome da communidade que elles já não conheciam Portugal e a Espanha por patria, mas a Hollanda, e não acceitavam por senhores os reis de Castella, mas os nobilissimos Estados neerlandezes, o douto rabbino apenas queria expressar a gratidão que a sua raça devia a um principe cujas armas victoriosas a protegiam e amparavam. (1) Afóra essas fugidias manifestações de jus-

(1) *Gratrlação de Menasseh ben Israel em nome de sua nação, recitada em Amsterdama aos XXII de Mayo de 5402*, pag. 7.

tificado resentimento, os judeus peninsulares consideravam-se em paiz estrangeiro, e todo o seu affecto ia para o seu distante e descaroado torrão. Ainda hoje, nas orações portuguezas que diariamente se recitam na sua synagoga, se descobrem vestigios deste modo de sentir.

"Llevaron de acá, diz Gonzalo de Illescas, nuestra lengua, y todavia la guardan y usan della de buena gana..." [1], comprehendendo que emquanto a conservassem ainda pertenciam á patria que tão ingrata era para elles.

Das poucas obras de judeus peninsulares que tivemos ensejo de examinar, colhem-se os nomes de grande numero de homens notaveis que a Amsterdam se haviam acolhido: medicos, theologos, poetas, sabios, além de negociantes illustrados e ricos que promoveram o desenvolvimento da litteratura e das sciencias em todos os seus ramos. Kayserling cita-nos, entre estes, membros das familias dos Pintos, dos Belmontes, dos Suassas, dos Castros, dos Andrades, dos Teixeiras, que foram favorecedores da cultura judía. Os irmãos Pereiras, de origem espanhola, fundaram a yessiba ou academia que teve Menasseh ben Israel á sua frente. Deve-se aos judeus peninsulares a introducção da imprensa hebraica em Amsterdam. Ao lado de Menasseh, que foi o primeiro que estabeleceu uma typographia naquella cidade, de onde saíu o primeiro livro hebreu em 1 de janeiro de

[1] Cit. por Kayserling — *Aperçu sur la litterature des Juifs Espagnols* in *Biblioteca española-portugueza-judaica* — Strasbourg, 1890.

1627, e de seus filhos Samuel Abarbanel Soeiro, ou Samuel ben Israel Soeiro, e José ben Israel, que falleceu na flôr da edade ([1]), vêm enfileirar-se José Athias, David de Castro Tartas, Jacob de Cordova, Mosch Dias e Mosch Coutinho, que publicaram trabalhos perfeitos e apreciados. Os caracteres typographicos eram tão bellos que muitas officinas estrangeiras procuravam imital-os empregando "typo de Amsterdam".

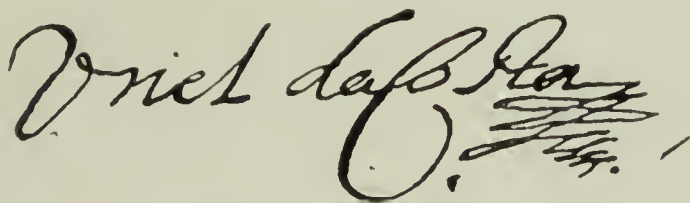
Como Menasseh, havia livreiros que eram simultaneamente escriptores e editores. Judeus portuguezes e espanhoes encontravam collocação nos seus estabelecimentos como revisores. Os primeiros trabalhos impressos foram traducções da Biblia ([2]), de livros de

([1]) Menasseh ben Israel — *Tercera parte del Conciliador* — Amsterdam, 5410 (1650) — *Al lector*.

([2]) A. Ribeiro dos Santos informa que foram cinco as edições hollandezas da Biblia hebraica: 1.º A de 1631, feita por Menasseh ben Israel, e na sua officina, 1 volume em 8.º, á custa de Henrique Lourenço (Laurentius); 2.º A 2.ª edição, de 1635, tambem feita por Menasseh e egualmente á custa do mesmo livreiro; 3.º A 3.ª edição, feita tambem em Amsterdam, á custa de Jansonio, ainda por Menasseh, em 1639; 4.º Outra edição feita no mesmo anno e na mesma officina e revista egualmente por Menasseh; 5.º A edição de 1661, feita por José Athias e por outros judeus que com elle concorreram.

Tambem em Amsterdam se fizeram quatro edições da Biblia Espanhola Ferraresca em que trabalharam os judeus portuguezes: A primeira foi de 1611, in-folio. E' copia do original ferraresco de 1553 e com o mesmo titulo, trazendo no reverso da portada a mesma dedicatoria de Abraham Usque e Yom Tob Atias a Gracia Nassi, mas com este remate: *A loor y gloria del Dio fue reformada la impression Ferraresca sin mudar letra de su original, em Amsterdão. A 20 de Yiai, 5371.* A segunda foi feita com caracter romano em 1630 in-folio, tambem com o mesmo titulo da de Ferrara, mas com a seguinte nota no fim: *A loor y gloria del Dio fue reformada a 25 de*

orações, da Mischna, e particularmente do tratado que os judeus usam nas ceremonias religiosas, livros estes que tiveram depois outras edições correctas e augmentadas.

Das producções litterarias dos judeus peninsulares de Amsterdam, as que apparecem em primeiro logar são escriptos destinados a fortificar os seus correligionarios na fé, ou a defender o judaismo e os dogmas judeus dos ataques que soffreram. Os mais violentos partiram do proprio seio da communidade, mas o castigo foi terrivel e o tragico destino do portuense Uriel da Costa demonstra bem que a intolerancia é de todas as religiões e seitas. Ninguem poderá sem lagrimas lêr, no *Exemplar humanæ vitæ*, a narração tão simples e commovida do seu infortunio, escripta poucas horas antes de morrer.

Bem quizeramos transcrever aqui essa auto-biographia, mas ao menos seja-nos licito reproduzir a narração do penultimo acto da tragedia. O ultimo foi o suicidio.

"Nesta situação passei perto de sete annos. Ninguem me assistia nas minhas enfermidades. Tornaram a excommungar-me e não quizeram admittir-me á reconciliação, sem passar por uma durissima penitencia. A tudo me submetti.

"Entrei um sabbado na synagoga, cheia de homens e mulheres que tinham vindo como para um

Sabath, 5390. A terceira, de 1646, foi publicada in-folio por Menasseh ben Israel, na officina de Gilly Joost. Finalmente, a quarta, de 1661, in-8.º, foi trabalhada em casa de José Athias e publicada por sua ordem (*Memorias de litteratura*, III, pag. 237 e seg.).

espectaculo. Quando chegou a hora, subi a um pulpito de madeira que está no meio, e alli em clara voz li uma abjuração dos meus erros, em que confessava ser digno de mil mortes e promettia não mais reincidir em taes iniquidades e blasphemias. Terminada a leitura, desci do pulpito e approximando-se um rabbino sussurrou-me ao ouvido que me apartasse para um angulo da synagoga. Assim o fiz, e logo o porteiro me mandou despir até á cinta, atou-me um lenço na

Assignatura de Uriel da Costa,
reproduzida, com a devida venia, da *Jewish Encyclopedia*

cabeça, tirou-me os sapatos e atou-me as mãos a uma especie de columna. Acto continuo, um algoz agarrou numas correias e deu-me nas costas trinta e nove açoites, conforme o rito. Entre açoite e açoite cantava psalmos. Acabado este martyrio, sentei-me no chão: chegou o prégador ou sabio e absolveu-me da excommunhão. Agarrei nos vestidos e colloquei-me no humbral da synagoga. Todos os que sahiam passavam sobre mim, levantando o pé, e isto o fizeram todos, novos e velhos. Quando já não faltava ninguem, levantei-me manchado de poeira e recolhi-me a casa.„ [1]

[1] Veja-se em D. Marcellino Menendez Pelayo — *Historia de los heterodoxos*, II, Madrid 1880, a traducção completa d'esta autobiographia.

Contra Uriel da Costa, que negava a immortalidade da alma, publicou o medico Samuel da Silva, já conhecido por uma traducção do *Tratado de la Tesuvah* de Maimonides, o seu livro *Tratado da immortalidade da alma* (Amsterdam, 1623), a que o dissidente respondeu no seu *Examen das tradiçoens Phariseas conferidas com a Ley escrita* (Amsterdam, 1624). Mais tarde, em 1636, Menasseh não teve outro objecto, ao escrever a sua obra *De la resurreccion de los muertos*, que nesse mesmo anno se publicava tambem em latim, do que oppôr um dique á heresia que, apesar da morte de Uriel, ia lavrando na synagoga de Amsterdam. ([1])

Da typographia deste polygrapho saía o *Tratado del temor divino*, devido a David de Yshac Cohen de Lara que foi hakam em Hamburgo. Salomão d'Oliveira publicava mais tarde o seu *Enseña a pecadores, que contiene diferentes obras, mediante las quales pide el hombre piedad a su criador* (Amsterdam, 1666). Pelo mesmo tempo, Abraham Israel Pereira dava á luz os seus livros *La certeza del camino* (Amsterdam, 1666) e *Espejo de la vanidad del mundo* (Amsterdam, 1671), obras de moral em que se occupa da provi-

([1]) *Considerando pues la nefaria maldad de los Zaduceos en todo depravados, y como oy en este miserable siglo se van algunos persuadiendo de la mortalidade de las almas, para mas a rienda suelta, se dejaren llevar de sus lascivos apetitos, me determiné a escrevir este libro* (*De la resurrecion de los muertos libros III.* Amsterdam 5396, de la criacion del mundo, pag. ã 4 v.

dencia divina, da vaidade do mundo, do amor e do temor de Deus, etc.

Maior é o numero de escriptos apologeticos e polemicos compostos pelos judeus emigrados de Portugal e Espanha, muitos dos quaes ainda hoje se conservam manuscriptos, como são os de Morteira, Orobio de Castro, Pizarro, etc. Entre os que foram impressos merecem menção: a *Nomologia* do portuense Manuel Aboab, apologia da tradição hebréa, contendo algumas noticias historicas dos judeus portuguezes e espanhoes (Amsterdam, 1629): a obra de Juan Carrascon, ex-augustiniano de Burgos, que é uma defesa da religião judaica contra o catholicismo (1633); as *Humildes supplicaciones*, de Menasseh ben Israel, dirigidas a Oliveiros Cromwell, relativas á introducção dos judeus na Inglaterra (1655). Dos prélos d'Amsterdam tambem saía o *Flagellum calumniantium*, de Bento de Castro, e as *Excelencias y calunias de los Hebreos*, de Isaac (Fernando) Cardoso, uma das mais brilhantes apologias que alguma vez se escreveram dos adeptos do judaismo.

Não são muitas as obras dos judeus de Amsterdam sobre a pratica religiosa ou *halacha*. Só no *Thesouro dos Dinim*, de Menasseh ben Israel, se encontra uma exposição completa do assumpto, explicando-se os vestidos, as orações, as bençãos, as festividades, as viandas licitas e vedadas, e todos os ritos e ceremonias dos judeus; mas ha fragmentos importantes na *Obligacion de los coraçones* de David Pardo (1610), filho de José Pardo, o primeiro hakam da communidade Beth Israel. Foram egualmente publicados grande numero de sermões e orações de cir-

cumstancia, não só até ao fim do seculo XVII, mas ainda depois. ([1])

O estudo da Escriptura Sagrada era assumpto de predilecção. O *Pentateuco* foi traduzido por Menasseh ben Israel (1627), que tambem publicou o *Conciliador*, em que procura fazer concordar as passagens dos livros santos que apparentemente divergem, e livro muito apreciado não só dos seus correligionarios, mas dos proprios christãos. Mais tarde, surgiam commentadores do *Pentateuco* em Isaac Aboab da Fonseca (1681) e Moisés Dias (1697). Aquelle desempenhara por cincoenta e cinco annos as funcções de hakam da communidade judia. ([2]) David Abenatar

Isaac Aboab da Fonseca

(Da *Jewish Encyclopedia*, reproducção d'um retrato existente na Congregação portugueza de Amsterdam).

([1]) Entre estes sermões, affiguram-se-nos da maior importancia os *Sermões que pregarão os doctos ingenios do K. K. de Talmud Torah, desta Cidade de Amsterdam, No alegre Estreamento, & Publica celebridade da Fabrica que se consagrou a Deos, para Casa de Oração, cuja entrada se festejou em Sabath Nahamu, Anno 5435.* Estampado em Amsterdam. Em caza e à custa de David de Castro Tartaz. Anno 5435. Ha neste livro curiosas informações sobre a Synagoga de Amsterdam, que não aproveitamos por se referirem a uma epoca um pouco posterior á de Zacuto. O livro existe na Bibliotheca Nacional.

([2]) Elle o diz no seu *Parafrasis comentado sobre el pentateuco*, publicado em Amsterdam em 5441 por Jacob de Cordova: *Cincuenta e cinco testigos tengo desta verdad, son estes cincuenta y*

Melo, christão novo de Madrid que mais tarde abraçou o judaismo em Amsterdam, publicava em 1626 a sua traducção em verso dos *Psalmos* de David.

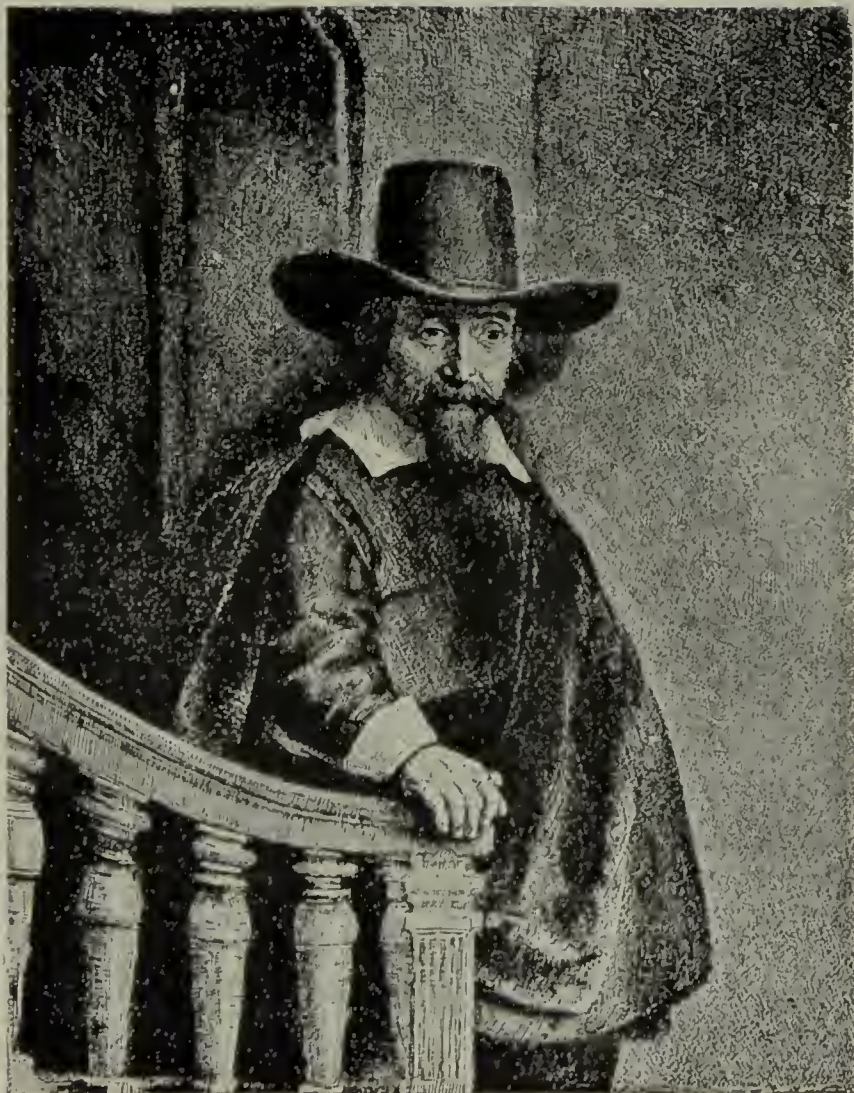
Ha tambem entre os judeus luso-espanhoes de Amsterdam quem se occupe de vulgarizar o estudo da lingua santa. Se a primeira grammatica hebraica em portuguez nos vem de Hamburgo, onde em 1633 a deu á luz Moseh Abudiente, natural de Lisboa, breve é seguida pela de Moseh Raphael de Aguilar (2.ª edição, 1661); pela *Marphe Leson* ou *Medicina da lingua*, de Salomão d'Oliveira (1686), que Ribeiro dos Santos diz correr parelhas com as melhores que se têm escripto; pela *Jad Lason*, ou *Mão ou instrumento da lingua*, de David Tartas, e pela *Porta dos labios*, do mesmo Tartas, grammatica chaldaica de valor (1686). Ainda a David Tartas se deve o *Hez chaiim*, isto é, *Arvore da vida ou dos que vivem* (1682), diccionario em que se explicam as raizes hebraicas e chaldaicas que se encontram nos livros sagrados, e que tambem Ribeiro dos Santos reputa de muito merecimento e utilidade. David ben Isaac Cohen de Lara, natural de Lisboa e discipulo de Usiel, como Menasseh, publicava o seu *Kether Kehunna*, ou *Corôa dos santos ou do sacerdocio* (1667), diccionario talmudico rabbinico que contém a exposição das vozes talmudicas e rabbinicas em quatorze linguas, a saber: chaldaica, syriaca, arabe, persa, turca, grega, latina, italiana, castelhana, portugueza, franceza, allemã,

cinco años que ...tuve la occupacion com que mi humildad levantaron á tan alta esphera (Dedicatoria aos Parnassim e Gabay del K. K. de Talmud Torah).

saxonia e ingleza, fructo de quarenta annos de trabalho e que ainda assim ficou incompleto.

Não era grande o interesse dos judeus peninsulares pela historia universal. Agora, no seu exilio na Hollanda, tambem lhe não déram grande apreço. As descripções summarias de algumas cidades por Daniel Levi de Barrios não merecem grande consideração. Quanto á historia do povo hebreu, a chronica de Salomão Verga foi traduzida em espanhol por Meir de Leon, com o titulo de *La vara de Judá* (1640). As obras polemicas de Manuel Aboab, Menasseh ben Israel e de Isaac Cardoso encerram algumas notas referentes a occorrencias do seu tempo, não destituidas de interesse. A narração das aventuras de Antonio de Montesinos encontra-se na *Esperança de Israel* de Menasseh, livro que teve uma grande divulgação e a que adeante nos referiremos.

Nas sciencias mathematicas notabilizou-se o nosso conhecido Jacob Rosales que, ainda em Lisboa, publicava o seu *Tratado dos cometas*. Outros judeus se occuparam do calendario e do calculo do tempo, taes como Diogo Barassa (1630), Aarão Franco Pinheiro (1657) e Salomão d'Oliveira, que organizou umas tábuas lunares (1666).

Medicos israelitas de origem peninsular estavam espalhados por toda a Europa, mas em Amsterdam, ao tempo em que Zacuto ahi viveu, apenas temos noticia de José Bueno, de seu filho Ephraim Bueno e de Samuel da Silva. O primeiro estudou em Bordeus e tratou o principe de Orange, Mauricio, de uma doença perigosa. Se este facto abona a sua competencia como clinico, era tambem apreciado como

Ephraim Bueno

(Cópia do retrato pintado por Rembrandt).

poeta. O segundo publicou differentes obras liturgicas. O terceiro é principalmente conhecido pela sua controversia com Uriel da Costa.

De todas as manifestações da actividade litteraria, a que os judeus peninsulares mais cultivaram foi a poesia. A litteratura espanhola tem muito que estudar nas suas producções, visto que a maior parte das composições poeticas são escriptas na lingua de Cervantes e Quevedo. Jacob Israel Belmonte e Mosch Belmonte escreveram versos contra a inquisição e Francisco de Castro compoz os *Dialogos satiricos* (1616), tendo antes traduzido do italiano uma obra sobre a creação do mundo, devida a G. S. Bartasi e dedicada a Jacob Tirado, um dos fundadores da communidade judia. Paulo de Pina, ou Rehuel Jessurun, natural de Lisboa, compunha o *Dialogo em verso portuguez sobre os sete montes sagrados da casa de Jacob*, auto que foi representado na synagoga de Beth Jacob em 1624. Manuel Bocarro, ou Jacob Rosales, ainda em Portugal publicava o seu *Anacephaleoses* em que, diz José Pereira de Sampaio, attinge, em seu pathos, subitamente, tal qual sublimidade poetica e, no seu modulo, certo fulgor de inspiração o illumina. [1] Mais para o fim do seculo, Antonio Rodrigues Gomez, natural de Segovia, escrevia o seu poema *El Samson Nazareno*, em louvor de um martyr da inquisição espanhola que, perseguido, se ciscumcidou a si proprio e, com o nome de Judas o crente, foi queimado em Valladolid. O mais laborioso de todos os poetas peninsulares é Miguel ou Daniel Levi de Barrios que

[1] O *Encoberto*, Porto, 1904, pag. 276.

na sua vida trabalhosa procurou constantemente no convivio das musas recursos que sempre lhe escassearam. Este poeta, a quem se deve a *Flor de Apolo* e o *Coro de las Musas*, producções que lhe dão honra entre os auctores dramaticos espanhoes e que foi o historiographo da communidade israelita de Amsterdam, é sobretudo conhecido pela sua *Relacion de los Poetas españoles*, que Kayserling diz ser uma bella parte da litteratura espanhola. Era elle a alma das academias poeticas que, na capital da Hollanda, se fundaram no fim do seculo, e em que se salientaram duas poetisas: Isabel Correia, a traductora do *Pastor fido* e Isabel Henriques que já adquirira nas instituições similares de Madrid grande nomeada, antes de se transportar á Hollanda. (1)

D'entre os homens que se notabilizaram nas sciencias e lettras nos Paizes-Baixos um chama sobretudo a attenção pela sua laboriosidade e pelo empenho que manifestou em propagar o seu credo, Menasseh ben Israel, tambem chamado Manoel Dias Soeiro. (2) Por isso lhe consagramos mais alguma attenção.

Menasseh é uma das figuras mais salientes do judaismo portuguez na Hollanda e os pormenores da sua biographia parecem hoje bem conhecidos pelos trabalhos dos seus correligionarios. Seus paes, José

(1) A rapida exposição dos trabalhos dos judeus portuguezes é feita principalmente sobre as obras de A. Ribeiro dos Santos, Kayserling, Rodriguez de Castro, Graetz etc.

(2) Parece-nos que este nome apparece pela primeira vez néste livro. Colhemol-o nas denuncias feitas na Inquisição de Lisboa por Duarte Guterres Estoque e Roque Ferreira, de que publicamos um extracto no fim deste nosso trabalho, devido á amabilidade do snr. Pedro A. d'Azevedo.

ben Israel e Rachel Soeiro, eram portuguezes, e depois do auto de fé de 3 d'agosto de 1603 julgaram prudente abandonar Lisboa e transportar-se á Hollanda. Fizeram, porém, uma curta permanencia na Rochella, onde o mesmo Menasseh nasceu no anno de 1604. [1] Chegando a Amsterdam, os paes confiaram a sua educação ao rabbi da nova congregação de Neve Salom, Isaac Usiel, de quem foi, no dizer de Ribeiro dos Santos, o melhor discipulo. "Era de um grande engenho e penetração; tinha um juizo profundo e apurado, e nenhum dos seus lhe levava vantagem no conhecimento das linguas hebraica, arabiga, grega, latina, castelhana e portugueza, pelas quaes havia adquirido um largo cabedal e doutrina". Quando Usiel morreu, em 1620, [2] o seu successor foi Me-

[1] O nascimento de Menasseh na Rochella foi pela primeira vez affirmado pelo snr Cardozo de Bethencourt (*Jewish Chronicle*, de 20 de maio de 1904), baseando-se na certidão de casamento de Menasseh descoberta nos Archivos da cidade de Amsterdam.

Menasseh nunca se refere a esta occorrencia e considera-se sempre portuguez: *Yó lusitano con animo Bataveo*, escreve elle, por exemplo, na dedicatoria da *Segunda parte del Conciliador*. O Dr. José Bueno, num soneto publicado na primeira parte do *Conciliador*, chama-lhe *Honra de Portugal, gloria de España*. Todos os bibliographos portuguezes o dão como nascido em Lisboa, no mesmo anno marcado pelo snr. Bethencourt. Singular é que umas tantas denuncias feitas á inquisição de Lisboa e que publicamos em appenso o dêem como nascido na ilha da Madeira, dizendo mesmo um dos denunciantes que lh'o ouvira affirmar a elle. V. os documentos em appenso, n.os 6, 7, 8 e 9, que nos foram obsequiosamente fornecidos pelo snr. Pedro A. d'Azevedo.

[2] Esta data colhemol-a em Cardozo de Bethencourt — *Lettres de Menasseh Ben Israel a Isaac Vossius* (1651-1655) — Paris, Librairie Durlacher, 1904, pag. 3.

nasseh. Da sua precocidade escreve o Dr. José Bueno, numa apreciação da primeira parte do *Conciliador:* "Este señor (Menasseh) de quatorze (años) assistia em publicas Yessibot, de veynte lehia Guemara y de pocos mas años aspiró a la impression deste libro que agora saca a luz.„

Em 15 d'agosto de 1623, Menasseh casava com uma judia de nome Rachel, da familia Abravanel, que com razão ou sem ella os judeus julgavam descendente de David. (1) Cedo se distinguiu como um dos melhores oradores da synagoga de Amsterdam, rivalizando até com Isaac Aboab. O contraste entre os seus sermões é incisivamente indicado pelo P.e Antonio Vieira que depois de os ter ouvido os julgou deste modo: Menasseh diz o que sabe e Aboab sabe o que diz. (2) Como, porém, a predica lhe não désse recursos sufficientes para viver, Menasseh estabeleceu a primeira imprensa hebréa em Amsterdam, na qual produziu um livro d'orações (1 de janeiro de 1627) em typo completamente novo, um indice do Midrast Rabbah (1628), uma grammatica hebraica de seu mestre Isaac Usiel (1628) e uma edição da Mishna, muito elegante e commoda. (3)

(1) O eminente presidente da Sociedade historica judia da Inglaterra, Joseph Jacobs, confunde a mulher de Menasseh com a mãe, chamando áquella Rachel Soeiro. Menasseh escreve no seu *De termino vitæ*, pag. 236: *Tandem etiam duxi uxorem Rachelem ex familia Abravanelis, quam à Davide oriundam esse autumant Hebræi.*

(2) Affirma Wolf (*Bibliotheca Hebraica*, III, pag. 709), que assim o ouvira dizer a um judeu portuguez.

(3) Menasseh escreve na *Segunda parte del Conciliador: Ocupado fuera desto en mi Typographia Hebrea, que yo introduxe en estas partes... (Al lector).*

No entretanto, Menasseh ben Israel andava trabalhando na compilação da sua obra primacial *El Conciliador,* laboriosa ennumeração e discussão de todas as passagens contidas no Velho Testamento que parecem estar em conflicto umas com outras. Este livro foi muito apreciado não só pelos judeus, mas pelos escriptores christãos. Muitos dos homens mais doutos do tempo estavam em correspondencia com o auctor: Isaac e Dionysio Vossio, Hugo Grotio, Gaspar Baerle, Cunaeus, Bochart, Huet e Blondel. Anna Maria de Schurman consultou-o. (1) As suas relações com os judeus eram ainda mais numerosas e comprehendiam Manuel Bocarro, os Buenos, Abravaneis (parentes de sua mulher), os Pintos, Abudientes e Henriques. Entre elles avulta o nosso Zacuto, (2)

(1) Em 1641, escrevia na *Segunda parte del Conciliador: Respondi tambien a mas de CL Epistolas de hombres doctos de toda Europa, sobre muchas preclaras dudas y questiones con otras obrazillas.* Quatorze annos depois, o numero de cartas chegara a 200, como affirma no catalogo-appenso á *Pedra gloriosa.* Antes, porém, no *Thesouro dos Dinim* dissera: *E mais de 300 Epistolas escritas a varios letrados e senhores, sobre muy diversas e difficultosas questões.*

(2) Na *Segunda Parte del Conciliador* escreve: ... *Es impossible acrescentar se el humido radical con buen orden y regimiento en la comida y bevida. La qual question aviendo yo de mi Musseo, perguntado al celeberrimo y Illustrissimo Medico de nuestra nascion, el señor Doctor Zacuto, con su natural benevolencia me respondio muy exactamente en un tratado...* pag. 149.

Quasi pelas mesmas palavras se refere ao medico que biographamos no seu livro *De termino vitæ* a pag. 91 e 92. Sobre a questão agitada no livro II, *De termino vitæ, an mobilis vel immobilis sit,* diz: *Et ad hanc ipsam quæstionem quam aliquando proposui doctissimo ac celeberrimo inter nostros medico Zacutho, ab eodem viro, pro innata ei humanitate, et benevolentia, singulari tractatu in hanc sententiam responsum est...*

Daniel Caceres e Diogo Barassa, a quem dedicou uma das suas obras. Auxiliou José Delmedigo a publicar uma edição dos seus trabalhos.

Não obstante a fama de que gosava, Menasseh via-se em difficuldades para sustentar a mulher e três filhos. No seu livro, *De termino vitæ*, escreve elle a João Beverwyck: Como os salarios da nossa synagoga não são avultados, mandei ao Brazil meu irmão Ephraim Soeiro para vêr se, graças a operações commerciaes, alguma faisca de melhor fortuna vinha por acaso a brilhar, para eu poder entregar-me com mais liberdade ás divinas letras. ([1])

Isto era escripto em 1639, quando Menasseh era hakam de Neve Salom, synagoga que se ia fundir na união das três kehiloth d'Amsterdam. Os seus honorarios, que eram de 200 florins annualmente, ficaram reduzidos depois da fusão a 150 florins. ([2]) Pensou então em tentar fortuna no Brazil. Quando publicou a *Segunda parte del conciliador* (1641) despedia-se elle dos seus leitores, dizendo: *Partindo-me agora de la florentissima Batavia a tan longinquas partes del Brasil, juzgué a obligacion despedirme de los mios con este tratado theologico.* ([3]) Menasseh dedicava este livro aos membros do Conselho das Indias occidentaes, e na dedicatoria mostrava-se esperançado

([1]) *Quia vero stipendia nostræ Synagogæ non admodum sunt luculenta, fratrem Ephraim Soeiro in Brasiliam misi, si forte per eum ex mercatura melior quædam fortunæ facula mihi illucescat, ut liberius divinis literis incumbere queam* (*De termino vitæ*, pag. 236 e 237).

([2]) Cardozo de Bethencourt, op. cit., pag. 6.

([3]) *Al lector.*

Menasseh ben Israel

(segundo um desenho de Rembrandt)

O original d'este retrato pertence
ao snr. Annibal Fernandes Thomaz.

na proxima paz entre D. João IV e os hollandezes. Do Brazil só veiu, porém, para Menasseh prejuizo e ruina. As communidades judias desappareceram alli com o triumpho das nossas armas.

Eram, portanto, afflictivas as condições de vida de Menasseh por esta epocha. Valeram-lhe os seus correligionarios. Na ultima parte do seu *Thesouro dos Dinim* vem uma dedicatoria aos *mui nobres e magnificos senhores* Abrahão e Isaac Pereira, ricos negociantes de origem espanhola que se tinham passado a Amsterdam. Essa dedicatoria contém informações valiosas, motivo porque a transcrevemos em parte: "Vieram Vs. Ms. de Espanha; e havendo tirado hũa tão consideravel riquéza, lhes pareceo que esta seria tanto mais acreditada e nobre, quanto mais empregada em bons usos. Instituem Vs. Ms. logo hũa illustre Iessiba, e com muytos salarios a enriquecem de Baalé Tora. Della para Presidente fazem Vs. Ms. eleição da minha pessoa; e desde aquelle tempo, me ão enchido de tantos favores que fica sendo este, humilde donativo para satisfacção tão grande."

A iessiba (academia, escola d'altos estudos) era agora o amparo de Menasseh, que ao tempo já tinha escripto onze livros, prégara 450 sermões em portuguez e, como dissemos, escrevera mais de 300 Epistolas a varios letrados e senhores. Essas epistolas estão na maior parte perdidas.

De proposito escrevemos amparo, porque a situação do illustre rabbino nunca passou duma honesta mediania, quando muito. "Eu confesso que sou po-

bre „, diz elle dez annos depois de escrever a dedicatoria aos irmãos Pereiras. ([1])

Nesse mesmo anno, confessava que, apesar de falto de saúde, trabalhara durante o inverno quinze horas por dia. ([2])

Menasseh tomava grande interesse pelos problemas messianicos, estando convencido de que lhe estava reservado um grande papel na historia do judaismo, por estar alliado a uma familia, a de sua mulher, que descendia de David. Seguia opiniões cabalisticas que nunca deixava de expôr nas obras que escrevia nas linguas modernas e destinadas a serem lidas por individuos extranhos á religião judaica. Em particular, mostrava-se crente em que a restauração da Terra Santa se não podia realizar emquanto os judeus se não espalhassem por uma qualquer região deshabitada do globo.

Em 1644, entrou em contacto com Antonio de Montesinos (Aarão Levi) que o convenceu de que os indios norte-americanos eram as dispersas dez tribus de Israel. O caso passou-se assim: Em 18 de Ilul deste anno chegou a Amsterdam Aarão Levi, que na peninsula era conhecido por Antonio de Montesinos. Era um israelita portuguez, nascido em Villa Flôr, de paes conhecidos e honrados, homem de credito e alheio de toda a ambição que tinha então 40 annos de edade. Fôra para a America e ahi vira-se encarcerado pela inquisição em Carthagena, conseguindo

([1]) *Pedra gloriosa*, Dedicatoria a Isaac Vossio.

([2]) *Humas, ó cinco libros de la Ley divina*, prologo ao benevolo e pio leitor.

Menasseh ben Israel

(retrato gravado por Salom Italia)

O original pertence ao snr. Annibal Fernandes Thomaz.

livrar-se mais tarde. Desde então não descançara emquanto não viera a Amsterdam para narrar a singular aventura que lhe succedera, sacrificando os haveres que possuia e vivendo na maior necessidade e pobreza. (1)

Montesinos, haveria dois annos e meio, tendo feito nas Indias Occidentaes uma viagem do porto de Honda até á provincia de Quito, foi acompanhado por um indio de nome Francisco del Castillo, em cuja companhia ia como arrieiro outro indio chamado Francisco Cacique. Passando um dia na montanha Cordilhera, batidos por muita agua e vento, succedeu que os indios, enfadados do trabalho da jornada, começaram a dizer mal da sua fortuna, accrescentando que isso e muito mais mereciam por seus peccados. Francisco, animando-os, aconselhava-lhes que tivessem paciencia e que breve se lhes depararia algum dia de descanço; mas elles reputavam justa a fadiga que sentiam, assim como os trabalhos e inhumanidades que os espanhoes lhes faziam soffrer como castigo do mal que tinham tratado "una gente santa y la mejor del mundo„. Chegando a occasião de assentar arraial naquella montanha, Montesinos deu alguns biscoitos e doces a Francisco Cacique e disse-lhe: Toma, apesar do mal que dizes dos espanhoes. Volveu o indio que ainda se não tinha queixado delles quanto devia, porque era gente cruel, tyranna e de todo inhumana, mas que em breve se veria vingado delles "por meio duma gente occulta„. Chegando Montesinos a Carthagena, foi preso pela inquisição, e no carcere, en-

(1) *Esperança de Israel*, XVII, pag. 41 e 42.

commendando-se um dia a Deus, proferiu estas palavras: "Bemdito seja o nome de Adonai que não me fez idolatra, barbaro, negro nem indio„, e dizendo Indio retractou-se logo, porque lhe occorreu: estes indios são hebreus. [1]

Mal se viu livre do captiveiro, voltou ao porto de Honda, e ahi teve a ventura de encontrar o indio que se deu por judeu e o levou a um rio "maior que o Douro„ onde se avistou com três indios e uma india que se mostraram tambem crentes na lei de Moisés. [2]

Montesinos fez esta narração deante de muitas pessoas em Amsterdam. "Eu mesmo, diz Menasseh, falei com elle, no decurso de seis mezes que aqui esteve, e na minha presença e de muitas pessoas de qualidade, jurou solemnemente que tudo quanto dizia era verdade. Depois foi-se para Pernambuco onde viveu dois annos e morreu fazendo o mesmo juramento á hora da morte, quando mais o tempo obriga a não incorrer em semelhante peccado de perjuro.„ [3]

Menasseh convenceu-se de que os indios norte-americanos eram as dispersas dez tribus de Israel, e para o demonstrar escreveu o celebrado livro *Esperança de Israel* que, originariamente composto em espanhol, foi traduzido em latim e em inglez. [4] Persua-

---

(1) Op. cit., pag. 1, 2 e 3.

(2) Op. cit., pag. 8 e 9.

(3) Op. cit., pag. 41 e 42.

(4) *Divulgando-se estes años passados aquella relacion de Aaron Levi, alias, Antonio de Montezinos, como la novedad, agrada, y el desseo sea grande de inquirir la verdad, no solamente por sus Epistolas me solicitaran los nuestros, diesse mi parecer sobre ella, mas aun de toda la Europa clarissimos señores en erudicion, y no-*

dido de que, obtendo a admissão dos judeus nos paizes onde lhes era vedado residir, apressava a vinda do Messias, entrou em correspondencia com a rainha Christina da Suecia, ostensivamente sobre objectos de doutrina hebraica, mas provavelmente com o intuito de alcançar o seu auxilio para obter a entrada dos judeus no reino. As esperanças que nella depositava mallograram-se. N'uma carta de Amsterdam 8 de fevereiro de 1655 a Isaac Vossius, o esclarecido rabbino deixa bem transparecer a sua mágua pela falta de auxilio que lhe fôra promettido. Nem até lhe pagavam os livros que á rainha havia enviado! ([1])

Já então preparava elle uma viagem a Inglaterra para assegurar a readmissão dos seus correligionarios naquelle paiz donde haviam sido expulsos por Eduardo I. Elle mesmo deixou noticia dos seus esforços na *Vindiciæ Judæorum*, e as obscuridades da narrativa acham-se hoje aclaradas no magnifico prefacio escripto por Lucien Wolf á reedição dos folhetos relativos á sua missão junto de Oliveiros Cromwell. ([2])

bleza, a los quales por entones (sic) satisffize brevemente. Mas como de nuevo persona de gran calidad y letras de Inglaterra me obrigasse a que sobre ello escriviesse mas largo, hize en lengua latina este tratado... (*Esperança de Israel* — Dedicatoria).

([1]) A carta foi publicada por Cardoso de Bethencourt. op. cit., pag. 12.

([2]) *Menasseh ben Israel's Mission to Oliver Cromwell. Being a reprint of the Pamphlets published by Menasseh Ben Israel to promote the Readmission of the Jews to England (1649-1656). Edited with an Introduction and Notes By Lucien Wolf.* Published for the Jewish Historical Society of England By Macmillan & C.º, London, 1901.

Havia algum tempo que na Gran-Bretanha se tinha estabelecido uma corrente favoravel á liberdade de consciencia e Menasseh obteve noticia de muitos theologos protestantes que, como elle, estavam convencidos da proxima vinda do Messias e naturalmente desejavam conhecer as opiniões dos judeus sobre um assumpto que tão particularmente lhes interessava. Entre estes theologos christãos contava-se Abraham de Frankenberg, o mystico silesiano, e Johannes Mochinger. Mas foram especialmente alguns dos mais considerados puritanos que elle procurou interessar n'esta questão e Menasseh entrou em correspondencia com elles e nomeadamente com John Dury, Thomas Thorowgood e Nathaniel Holmes. O primeiro escreveu a Menasseh a respeito da origem israelita dos indios americanos, assumpto a que as narrações de Antonio de Montesinos davam particular actualidade. Compoz então Menasseh a sua *Esperança de Israel* (1650) de que nesse anno se publicou a primeira edição ingleza, a que juntou uma epistola preliminar *To the Parliament, the Supream Court of England, and to the Right Honourable the Councell of State.* Dois annos depois, saía uma nova edição. O opusculo despertou muíto interesse na Inglaterra e publicaram-se diversas replicas, especialmente relativas á identidade dos indios americanos com as perdidas dez tribus. Uma das respossta, *An Epistle to the Learned Menasseh ben Israel* (Londres, 1650), foi escripta por Sir Edmundo Spencer, membro do parlamento por Middlesex; outra appareceu anonyma com o titulo de *The Great Delirrance of the whole House of Israel.* Muitas destas

replicas insistiam sobre a necessidade da conversão ao christianismo, antes de se cumprirem as prophecias messianicas relativas a Israel e foi talvez esta a razão porque o assumpto esteve suspenso por algum tempo.

No entretanto, Cromwell começou a occupar-se da questão e, antes de se romperem as negociações com a Hollanda pelo acto de navegação de 1652, os seus representantes da missão de St. John e nomeadamente Thurloe, secretario dessa missão, entraram em conferencias com Menasseh, mostrando-se favoraveis á abertura da Inglaterra aos judeus.

A guerra entre os dois paizes prejudicou o progresso das negociações, mas em 1654, restabelecida a paz, Menasseh mandou á Gran-Bretanha seu filho Samuel e seu sobrinho David Dormido ([1]) para se entenderem com Cromwell. Não sendo bem succedidos, Samuel voltou a Amsterdam em 1655 para persuadir seu pae a que fosse pessoalmente tratar do assumpto.

Chegou Menasseh a Londres em outubro, levando comsigo o manuscripto do *Humble Addresses to the Lord Protector* ([2]) que immediatamente publicou. O resultado foi uma conferencia effectuada em Whitehall em dezembro de 1655, a que Menasseh parece não ter assistido, mas á qual a sua representação foi

([1]) Lucien Wolf diz que David Dormido era cunhado de Menasseh e que tambem era conhecido por Manuel Martinez Dormido.

([2]) O titulo completo d'este opusculo é o seguinte: *To his highnesse the Lord Protector of the Common-Wealth of England, Scotland, and Ireland. The humble adresses of Menasseh Ben Israel, a Divine, and Doctor of Physick, in behalfe of the Jewish Nation.*

submettida. Os jurisconsultos presentes fizeram uma declaração de que não havia na Inglaterra lei alguma que vedasse o estabelecimento dos judeus naquelle paiz, mas apesar disso Cromwell não tomou ostensivamente nenhuma resolução sobre o assumpto. Entretanto Prynne escreveu contra a proposta o seu *Short Demurrer*, a que Menasseh respondeu na sua *Vindiciæ Judæorum* (1656) da qual diz Lucien Wolf: "*The simple eloquence of this essay, its naïve garrulousness, the glimpses it yelds of a pious, gentle, self-denying character, made it one the most effective vindications of the Jews ever written. The best tribute to its value is afforded by the fact that it has since been frequently reprinted in all parts of Europe when the calumnies it denounced have been revived*". [1] Ao tempo da publicação d'este livro corria um processo celebre, o de Antonio Rodrigues Robles, cujos bens haviam sido apprehendidos em virtude d'uma proclamação do Conselho privado, declarando presa legal todas as mercadorias e embarcações espanholas. Nas suas reclamações, Robles não podia tomar para base a questão de nacionalidade, visto que realmente ella lhe não era favoravel, mas allegava que não podiam ser considerados como espanhoes para os effeitos da applicação daquella lei os christãos-novos que no seu paiz tinham soffrido vexames e cujas familias haviam sido dizimadas pelas violencias da inquisição. Appellava para a notoria sympathia de Cromwell para com todos os opprimidos e especialmente para com os judeus e suggeria que o seguimento de taes perseguições equivalia á introducção do Santo

[1] Op. cit., pag. LXIV.

na Inglaterra. Depois de varias peripecias que omittimos, o Conselho mandava reintegrar Robles nos seus haveres, sem motivar a resolução. As diligencias para a introducção dos judeus recebiam assim uma solução pratica, embora em sentido diverso daquelle por que Menasseh enveredara. Entre este e os seus correligionarios de Londres parece terem por então surgido divergencias e Menasseh teve de pedir auxilio a Cromwell que, no fim de 1656, lhe fez um donativo de 25 libras e no anno seguinte lhe estabeleceu uma pensão annual de 100 libras que aliás lhe não foi paga.

Em setembro de 1657 morreu-lhe o filho Samuel. Então o sabio judeu succumbiu; auxiliado pelo Protector, levou o cadaver para a Hollanda para ser enterrado em Middleburgo, onde elle proprio morreu dois mezes depois, a 26 de novembro.

Affirma Menasseh que conhecia dez linguas ([1]) e não ha duvida de que imprimiu obras em cinco: hebreu, latim, espanhol, portuguez e inglez.

Era grande a sua erudição, mas as suas obras são hoje accusadas de pouca exacção e cuidado. A celebridade de que gosa é principalmente devida aos esforços que empregou para a readmissão dos seus correligionarios na nação ingleza. Mão piedosa escreveu no seu tumulo o seguinte epitaphio que bem demonstra que os seus meritos eram devidamente apreciados:

No murió, porque en el cielo
Vive con suprema gloria,
Y su pluma y su memoria
Immortal dexa en el suelo.

([1]) *Thesouro dos Dinim*, ultima parte, *al lector*, pag. 149.

CAPITULO VI

Os medicos hollandezes do seculo XVII, atravez das obras de Zacuto.

A Hollanda era tambem um centro medico de importancia e justo é que lhe consagremos algumas palavras para ficarmos conhecendo o meio em que vae exercer-se a actividade de Zacuto. Tomal-o-hemos a elle para guia, porque muitos dos mais illustres cultores das sciencias medicas nos Paizes-Baixos são por elle apreciados e submettidos a contribuição. Com alguns dos mais distinctos teve até relações pessoaes.

Doutissimos e experimentadissimos lhes chama elle, mesmo quanto dissente das suas opiniões, ([1]) e nessas palavras não ha senão justiça.

Bem o demonstra o amor que sempre manifestaram á pratica das dissecções anatomicas, o zelo em estudarem as producções que os seus audaciosos ma-

([1]) Zacuti, *Operum tomus primus*, lib. IV, pag. 780.

rinheiros traziam de distantes climas, ou que naturalistas infatigaveis descobriam nas suas viagens. O humanismo tinha cultores dedicados nos Paizes-Baixos e muitos delles eram medicos. Clinicos distinctos não lhe escassearam tambem.

Crêmos neste curto paragrapho exprimir as feições dominantes da medicina hollandeza.

Vangloriam-se sobretudo os Paizes-Baixos do cuidado que sempre déram aos estudos anatomicos. Ao passo que em outros paizes se deixava aos moços de barbeiro o trabalho de abrir os cadaveres, na Hollanda os investigadores dominam o medo e revolvem-lhes as entranhas "fazendo saír deste obscuro nevoeiro d'ignorancia e pondo á luz, no interesse geral, os mais profundos mysterios da natureza„ (Regnier de Graaf).

Antes mesmo de se ter dissipado a impressão causada pela apparição da obra immortal de Vesalio, vêem-se surgir por toda a parte *snykamers* (gabinetes de dissecção), tambem chamados *anatomicen*. Em 1597 apropria-se em Leyde a theatro anatomico uma parte da egreja das beguinas secularizadas; depois fundam-se estabelecimentos analogos em Delft, em Utrecht, na Haya, em todas as cidades importantes. A primeira dissecção, conta Commelin, foi praticada em 1550 no cadaver dum ladrão condemnado á morte, e os cirurgiões, no empenho de fazerem a sua educação, não descuravam occasião alguma de praticar uma autopsia. Para impedirem que o bailio prohibisse os trabalhos anatomicos, obtiveram de Philippe II um decreto que lhes permittia dissecar uma vez por anno o cadaver d'um justiçado.

Parece que o carrasco não trabalhava com bastante actividade para satisfazer ás necessidades do ensino anatomico. Pelo menos houve tempo em que se considerava uma dissecção como um acontecimento, mesmo fóra do mundo medico. Grande festividade chama Zacuto a uma autopsia para que o convidou Nicolau Fontein. (1)

As demonstrações anatomicas de Pedro Paaw em Leyde faziam interromper os outros cursos academicos; e ainda cem annos depois, quando Haller estudava naquella cidade, eram tão raras as autopsias que se convidavam para as poucas que se praticavam os principaes medicos da cidade. A falta de cadaveres levou os anatomicos a procurarem os meios de os conservar e conseguiram mais do que esperavam. Ruysch sobretudo primava nesta arte; as suas collecções anatomicas tinham uma reputação européa, e foram para elle uma fonte de grandes lucros. (2)

Poucos foram os medicos hollandezes de que Zacuto não conheceu os trabalhos. Se nos não enganamos, porém, o seu conhecimento da medicina neerlandeza não vae além do seculo XVI. E' Levinus Lemnius quem abre a lista e as obras citadas são *De miraculis occultis naturæ libri IV* (Antuerpia, 1581); *De habitu et constitutione corporis* (Antuerpia, 1561); e *Similitudinum ac Parabolarum quæ in*

(1) Zacuti, *Operum tomus secundus. Praxis medica admiranda*, lib. I, obs. LII, pag. 54.

(2) E. C. Van Leersum — *Exposition historique des sciences naturelles et de la medecine*, in *Janus*, XII, 1907, pag. 309 e seg.

Bibliis ex Herbis atque Arboribus desumuntur dilucida explicatio (Antuerpia, 1569). ([1])

Levinus Lemnius nasceu em Ziriczée, na Zelandia, em 20 de maio de 1505. Começou o seu curso de humanidades na terra natal e terminou-o em Gand. Foi depois para Lovania onde se aperfeiçoou nas bellas letras e se deu ao estudo da medicina para que sentia inclinação, cursando ao mesmo tempo theologia para seguir o conselho do Dr. Pedro de Corte ou Curtius que veiu a ser bispo de Bruges. Teve por mestres em medicina André Vesalio, Remberto Dodoneo, Jasão Pratense, etc. Regressando a Ziriczée, em 1527, ahi praticou a medicina com grande exito, durante mais de quarenta annos. Depois da morte da mulher, tomou ordens sacras e foi feito conego da collegiada de S. Livino de Ziriczée. Ahi morreu em 1 de julho de 1568. ([2])

Gosaram as suas obras de uma grande reputação, mas estão hoje justamente esquecidas. O que elle ensina *elegantemente*, no dizer do medico judeu, a respeito da respiração não merece a mais ligeira referencia. ([3]) Mais importancia tem para combater as

---

([1]) Zacuti. *Operum tomus primus*, pag. 38, 82, 118, 121, 131, 216, 259, 314, 381, 474. 478, 487, 511, 521. 575, 864. etc.

([2]) Vander Linden, *De scriptis medicis*, Amstelredami, 1651, pag. 425; Mercklin, *Lindenius renovatus*, Norimbergæ, 1686, pag. 748; Paquot, op. cit., I., pag. 91; Banga, *Geschiedenis van de geneeskunde en van hare beoefenaren in Nederland*, Leeuwarden, 1868, I, pag. 40; Puschmann, Neuburger und Pagel, *Handbuch der geschichte der medizin*, II, Jena, 1905, pag. 20 e 23.

([3]) Zacuti, *Operum tomus primus*, lib. IV. pag. 575.

dôres articulares o uso da terebenthina, a respeito da qual elle escreve bellas coisas. ([1])

Segue-se Bernardo Dessenius van Cronenburg, a cujos eximios dotes Zacuto presta homenagem e que mereceu a Forestus as expressões: *Cronenburgius eruditissimus medicus atque nostri amantissimus.*

Bernardo Dessenius nasceu em Amsterdam em 1510, e o nome de Cronenburg deriva de algum velho castello da provincia de Utrecht ou outra junto do qual habitou ou exerceu a medicina. A crêr-se Eloy, estudou primeiro as bellas-letras com o maior resultado e applicou-se a diversas sciencias nas academias, até que foi para Lovania cursar medicina com Carlos Goossens e João Heems. Em 1538, Dessenius passou á Italia e continuou os seus estudos com Matheus Curtius e Helideus de Padua que exerceu uma grande influencia sobre elle. Em Bolonha recebeu a borla doutoral. Parece que residiu algum tempo em Roma, onde viu Gisberto Horstius. Regressou então á Hollanda e, segundo Banga, exerceu a medicina durante nove annos na provincia de Groningen, ao passo que Eloy affirma que elle ensinou medicina nesta cidade durante o mesmo periodo. Passados estes nove annos, foi estabelecer-se em Colonia, a convite de João Echt, e não tardou a ser aggregado ao Collegio medico e nomeado facultativo de partido da cidade.

Dessenius, seguindo as passadas de Bettus, seu mestre, foi muito afeiçoado a Avicena, mas não des-

([1]) Zacuti, *Operum tomus secundus—Praxis medica admiranda,* lib. II, obs. CLXXIX, pag. 87.

curava o estado da medicina grega. Publicou uma defesa das doutrinas hippocraticas contra os partidarios de Paracelso que chamou sobre elle a attenção de todos os sabios. Em Colonia consagrou-se especialmente á botanica e descreveu as plantas dos arredores desta cidade. Com Echt e Faber trabalhou na redacção da pharmacopéa de Colonia (1627). Parece que praticou algumas autopsias. (¹)

O livro que Zacuto conheceu e cita por vezes é o *De compositione medicamentorum hodierno ævo apud pharmacopolas passim extantium* (1.ª edição, Francfort, 1555). (²)

Encontramos depois a indicação do nome de Johannes Wierus, ou melhor Wier. Este medico nasceu em Grave em 1515 e foi discipulo de Hendrik Cornelis de Keulen. Seguiu depois para França onde em 1534 recebeu o gráu de doutor em Orleans. Visitou em seguida as costas africanas e demorou-se na ilha de Creta, donde regressou á patria. Em 1545 foi nomeado medico municipal de Arnhem, mas como o estado financeiro do paiz não permittia a manutenção deste logar, partiu em 1550 para Clèves, onde juntamente com Reinerus Solenander foi nomeado medico da camara ducal, cargo que desempenhou durante trinta e cinco annos e no exercicio do qual grangeou grande nomeada. Falleceu em Teklenburgo em 1588.

(¹) Vander Linden, op. cit., pag. 100; Mercklin, op. cit., pag. 128; Banga, op. cit., I, pag. 59; Dechambre, *Dictionnaire encyclopedique*, 1.ᵉ serie, XXVIII, pag. 432; Puschmann, Neuburger und Pagel — op. cit., II, pag. 42.

(²) Zacuti, *Operum tomus primus*, lib. I. pag. 47, 240, 302 e 375.

Wier tornou-se conhecido principalmente por uma obra: *De prestigiis daemonum et incantationibus ac veneficiis libri sex* (Basiléa, 1564) em que combateu violentamente a crença inveterada na intervenção dos diabos nas acções humanas, sem que se pudesse emancipar por completo dessa superstição.

Mas, no seu *Medicarum observationum rararum, Lib. I,* (Basiléa, 1567) publicou importantes observações sobre o escorbuto, sobre a influenza, sobre o suor anglico, que observara nas suas viagens pela Allemanha. ([1]).

Zacuto conhecia ambas estas obras, a que faz amiudadas referencias e ainda o seu *Libellus de ira morbo* (Basiléa, 1577). ([2])

Segue-se Balduinus Ronssaeus ou Boudewijn Ronss, a quem Zacuto chama *doutissimo.* Este illustre medico nasceu em Gand, mas o seu appelido faz pensar em que era originario de Renai. Depois de ter terminado os seus primeiros estudos, fez o curso medico em Lovania, tendo sido discipulo de Jeronymo Triverio. Passou depois á Allemanha onde o duque Henrique, da casa de Brunswik-Luneburgo, o chamou para a côrte e o escôlheu para seu medico. Voltou depois a Flandres, e praticou a medicina em Furnes, e depois em Gouda ou Ter-Gouw na Hollanda, onde foi medico de partido. Ahi deve ter morrido no fim do

---

([1]) Vander Linden, op. cit., pag. 400; Mercklin, op. cit., pag. 702; Banga, op. cit., I, pag. 60; Puschmann, Neuburger und Pagel, op. cit., pag. 483, 858 e 866.

([2]) Zacuti, *Operum tomus primus* — Præfatio e pag. 122, 130, 249, 447, 467 e 953.

seculo XVI. Ronss adquiriu uma grande reputação na sua arte. Era tambem um notavel humanista, tendo profundos conhecimentos do grego. Deve-se-lhe a primeira descripção da fórma convulsiva do ergotismo na Allemanha. Infelizmente, a sua crença na chiromancia traduz o tributo pago aos prejuizos da época. ([1])

Das obras de Ronss, Zacuto cita os seus *Aurelii Cornelii Celsi de re Medica libri VIII* (Leyde, 1592), a sua *Miscellanea, seu Epistolæ Medicinales* (Leyde, 1590) e um pequeno tratado sobre o escorbuto que foi publicado nos seus *Opuscula medica* (Leyde, 1618) ([2]). Apesar dos muitos louvores que lhe tributa, accusa-o de ter errado gravemente na interpretação duma passagem de Celso. ([3])

Não era crédor de menos consideração Rembertus Dodonaeus, Dodoens of Doedezoon. Não admira portanto que Zacuto o cite e sempre lhe chame *expertissimus*. Este medico e botanico nasceu em Mechelen (Malines), perto de Antuerpia, em 29 de junho de 1518. Estudou a medicina em Lovania sob a direção de João Heems d'Armentiéres e Paulo Roels de Tenremonde. Foram tão rapidos os progressos que fez nos seus estudos que obteve o gráu de licenceado a 10 de setembro de 1535. Tinha dezesete annos. Viajou depois e visitou differentes universidades da

---

([1]) Vander Linden, op. cit., pag. 89; Mercklin, op. cit., pag. 108; Paquot, op. cit., I, pag. 248; Banga, op. cit., I, pag. 69; Puschmann, Neuburger und Pagel, op. cit., II, pag. 921 e 923.

([2]) Zacuti, *Operum tomus primus*. Præfatio e pag. 78, 220, 239, 337, etc.

([3]) Idem, pag. 220.

Allemanha e da Italia. Estava em Basiléa em 1546, onde publicou a sua primeira obra e no mesmo anno voltou a Malines. Em 1570 fez uma nova viagem á Italia e passou á Allemanha para substituir, como medico de Maximiliano II, Nicolau Biesius que fallecera em 10 d'abril de 1572. Por morte deste principe, desempenhou as mesmas funcções junto de seu filho Rodolpho II que, como seu pae, lhe deu o titulo de conselheiro aulico. Uma polemica que teve com João Craton de Craftheim, outro medico dos imperadores Fernando, Maximiliano e Rodolpho, e os receios de perder as propriedades que tinha proximo de Malines e Antuerpia, no meio das agitações dos Paizes-Baixos, decidiram-o a pedir a sua exoneração ao imperador. Mas a guerra civil que devastava a Belgica obrigou-o a parar em Colonia, onde se fixou e gosou duma grande reputação. Ainda ahi estava em 1580, mas voltou a Antuerpia onde pouco se demorou porque os curadores da universidade de Leyde o chamaram para tomar conta duma cadeira que elle acceitou. As suas funcções docentes, porém, duraram pouco, porque morreu nesta cidade a 10 de março de 1585.

Dodoens foi um dos primeiros praticos que fizeram therapeutica racional. Deve ser considerado como um dos epidemiologistas mais distinctos do seculo XVI e um dos fundadores da anatomia pathologica. Além dos seus conhecimentos medicos, era muito versado nas letras, na linguistica, nas mathematicas e sobretudo na botanica. As suas obras principaes são consagradas a esta ultima sciencia; as descripções das plantas são geralmente exactas, mas as suas tenta-

tivas de classificação nada têm de scientifico. Plumier consagrou á sua memoria um genero de plantas da familia das terebinthaceas, com o nome de *Dodonaea*. ([1])

Zacuto conhecia os seus trabalhos botanicos, *Stirpium historiæ pemptades sex* (Antuerpia, 1583), o seu livro *Medicinalium observationum exempla rara* (Colonia, 1541) e ainda a sua *Praxis medica* (Amsterdam, 1616). ([2])

Por ordem chronologica depara-se-nos agora Peter van Forest, mais conhecido pelo seu nome alatinado de Forestus. Foi um dos medicos mais illustres da Hollanda.

Nascido em Alkmaar em 1522, neto, sobrinho e irmão de medicos, o moço Forestus estudou humanidades na sua terra natal e depois passou a Haarlem, onde teve como mestre de mathematicas Ophusius, cuja competencia encarece. Em 1531 foi para Lovania e hesitou durante algum tempo sobre a carreira a seguir. Preferindo afinal a medicina, aperfeiçoou-se nas bellas-letras no Collegio trilingue, e cursou a medicina com Jeremias Triverio, Jeremias Brachelius e outros distinctos professores. Deixou Lovania em 1539 e no anno seguinte fez uma grande viagem pela Italia; visitou successivamente Ferrara, Veneza

---

([1]) Vander Linden, op. cit., pag. 521; Mercklin, op. cit., pag. 935; Paquot, op. cit., III, pag. 221; Banga, op. cit., I, pag. 10; Dechambre, *Dictionnaire encyclopedique*, 1.e serie, XXX, pag. 112; Puschmann, Neuburger und Pagel, op. cit., II, pag. 10, 20, 484, 569.

([2]) Zacuti, *Operum tomus primus* — Prefacio e pag. 68, 82, 122, 166, 445, 508 e 995 — *Operum tomus secundus* — *Praxis medica admiranda*, lib. I, obs. XCIV, pag. 22 e lib. II, obs. LV, pag. 54.

e Padua, onde Vesalio o recebeu carinhosamente, e foi seguir os cursos da universidade de Bolonha, onde teve por mestres Bento de Faenza, Jacobo Erigio, Elideu e Ghini, e recebeu o barrete de doutor, em 28 de novembro de 1543. Ahi travou relações de amizade com o celebre Valerio Cordus. Emfim, em 1544 transferiu-se para Roma, onde ouviu as licções que o seu compatriota G. Horst fazia á cabeceira dos doentes no Hospital de Santa Maria da Consolação. De Roma seguiu para Paris, onde foi assiduo aos cursos de Vidus Vidius e de Jacques Dubois. Aconselhou-o este a que se fixasse em Pluviers, na Beauce, mas Forestus apenas se demorou alli um anno, porque a familia e os amigos solicitavam-n'o a que voltasse para a patria. Foi residir para Alkmaar, onde não tardou a adquirir a reputação de pratico habil e combateu com bom exito uma epidemia de sarampo e variola que ahi se desenvolveu em 1551; mas alguns annos depois, grassando em Delft a febre pestilencial, Forestus foi para lá e luctou dedicadamente contra a epidemia (1557). Os habitantes, gratos aos seus serviços, fizeram todos os esforços para alli o conservárem e a Regencia nomeou-o seu medico ordinario, concedendo-lhe uma avultada pensão.

Estava em Delft havia perto de trinta annos, quando foi a Leyde em 8 de fevereiro de 1575, dia em que se abriu a Universidade. Ahi fez uma licção de medicina e pronunciou um discurso em louvor desta sciencia. Recusou, porém, o logar de professor que lhe offereciam e voltou a estabelecer residencia em Delft. Emfim, em 1595, retirou-se para Alkmaar, onde morreu em 1597, aos 75 annos de edade.

As obras de Forest têm sido differentemente julgadas, mas tende-se a acceitar a opinião de Dezeimeris que as considera uma collecção valiosa de factos, livre de qualquer preoccupação systematica. A ellas deveu o cognome de Hippocrates hollandez que lhe dão alguns seus compatriotas. ([1])

Zacuto conhecia o seu livro *De mulierum morbis* (Leyde, 1599), cita muitas vezes as *Observationum et curationum medicinalium* (Antuerpia, 1584 e frequentemente reimpresso), o *De incerto et fallaci urinarum juditio* (Antuerpia, 1583), e aconselha a consulta do *De venenis, de fucis* (Leyde, 1606). ([2])

Encontramos agora Pedro Talpa, ou antes Pedro Moll, provavelmente avô de um Pedro Moll, de Sneck, que foi chamado em 1647 a ensinar grego na Universidade de Franeker. Este medico nasceu, pelo meado do seculo XVI, provavelmente em Oldeberkoop, perto de Stelling, na Frisia. Visitou diversas universidades da França e provavelmente doutorou-se numa dellas. Depois exerceu a clinica em Sneck e mais tarde em Leeuwarden, onde adquiriu uma grande reputação, e onde ainda vivia em 1599.

Talpa fez uma guerra encarniçada aos charlatães

([1]) Vander Linden, op. cit., pag. 495; Mercklin, op. cit., pag. 888; Paquot, op. cit., II, pag. 579; Banga, op. cit., I, pag. 87; Dechambre, *Dictionaire Encyclopedique*, 4.ª serie, III, pag. 611; Puschmann, Neuburger und Pagel, op. cit., II, pag. 20, 21, 484, 658, 761, 858, 866 e 880.

([2]) Zacuti, *Operum tomus primus*. Præfatio e pag. 82, 85, 122, 148, 165, 168, 201, 202, 203, 332, 337, 379, 406, 515, 600, 675, 691, 761, 790, 845, 875, etc. — *Tomus secundus, Praxis medica admiranda*, lib. II, obs. II, pag. 40, e CLVI, pag. 81.

e aos empiricos e consagrou a vida a desilludir os seus compatriotas da sua credulidade. Os seus esforços traduziram-se pela publicação de dois opusculos que Hahn considera verdadeiramente notaveis e muito judiciosos. ([1]) Um delles: *Empiricus, sive indoctus medicus, dialogus,* Leovardiæ 1579, era conhecido de Zacuto. ([2])

Topamos agora no nosso caminho Johannes Heurnius, o *eruditissimo,* o *celeberrimo,* o *corypheu da nossa arte,* como Zacuto lhe chama, e por cujos trabalhos manifesta o maior apreço. Talvez nenhum dos medicos hollandezes seja tão enthusiasticamente elogiado por elle.

Heurnius, ou melhor van Horne, nasceu em Utrecht em 25 de janeiro de 1543. Ahi começou os seus estudos de humanidades com Jorge Macropedius e Arnoldo Eyckius. Aos 19 annos, seu pae levou-o para Lovania, onde se applicou ao estudo da philosophia, da medicina e das mathematicas, tendo por mestres das duas ultimas sciencias Jeremias Triverio, Pedro Breughel, André Balenus e Cornelio Gemma. Aos vinte annos passou a Paris, e durante três annos continuou a estudar medicina com Luiz Duret, a philosophia com Charpentier e Ramus, e as bellas-letras com Turnebe e Dorat. Seguiu depois para a Italia, onde se encontrou com os seus compa-

([1]) Vander Linden, op. cit., pag. 506; Mercklin, op. cit., pag. 907; Banga, op. cit. I, 141; Dechambre, *Dictionnaire Encyclopedique,* 3.ª serie, XV, pag. 657.

([2]) Zacuti, *Operum tomus primus,* pag. 270 — *Tomus secundus, Praxis medica admiranda,* lib. III, obs. CXLVI, pag. 142.

triotas Pedro Forest, João Davius, Busenius e Teilingius. Demorou-se em Padua, onde quiz instruir-se com os excellentes professores que ahi encontrou: Jeronymo Capivaccio, Mariano Stephanelli, Jeronymo Mercurialis, Bernardino Paterno, Fabricio d'Aquaprudente e Melchior Guillandini. Depois passou a Pavia, aos 27 annos, e portanto em 1571, e ahi ouviu as licções de anatomia de Gabriel Cunerius, e tomou o gráu de doutor no mesmo anno.

Durante dois annos ficou junto de Nicolau Perrenot de Granvelle, conde de Cantecroy, na qualidade de seu medico, e em 1573 regressou á Hollanda e estabeleceu-se em Utrecht, onde foi clinico dos condes de Egmont e do senhor de Noircarmes, governador da provincia. Depois que o principe d'Orange se assenhoreou de Utrecht, Heurnius foi vereador da cidade, mas acceitou o cargo contrariado e largou-o logo que pôde. Em 1581 foi chamado a Leyde para tomar conta duma cadeira de medicina, e ensinou até á morte, isto é, perto de vinte annos. Morreu de pedra em 11 d'agosto de 1601.

Heurnius foi um dos restauradores da medicina hippocratica, e o primeiro que em Leyde fez uma demonstração anatomica no cadaver humano. ([1])

As obras que Zacuto cita com mais frequencia são: *Hippocratis Coi Prolegomena et Prognosticorum libri tres* (Leyde, 1597) e *Hippocratis Coi Aphorismi*

([1]) Vander Linden, op. cit., pag. 357; Mercklin, op. cit., pag. 605; Paquot, op. cit., I, pag. 258; Banga, op. cit., I, pag. 162; Dechambre, op. cit., 4.ª serie, XIV, pag. 104; Puschmann, Neuburger und Pagel, op. cit., II, pag. 20, 21, 246, 287 e 668.

(Leyde, 1601) [1], mas conhecia todos os seus trabalhos publicados sob o titulo de *Opera omnia*, por seu filho (Leyde, 1609).

Depara-se-nos agora Henrique de Bra. Bra nasceu em Dokkum, cidade da Frisia, em 25 de setembro de 1555. Começou o estudo das humanidades na sua terra natal e foi completal-o em Norden, na Oost-Frisia. Estudou a medicina em Colonia, com Luiz Caspeau, e em Vienna com João Aicholtz e Benjamin Lybseuth, e depois foi para Basiléa, onde ouviu Theodoro Zwingler, Felix Platterus, Henrique Pantaleão e Nicolau Stephanus. Chamando-o á sua terra natal negocios domesticos, ahi fez o seu primeiro tirocinio clinico. Depois viajou na Italia e ficou um anno inteiro em Roma, para aproveitar as licções publicas de Alexandre Trajano Petronio e de Pedro Crispus. Viu de passagem as academias de Siena, Florença e Ferrara, demorou-se um pouco mais em Bolonha, mas a peste impediu-o de ir a Padua. Durou ao todo esta viagem dois annos. De regresso, passou em Paris, demorou-se alguns mezes em Genebra, depois foi para Basiléa, onde recebeu a borla doutoral quando era decano João Bauhin, pae. Munido do seu diploma, praticou dois annos em Leeuwarden, donde foi chamado a Kempen, no Over-Yssel, para ser nomeado medico de partido, demorou-se ahi oito annos e foi occupar um logar analogo em Dokkum, onde os amigos não cessavam de o chamar.

Mas Henrique de Bra não ficou na sua terra

(1) *Operum tomus primus*, pag. 102, 110, 130, 133, 188, 198, 201, 220, 337, 486, 766, 769, 799, 948, etc.

natal. Em 1593 voltou para Kempen, e em 1603 encontramol-o em Zutphen, onde era medico pensionado da cidade e do condado, e onde vivia ainda no anno seguinte, apesar dos esforços que os seus conterraneos faziam para o rehaverem. Desde então, perde-se-lhe a pista. [1]

As obras de Bra, que versam principalmente sobre os simplices medicinaes, não são de grande apreço. São puras compilações, por vezes destituidas de critica. Zacuto tambem parece que o não tinha em grande consideração, e cita-o apenas a respeito de uma epidemia que se desenvolveu na Moravia. [2]

O *perdoctus* Follinus é Hermannus Janz, nascido em Stavoren, na Frisia. Estudou em Leyde, em Franeker, em Lovania e em Bois-le-Duc, onde recebeu o grau de doutor em medicina e philosophia. Depois duma curta existencia em Paris, por 1611, voltou á sua patria e exerceu durante muitos annos a clinica em Bois-le-Duc, onde era medico de partido. Chamado a Colonia para ensinar na Universidade, accumulou a regencia das cadeiras de theoria e pratica. Deixou Follinus a reputação de ter sido um bom clinico, mas as obras que escreveu têm pouco interesse. Morreu no meio do seculo XVII da peste ou do typho de que não soubera preservar-se, apesar da pretenção que manifesta numa das suas obras de ter

(1) Vander Linden, op. cit., pag. 234; Mercklin, op. cit., pag. 391; Paquot, op. cit., II, pag. 246; Banga, op. cit., I, pag. 143; Dechambre, *Dictionaire Encyclopedique*, 1.e serie, X, pag. 428.

(2) Zacuti, *Operum tomus primus*, lib. II, pag. 337.

encontrado um meio seguro de prevenir aquellas doenças. ([1])

As obras que Zacuto conhecia de Follinus eram o seu *Libellus de cauteriis ad Thomam Fienum* que vem junto ao seu *Amuletum Antonianum, seu luis pestiferæ fuga* (Antuerpia, 1618) e as *Orationes de natura Febris puncticularis* (Colonia, 1622). ([2])

Não podia desconhecer Zacuto o celebre anatomico hollandez Pedro Paaw. Effectuamente, lá o encontramos citado.

Pedro Paaw nasceu em Amsterdam em 1564. Começou os seus estudos medicos na cidade da sua naturalidade e fez tão rapidos progressos que em 1580, aos dezeseis annos, foi mandado para a universidade de Leyde, onde teve professores como Bontius, Heurnius e Dodonaeus, e travou relações de amizade com o celebre litterato Justo Lipsio. Em 1584, foi para Paris, onde estudou com Luiz e João Duret e se entregou sobretudo á pratica das dissecções com J. Faber. As agitações da França obrigaram-o a abandonal-a, e foi para Rostock, onde estudou anatomia com H. Boucaens e onde recebeu o grau de doutor na edade de vinte e tres annos. Desde então começou a ensinar anatomia, mas pouco tempo depois foi a Padua para ouvir as licções de Fabricio d'Aquapendente e de J. Antonio Cortusius.

Chegando-lhe, entretanto, noticia da morte do

([1]) Vander Linden, op. cit., pag. 241; Mercklin. op. cit., pag. 408; Banga, op. cit., I, pag. 314.

([2]) Zacuti, *Operum tomus primus*, pag. 35, 166, 339 e 355, *Operum tomus secundus — De praxi medica admiranda*, II, ob. LXXXII, pag. 61.

pae, viu-se obrigado a abandonar a Italia ao cabo de três mezes, voltou a Amsterdam e em 1589 passou a Leyde, onde foi nomeado professor extraordinario de anatomia, sendo em 1592 elevado a professor ordinario e encarregado ao mesmo tempo de ensinar botanica. Durante os primeiros annos do seu ensino, dirigiu o jardim das plantas de Leyde. Em 1597 Paaw velou pela construcção do theatro anatomico desta cidade, e pouco depois obteve auctorização para dissecar os cadaveres dos condemnados á morte. Durante os vinte e dois annos que ainda durou o seu ensino naquella universidade fez 60 dissecções, creando uma escola anatomica que se havia de tornar muito florescente depois.

Ao mesmo tempo praticou a clinica com grande reputação. Foi testemunha da peste que grassou na Hollanda em 1600 e manifestou em combatel-a grande zelo e coragem. Pedro Paaw falleceu em 1617. (1)

Zacuto conhecia os seus trabalhos anatomicos e uns commentarios sobre Cornelio Celso que não vêmos indicados nos bibliographos. (2)

Agora, menciona Zacuto Otto Heurnius. Nasceu em Utrecht em 8 de setembro de 1577. Era filho de João Heurnius, de quem já falámos, e que o levou comsigo para Leyde em 1581, confiando-o a Nicolau Stochius para lhe ensinar humanidades. Aos

---

(1) Vander Linden, op. cit., pag. 503; Mercklin, op. cit., pag. 901; Banga, op. cit., I, pag. 198; Dechambre, *Dictionaire Encyclopedique*, 2.e série — XIX, pag. 617; Puschmann, Neuburger und Pagel, II, pag. 246.

(2) Zacuti, *Operum tomus primus* — Præfatio.

15 annos matriculou-se na Universidade daquella cidade, onde, depois de ter cursado philosophia com Pedro du Moulin, se deu ao estudo da medicina. Em 24 d'agosto de 1599 tomou o grau de mestre em artes, e a 8 de maio do anno seguinte obteve uma cadeira de philosophia que regeu com distincção. Em 7 de julho de 1601 recebeu o grau de doutor em medicina e um mez depois perdia o pae, a quem substituiu no mesmo anno, em seguida a um concurso em que teve como competidor Gerardo de Bont. A's suas lições acudia numeroso auditorio que o tinha em grande apreço, mas parece que os collegas o não consideravam tanto, porque Gaspar Bearle (Barlæus) diz numa das suas cartas que o illustre Heurne não tinha podido alcançar o cargo de reitor ao cabo de trinta annos de serviço. Só o obteve em 1648, quando já era professor emerito. Viveu ainda três annos e meio e falleceu a 14 de julho de 1652, com perto de 75 annos.

Othão Heurne publicou diversas obras de seu pae e depois uma edição completa desses trabalhos em Leyde, 1609, 2 vol. in-4.º. Dirigiu egualmente uma edição das obras de Fernel, a que juntou alguns additamentos, e principalmente: *Casus et observationes rariores, quas in Diario practico annotavit.* Além disto, e de sua auctoria, escreveu: *Babylonica, Indica, Ægyptia,* etc., *philosophiæ primordia,* Lugduni Batavorum, 1600 in-12.º e 1619 in-16.º [1]

[1] Mercklin, op. cit., pag. 862; D. Pauli Freheri, *Theatri virorum eruditione clarorum,* Tomus posterior, Noribergæ, 1688, pag. 1341; Paquot, op. cit., I, pag. 261; J. Banga, op. cit., I, pag. 225.

E' este livro que Zacuto cita, e do juizo que fazia do auctor diz o bastante o epitheto *eruditissimo* que lhe applica frequentemente. ([1]) Tambem conhecia a edição das obras de seu pae, publicada por elle. ([2])

O clarissimo João Freitag, celeberrimo professor da Universidade de Groningen, que vem em seguida, nasceu em Nieder-Wesel, no ducado de Clèves, em 30 d'outubro de 1581. Tendo-se visto os paes, que professavam a religião reformada, obrigados a refugiar-se em Osnabruck, nesta cidade começou os seus estudos que depois continuou em Colonia, em Wesel e em Helmstadt, onde cursou philosophia. Resolvendo-se a abraçar a profissão de medico, percorreu differentes universidades do norte da Allemanha, demorando-se em Rostock e voltando a Helmstadt, onde Meibomius lhe confiou a educação de seu filho. Em 1604, nomearam-o professor extraordinario, apesar de ser ainda muito novo. Quatro annos depois recebeu a borla doutoral, e foi para a côrte do bispo d'Osnabruck, de quem tinha sido nomeado primeiro medico. Ahi passou vinte e três annos ao serviço de três bispos que neste lapso de tempo se succederam, mas em 1631 foi despedido por se ter recusado a abjurar a religião de seus paes. Então os condes de Nassau e de Bentheim fizeram-lhe obter uma cadeira

([1]) Zacuti, *Operum tomus primus*, lib. II, pag. 298.

([2]) ...*Quem librum, sicut et alia plurima ipsius opera Otho Heurnius, ejusdem auctoris filius, in Academia Leydensi Medicinæ Professor meritissimus et omni disciplinarum genere insignitus, pio in paternos cineres affectu in lucem dedit* (Id., lib. I, pag. 133).

na Universidade de Groningen que occupou com brilho até á morte, succedida em 8 de fevereiro de 1641. Nos ultimos momentos foi assaltado por grande numero de doenças que elle proprio tinha a boa fé de attribuir á sua intemperança. ([1])

Freitag era um galenista e chimiatra fanatico, partidario da philosophia aristotelica e adversario fogoso do cartesianismo. Das suas obras, Zacuto conhecia as *Noctes medicæ, sive de abusu medicinæ tractatus* (Francfort, 1616) e a *Disputatio medica, de morbis totiæ substantiæ* (Groningen, 1632). ([2])

Temos agora deante de nós uma das mais illustres figuras da medicina hollandeza.

Nicolau Tulp, tambem chamado Claus Pieterzoon e Nicolau Petreus, nasceu em Amsterdam em 1593. Segundo o costume do tempo foi collocado como aprendiz em casa dum cirurgião da cidade. Sentia-se, porém, com capacidade para mais, e tendo estudado latim, pôde ir frequentar a Universidade de Leyde, onde teve como professores de medicina Paaw, J. Heurne e Everardo Vorst.

Em 1616 obteve o diploma de doutor, depois de ter defendido a sua dissertação: *De animi et corporis sympathia.* Veiu estabelecer-se em seguida na sua cidade natal e em 1628 succedeu a J. Fontein como prele-

([1]) Vander Linden, op. cit., pag. 347; Mercklin, op. cit., pag. 583; Banga, op. cit. I, 338; L. Hahn, art. FREITAG in *Dictionnaire Encyclopedique des sciences médicales,* de Dechambre, 4.e serie, VI, pag. 58.

([2]) Zacuti, *Operum tomus primus,* lib. III, pag. 445 e lib. V, pag. 870; *Operum tomus secundus — De praxis medica admiranda,* lib. III, obs. CXLV, pag. 142.

ctor de anatomia e de medicina, e começou dentro em pouco a fazer um curso publico de dissecção que em 1634 transferiu para o novo amphitheatro situado

Nicolau Tulp

Retrato extrahido do quadro de Rembrandt *A lição de anatomia*, segundo uma gravura a agua-forte de J. de Frey

no local dos pesos e medidas perto de Santo Antonio e que regeu durante vinte annos.

O que o levou a renunciar ás suas funcções docentes foi a nomeação de burgo-mestre, que recebeu em 1654, e que depois foi renovada em 1656, 1660 e 1671. Eram honras merecidas, porque Tulp

se assignalou pelo zelo em defender a independencia da sua patria. Bem o provou nas circumstancias criticas em que se encontrou Amsterdam em 1672 pelas conquistas de Luiz XIV. Apesar da sua extrema velhice, falou com tanta força no conselho reunido para deliberar sobre a capitulação desta praça que se diria que os annos lhe tinham augmentado a coragem, e mais que nenhum outro contribuiu para impedir que ella fosse entregue ao inimigo. Começava a Hollanda a respirar quando o heroico burgo-mestre falleceu em 1674.

Tulp gosava duma grande reputação como pratico, mas tornou-se principalmente conhecido como anatomico pela primeira descripção da valvula ileo-cecal descoberta por Bauhin e pela descoberta no homem dos chiliferos que Aselli tinha visto em 1622 no cão; esta descoberta remonta a 1639. Tambem foi Tulp o primeiro que descreveu a anatomia do chimpanzé. Em 1636 appareceu a primeira *Pharmacopœa Amstelodamensis*, provavelmente redigida de principio a fim por Tulp. A sua obra principal é *Observationum medicarum libri tres*, cuja primeira edição é de 1641. Merece egualmente menção uma *Epistola de calculis*, inserta na *Exercitatio in Hippocratis aphorismi de calculo*, de João Beverwijck. (1)

Zacuto não cita as obras de Tulp, o que não

---

(1) Vander Linden, op. cit., pag. 473; Mercklin, op. cit., pag. 845; Banga, op. cit., I, pag. 233; Dechambre, *Dictionnaire encyclopedique des sciences medicales*, 3.e serie, XVIII, pag. 312; Puschmann, Neuburger und Pagel, op. cit., II, pag. 68, 251, 252, 486, 622, 633, 634 e 657.

admira, visto que a primeira saíu á luz no anno que precedeu a morte do medico judeu. Mas encontrou-o no seu caminho e votava-lhe uma grande consideração e respeito. ([1])

Segue-se agora Augerius Clutius, ou antes Outger Kluyt. Era filho dum pharmaceutico de Leyde, Henrique Outgers Kluyt, grande amador de plantas medicinaes e vegetaes exoticos, e tambem de anatomia, que em 1587 foi encarregado da creação dum novo jardim botanico. Estava em relações amigaveis com L'Ecluse, o maior botanico do seu tempo.

O filho herdou do pae o enthusiasmo pela botanica e auxiliado por elle fez uma viagem pela Allemanha, França, Italia e Espanha e pela propria Africa, com o proposito de descobrir vegetaes raros que mandava para Leyde. Nessa viagem soffreu mil contrariedades, dizendo-se que nas costas africanas foi por três vezes roubado e até privado da liberdade pelos berberes.

Diz Banga, mas não o vêmos confirmado, que foi durante algum tempo inspector do jardim botanico de Montpellier e que de regresso á patria desempenhou funcções analogas na sua cidade natal. ([2])

Affirma terminantemente Paquot que residiu em

([1]) Veja-se o capitulo seguinte.

([2]) Vander Linden, op. cit., pag. 64; Mercklin, op. cit., pag. 95; Haller, *Bibliotheca botanica,* Tiguri, 1771, I, pag. 451; Banga, op. cit., I, pag. 248; Paquot, op. cit., III, pag. 507; A. Chereau, art. CLUYT do *Dictionnaire encyclopedique des sciences medicales,* 1.e serie, XVIII, pag. 145.

Amsterdam em 1634 e em 1636. [1] Seria então que travaria relações com o nosso biographado.

Zacuto por diversas vezes se refere ao denodado amador das plantas, sempre com o maior elogio. Dá conta da recentissima publicação do seu opusculo sobre o *côco das Maldivas*, que encarece e chama-lhe medico e botanico eximio *de Amsterdam*, [2] e noutra passagem, tambem relativa ao mesmo fructo, diz que as suas propriedades foram diligente e elegantemente expostas por aquelle medico eruditissimo. [3] Egualmente conhecia a sua *Dissertatio lapidis nephritici, seu jaspidis viridis* e mais uma vez accentua a consideração em que o tinha o auctor, chamando-lhe *medicus amstelodamensis celeberrimus et secretorum acerrimus indagator*. [4]

Encontramos agora Johannes Bodæus van Stapel. Foi um medico illustre que nasceu em Amsterdam no fim do seculo XVI. Começou os seus estudos medicos em Leyde em 1610, sendo discipulo de Othão Heurne e Pedro Paaw que o tinha em grande estima. Everardo Vorst ensinou-lhe botanica e foi o filho deste professor, Adolpho Vorst, que lhe conferiu o titulo de doutor.

Munido do seu diploma, fixou-se na sua terra natal e ahi exerceu a medicina, mas ao cabo de algum tempo consagrou-se exclusivamente á botanica, já cultivada por seu pae Egberto, tambem medico em Amsterdam.

(1) Op. cit., III, pag. 507.
(2) Zacuti, *Operum tomus primus*, lib. II, pag. 342.
(3) Id., lib. IV, pag. 777.
(4) Id., lib. III, pag. 579.

Estudou principalmente Theophrasto, que traduziu, accrescentando-lhe commentarios muito apreciaveis. Projectava fazer o mesmo a Dioscorides, mas não o pôde realizar, porque a morte o colheu prematuramente em 1636.

Esse livro sobre Theophrasto foi publicado por Egberto, annos depois da morte do filho. Tem o titulo de: *Theophrasti Eresii De historia plantarum libri decem, græce et latine,* saíu á luz em Amsterdam em 1644, e a elle se referem com elogio J. A. Corvinus, Haller e G. Wrolich, além doutros, não falando em que Nicolau Tulp compoz em seu elogio uns versos latinos por occasião da morte do auctor. ([1])

Devemos acreditar que Zacuto privou com elle visto que conhecia a sua versão de Theophrasto antes della apparecer a lume. E' o que resalta da seguinte passagem: *Theophrastum fidè transtulit Daniel Heinsius, nostri gloria seculi: explicuit politè Julius Cesar Scaliger; in quo enucleando plurimam meretur laudem Joannes Bodæus, Medicus Amstelodamensis solertissimus.* ([2])

Nicolau Fontein, mais conhecido pelo nome alatinado de Fontanus, nasceu em Amsterdam no principio do seculo XVII ou, como quer Banga, no fim do seculo XVI. Obteve o grau de doutor provavelmente na Universidade de Leyde, exerceu com felicidade a medicina, a cirurgia e a obstetricia e sobretudo tor-

---

([1]) Vander Linden, op. cit., pag. 328; Mercklin, op. cit., pag. 545; Banga, op. cit., I, pag. 311; Dechambre, *Dictionnaire encyclopedique des sciences medicales*, 3.e serie, XI, pag. 436.

([2]) Zacuti, *Operum tomus secundus*, pag. 10.

nou-se conhecido como professor de anatomia. Em 1640 foi nomeado inspector do collegio medico. Como parteiro servia-se com habilidade do gancho, e como cirurgião deve-se-lhe uma observação curiosa de extirpação do utero que os auctores modernos parece não conhecerem, outra de laryngotomia seguida de bom exito e uma resecção do pulmão tambem feliz. E' longa a lista das suas obras, que abrangem quasi todos os ramos da medicina. ([1])

Fontein, a quem Zacuto prodigaliza a cada passo epithetos elogiosos [medico percelebre, douto, eximio, preclaro, não menos elegante do que douto ([2])], viveu na sua intimidade, como adeante se verá.

A obra que cita é principalmente as *Institutiones Pharmaceuticæ* (Amsterdam, 1633), ([3]) mas tinha conhecimento do *Syntagma Medicum de Morbis mulierum, in quatuor tomos distinctum*, cuja leitura recommenda e que só se publicou depois da morte do medico judeu. ([4])

Não se cança Zacuto de proclamar os meritos de João Beverwijck, mais conhecido pelo seu nome alatinado de Beverovicius. Medico elegante e douto, medico eruditissimo, medico celeberrimo, é esta a fórma ordinaria de o designar. Algum motivo havia para

([1]) Vander Linden, op. cit., pag. 468; Mercklin, op. cit., pag. 833; Banga, op. cit., I, pag. 245 e seg.; A. Dureau, art. FONTEYN in *Dictionnaire encyclopedique des sciences médicales*, 4.e serie. t. III, pag. 403; Puschmann, Neuburger und Pagel, op. cit., II, pag. 488.

([2]) Zacuti, *Operum tomus primus*, pag. 46, 564, 717, 768, etc.

([3]) Zacuti, *Operum tomus primus*, I, pag. 303, 405, 875, etc.

([4]) Zacuti, *Operum tomus primus* — Præfatio.

taes elogios, embora exaggerados segundo o costume do tempo.

Beverwijck nasceu em Dordrecht em 17 de novembro de 1594. Por sua mãe, ainda lhe corria nas veias sangue de Vesalio. Estudou as linguas grega e latina sob a direcção de João Gerardo Voss, e aos 16 annos foi para Leyde, onde se aperfeiçoou nas bellas-letras, com Domingos Baudius e Daniel Heinsius, e frequentou a escola de medicina, onde recebeu licções de Pedro Paaw, Everardo Vorst e de João Heurne. Passados quatro annos foi para França, residindo em Caen, em Paris e em Montpellier. Nesta ultima cidade ouviu João Varandé e Francisco Ranchin, com quem travou relações de amizade. Em 1616 foi a Padua, cuja Universidade estava muito florescente, e teve por mestres o nosso Rodrigo da Fonseca, Santorio Santorii, João Baptista Selvaggio e João Baptista Sala. Ahi recebeu o barrete de mestre em artes e de doutor em medicina. De Padua passou a Bolonha, e applicou-se á clinica sob a direcção de Fabrizio Bartoletti, a quem acompanhava nas suas visitas. Sentindo-se agora capaz de arrostar com as difficuldades do exercicio da profissão medica, quiz voltar á patria, mas no caminho parou em Basiléa, onde viu Felix Platerus e Gaspar Bauhin, e em Lovania, onde travou relações com Thomaz Fienus e Erycio Puteanus. Emfim, chegou a Dordrecht e adquiriu tal reputação como clinico que em 1625 foi nomeado medico ordinario da cidade e lente de cirurgia. Dois annos depois, entrou na Regencia, na qualidade de conselheiro, e conservou este cargo até 1628. Foi eleito vereador em 1631 e 1632,

administrador do hospicio dos orphãos, e emfim mais do que uma vez foi deputado á assembleia dos estados da Hollanda, da Zelandia e da Frisia occidental. Morreu em Dordrecht em 19 de janeiro de 1647.

Beverwijck, que não era apenas habil na sua arte, mas tinha um conhecimento profundo das bellas-letras, escreveu sobre toda a ordem de assumptos, tanto scientificos como litterarios. (1) Das suas obras, a que ao tempo teve maior notoriedade foi a *Epistolica Quæstio de Vitæ termino fatali, an mobili* (Dordrecht, 1634); mas a mais valiosa, e ainda hoje citada com apreço, é o *De calculo renum et vesicæ liber singularis, cum Epistolis et consultationibus magnorum virorum* (Leyde, 1638), em que Zacuto collaborou. O medico judeu conhecia estas obras e ainda a sua *Idea Medicinæ Veterum* (Leyde, 1637) onde Beverwijck se occupa especialmente de therapeutica, e a oração em que defendeu a medicina dos ataques que soffreu da parte de Montaigne. (2)

Menciona tambem Zacuto Adolpho Vorst. Este considerado medico nasceu em Delft em 1597 e desde muito novo mostrou grande inclinação para as sciencias. Breve partiu para a Italia, onde se demorou alguns annos e se doutorou na Universidade de Padua, em 1622. Fixou-se então em Leyde e dois annos depois foi nomeado lente interino de medicina, pas-

(1) Vander Linden, op. cit., pag. 328; Mercklin, op. cit., pag. 542; Paquot, op. cit., II, pag. 365; Banga, op. cit., I, pag. 286; Dechambre, *Dictionnaire Encyclopedique*, 1.e serie, IV, pag. 220; Puschmann, Neuburger und Pagel, op. cit., II, pag. 486.

(2) Zacuti, *Operum tomus primus* — Præfatio e pag. 412, 481 e 749.

sando em 1625 a lente effectivo, accumulando as suas funcções docentes com a direcção do jardim botanico. Dedicou-se ao estudo da anatomia, mas como eram raros os cadaveres humanos nos quaes se pudesse entregar á dissecção, praticava-a em cães. Sylvius, seu mestre, convenceu-o da circulação do sangue.

Vorst era um grande humanista e conhecia a fundo o hebreu e o arabe. Cultivava relações affectuosas com os homens mais eminentes do seu tempo, como van Beverwijck, L. Empereur, Golius e Salmasius. Tambem estava em correspondencia seguida com Anna Maria van Schurman, que o estimava muito pela sua intelligencia e pela nobreza da sua alma. Bartholin escreveu a respeito da sua morte, succedida em 1663, uma carta que parece escripta com lagrimas. [1]

Pouco escreveu Vorst. Além de um catalogo das plantas do jardim botanico de Leyde, apenas é conhecido por traducções e revisões de Hippocrates. Uma destas é citada por Zacuto e provavelmente a *Recognitio versionis J. Opsopœi aphorismorum Hippocratis* (Leyde, 1628). O juizo que o nosso compatriota fórma de Vorst manifesta-se chamandolhe celeberrimo professor da illustre Academia de Leyde. [2]

Surge-nos a seguir Vopisco Fortunato Plemp. Este medico nasceu em Amsterdam em 23 de dezem-

---

[1] Vander Linden, op. cit., pag. 7; Mercklin, op. cit., pag. 10; Banga, op. cit., I, pag. 320; Dechambre, *Dictionnaire Encyclopedique*, 5.e serie, III, pag. 771.

[2] Zacuti, *Operum tomus secundus—De Praxi medica admiranda*, lib. III, obs. CXIII, pag. 125.

bro de 1601. Estudou em Leyde, em Padua e em Bolonha, onde obteve o grau de doutor em 1624. Exerceu a profissão medica na terra da sua naturalidade, onde travou relações com Zacuto, que lhe chama *ingeniosissimus*. ([1]) Em 1633 foi nomeado professor em Lovania, e ahi adquiriu grande renome: *nunc summa cum sui nominis commendatione Medicinam Lovanii profitetur*, diz a seu respeito o nosso biographado. ([2]) Ahi falleceu em 12 de dezembro de 1671. Foi um adversario encarniçado da doutrina harveyana da circulação, mas em 1644 reconheceu o seu erro e teve a hombridade de o confessar. Oppoz-se egualmente durante muito tempo á introducção da quina na Hollanda.

Plemp deixou numerosos trabalhos sobre as doenças oculares, sobre as affecções dos cabellos e das unhas, sobre a peste, etc. Deve-se-lhe tambem uma traducção latina do Canon de Avicena. ([3])

Destas obras, a que se nos afigura mais importante é a *Ophtalmographia*, cuja primeira edição se publicou em 1632. Era este livro o que Zacuto conhecia, e comquanto não subscrevesse a todas as suas opiniões, formava do seu auctor elevado conceito, chamando-lhe *acris ingenii vir*. ([4]) Ainda voltaremos a occupar-nos de Plemp.

([1]) Zacuti, *Operum tomus primus*, lib. II, pag. 216.

([2]) Idem, lib. VI. pag. 824.

([3]) Vander Linden. op. cit., pag. 582; Mercklin, op. cit., pag. 1048; Banga, op. cit., I, pag. 278; Dechambre, *Dictionnaire encyclopedique*, 2.ª serie, XXVI, pag. 6.

([4]) Zacuti, *Operum tomus primus*, pag. 96, 226, 510, 824 e 830. — *Operum tomus secundus. De praxi medica admiranda*, lib. I, obs. LVII, pag. 14.

O mais novo dos medicos hollandezes com quem Zacuto viveu em intimo convivio foi João Antonides vander Linden. Nascera este em 13 de janeiro de 1609 em Enkhuyzen, onde seu pae exercia a medicina e dirigia um collegio. Terminados os seus estudos de humanidades em 1625, foi cursar medicina em Leyde, onde teve como professores Othão Heurne, Evalde Schverelius, Adriano Falcoburgius e Adolpho Vorst, e foi buscar a Franeker o barrete de doutor que recebeu a 18 de outubro de 1630. Meio anno depois, foi estabelecer-se em Amsterdam junto de seu pae, e ahi exerceu a clinica até 1639, em que foi chamado a Franeker para substituir Menelau Winsemio na cadeira de medicina que por morte deixara vaga. Ensinou ahi todos os ramos desta sciencia, e adquiriu grande reputação como clinico e professor. A ella deveu a honra de ser convidado a ir ensinar em Utrecht, o que não acceitou, mas em 1651 a Universidade de Leyde foi mais feliz nas suas solicitações, e a 7 de julho tomou posse do seu logar de professor. Exerceu o logar perto de treze annos, morrendo no exercicio do professorado em 5 de março de 1664.

Linden occupou-se muito de historia e bibliographia medicas e a sciencia deve-lhe a primeira obra importante sobre este objecto. Haller diz que apesar de algumas omissões, erros de datas e algumas repetições, erros aliás raros, o seu livro *De scriptis medicis* é muito util e accrescenta: *Neque ego unquam hanc bibliothecam tolerabilem* (a *Bibliotheca medico-pratica) perfecissem nisi a Lindenio adjutus fuissem.* Deve-se ainda a Vander Linden uma edição greco-latina de Hippocrates, em 2 volumes in-8.°, que foi

excellentemente acolhida, o que em grande parte foi devido á commodidade do formato e á belleza da impressão.

Tambem publicou uma edição de Celso bastante mediocre. Seguindo o exemplo de Le Boë, seu compatriota e collega na Universidade de Leyde, Vander Linden, apesar do seu affecto á antiguidade, seguia a escola chimiatrica creada por Paracelso e van Helmont. Valeu-lhe isso algumas censuras do mordente Guy Patin, temperadas um pouco em attenção aos seus conhecimentos de grego e á sua erudição. [1]

Zacuto conhecia o seu livro *De Scriptis medicis* a que acima nos referimos. No prefacio do 1.º volume das suas obras, depois de ter apresentado uma rapida resenha do estado da medicina no seu tempo, mencionando os seus mais illustres cultores, accrescenta: *Sileo quam plurimos qui de variis argumentis varia opera evulgarunt, quos legat qui velit apud versatissimum Lindanum, Medicum Amstelodamensem eximium, qui post Schenckium, duobus libris De scriptis Medicis, nuperrimè, eos stilo grandiloquo proposuit.*

Das relações que o exilado teve com o medico hollandez, e do caracter singular que ellas revestiram ha-de ter o leitor conhecimento.

Terminamos a longa enumeração dos medicos hollandezes que Zacuto conheceu. Ao lêr as amabilidades que elle lhes dirige quasi sem excepção, nin-

(1) Vander Linden, op. cit., pag. 312; Mercklin. op. cit., pag. 516; Paquot, op. cit., I, pag. 340; Banga, op. cit., I, pag. 401; Beaugrand, *Dictionnaire encyclopedique des sciences medicales*, de A. Dechambre, 2.e serie, II, pag. 602.

guem dirá que elle fosse um censor medianamente severo, antes se afigura um devotado panegyrista. Fixe-se bem este ponto que nos hade servir para rebater uma das calumnias que a seu respeito se tem feito correr.

CAPITULO VII

Inicio de Zacuto em Amsterdam — Os seus primeiros livros, as suas relações, os seus estudos

E'-nos conhecido, embora perfunctoriamente, o meio em que se vae desenrolar a vida de Zacuto. Podemos agora caminhar desembaraçadamente.

Não é de crêr que o nosso illustre medico fosse encontrar logo ao chegar á Hollanda uma situação desafogada e muito menos brilhante. Todavia, os seus biographos, e sobretudo Banga, affirmam que adquiriu em Amsterdam uma clientela consideravel, tanto pelo seu saber como pela sua felicidade no tratamento dos doentes, e que essas qualidades eram sobretudo apreciadas pelos seus compatriotas. [1]

A base da affirmação é contestavel, porque a colonia portugueza era, á sua chegada, ainda pequena.

---

[1] Op. cit., I, pag. 250.

Já ficou dito que, ao reunirem-se os judeus peninsulares pela primeira vez para orarem em commum, em casa de D. Samuel Palache, o seu numero era apenas de dezeseis, e essa reunião effectuava-se no anno seguinte ao da chegada de Zacuto a Amsterdam. A emigração, porém, ia crescendo e tanto que em 1623, segundo um testemunho coevo, já o numero de judeus portuguezes que residia naquella cidade era de 1500 proximamente. ([1])

Não póde haver duvida de que os seus principios foram difficeis, mas á medida que affluiam os judeus á Hollanda, os seus meritos já affirmados em trinta annos de exercicio clinico em Portugal, começariam a grangear-lhe clinica remuneradora.

A prova do que affirmamos é-nos fornecida pelo proprio Zacuto. Na dedicatoria do primeiro volume dos seus *De medicorum principum historia libri sex*, diz elle: *Accipe igitur, quas tibi libentissimè studiorum nostrorum debitas offerimus primitias et humillimum servum tuum (quem ab in eunte ætate, parentibus orbatum, pauperem, e genum humano prorsus destitutum auxilio, tua divina tutela protectum, Pietate et clementia adjutum, altum ad Medicinæ culmen et optatum scientiæ gradum fæliciter perduxisti) a Zoilorum calumniantium iniqua lingua, virulentis morsibus, ac livida protervia, tuere, tege, defende.*

A confirmal-o, num *Præludium*, que nas edições in-folio se não encontra, queixa-se egualmente da sua pobreza. *Inveni sex de eodem argumenti libros, orna-*

([1]) Informação do snr. Pedro A. Azevedo colhida no caderno I das denuncias da Inquisição.

tos et comptos, quos omnes insimul propter penuriam meam (quam post varios casus, post mille discrimina rerum, fateri non erubesco) proprio ære typis committere non potui nec eos ob justas causas alienis sumptibus cudendos volui.

Estamos bem distantes da abastança de que nos fala Banga.

No meio das difficuldades com que luctava, começou Zacuto a escrever as suas obras, traçando para a primeira — *De medicorum principum historia* — um vasto plano que era nada menos do que reunir as observações dos grandes medicos da antiguidade, juntando-lhe commentarios, elucidando duvidas, buscando casos da sua pratica que approximasse dos colhidos nos livros gregos e arabes. Em 1629 apparecia o primeiro volume que o auctor offerecia ao imperador dos imperadores, ao senhor dos senhores, ao rei dos reis, numa palavra, a Deus, visto que estava destituido quasi completamente de auxilio do genero humano. Todavia, o mesmo Zacuto affirma, na dedicatoria a Henrique de Nassau dos seus *De praxi medica admiranda libri tres*, que aquellas primeiras primicias do seu engenho as consagrou ao principe d'Orange Frederico Henrique que, muito inclinado aos estudiosos, as acolheu com benignidade e extremada cortezia. (¹)

Já então Zacuto se começara a relacionar com os

(¹) *Cum enim primas ingenii primitias Serenissimo Frederico Henrico Aurantiorum Principi Maximo, tibi, arctissimo consanguinatis gradu connexo, dicarem, quas ille, cum sit in studiosos valdè propensus, benignè, et perhumaniter accepit...*

homens mais cultos do seu tempo, não só dos que residiam na capital da Hollanda, mas em outros paizes.

Assim o provam as cartas elogiosas que acompanham esse volume e que são assignadas por Othão Heurne, datada da Universidade de Leyde, a 5 de maio de 1629; e por Benedicto de Castro, com data de Hamburgo 25 de janeiro do mesmo anno. Egualmente o louvam em versos enthusiasticos: Nicolau Fontein, Jacob Gomes da Costa, Jeronymo Fernando, David de Haro, e um intimo amigo do auctor, cujo nome não é indicado.

Da carta do primeiro collige-se que Zacuto andava trabalhando em outras obras de tanto tomo como esta e que nunca se publicaram: as *Historias cirurgicas* e *De neotericorum medicorum in Theoria ac praxi erroribus*.

Bento de Castro exultava de contente com a publicação do livro de Zacuto, e o seu enthusiasmo decerto parece excessivo aos leitores do nosso tempo: *O fœlix ætas quæ tam ingeniosum nobis ingenuit, atque creavit virum, qualèm te ex Lusitanis arvis exisse merito gloriamur*, exclama elle, e termina: *Vale, medicæ scholæ splendor et gloria, et me, ut soles, ama.*

Este Bento de Castro, ou Baruch Nehamias de Castro, era filho de Rodrigo de Castro e nasceu em Hamburgo em 1597. Estudou no gymnasio desta cidade em 1615, recebeu de seu pae a instrucção preparatoria para a medicina e proseguiu os seus estudos em diversas universidades. Depois da sua gradação em Padua (ou em Franeker), começou a pra-

ticar em Hamburgo em 1622 e adquiriu tal fama que em 1645 foi nomeado medico ordinario da rainha Christina da Suecia. Castro foi por algum tempo presidente da congregação luso-judaica de Hamburgo e um zeloso adherente do famoso pseudo-Messias Shabbethai Zebi. Casou duas vezes. Na velhice, estava reduzido a tal pobreza que se viu obrigado a vender os livros e mobilia para obter meios de subsistencia. Morreu em 31 de janeiro de 1684 e foi enterrado no cemiterio da congregação portugueza de Altona. No seu tumulo, erigido pelos parentes, existe a seguinte inscripção:

Do Benaventurado muy insigne Varão
o Doutor Baruch Nahamyas de Castro
faleceo em 15. Sebat año 5444
Sua alma gloria.

Bento de Castro publicou, com o pseudonymo de Philotheo Castello, a obra seguinte: *Flagellum Calumniantium, seu Apologia in qua Anonymi Cujusdem Calumniae Refutantur, Ejusdem Mentiendo Libido Detegitur*, Amsterdam, 1631, livro de polemica em que o auctor defende a origem dos medicos portuguezes dos ataques maliciosos dum certo Joaquim Curtius. Diz-se que tambem publicou em Antuerpia em 1629, sob o titulo de *Tratado da Calumnia em o qual Brevemente se Mostra a Natureza, Causas e Effeitos deste Pernicioso Vicio*.

Escreveu tambem *Monomachia sive Certamen Medicum, quo Verus in Febre Synocho Putrida cum Cruris Inflammatione Medendi Usus per Venae Sectionem*

in Brachio, Hamburgo 1647, livro dedicado á rainha da Suecia. ([1])

Fontein viveu muito na intimidade de Zacuto, que não cessa de lhe dirigir louvores nas suas obras, como vimos.

Como tinha convivio frequente com as musas, não se limitava a escrever os versos que nos motivam estas palavras. Quando Zacuto publicou a sua *Praxis medica admiranda*, mandava-lhe outra composição poetica a decantar os seus meritos.

Pouco sabemos de David de Haro que, nos versos que enviou a Zacuto, se intitula apenas estudante de philosophia da celeberrima Universidade de Leyde. Formou-se em medicina no mesmo estabelecimento e exerceu a clinica em Amsterdam. Era originario de Portugal e tomou parte na representação do *Dialogo de los siete montes*, na synagoga de Beth Jacob da mesma cidade. ([2])

A publicação da obra de Zacuto *De medicorum principum historia* ficou por então interrompida, sahindo apenas o primeiro volume. A culpa não foi do auctor, visto que, segundo affirma, não se passava um dia sem escrever uma linha e mais tarde bem provou a sua capacidade de trabalho, havendo annos em que publicou dois volumes da sua obra. No *Præfactio ad lectorem* da primeira edição dos seus *De praxi medica admiranda libri tres* queixava-se elle da morosidade dos typographos, o que não devia

([1]) Art. CASTRO da *Jewish Encyclopedia*.

([2]) Kayserling, *Bibliotheca española-portugueza-judaica*, pag. 52.

causar admiração, visto que a guerra em que ardia a Europa, e principalmente a Allemanha, não era favoravel ao commercio dos livros. Elle é que, não obstante, ia trabalhando sempre.

Em 1632 publicava Menasseh ben Israel a primeira parte do seu *Conciliador*. Já conhecemos o muito apreço em que o illustre rabbino tinha o seu correligionario. Quiz dar-lhe agora uma nova prova de consideração, pedindo-lhe que acompanhasse o seu livro de algumas palavras suas. Zacuto acceitou o encargo e escreveu o prefacio que transcrevemos no fim deste volume. Nelle se vê que não tinha Menasseh em menor conceito do que por elle era tido. Sapientissimo varão lhe chama no endereço. O seu livro é digno de sempiterna memoria. O perfume suave das suas palavras recreou-lhe a alma, o sabor dulcissimo do seu discurso deixou-lhe impressão agradavel no paladar. O seu livro representava um indefesso trabalho em conciliar duvidas. As passagens obscuras, difficeis de interpretar, tudo Menasseh aclarava.

Emquanto não se removiam as difficuldades para que pudesse proseguir a publicação da *De medicorum principum historia*, o medico portuguez preparava um novo livro que appareceu pela primeira vez em 1634 com o titulo de *De praxi medica admiranda libri tres*.

E' uma collecção de observações notaveis, na maior parte colhidas por elle proprio, mas algumas das quaes lhe foram fornecidas por outros medicos illustres. Se na *De medicorum principum historia* é para notar a sua grande erudição, nesta segunda

obra os seus titulos de grande clinico ficam solidamente estabelecidos.

Alargara-se muito o ambito das suas relações e transpuzera os limites da Hollanda. A encarecerem os merecimentos do auctor encontramos agora Estevão Rodrigo de Castro, lente de prima na Universidade de Pisa; versos em sua honra escrevem-os C. Barlæus, Nicolau Fontein, João Antonides Vander Linden, Simão Brenius e João Hylandros.

Nada pudemos apurar dos dois ultimos; conhecemos já Nicolau Fontein e Vander Linden; é necessario que digamos algumas palavras de Estevão Rodrigues de Castro e de Caspar Barlæus.

Estevão Rodrigo de Castro nasceu em Lisboa em 1559, segundo affirma Barbosa Machado. Elle proprio, nas suas *Rimas*, referindo-se á capital do reino diz: *Quando em ti minha estrella appareceu.* Frequentou a Universidade de Coimbra, onde teve, entre outros, por mestre, Thomaz Rodrigues da Veiga, e depois da terminação do curso exerceu por pouco tempo a clinica em Lisboa.

Certamente por motivos que se relacionam com as suas crenças religiosas, visto que Estevão Rodrigo de Castro era christão-novo, abandonou a patria, a ingrata *Lysia* dos seus versos, e escolheu para residir a Italia, depois de ter residido algum tempo em Bordeus, se a referencia que faz a esta cidade não traduz apenas que ahi esteve de passagem.

Estabelecendo-se em Florença, adquiriu desde logo grande nomeada e entre as pessoas que tratou contou-se o gran-duque da Etruria que lhe gratificou

Estevão Rodrigues de Castro

(O original d'este retrato pertence
ao snr. Annibal Fernandes Thomaz).

generosamente os serviços e o favoreceu quanto pôde na sua carreira.

Pelas suas diligencias foi nomeado, em 1617, professor da Universidade de Pisa. Primeiro collocado como lente de prima, foi depois elevado a professor-supra-ordinario, o que lhe dava precedencia sobre todos os outros professores da mesma Universidade, excepto os lentes de theologia. Ahi ensinou 22 annos, durante os quaes lhe não escassearam honras que lhe grangearam invejas mesquinhas e ahi falleceu em data controversa mas provavelmente em 1637 ou no anno seguinte.

Estevão Rodrigues de Castro deixou numerosas obras que não enumeramos porque a lista é demasiado extensa. ([1]) A uma dellas, *Quæ ex quibus*, chama Zacuto livro d'oiro, designação que foi adoptada por Piquer.

A carta que escreveu a Zacuto não póde ser mais elogiosa; mas da cordealidade das suas relações ficaram outros testemunhos. Foi por seu intermedio que Zacuto estabeleceu relações com Paulo Zacchias e quem lhe entregou o *De medicorum principum historia*.

Poderá parecer impertinente que supponhamos ignorado o nome de Gaspar van Bearle, mais conhecido pelo nome alatinado de Caspar Barlæus.

([1]) Maximiano Lemos — *Estevão Rodrigues de Castro* in *Archivos de historia da medicina portugueza*, v, pag. 44, 76 e 106. Veja-se egualmente a interessantissima nota bibliographica publicada pelo snr. José Antonio Moniz com o titulo de *Detractores de Estevão Rodrigues de Castro*, no mesmo periodico, v, pag. 112.

Num paiz, porém, que tão pouco aprecia a sua propria historia, pouco é de admirar que se desconheça a dos outros paizes. Este poeta e sabio belga nasceu em Antuerpia em 12 de fevereiro de 1584. O pae abraçara o calvinismo e por isso teve de se refugiar na Hollanda. Gaspar van Bearle fez os seus estudos theologicos em Leyde e foi successivamente ministro reformado e professor de logica na Universidade desta cidade. Tendo tomado partido por Arminius na sua famosa controversia com Gomarus sobre a predestinação, viu-se obrigado a abandonar a Hollanda e tomou em Caen o grau de doutor em medicina. Chamado novamente ao seu paiz em 1631, foi nomeado professor de philosophia na Universidade de Amsterdam. Publicou então obras de medicina e de physica muito estimadas, mas a sua reputação assenta principalmente sobre os seus trabalhos litterarios. Os seus *Poemata* tiveram três edições em 1628 e 1631, em Leyde, e em 1645 em Amsterdam; as suas *Orationes*, modelo de elegancia e de boa latinidade, foram publicadas em 1643 e 1652. Van Baerle morreu em Amsterdam em 14 de janeiro de 1648, e morreu doido. Julgava-se feito de vidro e não queria que ninguem se approximasse delle para o não quebrar. ([1]) A elle se deve referir provavelmente a anecdota que Ribeiro Sanches recolheu da bocca de Boerhave: "Ouvi dizer ao grande Boerhave, meu mestre, que um homem muito sabio, que se tornara

([1]) *La Grande Encyclopedie*, IV, pag. 1140; J. G. Frederiks en F. Jos. Vander Branden — *Biographisch Woordenboek der Nord, en Zuidnederlandsche Letterkunde*, pag. 31.

melancholico, imaginava ter coxas de vidro e portanto estava sempre sentado com receio de as partir. Um dia, por acaso, um creado, ao varrer, deu por inadvertencia uma tal pancada nas coxas do pobre melancholico, que a violencia da dôr lhe fez mudar a veneta, e o curou totalmente da sua loucura, persuadindo-o de que as suas coxas eram realmente de carne e osso.„ (1)

Os medicos que lhe communicavam observações para esta primeira edição dos *De praxi medica admiranda libri tres* eram Bento de Castro, Luiz Nunes, Francisco Alvares, Nicolau Fontein, Antonio Gomes e Gaspar da Costa.

Bento de Castro enviava-lhe a noticia dum caso de destruição de uma parte da abobada palatina, remediada pela applicação dum obturador. (2) Luiz Nunes fornecia-lhe três observações, a primeira das quaes era duma creança do sexo feminino de três annos, que succumbira a uma pleurisia purulenta, provavelmente de natureza tuberculosa, reconhecida na autopsia, sem que tivesse tosse ou expellisse pús (3); a segunda a duma mulher de quarenta annos atormentada por vermes, cujos soffrimentos se desvaneceram depois que expelliu uma especie de tenia de

(1) Ribeiro Sanches — Art. AFFECTIONS DE L'AME in *Encyclopedie methodique* de Diderot e d'Alembert.

(2) Zacuti, *De praxi medica admiranda libri tres*, ed. de 1634, lib. I, obs. LXXVII, pag. 62. Nas edições in-folio é a observação LXXXIII, do mesmo livro.

(3) Id., lib. I, obs. C, pag. 81. Nas edições in-folio tem o numero CIX do mesmo livro.

quatro braças de comprimento ([1]); a terceira era dum tumor durissimo da bexiga, reconhecido na autopsia, e que em vida havia sido diagnosticado como um calculo. ([2])

Francisco Alvares enviava-lhe a noticia de um caso de hydropisia para cuja cura haviam concorrido as aguas de Spa. ([3])

Nicolau Fontein dava-lhe noticia duma mulher que, depois de um parto, expulsara pelo utero um globo redondo, contido numa membrana branca, rompido o qual saíram dois animaes compridos da fórma duma enguia, de meio palmo de comprido, da grossura do dedo minimo, cuja cabeça era muito grande em relação ao corpo. Tratava-se dalgum kysto hydatico do utero ou antes duma mola hydatiforme. ([4])

Antonio Gomes fornecia-lhe a observação de um exanthema curado por uma hemorrhagia do pollex do pé direito. ([5])

Gaspar da Costa tambem contribuia com alguns casos para a *De praxi medica admiranda*. O primeiro era o duma diarrhéa pertinaz que se curou depois

([1]) Id., lib. II, obs. XXXI, pag. 158. Nas edições in-folio tem o numero XXXVIII do mesmo livro.

([2]) Id., lib. II, obs. LXII, pag. 184. Nas edições in-folio tem o numero LXXI do mesmo livro.

([3]) Id., lib. II, obs. LV. pag. 171. Nas edições in-folio tem o numero LIV do mesmo livro.

([4]) Id., lib. II, obs. CXL, pag. 260. Nas edições in-folio está marcada com o numero CXLIX.

([5]) Id., lib. III, ob. CX, pag. 420. Nas edições in-folio está marcada com o numero CXIV.

da expulsão dum enterolitho [1]; o segundo o de uma mulher que morreu victima de ictericia negra que é attribuida á ausencia do baço que não foi encontrado na autopsia [2]; o ultimo o dum calculo estrellado da bexiga, retirado do cadaver dum rapaz de proximamente quinze annos. [3]

O leitor já conhece a maior parte destes correspondentes de Zacuto, mas é pela primeira vez que depara com Luiz Nunes, Francisco Alvares e Gaspar da Costa. Pena temos nós de lhe não podermos dar a seu respeito informações que satisfaçam por completo a sua curiosidade, mas o pouco que sabemos vamos dizel-o.

Luiz Nunes não é o medico natural de Santarem a quem nos referimos no nosso livro sobre Amato Lusitano. Quando muito seriam parentes, o que ainda é duvidoso. Este nasceu em Antuerpia e era filho do Dr. Alvaro Nunes que foi medico do archiduque d'Austria Alberto, esteve ao seu serviço em Lisboa e depois o acompanhou a Antuerpia, onde adquiriu reputação de grande medico e onde morreu em 9 de dezembro de 1603, deixando a recordar o seu nome umas annotações ao livro do tratamento das feridas de Francisco Arceu. [4] Segundo informações que em

[1] Id., lib. III, obs. CXXX, pag. 464. Está marcada com o numero CXXXIV nas edições in-folio.

[2] Id., lib. III, obs. CXXXII, pag. 466. Nas edições in-folio é marcada com o numero CXXXVII.

[3] Id., lib. III, obs. CXXXV, pag. 467, marcada nas edições in-folio com o numero CXXXVIII.

[4] Maximiano Lemos — *Historia da medicina em Portugal*, I, pag. 256.

tempo me forneceu o meu mallogrado condiscipulo dr. Joaquim Mauricio Lopes, o auctor da excellente memoria *Les Portugais à Anvers*, Luiz Nunes doutorou-se na Universidade de Lovania em 1573 e escreveu numerosas obras não exclusivamente sobre a medicina mas sobre historia. Tambem se dava á poesia, deixando versos muito apreciaveis.

Em 1610, desejando os medicos, cirurgiões e pharmaceuticos de Antuerpia formar um collegio medico, foi dirigida ao burgo-mestre uma exposição sobre a necessidade desse collegio e um dos signatarios do documento era Luiz Nunes.

Posteriormente, em 1635, querendo a colonia portugueza, rica e considerada, significar a sua sympathia pelo archiduque Fernando d'Austria por occasião da sua entrada naquella cidade, foi Luiz Nunes encarregado de traçar e dirigir a construcção dum arco triumphal que a mesma colonia mandou erigir. Luiz Nunes falleceu por 1645.

Zacuto frequentes vezes cita o seu amigo, e sempre elogiosamente. Clarissimo, eloquentissimo, prestantissimo, engenhosissimo são os qualificativos que elle appõe sempre ao seu nome. As suas obras, e nomeadamente a de *Re cibaria*, são-lhe de frequente e valioso auxilio.

Não encontramos noticia nos nossos bibliographos e historiadores de quem fosse o medico portuguez Francisco Alvares. Pois não lhe faltavam titulos a recommendal-o, segundo informa Zacuto. Era medico da rainha de Espanha, e da infanta archi-duqueza de Bruxellas. O nosso biographado chama-lhe medico

eximio e incomparavel, como tambem considera consulta elegantissima a que delle recebeu. ([1])

Nada pudemos averiguar a respeito do medico de Ruão, Gaspar da Costa. Chama-lhe Zacuto clarissimo, celeberrimo e incomparavel, mas quer-nos parecer que não existe outra memoria do afamado clinico, além desta referencia de Zacuto. E todavia não é este o unico medico de egual appellido que em Ruão exerceu a medicina nos principios do seculo XVII. Na *De medicorum principum historia* encontram-se uns versos latinos de Jacob Gomes da Costa, filho de D. da Costa, medico em Ruão, o que parece traduzir a existencia de uma dynastia de clinicos de origem portugueza naquella cidade. Infelizmente, todas as nossas pesquizas no sentido de obter quaesquer informações a seu respeito foram absolutamente sem resultado.

A *De praxi medica admiranda* foi muito bem acolhida, e, de cada vez que foi reimpressa, não só o auctor lhe accrescentou algumas observações proprias, mas publicou outras que lhe forneceram os seus numerosos correspondentes. O primeiro livro, que encerra na edição de 1634 cento e trinta e sete observações, tem na primeira edição posthuma cento e quarenta e sete; o segundo, que naquella conta cento e oitenta, tem nesta cento e oitenta e nove, e o terceiro de cento e quarenta e nove passou a ter cento e cincoenta e quatro.

Os medicos que lhe forneceram novos casos para

([1]) Zacuti, *Operum tomus secundus. De praxi medica admiranda*, obs. LV, pag. 54.

as successivas edições do seu livro foram Carlos Spon, Miguel Ruperto Besler e Gaspar dos Reis Franco.

O primeiro communicou-lhe a prodigiosa observação de uma serpente (!) no ventriculo esquerdo d'um individuo ([1]); Besler enviou-lhe a narração dum caso de hydropisia, notavel porque na autopsia se encontraram quatro veias emulgentes do lado esquerdo ([2]); Gaspar dos Reis Franco communicou-lhe um caso de imperfuração do anus em uma creança que emittia fezes pela urethra. ([3]) Além disso, mandou-lhe uma carta muito elogiosa que foi juntar-se á de Estevão de Castro e que tem a data de nove dos idos de janeiro de 1639.

Saibamos quem eram estes correspondentes de Zacuto.

Carlos Spon nasceu em Lyão a 25 de dezembro de 1609. Seu pae era um negociante abastado e seu avô, natural de Ulm, na Allemanha. Aos 11 annos. o moço Carlos foi mandado para a terra deste ultimo estudar latim e salientou-se notavelmente entre os seus condiscipulos, escrevendo desde 1624 excellentes versos nesta lingua.

Regressando da Allemanha, foi para Paris onde estudou philosophia com Rodon, physica no collegio de Lisieux com Guilherme Mazure, e por ultimo medicina, seguindo os cursos de Pijart, Merlet, Cousinot,

([1]) Zacuti, *Operum tomus secundus. De praxi medica admiranda*, lib. I, obs. CXL, pag. 37.

([2]) Id., lib. II, obs. LXIV, pag. 56.

([3]) Id., lib. III, obs. LXXII, pag. 112.

Charpentier, Guibert, Perreau e Duval. Deixou Paris em 1632, para ir para Montpellier onde recebeu o grau de doutor. Em 7 de agosto de 1635 foi aggregado ao collegio dos medicos de Lyão, não sem ter praticado dois annos successivos em Pont-de-Vesle, na Bresse, para satisfazer ao costume do collegio de Lyão que estatuia que os aspirantes fizessem tirocinio de alguns annos fóra da cidade. A partir desta epocha, Spon exerceu a medicina com grande distincção. Cousinot, medico do rei, conseguiu-lhe a nomeação de medico de bairro, e elle estabeleceu com as mais illustres personagens uma correspondencia scientifica que se prolongou por alguns annos.

Amigo dos livros, e bibliographo muito habil, dirigiu a publicação das *Cartas* de Sennert, das observações de Schenkius, das *Opera* de Cardan. Tinha para elle grandes attractivos a poesia, e transfundiu em versos latinos, com o titulo de *Sybilla medica*, os Prognosticos de Hippocrates, apresentou na mesma lingua e tambem em verso os *Aphorismos* do medico de Cos, e exprimiu pela bocca das musas os musculos do corpo humano, as suas inserções e as funcções que desempenham. Esta *Myologia heroico carmine expressa* foi publicada na *Bibliotheca anatomica* de Le Clerc e Manget. Carlos Spon falleceu em 21 de fevereiro de 1684 e o seu elogio foi escripto por Bayle. [1]

Além da observação a que acima nos referimos, Carlos Spon escreveu uns versos latinos que antecedem os *De Praxi medica admiranda libri tres* de Zacuto.

---

[1] A. Chereau, *Dictionnaire encyclopedique des sciences medicales* de Dechambre, 3.e serie, XI, pag. 347.

Miguel Roberto Besler, filho d'outro medico notavel chamado Jeronymo Besler, nasceu em Nuremberg em 5 de julho de 1607 e falleceu em 8 de fevereiro de 1661. Recebeu o grau de doutor em Altford em 1661 e mostrou uma grande paixão pela historia natural. ([1])

São disso testemunho as suas obras: *Dissertatio de nutritione* (Altdorf, 1625); *Admirandæ fabricæ humanæ mulieris partium generationi inservientium*, etc. (Nuremberg, 1640); *Gazophylacium rerum naturalium e regno vegetabili, animali depromptarum nunquam hactenus in lucem editarum fidelis cum figuris æneis ad vivum repræsentatio* (Nuremberg, 1642).

Zacuto chama elegantissima á carta em que lhe era remettida a observação a que nos referimos. O seu auctor era celeberrimo, como tantos outros. ([2])

Não são muitas as noticias que temos de Gaspar dos Reis Franco. Morejon escreve que nasceu em Lisboa, ignora onde fez os seus estudos, mas affirma que foi doutor em medicina pela Universidade de Evora, e que, estabelecendo-se em Carmona de Betis, ahi exerceu a sua profissão com grande acceitação e fama. ([3])

Chinchilla diz que foi medico de Evora, estudou a medicina em Salamanca, em cuja Universidade re-

([1]) A. Chereau, art. Besler, do *Dictionnaire Encyclopedique des sciences medicales*, 1.ª serie, IX, pag. 196.

([2]) *Operum tomus secundus. De praxi medica admiranda*, lib. II, obs. LXIV, pag. 57.

([3]) Morejon, *Historia bibliografica de la medicina española*, V, Madrid, 1846, pag. 188.

cebeu o grau de doutor, regressou á terra da sua naturalidade, onde exerceu a profissão medica por espaço de quatro annos, e depois foi nomeado medico titular de Carmona. ([1])

Melhor avisado andou Barbosa Machado que a seu respeito fornece informações seguras, como tivemos ensejo de verificar pela leitura do seu *Elysius Campus*. Gaspar dos Reis Franco nasceu em Evora de paes nobres, sendo primo de Francisco Lopez Franco y Feo, senhor de Contich e Helmont, a quem confessa dever beneficios e dedicou uma das suas obras. Estudou philosophia na Universidade da terra da sua naturalidade, e recebeu o grau de mestre em artes das mãos do jesuita Francisco de Mendonça que é considerado um dos ornamentos da sua ordem. ([2])

Obtido o grau, partiu para Salamanca, onde fez o seu curso medico, tendo sido discipulo de Gaspar Fernandes que, annos depois, ainda havia de lembrar com saudades. ([3]) Terminando estes estudos, estabeleceu-se em Carmona como clinico e ahi permaneceu

([1]) *Anales historicos de la medicina en general y biografico-bibliografico de la española en particular*, II, Valencia, 1845, pag. 377.

([2]) *Doctissimus ac Reverendus Pater Franciscus Mendoça, a quo ego in Eborensi academia Baccalaureatus gradum in Philosophia accepi.* (*Elysius... campus*, Quæst, 37. 48, pag. 275).

([3]) *Et doctissimus magister meus Gaspar Hernandes meritissimus primarius Salmantinus.* (*Elysius... campus*, Quæst. 70. 15, pag. 558).

por muitos annos. Já ahi residia em 1635 [1]; ainda alli vivia em 1661, ao publicar o seu *Elysius campus*.

De algumas passagens do seu livro, averigua-se que em 1650 esteve em Antuerpia onde conheceu Vopisco Fortunato Plemp, [2] mas a viagem foi curta porque no anno seguinte já estava em Carmona ou pelo menos em Sevilha. [3]

Ignora-se a data em que morreu.

Deixou Gaspar dos Reis Franco três obras que são as seguintes:

1.ª *Nicoma adversus utrumque theseum et veterum climatericorum tractatus celebris*. Granatæ, 1635, 4.°

Não logramos vêr esta obra que foi examinada por Morejon e Chinchilla. Segundo o que escreve este ultimo, o auctor propoz-se rebater as opiniões que Caldera de Heredia emittiu a respeito dos annos climatericos.

No primeiro capitulo trata do poder e influxo da musica para curar as doenças mentaes e lamenta que os medicos não façam mais frequente uso d'ella. Recommenda tambem o conhecimento dos numeros para julgar do termo das enfermidades. Occupa-se das

---

(1) *Anno 35 supra millesimum sexcentesimum puellam vidi, ex humilioribus parentibus Carmonæ propè Hispalim natam...* (Id. Quæst. 91. 1, pag. 691.

(2) *Fortunatus Plempius, insignis Lovanii primarius doctor cum quo Antuerpiæ conveniens latè de hac re sermone habui. (Elysius campus,* Quæst. 31, 12, pag. 221). *Ego Antuerpiæ anno 1650, hominem vidi qui cæteros omnes plusquam cubito magnitudine superabat.* (Quæst. 25. 8, pag. 169).

(3) *Ego optimè effigiatam Hispali conspexi anno 1651* (Quæst. 47. 3, pag. 421).

propriedades e influencias dos algarismos 3 e 7. Procede á divisão das edades, descreve as doenças proprias de cada uma dellas, e tenta provar que de 7 em 7 annos se dão no homem mudanças importantes para bem ou para mal. Finalmente, nos ultimos capitulos, sustenta que a astrologia é uma sciencia van.

2.ª *Heraclidis antro inclusi Pliniani Griphi explanatio pulcra: — atque etiam morbus est aliquis per sapientiam mori. — Adferturque in multis septimi libri, cap. 50 et 51.* Granatæ, 1636.

Dizem os dois historiadores da medicina espanhola que este livro é uma explicação da sentença de Plinio sobre a morte natural.

3.ª *Elysius jucundarum quæstionum campus, omnium literarum amœnissima varietate refertus; medicis in primis tanquam in quo luxuriantis naturæ spectantissimi flores erumpant, et admiranda illius opera contemplentur, maximé delectabilis; teologis deinde, jurisperitus, et omnium denique bonarum disciplinarum studiosis, philosophis, philiatris, philologis, philomusis summe utilis ac omnibus expectatus.* Bruxellæ, 1661, apud Franciscum Vivien, in-fol. — Francofurti, apud Jeannem Beyerium, 1670, 3 tomos em 4.º — Antuerpiæ, apud Hyeronimum Verdusse, 1667, in-fol.

Encarecem Morejon e Chinchilla o valor do livro que encerra as mais variadas questões relativas á pathologia, á medicina legal e á deontologia medica. Chinchilla chega a dizer que esta *obrita* (um volume de 746 paginas in-folio!) é das que mais honram a litteratura medica espanhola. Ha aqui evidente exaggero, porque muitas questões são futeis e outras

tratadas com demasiada credulidade. Quando discute se os reis da Espanha e da França têm a graça de curar doenças; quando admitte que os reis daquella nação fazem afugentar os demonios, etc., não se nos recusará como verdadeiro este juizo.

Voltemos, porém, a 1634, data da publicação dos *De praxi medica admiranda libri tres.*

Temos, por esta epocha, informações interessantes a respeito do nosso biographado na denuncia feita á inquisição de Lisboa por seu sobrinho, Salvador das Neves.

Este parente de Zacuto compareceu perante o Santo Officio em 23 d'outubro de 1637 e entre outras coisas contou que haveria quatro annos pouco mais ou menos estivera em Amsterdam na casa de Abrahão Zacuto, seu parente e casado com uma sua tia materna. Era elle, segundo a informação do sobrinho, um homem velho, de cabellos brancos, de estatura mean e de barba larga e grande. Estava surdo.

Fôra conhecido em Lisboa pelo nome de doutor Tavora e daqui embarcara havia doze annos em companhia da mulher, três filhos e duas filhas.

Deixara em Portugal, como já dissemos, a velha mãe, que anciava por abandonar a patria, e duas irmãs.

Ainda Salvador das Neves narrou um caso criminal que se relaciona com seu tio. Em 1631 ou 1632, por occasião de recrudescer em Madrid a perseguição aos christãos novos, foi assassinada uma mulher que fazia frequentes denuncias ao Santo Officio. A dar-se credito ao Neves, o assassino foi um

christão novo, natural de Villa Real, alto de corpo, e preto, que na cidade espanhola tinha duas irmãs, *sem remedio*, e praticara o crime por instigações dum homem rico e poderoso chamado Manuel Saraiva que, vendo crescer todos os dias as denuncias, receava encontrar-se nas difficuldades e perigos que vexavam os seus correligionarios, e promettera ao assassino dar-lhe o bastante para acudir ás irmãs.

Praticado o homicidio, o criminoso foi enviado para Amsterdam, onde se circumcidou e tomou o nome de David. Tinha, porém, sempre deante dos olhos a sua victima e enlouqueceu. Então, os judeus mandaram-o para Constantinopla; e, como Salvador das Neves ahi estivesse negociando, Zacuto recommendou-o ao sobrinho que o fez recolher num hospital que ahi sustentavam os seus correligionarios, onde o deixou muito furioso e gritando sobre o Manuel Saraiva.

Não quizemos omittir este episodio que suppomos desconhecido e que naturalmente deve ter outros similares na lucta entre os christãos novos e a Inquisição. Não sáe delle desluzido o nosso compatriota. Se perante a nossa consciencia o homicidio nunca nos parece defensavel, Zacuto limitava-se não já a proteger um assassino, mas um miseravel louco, em quem o naufragio da razão fazia esquecer os motivos que o tinham determinado.

Pelos livros de Zacuto se póde apreciar a sua vida em Amsterdam.

O exercicio clinico decerto lhe absorvia muito tempo, visto que devia ser vasta a sua clientela para lhe fornecer os materiaes que aproveitava sobretudo nos *De praxi medica admiranda libri tres*. Os collegas

com quem travara relações, e eram os mais distinctos de Amsterdam, propiciavam-lhe occasião de augmentar o seu cabedal de conhecimentos, mostrando-lhe os casos notaveis da sua pratica ou peças anatomo-pathologicas que haviam recolhido. Uma vez era Nicolau Fontein que lhe fornecia ensejo de vêr um caso de cancro do olho esquerdo [1]; outra, o mesmo Fontein chamava-o a assistir, com outros amigos, a uma grande festividade, á autopsia duma mulher hydropica que apresentava dois grandes kystos ovaricos. [2] Antonio Vander Linden, o pae do historiographo medico a quem nos referimos no capitulo antecedente e de quem ainda volveremos a occupar-nos, mostrava-lhe um calculo vesical, extrahido dum cadaver, que pesava 32 onças, durissimo, compacto, de fórma triangular, da côr da pederneira e como esta faiscando sob a acção do fuzil. [3]

Com Nicolau Tulp encontrava-se á cabeceira do portador do cancro a que acima nos referimos. Se na apreciação dos medicos hollandezes vimos que Zacuto era duma grande benevolencia, comprehende-se bem que ao deparar com um vulto de tanto valor lhe não mostraria menos consideração. Assim é effectivamente. Entre os medicos que prestavam soccorro ao doente, diz elle, *aderat D. Nicolaus Tulpius, Reipublicæ Amsteldamensis Senator Consultissimus, et Medicinæ Chirurgiæque Professor ce-*

---

[1] *De praxi medica admiranda libri tres*, ed. de 1634, pag. 101.

[2] Id., lib. II, pag. 169.

[3] Id., lib. II, pag. 183.

leberrimus, vir ingenii accumine, præexcellenti rerum usu et admiranda rerum omnium cognitione præditus. (1)

O tempo que lhe sobrava dos trabalhos clinicos aproveitava-o na absorvente organização dos seus livros, não se passando dia algum sem escrever uma linha. Recreio, encontral-o-hia na leitura dos poetas gregos e latinos, de quem se mostrava muito familiar. Homero, Anacreonte, Horacio, Virgilio, Lucrecio, Ausonio, Juvenal, Ovidio, acham-se notados no primeiro volume dos seus *De medicorum principum historia libri sex*. A lista seria muito mais extensa, percorrendo os outros volumes.

Zacuto correspondia-se tambem com os homens mais notaveis do seu tempo. Ha-de isto ficar superabundantemente demonstrado. Por agora baste-nos a sua affirmação no *Præludium* deste livro. Diz-nos que o escreveu cedendo ás instancias de prestantes varões da Europa *cum quibus frequens erat mihi per literas in palæstra literaria disceptatio.*

Acham-o ainda pouco occupado? Tinha elle em Amsterdam homens illustres, dedicados ás letras e ás sciencias. Deviam ser de excellente convivio para um espirito culto. O nosso compatriota frequentou-os. Já atraz falamos de Gaspar van Bearle. Zacuto refere-se-lhe nos termos seguintes: *In oratione inaugurali...*, *proposuit Belgicus Varro, Caspar Barlæus, omnium scientiarum vetus, novaque bibliotheca eloquenter* (2);

(1) *De praxi medica admiranda*, ed. de 1634, lib. I, obs. CXVII, pag. 101. Nas edições in-folio esta observação tem o numero CXXVI.

(2 Zacuti, *Operum tomus primus*, lib. IV, pag. 576.

e em outra passagem: *Strenuus omnium bonarum artium dux, et primipilus, Belgarum decus, clarissimus Caspar Barlæus, literarum cultor admirabilis, literatorum amator amabilis.* (1)

Desde 1630, vinha terminar a sua carreira na Academia de Amsterdam o famoso João Gerardo Voss, cujos livros faziam auctoridade em toda a Europa, e que a Universidade de Cambridge quizera chamar a si. Tambem Zacuto se relacionou com elle e nestas palavras lhe presta homenagem: *Testis est locupletissimus Joannes Gerardus Vossius, auctor sanè incomparabilis, scientissimus et dicendi facundia clarus.* (2)

Mais tarde, reportando-se ao seu livro *De origine et progressu idolatriæ*, escreve: *Ut nuperrimè sic eloquentissimè explicuit omniscius Joannes Gerardus Vossius in Academia Amstelodamensi historiarum Professor insignis.* (3)

Por ultimo, não nos esqueçamos de que Zacuto era judeu e que a synagoga era o centro de actividade dos foragidos peninsulares.

Desde que se inaugurou templo proprio, ahi se reuniam não só para orar, mas para entre si trocarem impressões, communicarem os trabalhos em que se empenhavam, por vezes mesmo assistirem ás representações de autos sacramentaes, como o *Dialogo dos montes*, de Paulo de Pina.

(1) Zacuti, *Operum tomus primus*, lib. IV. pag. 749.

(2) Id., lib. III, pag. 592.

(3) Id., lib. IV, pag. 766. Esta passagem não se encontra na edição de 1637, publicada pelo livreiro Henrique Laurentius. Foi escripta posteriormente.

Das obras de Zacuto não consta o nome de muitos judeus de Amsterdam com quem tivesse contacto ou cujas obras conhecesse. Isto, porém, não deve surprehender porque, sendo poucos os medicos hebreus e não se notabilizando nenhum pelas suas publicações, não havia motivo para referencias. Mas, nomeia alguns *corypheus hebraicos* e entre elles dois contemporaneos, Isaac Athias e Menasseh ben Israel.

Do primeiro cita Zacuto o seu livro *Thesoiro de Preceptos*, a proposito do papel da imaginação na concepção e chama-lhe *engenhosissimo*. (1) Quanto a Menasseh, já salientamos a estima que tinham um pelo outro os dois emigrados portuguezes.

(1) Zacuti, *Operum tomus primus*, lib. III, pag. 486.

CAPITULO VIII

Ultimas publicações de Zacuto — Noticia sobre alguns dos seus panegyristas

Zacuto anciava por continuar a publicação da sua obra *De medicorum principum historia libri sex*, e as difficuldades que para isso encontrava removeram-se emfim. Em 1636, o livreiro Henricus Laurentius aventurava-se a publicar o segundo volume e no anno seguinte o terceiro e quarto, além da reimpressão do primeiro, que fôra publicado por Stam. Outros dois volumes sáem em 1638. Em 1641 publicam-se ainda outros dois e em 1642, no anno da morte de Zacuto, os dois ultimos.

A' medida que se iam divulgando os seus livros, a reputação de Zacuto ia crescendo. Forneciam-lhe subsidios alguns medicos notaveis; festejavam-o e applaudiam-o todos os que na Europa tinham um nome reputado.

Jacob Rosales mandava-lhe a observação duma ulceração da bexiga curada pela dieta lactea [1];

(1) Zacuti, *Operum tomus primus*, lib. III, pag. 425.

o dr. Valle, medico portuguez, narrava-lhe um caso curioso da influencia que sobre a concepção tinha o estado moral: uma mulher deu á luz alguns filhos extremamente descórados por ter sempre presente por occasião da copula o retrato duma creança morta; removido o retrato, teve filhos *viridos, formosos e rubicundos*. ([1]) Vopisco Fortunato Plemp, Nicolau Fontein e Antonio Bruschio enviavam-lhe respostas á consulta que Zacuto lhes dirigira sobre as vantagens da sangria do calcanhar nas mulheres gravidas ([2]); o dr. Rumf interpretava como o nosso compatriota uma passagem de Galeno que aconselha na terçã esquisita os purgantes e os vomitivos antes da sangria e manifestava-lhe a sua opinião numa carta que lhe dirigia. ([3])

Nenhumas informações pudemos colher a respeito do dr. Valle, cujo nome completo devia ser Thomaz do Valle. ([4]) Zacuto affirma apenas que era portuguez e chama-lhe medico eximio e perito. Nem sequer pudemos saber onde exercia a clinica.

Antonio Bruschio, que Zacuto diz francez e professor celeberrimo na academia de Angers, muito versado na doutrina de Galeno, não nos é mais conhecido.

Tambem não estamos habilitados a informar quem

([1]) Zacuti, *Operum tomus primus*, lib. III, pag. 487.

([2]) Id., pag. 488.

([3]) Id., pag. 703.

([4]) Assim vem nomeado na lista dos *Lusitani periti* publicada á frente do 1.º volume das obras de Zacuto.

era o dr. Rumf, medico da camara do principe de Orange, de quem Zacuto louva a sciencia e o agudo engenho, e que reputa gloria e ornamento de toda a Belgica.

Os panegyristas do nosso compatriota formam uma longa theoria, como se poderá vêr na seguinte lista:

O primeiro tomo das obras completas de Zacuto, que encerra os *De medicorum principum historia libri sex*, tem como prefacio epistolas de:

Daniel Becker, lente de prima da Academia regiomontana (de Königsberg);

Benedicto de Castro, hamburguez, filho de Rodrigo de Castro;

Othão Heurne, professor de Medicina, Anatomia e Cirurgia na Universidade de Leyde;

Rodrigo de Castro, medico hamburguez;

Paulo Zacchias, medico romano;

Balthasar Azeredo, lente de prima jubilado da Universidade de Coimbra;

Dr. Gladiola, granatense, outr'ora lente de prima na Universidade de Siguenza;

João Antonio Segismundo, reitor da Universidade de Cracovia e lente de prima de Medicina;

Luiz Nunes, medico em Antuerpia;

Doutor Vega, medico hamburguez;

Francisco Mondragon, substituto da cadeira de Vespera na Universidade de Salamanca;

Antonio Remington, medico da camara do rei de Inglaterra;

João Antonides Vander Linden, lente na Universidade de Franecker;

Manuel Pichardo, professor ordinario da Escola de Valencia;

Renato Moreau, lente da Universidade de Paris, e conselheiro do rei christianissimo:

Doutor André *Antius*, medico galenico, da camara do Serenissimo Duque de Bragança;

João Isaac Pontano, medico, professor no gymnasio de Harderwijk, e historiographo do rei da Dinamarca e do ducado da Gueldria;

Francisco Vellasques, madrileno, medico ordinario da Real Camara;

Diogo Mourão, philosopho e medico lusitano, clinico em Aix, na Provença (apud Aquenses Gallos);

Antonio Guevara, medico sevilhano;

Fortunato Plemp, professor da Escola de Lovania;

Miguel Ruperto Besler, medico de Nuremberg;

João Beverwijck, archiatra e senador de Dordrecht.

A estas cartas laudatorias juntam-se versos de:

João Cristenius;

Rumoldus Rombout, medico da Republica sylveducense (de Bois-le-Duc);

Doutor Rosales, hamburguez, medico, philosopho e mathematico;

Doutor Cornelio Lobo;

Um amigo do auctor;

Antonio Correia Lusitano, advogado super-ordinario na Curia Romana, e outr'ora professor de direito cesareo na Universidade de Bolonha;

Nicolau Fontein, medico;

Jacob Gomes da Costa, filho de D. da Costa, medico em Ruão;

Jeronymo Fernando Lusitano, doutor em direito cesareo.

David de Haro, estudante de philosophia na Universidade de Leyde;

João Beverwijck, senador e medico em Dordrecht;

João Pinto Delgado;

Um amigo belga;

Doutor Gallindo, medico sevilhano;

André Rodrigo Caldeira, medico em Setubal;

Camillo Ricardo, de Utrecht;

Doutor Rosales, hamburguez, medico hebreu. Estes versos têm a disposição typographica em fórma de urna e o titulo de *Poculum Poeticum in Zacutinas Laudes*.

O segundo volume das obras de Zacuto comprehende as *Praxis historiarum* e as *De praxi medica admiranda libri tres*.

A' frente da primeira destas obras encontra-se a *Armatura medica, hoc est modus addiscendæ medicinæ, per Zacutinas Historias, earumque Praxin*, de Jacob Rosales. Seguem-se-lhe cartas de:

Renato Moreau, professor regio, conselheiro do rei christianissimo e censor das escolas;

Francisco Pereira, medico estipendiado da cidade de Goa e physico de D. Antonio da Gama, vice-rei da India Oriental;

Luiz Nunes;

João Delgadilho de Robles, lente de prima da Escola do Mexico;

Isaac Lobo, medico ordinario dos embaixadores junto do imperador dos Turcos;

Jacob Fabricio, medico do rei da Dinamarca e da Noruega;

Benjamim Mussaphia, vulgarmente chamado Dionysio;

Samuel Dilecto;

Pedro Servio, professor de medicina theorica e medico ordinario do papa;

Benedicto Maghetto, primeiro medico da cidade de Ancona;

João Jonston, medico e lente ordinario da Academia de Francfort;

Daniel de Luna, medico do principe Estanislau de Koniecpoli;

O côro dos poetas é desta vez menor, e constituido por:

Jacob Fabricio;

André Camillo, de Rotterdam;

Benedicto Maghetto;

João Jonston;

Jacob de Lalovel, doutor em medicina, de Ruão;

Josias Florietus, doutor em medicina, de Metz;

e João Isaac Pontano.

Os de *Praxi medica admiranda libri tres* contêm apreciações de:

Estevão Rodrigo de Castro, lente de prima na Universidade de Pisa;

Gaspar dos Reis Franco, medico em Carmona; e versos de:

Gaspar Baerle;

Nicolau Fontein;

Simão Brenius;

João Antonides Vander Linden;

C. Spon, medico em Lyão;

e João Hylandros, mestre em artes e doutor em medicina.

Seria preciso um volume para traçar a biographia de tantos homens mais ou menos illustres. Forçadamente temos de nos restringir a dar noticia apenas dos mais notaveis. Assim, e abatendo os que já são nossos conhecidos, não será tão fatigante a leitura.

Daniel Becker nasceu em Dantzig em 1594 e falleceu em 1655. Ensinou medicina em Königsberg (Regiomons) e publicou diversas obras estimadas no seu tempo mas que não têm o mesmo interesse presentemente. Entre ellas citaremos: *Medicus microcromus* (Rostock, 1622); *Historia morbi academici Regiomontani* (Königsberg, 1649); *De cultrivoro prussiaco observatio et curatio singularis* (Königsberg, 1636). Neste ultimo livro conta que, tendo um rapaz engolido uma faca, procedeu á sua extracção por meio duma incisão praticada no estomago. [1]

Zacuto formava excellente conceito de Daniel Becker, se não queria apenas retribuir os cumprimentos que este lhe faz. Referindo-se á triaga escreve: *De quo argumento elegantissimè inter omnes disseruit Daniel Beckerus, Regiomontanæ Academiæ primarius Professor insignis.* [2] Antes aconselhara a sua leitura, embora com bem pouco fundamento: *Tu verò*

---

[1] Vander Linder, op. cit., pag. 150; Mercklin, op. cit., pag. 230; *Encyclopedie methodique. Medècine,* III, Paris, 1790, pag. 666.

[2] Zacuti, *Operum tomus primus,* lib. v, pag. 902.

de vario urinæ usu consule Danielem Beckerum Medicum eminentissimum et apud Borussos Regiomonti Professorem celebrem. ([1]) Em outra passagem chama-lhe: *omnium scientiarum genere ornatissimus,* e ainda poderiamos citar outros testemunhos de apreço, se estes não bastassem. ([2])

Rodrigo de Castro é o celebre "creador da gynecologia", como lhe chama o nosso illustre collega Pedro Dias. Nascido em Lisboa em 1546, ([3]) era filho dum christão novo, tambem medico, chamado André Fernandes. Outros membros da sua familia se tinham dado egualmente á medicina, taes como seu tio materno Manuel Vaz, que foi physico de D. João III, D. Sebastião, D. Henrique e D. Philippe I, e outro seu tio e homonymo que foi mandado tratar o soberano de Fez quando este, apesar de estar em guerra comnosco, pediu que lhe mandessemos um medico habil para o tratar duma doença de que soffria.

Muito novo foi para Salamanca, onde estudou a cirurgia com o celebre professor André Valcacer e a medicina com Rodrigo de Sorea e Pedro Bravo. Recebido o grau de doutor, Rodrigo de Castro voltou á patria, exercendo a clinica em Evora e Lisboa, e sobretudo nesta ultima cidade. Rapidamente adquiriu grandes creditos e tantos que mereceu ser convidado com Philippe II para passar ás Indias orientaes, com grandes honrarias e privilegios, um dos quaes era a

([1]) Id., lib. II, pag. 379.
([2]) Id., lib. III, pag. 571.
([3]) Kayserling diz 1550.

independencia da jurisdicção do vice-rei, para procurar plantas e outros simplices, continuando as pesquizas de Garcia da Orta e Christovão da Costa, mas Rodrigo de Castro não acceitou a proposta, esperando que pessoa mais competente se desempenhasse desta incumbencia.

Para escapar ás perseguições a que o expunham as suas crenças religiosas, visto que era judeu, Rodrigo de Castro abandonou a patria, conjecturando o snr. dr. Pedro Dias que saísse de Portugal pouco depois de 1588. Reputava provavel o erudito professor que o medico judeu fosse para Antuerpia, o que era attestado pelas numerosas referencias aos costumes e doenças das mulheres belgas. Kayserling affirma-o terminantemente e diz mais que, depois de ahi ter alcançado grande nomeada, quando os espanhoes restabeleceram o seu dominio nos Paizes-Baixos, não se julgando seguro, foi viver provavelmente no norte da Hollanda por alguns annos, até que o seu conterraneo e collega, possivelmente parente, Henrique Rodrigues, o incitou a vir estabelecer residencia em Hamburgo. Quando a peste se desenvolveu nesta cidade, Rodrigo de Castro devotou-se ao tratamento dos empéstados, e escreveu um pequeno opusculo offerecido ao senado de Hamburgo a proposito da doença que observara.

Dar-lhe-hia isso ensejo de se tornar conhecido, mas outro facto lhe daria maior nomeada. Adoecera Margarida de Alefeld, mulher de Balthasar de Alefeld, governador de Flensensburgo. Tendo sido chamado para a tratar, conseguiu debellar a doença de que soffria aquella nobre senhora, adquirindo a gra-

tidão e favor da familia, cujos obsequios deixou lembrados num dos seus livros.

Pouco depois da sua chegada a Hamburgo, casou com uma judia portugueza, Catharina Rodrigues, que mereceu grande affecto a Rodrigo de Castro; mas a união foi pouco duradoira, morrendo a pobre senhora na flôr da edade e deixando dois filhos, dignos herdeiros do nome do pai.

Depois do fallecimento da esposa, que succumbira a uma febre puerperal que sobreviera ao seu terceiro parto, Rodrigo de Castro, lembrando-se da miseranda condição da mulher que, além das doenças communs, está sujeita ás do sexo, começou a colligir os materiaes da obra que immortalizou o seu nome e que se intitula *De universa mulierum medicina* (1.ª edição, Hamburgo, 1603).

Mais tarde, quasi septuagenario, occupando-se da educação dos filhos e receando não a vêr terminada e portanto não lhes poder dar conselhos relativos ao exercicio da profissão medica, fructo da sua larga experiencia, escreveu em 1614 o seu *Medicus politicus* que, como bem diz o seu biographo, deve ser considerado como o seu testamento medico.

Divergem os historiadores e bibliographos sobre a data do seu fallecimento. J. Rodrigues de Castro affirma que foi em 20 de janeiro de 1627; Barbosa Machado no anno seguinte e Kayserling dá como provavel a data de 1627. Todos erraram; e, se nos não é licito marcar a epocha exacta em que se deu este acontecimento, podemos affirmar que Rodrigo de Castro ainda era vivo em 16 de julho de 1629. Assim o prova a carta dirigida a Zacuto, em que affirma que

a edade provecta, o estudo continuado e as provações que lhe tinham alanceado a alma quasi lhe não consentiam escrever nem ser prestavel aos amigos.

Além das obras indicadas acima, Rodrigo de Castro escreveu um *Tratado de Herem*, tambem designado por *Tratado da Halissa* que saíu em 1614. [1]

Zacuto manifestava por Rodrigo de Castro a mais profunda consideração. A cada passo cita as suas obras e nunca deixa de acompanhar o seu nome dos qualificativos mais elogiosos. *Medicus scientissimus* lhe chama, por exemplo, duma vez que a elle se refere [2]; pouco depois manda consultar a sua obra sobre as doenças das mulheres, nos termos seguintes: *Lege apud Rodericum à Castro Medicum eximium et juniorum facile principem*... [3] E dizeres como estes encontram-se a cada passo: eruditissimo, celeberrimo, percelebre, engenhosissimo, antiste da medicina, etc. [4]

Paulo Zacchias nasceu em Roma em 1584 e ahi morreu em 1659 com setenta e cinco annos de edade. Foi clinico do papa Innocencio X e proto-medico dos

---

[1] Pedro Dias, *Rodrigo de Castro. Apontamentos para a biographia do creador da gynecologia*, in *Archivos da historia da medicina portugueza*, I, II e III; Maximiano Lemos, *Historia da medicina em Portugal*, I, pag. 257 e seg.; Kayserling, *The Jewish Encyclopedia*, III, pag. 611: Puschmann, Neuburger und Pagel, op. cit., III, pag. 739, 909 e 964.

[2] Zacuti, *Operum tomus primus*, lib. II, pag. 169.

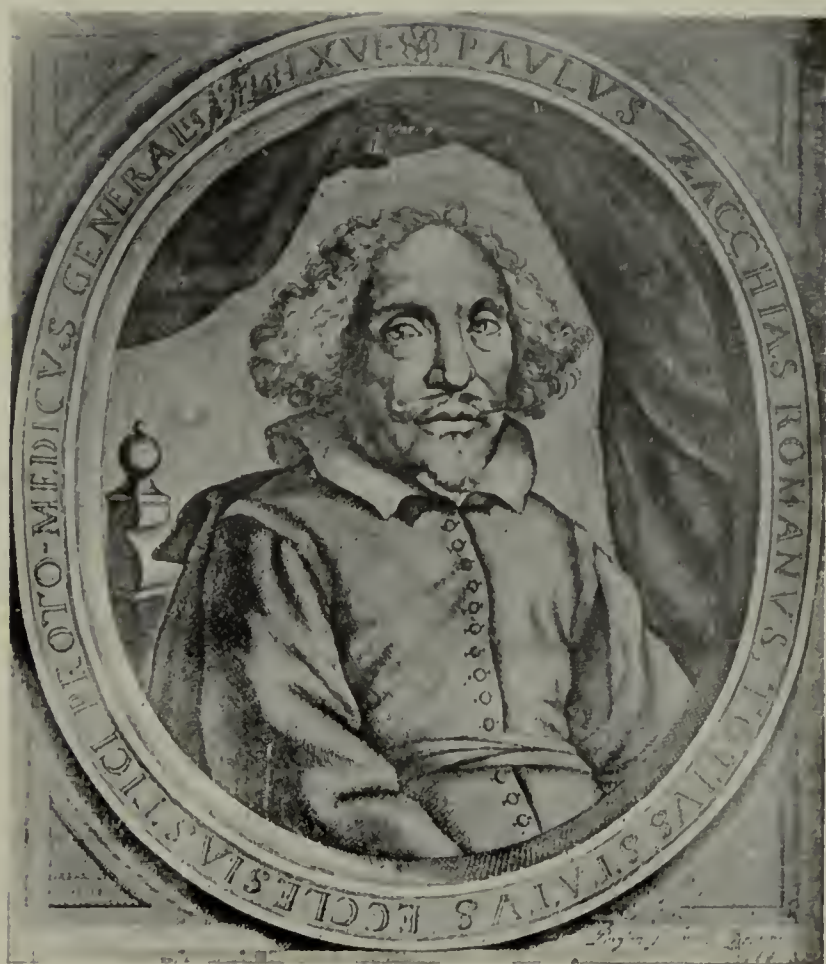
[3] Id., lib. II, pag. 243.

[4] Id., pag. 34, 59, 72, 135, 137, 138, 169, 201, 243, 270, 332, 393, 453, 470, 475, 481, 496, 499, 515, 584, 684, 765, 789, 904, etc. *Operum tomus secundus. De praxi medica admiranda*, pag. 341, 62 e 81.

Estados da Egreja. O seu vasto espirito abraçava quasi todas as sciencias e as bellas-artes, mas distinguiu-se particularmente na litteratura, na poesia, na historia e na musica. Entre as suas obras impressas, salientam-se dois livros em lingua italiana, um sobre a vida quadragesimal (Roma, 1637) e outro sobre as doenças hypocondriacas (Roma, 1639, e reimpresso por vezes), mas sobretudo um grande tratado que se considera com justa razão como classico em medicina legal e em que ostenta uma vasta erudição. Este tratado, talvez um pouco diffuso, é egualmente util aos theologos que se applicam ao estudo dos casos de consciencia e aos medicos que se occupam das relações da sciencia que cultivam com o direito. Intitula-se *Quæstiones medico-legales, in quibus omnes eæ materiæ medicæ quæ ad legales facultates videntur pertinere, proponuntur, pertractantur, resolvuntur*, e saíu pela primeira vez em Roma, 1621, sendo frequentemente reimpresso. [1]

O enthusiasmo com que Zacuto se refere a este livro é, embora justificado, fóra do vulgar. No prefacio dos seus *De medicorum principum historia libri sex* são estas as expressões em que recommenda a sua leitura: *Quæstiones medico-legales agitarit omnium novissimus Paulus Zacchias, Romanorum decus, politè, ornatè et doctè.* Entre outros epithetos que lhe applica, encontramos o de *omniscius,* [2] mas não é o unico:

(1) Vander Linden, op. cit., pag. 485; Mercklin, op. cit., pag. 873; *Dictionnaire des sciences medicales. Biographie medicale,* t. VII. Paris, C. L. F. Panckoucke, editeur, MDCCCXXV, pag. 521; Puschmann, Neuburger und Vogel, op. cit., II, pag. 71 e III, pag. 606, 738 e 745.

(2) Zacuti, *Operum tomus primus,* lib. I, pag. 158.

Paulo Zacchias

Reducção do retrato que acompanha algumas edições das suas *Quæstiones medico-legales.*

Medicinæ Phœnix, medicus et jurisconsultus celeberrimus, nunquam satis laudatus, etc. ([1])

Renato Moreau nasceu em Montreuil-Bellay (Maine-e-Loire), foi doutor pela Universidade de Paris, onde recebeu o barrete de doutor em 27 de novembro de 1618 e decano nos annos de 1630-1631. Morreu em 17 de outubro de 1656 e foi inhumado na egreja de Saint-Jean-en-Grève. Era um pratico illustre, muito conhecido em Paris, procurado pelos grandes e chamado a todas as conferencias importantes. Foi, além disso, um professor muito acreditado, escriptor infatigavel e erudito, e deixou varias obras que gosaram no seu tempo de grande reputação. Entre outras merecem menção: *De missione sanguinis in pleuritide*, com a vida de Brissot (Paris, 1622, 8.º) e *Schola salernitana, hoc est de valetudine tuenda* (1625, 8.º), augmentada com versos que não tinham sido impressos nas edições precedentes, e enriquecida com os commentarios de Arnaldo de Villa Nova, de Curion, de Jacques de Creuil e outros. Deixou ainda um manuscripto valioso, *Vies des hommes illustres de la Faculté de Paris*. ([2])

Zacuto mais duma vez enche de louvores o seu panegyrista. A passagem que transcrevemos servirá de typo: *Consule elegantissimum Renatum Moreau, Medicum Regium Parisiensem, solertissimum, Reipublicæ Medicæ Primipilum, qui in novis et copiosis*

([1]) Id., pag. 80, 158, 474, 478, 507, 511, 599, 707, 756, 793. 811, 904, 862, etc. *Tomus secundus*, pag. 10.

([2]) Vander Linden, op. cit., pag. 523; Mercklin, op. cit., pag, 937; A. Chereau, art. Moreau do *Dictionnaire Encyclopedique des sciences medicales*, de A. Dechambre, vol. IX, 2.ª serie, pag. 455.

animadversionibus in scholam Salernitanam, cap. 20, prope fin. de hujus aris natura ingeniossimè disceptat. [1] E a proposito do mesmo livro escreve noutra parte: ... *Celebris Renatus Morellus, in com. regiminis Salernitani, qui mira instructus facundia illud opus ingenuè explicat, perficit, felicitat.* [2]

André Antius é André Antonio de Castro que, segundo Barbosa, era filho e neto de medicos e natural de Villa Viçosa. Entrando em 1580 para o serviço dos duques de Bragança, foi, por indicação do duque D. Theodosio II, estudar medicina em Coimbra, onde teve por condiscipulo João Bravo Chamiço e ao depois foi nomeado physico-mór da casa do seu patrono, recebendo a alcaidaria-mór de Ourem e a commenda de Montealegre na ordem de Christo. Quando D. João IV foi acclamado, acompanhou-o a Lisboa e nesta cidade morreu em 1642.

André Antonio de Castro deixou uma obra: *De febrium curatione Libri tres, quibus accessere duo alii libelli de simplicium medicamentorum facultatibus; et alter de qualitatibus alimentorum, quæ humani corporis nutritioni sunt apta.* Villaviçosæ, Apud Emmanuellem Carvalho, 1636. A parte principal do livro é um commentario escripto com ordem e clareza sobre a parte do *Methodo medendi* de Galeno consagrada ao estudo das febres. Castro expõe em primeiro logar as indicações a que ha que satisfazer no tratamento da hyperthermia, e que se preenchem com os clysteres, com a sangria, com banhos frios

(1) Zacuti, *Operum tomus primus*, lib. V, pag. 838.

(2) Zacuti, *Operum tomus secundus*, pag. 10.

ou tepidos e com diureticos e sudorificos. Trata em seguida das febres em particular, e nesta parte occupa-se, entre outras doenças, da variola e do sarampo. Castro demonstra uma grande erudição de auctores antigos e modernos e só com muita reserva se afasta das opiniões de Galeno.

Nos tratados de pharmacologia que se lhe seguem, temos em primeiro logar um estudo dos medicamentos em geral, sem pontos de vista originaes, a que se segue uma enumeração dos medicamentos em particular, pobre lista de substancias de origem vegetal de ha muito introduzidas na pratica e na maior parte sem valor.

Por ultimo, o *Liber de alimentorum facultatibus* é um tratado de hygiene alimentar em que, além de se exporem as qualidades geraes dos alimentos, se estuda o valor nutritivo de cada um em separado. Baseado nas distincções especiosas de Galeno, este livro seria destituido de interesse se se não referisse a grande numero de substancias que constituiam a alimentação dos nossos ascendentes, incluindo varios rifões populares sobre o assumpto. (1)

Zacuto não desaproveitou o primeiro ensejo que se lhe offereceu para corresponder ás amabilidades de André Antonio de Castro com expressões de manifesto favor. *Consule*, diz elle, *eruditissimum Andream Antonium, olim excellentissimi Ducis Brigantini primarium Medicum, nunc ejusdem Serenissimi Lusitanorum Regis electi, Joannis hujus nominis IV*,

(1) Maximiano Lemos — *Historia da medicina em Portugal*, II, pag. 40, 49 e 64.

Archiatrum qui... de hoc argumento appositè conscripsit. [1]

João Isaac Pontano é o historiador dinamarquez e hollandez nascido em Helsingör em 21 de janeiro de 1571 e fallecido em Harderwijk em 6 de outubro de 1639 (ou 1640?) onde ensinou até á data do seu fallecimento, apesar de ter sido nomeado em 1618 historiador da Dinamarca. Pontano era medico e tinha estudado em Basiléa com Felix Platerus. De entre as suas obras, são notaveis as seguintes: *Rerum danicarum historia* (1.ª parte, até 1448; 2.ª parte de 1448 a 1588; 3.ª parte: *Vita Frederici*); *Historia urbis et rerum amstelomensium* (1611) e *Originum francicarum libri VI* (1616). [2]

Os meritos do illustre historiador são encarecidos por Zacuto, embora não seja muito bom o pretexto que são algumas informações inexactas sobre os crocodilos. A passagem é a seguinte: *Quorum effigiem, naturam, mores, usum in cibis, condiendi modum, doctissimè simul, atque ornatissimè descripsit clarissimus Joannes Isacius Pontanus, Medicus famatissimus, et in illustri Gelrorum gymnasio Professor celeberrimus, serenissimi Regis Daniæ et Ducatus Gelrorum Historiographus insignis lib. 2. rerum et urbis Amsteldamensis, cap. 4. veriùs Belgicus Varro appellandus.* [3]

Diogo Mourão era natural da Covilhã e não sabemos onde estudou. Exerceu a medicina em Aix, na

(1) Zacuti, *Operum tomus primus,* lib. IV, pag. 703.

(2) *Le Grande Encyclopedie,* XXVII, pag. 272.

(3) Zacuti, *Operum tomus primus,* lib. V, pag. 875.

Provença, e adquiriu creditos notaveis. Ainda ahi estava em 1639, data da sua epistola ao nosso biographado. Escreveu *Apologias tres: 1.ª De epilepsia histerica. 2.ª De venæ sectione in fluore nimio hemorrhoidum. 3.ª De ventris tumore.* Orthesii, apud Abrahamum Rovicrium, 1626, 4.º.

Zacuto tinha-o na conta de *medico eximio,* (1) e nas citações que faz das suas *Apologias* affirma que as questões nellas tratadas o foram elegantissima e eruditissimamente. (2)

Jacob Fabricio nasceu em Rostock em 16 d'agosto de 1577 e morreu em Copenhague em 16 de agosto de 1652. Seguindo o conselho de Tycho-Brahe, juntou o estudo das mathematicas ao da medicina, tendo sido discipulo do celebre astronomo. A medicina apprendeu-a não só na sua patria, mas nas viagens que fez pelos Paizes-Baixos, pela Inglaterra e pela Allemanha. Por ultimo foi para Iena, onde obteve o grau de doutor aos 26 annos. Os seus talentos grangearam-lhe grande nomeada e foi escolhido para professor de medicina e de mathematica em Rostock, sendo mais tarde medico dos reis Christiano IV e Frederico II. (3)

Na extensa carta que escreveu a Zacuto, Fabricio diz-se medico do rei da Dinamarca e da Noruega, prelado da egreja cathedral Arrhosiense e decano da

(1) Zacuti, *Operum tomus secundus. De praxi medica admiranda*, lib. II, obs. XCIV, pag. 65.

(2) Zacuti, *Operum tomus primus*, pag. 34 e 392.

(3) A. Chereau. *Dictionnaire encyclopedique des sciences medicales*, 4.e serie, I, pag. 15.

Universidade de Rostock. Os mesmos titulos acompanham o seu nome nuns versos que compoz em louvor das obras do nosso compatriota.

Benjamim Mussaphia, cujo nome completo a *Jewish Encyclopedia* escreve Benjamim Emmanuel Mussaphia, e que a si mesmo dá o nome latino de Dionysius, nasceu pelos annos de 1606, provavelmente na Espanha, e falleceu em Amsterdam em 1675. Nos primeiros annos da sua formatura, praticou a medicina em Hamburgo, e ahi lhe morreu a mulher em 1634, seis annos depois do casamento. Em memoria della escreveu a sua primeira obra *Zeker Rab* (Amsterdam, 1635, e segunda edição, com traducção latina interlinear, Hamburgo, 1638).

Em 1640, appareceram em Hamburgo as suas *Sacro-Medicæ Sententiæ ex Bibliis*, acompanhadas de uma carta sobre a alchimia, com o titulo de *Me Zahab.* [1] Uma obra sobre o fluxo e refluxo da maré, publicada dois annos depois, foi dedicada ao rei Christiano IV da Dinamarca que o nomeou seu physico, para o que teve de se transferir para Glückstadt, no Holstein. O tratado de Senior Muller intitulado *Judaismus oder Judenthum*, publicado em Hamburgo em 1644, allude, sem todavia lhe mencionar o nome, aos ataques de Mussaphia aos representantes da religião christan. Dez annos depois, Mussaphia recorda, como um incidente da sua residencia na côrte da Dinamarca, uma conversa com o rei e os seus cortezãos relativa aos golfinhos representados como sereias.

---

[1] A carta que escreveu a Zacuto é datada desta cidade em 1 de abril de 1640.

Mussaphia, provavelmente depois da morte de Christiano, foi para Amsterdam, onde veiu a ser membro do collegio dos rabbis. Na nova edição do *Aruk*, impressa nesta cidade em 1655, appareceram os seus supplementos á obra de Nathan de Jehiel sob o titulo de *Musaf he'-Aruk*, nos quaes explica as palavras gregas e latinas, contribuindo muito para o conhecimento dos costumes e condições da vida judaica. No prefacio desta obra, a que deve em grande parte a sua fama, affirma que veiu colligindo os seus materiaes desde os annos da sua mocidade. Elle e os seus conhecimentos rabbinicos foram especial objecto de ataque na carta-circular dirigida em 1673 por Jacob Saportas a R. Joshua da Silva de Londres. Foi tambem um dos que se deixou possuir do enthusiasmo por Shabbethai Zebi que acommetteu todos os judeus de Amsterdam, e o primeiro a assignar o elogio que diversos membros importantes da communidade portugueza desta cidade dirigiram a este pseudo-Messias em 1666, não sabendo que Zebi tinha algum tempo antes abraçado o islamismo. ([1])

Em Zacuto encontramos apenas uma referencia aos meritos do seu correligionario. Chama-lhe eruditissimo e cita o seu *Libellus memorialis* que julgamos poder identificar com as *Sacro-Medicæ Sententiæ ex Bibliis*. ([2])

Samuel Dilecto é o medico portuguez conhecido mais geralmente pelo nome de Dilecto Lusitano. Morejon apenas diz a seu respeito que passou a Ve-

---

([1]) *The Jewish Encyclopedia*. V. Mussafia.

([2]) Zacuti, *Operum tomus primus*, lib. v, pag. 864.

neza, que alli exerceu a sua profissão e escreveu e imprimiu a obra seguinte: *Ocyrrhoes, seu præstantissimum morborum auxilium de vena sectione copiosa methodum*, Veneza, por Pedro Milocho, 1642, in-4.º.

Do extracto, porém, que o illustre historiador da medicina espanhola publíca desta obra parece poder-se affirmar que exerceu a clinica em Lisboa, onde affirma que era grande o numero de loucos, o que attribue ao excesso das sangrias, e que em Sevilha assistiu em 1621 a uma epidemia de terçãs tão perniciosas e malignas que matou mais de mil pessoas. Não ha duvida de que por ultimo se estabeleceu como clinico em Veneza, porque desta cidade, a 10 de agosto de 1640, dirige a Zacuto uma epistola em que o enche de louvores. Suspeitamos que fosse judeu, porque entre outros qualificativos chama-lhe *Hebraicæ gentis singulare ornamentum*, o que parece que lhe não desmerecia o conceito.

A sua obra é uma dissertação sobre as vantagens da sangria, em que todavia se não mostra tão enthusiasmado por este meio therapeutico como alguns dos seus contemporaneos. (1)

Pedro Servio nasceu em Spoleto, na provincia de Umbria, e exerceu e ensinou medicina em Roma no meado do seculo XVII. Morreu em Roma em 1648. Foi um propagador das doutrinas de Galeno, mas póde ser incluido tambem entre os medicos espagiristas do seu tempo. Attribuem-se-lhe varias obras, algumas das quaes estão assignadas por Persius Trevus, que é o anagramma do seu nome.

---

(1) Morejon, op. cit., v, pag. 307.

Essas obras são: *Ad librum de sero lactis Stephani Roderici Castrensis declamationes* (Roma, 1634); *Institutionum quibus tyrones ad medicinam informantur libri tres* (Roma, 1638); *Juveniles feriæ, quæ continent antiquitatum romanarum miscellanea* (Roma, 1640); *Dissertatio de odoribus* (Roma, 1641); *Dissertatio de unguente armario seu de naturæ artisque miraculis* (Roma, 1643). [1]

João Jonston é um polygrapho polaco de origem escoceza nascido em 1603 e fallecido em 1675. Viajou muito pelo estrangeiro e formou-se em medicina. As suas obras são na maior parte relativas a esta sciencia e gosaram de uma auctoridade consideravel. As principaes são: *Thaumaturgia naturalis* (Amsterdam, 1632); *Historia universalis* (Idem, 1634); *Theatrum universale historiæ naturalis* (Francfort, 1650); *Notitia regni vegetabilis* (Leipzig, 1661) e *Dendrographia* (Francfort, 1662). [2]

Zacuto cita algumas vezes a primeira destas obras, que em rapido exame nos pareceu um amontoado de superstições, sem qualquer referencia elogiosa. Uma só vez o emparelha com Marcello Donato, dizendo que ambos escreveram coisas bellas a proposito de transformações de varões em femeas, o que o medico judeu reputa fabula. [3]

---

(1) Vander Linden, op. cit., pag. 506; Mercklin, op. cit., pag. 906; A. Dureau, art. Servius in *Dictionnaire Encyclopedique des sciences medicales* de Dechambre, 3.e série, IX, pag. 434.

(2) Vander Linden, op. cit., pag. 363; Mercklin, op. cit., pag. 620; *La Grande Encyclopedie*, XXI, pag. 195.

(3) Zacuti, *Operum tomus primus*, lib. III, pag. 467. As outras citações são de pag. 487, 506 e 509.

Na carta que escreveu a Zacuto, datada de Francfort, 14 de agosto de 1641, Jonston diz-se professor ordinario da Universidade daquella cidade, e da mesma maneira se subscreve num distico latino collocado á frente do segundo tomo das obras do medico judeu.

Dos poetas que celebram Zacuto, um só queremos destacar, porque de si proprio se destaca, João Pinto Delgado.

João Pinto Delgado era um notavel poeta de origem hebréa cuja biographia carece de novos elementos para ser traçada com segurança. Barbosa Machado affirma que era natural de Tavira e desempenhava o cargo de provedor da pedra que se mandava para a praça de Mazagão. Diz-nos ainda que falleceu pelos annos de 1590, quando contava cincoenta annos de edade.

Succede, porém, que o incansavel investigador dr. Sousa Viterbo demonstrou que, tendo havido effectivamente um João Pinto Delgado que foi feitor da cal e outras munições que do Algarve se enviavam para a Africa, e que já era fallecido em 1590, não podia ser esse o nosso poeta. [1]

Aventa o snr. Sousa Viterbo que o illustre poeta fosse seu filho ou mais provavelmente seu neto. Para esta supposição baseia-se na existencia de uma carta regia de 12 de agosto de 1602 em que apparece nomeado um novo João Pinto Delgado que, por ter servido em Mazagão por sete annos, é recompensado

---

[1] *João Pinto Delgado*, in *Instituto*, XLIII, 1896, pag. 857 e seguintes.

com o officio de almoxarife dos mantimentos e pagamentos da mesma villa por espaço de 3 annos. Um outro documento, tambem desentranhado do Archivo nacional pelo mesmo infatigavel escriptor, dá-o como exercendo o mesmo cargo em 1607.

Temos alguma duvida em acceitar esta hypothese, se devemos dar credito a Kayserling que a respeito de João Pinto Delgado dá informações novas, difficilmente conciliaveis com ella.

Affirma o illustre historiador judeu que elle foi para Espanha na sua mocidade e que estudou humanidades em Salamanca, onde travou amizade com o poeta Luiz de Leon. Accrescenta que, perseguido pela inquisição, deixou a mulher e um filho em Tavira e foi para Roma e depois para França, onde abertamente professou o judaismo e tomou o nome de Moisés. ([1])

Seja como fôr, o que é positivo é que em 1627 vivia em França um poeta notavel, provavelmente portuguez, que a Richelieu dedicou um poema ácerca da Rainha Esther, e que dava pelo nome de João Pinto Delgado. ([2])

De preferencia á opinião de Ticknor, que é duvidoso se leria attentamente as obras de Delgado, mas que affirma que em todas ellas respira o amargo resentimento do seu desterro e ha trechos cheios de ternura e de uma versificação harmoniosa e delicada,

([1]) *The Jewish Encyclopedie*, vol. IV. V. *Delgado.*

([2]) O titulo completo é o seguinte: *Poema | de la reyna Ester, | Lamentaciones del | Propheta Ieremias. | Historia de Rut y varias Poesias.* | Roven, chez Dauid du Petit Val, 1627.

acceitamos como juizo definitivo a seu respeito o que o snr. dr. Sousa Viterbo escreveu: "Emquanto ao merecimento litterario de Delgado, a nossa opinião vae de parceria com os escriptores que tanto o levantaram nos seus elogios, onde vêmos justiça e não exaggero. Effectivamente a poesia de Delgado tem o quer que seja da sublimidade da Biblia, o que, se em grande parte é resultado do seu talento, é devido tambem á alteza da materia. O pensamento é levantado e a fórma coaduna-se com a magestade do assumpto. O verso é harmonioso, a linguagem é casta, o estylo é terso e puro, despido dos arrebiques da epocha. O maior elogio do poeta está em haver-se afastado do culteranismo que então dominava. A versificação é elegante e donairosa, tanto nos versos hendecasyllabos, como nos versos de arte menor, mas, embora titubeassemos na escolha, talvez déssemos preferencia ás quintilhas, onde nos parece existir mais concisão e vigor, como quem traduz ao vivo a expressão dolorosa do propheta.„

A opinião de Sousa Viterbo concorda em tudo com a do grande historiador espanhol Menendez Pelayo, de que aliás parece não ter tido conhecimento: "El sentimiento elegiaco predomina en Moseh Pinto Delgado, sin que le falten condiciones descriptivas. Está mas feliz cuando traduce las Sagradas Escrituras ó se inspira en ellas, que quando escribe de cosecha propria. Se distingue por el buen gusto continuado en el estilo y en el lenguaje, sin que sean apenas visibles en sus delicados versos las huellas de afectacion y culteranismo, de que apenas se libró ningun ingenio de entonces. En la versification es diestro y

facil, mostrando cierto amor y gusto especial por los metros cortos, à la manera de los antiguos cancioneros. No desdeña, por eso, ni se muestra torpe en el uso de los endecasilabos de la escuela de Garcilaso. Como poeta de indole tierna y apacible consigue remedar bien el idealismo de Petrarca; pero interessa y conmueve más cuando llora sus proprias desdichas, y se dirige al Señor com arrebato mistico...

"Nunca se elevó a mas altura Moseh Pinto Delgado; nunca hizo tan gallarda muestra de su fluidez metrica y de la viva penetracion que tenia de las cosas bellas, como en su parafrásis de los Trenos de Jeremias, que es la mejor corona de su memoria. Apenas hay mejores quintillas en todo el siglo XVII y de fijo ningunas tan sencillas, inspiradas y ricas de sentimiento... „ (1)

Pinto Delgado escrevia para acompanhar o primeiro volume das obras de Zacuto uns versos em que affirma que o seu amigo ia

> El camino ensenando de dos vidas,
> La eterna con divino y santo exemplo
> La humana, con la lengua, y con lo escrito.

Estes versos appareceram pela primeira vez entre 1636 e 1638, o que anniquila a asserção de Barbosa Machado de que falleceu em 1590, cuja inexactidão já fôra mostrada por Salvá e pelo snr. Dr. Sousa Viterbo.

Eram muito cordeaes as suas relações com Za-

(1) Menendez Pelayo — *Historia de los heterodoxos españoles*, II, pag. 606 e 607.

cuto. Em seguida aos versos de que acima publicamos um terceto, encontram-se as seguintes palavras: *In observantiæ et amoris gratiam scribebat amicissimus et perdoctus Joannes Pintus Delgado.*

CAPITULO IX

Os ultimos annos de Zacuto — Visitas a Utrecht
e a Leyde — Anna Maria de Schurman — Vicente Nogueira
— A morte do medico portuguez

Póde afoitamente dizer-se que os ultimos annos de Zacuto foram completamente absorvidos pela publicação dos seus *De medicorum principum historia libri sex*. Dois volumes por anno duma obra que tanto trabalho representava eram de sobra para abalar a saude de quem já tinha cincoenta annos quando chegou á Hollanda.

Poderiamos, portanto, terminar a sua biographia, juntando ao capitulo precedente a data da sua morte e dar por terminado este trabalho.

Queremos, pelo contrario, fixar alguns pontos da sua vida que ainda apresentam interesse, apesar do receio que temos de nos acoimarem de fastidioso. Alguem haverá, permitta-se-nos acreditaI-o, que não sinta desdem pelas mais pequenas particularidades da vida de quem tanto honrou o seu paiz em meio tão florescente.

Dissemos que o seu correligionario Menasseh ben Israel, ao publicar o *Conciliador*, pedira a Zacuto que lh'o prefaciasse e que o medico lisbonense acceden ao honroso convite.

Não foi elle o unico escriptor que teve o prazer de inserir nos seus livros apreciações elogiosas de sua auctoria.

Nas *Quæstiones medico-legales* de Paulo Zacchias encontramos uma carta de Zacuto datada de Amsterdam em 10 de novembro de 1635. Felicitava-o pela publicação do seu livro, agradecia-lhe as referencias que nelle lhe fazia, e pedia-lhe que lhe remettesse o quinto volume, logo que saísse, *nam erit senectutis meæ solatium*. Não era este o inicio das relações com o illustre medico italiano. Quando Zacuto publicara o primeiro volume da sua obra *De medicorum principum historia libri sex* remettera-o a Zacchias por intermedio de Estevão Rodrigo de Castro, acompanhando-o de uma carta sua datada de 3 dos idos de novembro de 1629. Esta carta só chegara ás mãos do medico de Roma em maio de 1630. Zacchias accusou a recepção do livro e da carta numa epistola que anda publicada no primeiro volume das obras completas do medico judeu, e que tem a data das calendas de maio de 1630. E' delle o trecho seguinte: *Hic ergo prior liber tantum desiderium videndi alia opera tua et in me et in omnibus doctissimis Medicis hujus nobilissimæ Curiæ excitarit, ut inde multam tibi evenisse gloriam, ob tuam admirabilem doctrinam, illi mecum unanimiter sibi persuadeant.*

Mas, nas mesmas *Quæstiones medico-legales*, appa-

rece uma nova carta de Zacuto, de 1 de setembro de 1639. Dizia-lhe nella que, apesar de velho, ainda se sentia com o espirito vivo para supportar trabalhos e incessantemente se occupava na publicação das suas obras que estavam espalhadas por toda a Europa. Já tinham saído seis volumes das suas *Historias* e em Lyão fizera-se uma segunda edição da sua *Praxis medica admiranda*. Nesses livros referia-se com todo o elogio a Zacchias. Como, porém, uma casa sem tecto não está completa, as suas *Historias* careciam de uma praxe que esperava escrever em três volumes, estando já no prélo o primeiro que lhe enviaria quando estivesse prompto. Mandava a Zacchias uma epistola de Josias Florietus, e como nada tinha de proprio a enviar-lhe remettia-lhe o retrato, e grande honra seria para elle se o collocasse no quarto. Como estava para breve a publicação do tomo oitavo da *Praxis historiarum* (aliás, segundo), pedia-lhe como grande favor que lhe escrevesse uma epistola para o acompanhar, *ut sciant omnes, te studiosos viros redamare ex corde*. [1]

Zacchias não escreveu a carta solicitada, mas publicou a epistola de Zacuto. Repugnar-lhe-hia exaltar os meritos do medico judeu? não é provavel, visto que já o elogiara, como vimos. Estranharia o pedido e a fórma por que era feito? Ignoramol-o. O que sabemos é que o medico portuguez não ficou resentido, ou pelo menos guardou para si o despeito, porque nos volumes que ainda publicou continuou a

[1] As duas cartas vão publicadas no fim do volume.

testemunhar pelo medico italiano o mesmo apreço que até alli.

Conhece já o leitor João Beverwijk. Em 1638, dos prélos dos Elzevires de Leyde, saía o seu livro, ainda hoje apreciado, *De calculo renum et vesicæ liber singularis. Cum epistolis et consultationibus magnorum virorum*. Um dos grandes varões consultados foi Zacuto e foi-o nos termos mais lisonjeiros. Este forneceu a sua contribuição sob o titulo: *Calculos non gigni in substantia, sed cavitatibus renum. Difficilis calculosorum curatio: Remedia præstantissima.*

Se a consulta não é destituida de interesse, o seu valor não é grande. Nella sustenta Zacuto que os calculos se formam nas cavidades dos rins, como affirma Galeno, e não na propria substancia como queria Fernel; e para os combater propõe uma formula complicadissima, cujo principal componente parece ser a virgaurea. [1]

Na obra de James Primerose *De vulgi erroribus in medicina libri IV* (Roterodami, ex officina Arnoldi Leers, 1648) vê-se uma nova carta de Zacuto dirigida ao editor, datada de Amsterdam em 4 de junho de 1639.

James Primerose nasceu, segundo uns, em Saint-Jean d'Angely e, segundo outros, em Bordeus, e era filho de um pastor protestante da Escocia que emigrara para França. Estudou medicina á custa do rei Jayme I e obteve o grau de doutor na Universidade de Montpellier em 1617. Como seu pai fosse expulso de

[1] Tambem publicamos consulta e resposta no fim d'este volume.

França, voltou a Inglaterra onde o seguiu o filho que foi aggregado ao collegio de Oxford. Estabeleceu-se em Hull, no condado de York, e entrou em viva polemica com Harvey, batalhando com todos os que admittiam a circulação do sangue. Publicou a este respeito desde 1630 a 1640 differentes memorias que se tornaram raras. Outra obra sua: *De vulgi erroribus in medicina* (Amsterdam, 1639, 1644, e Rotterdam, 1658) obteve excellente acolhimento, sobretudo porque Guy Patin a elogiou muito, chegando a ser traduzida em francez em Lyão, 1689. Antes de Guy Patin a apregoava Zacuto na carta referida que não apresenta interesse de maior. ([1])

Primerose morreu em 1660. ([2])

Zacuto algumas vezes se refere ao illustre medico inglez, chamando-lhe eruditissimo e doutissimo, ([3]) mas conheceu-o pessoalmente, talvez na occasião em que elle publicou o livro que o nosso compatriota prefaciou. Então o consultou sobre a singular observação de Carlos Spon. ([4])

Possivel é que em outros livros existam mais alguns trabalhos de Zacuto. Nós é que os não pudemos encontrar.

([1]) Vai publicada em appenso no fim deste livro.

([2]) Vander Linden, op. cit., pag. 298; Mercklin, op. cit., pag. 491; A. Dureau, art. PRIMEROSE in *Dictionnaire Encyclopedique des sciences medicales* de Dechambre, 2.e serie, XXVII, pag. 406.

([3]) Zacuti, *Operum tomus primus*, pag. 823 e 884.

([4]) *Cæterum quum non ita multo post nos accederet Vir Clarissimus Jacobus Primirosius, Londinensis Medicus, de hujus historiæ varietate cupidè ipsum percontatus sum.* (Zacuti, *Operum tomus secundus. De praxi medica admiranda*, lib. I, obs. CXL, pag. 37).

Não era o nosso medico dado a viagens, apesar do conselho de Galeno que as recommendava constantemente. Se na patria não abandonou o ninho, emquanto lhe não correu perigo, tambem na Hollanda não se afastou do novo abrigo que tinha construido. Apenas encontramos notadas duas cidades onde esteve e essas pouco distantes de Amsterdam: Leyde e Utrecht.

Póde facilmente datar-se a viagem a Leyde. Diz elle que a realizara havia tres annos e escrevia com toda a probabilidade em 1641. Foi portanto em 1638. Não o chamava alli a curiosidade scientifica de vêr a celebre cidade universitaria, onde encontrava conhecidos como Vorst e amigos como Othão Heurne. Era simplesmente o exercicio clinico que ahi o levava. Ia vêr o filho de um colono riquissimo que vivia proximo da cidade e nas suas mãos recuperou a saude. A observação não tem grande interesse, mas algumas particularidades retratam a vida hollandeza dos campos. O estabulo onde estavam recolhidas numerosas vaccas, annexo á casa de habitação, encontra-se ainda hoje frequentemente nos Paizes-Baixos. Zacuto aproveitava-se desta feliz circumstancia para prescrever ao doente banhos de leite que foram de algum proveito no tratamento. ([1])

A visita a Utrecht não se póde fixar com tanta exactidão, mas deve ter sido posterior a 1637. ([2])

([1]) Zacuti, *Operum tomus secundus. Praxis historiarum*, lib. II, pag. 377.

([2]) Assim o suppomos porque neste anno se publicou o seu *De medicorum principum historia liber tertius*, consagrado ao estudo das doenças das mulheres, onde registaria o caso clinico narrado no texto, se já o houvesse observado.

Esta digressão era motivada pelo desejo de recrear o animo. Não desaproveitava, porém, o ensejo de observar qualquer caso interessante. No carro em que seguia, encontrou dois estudantes de medicina que o informaram de que na povoação de Marsen, por onde haviam de passar, podia vêr uma mulher digna de figurar nos livros onde registava as suas raras observações. Emquanto os cavallos descançavam e comiam a ração, Zacuto foi vêr essa mulher em companhia dos estudantes. Era uma camponeza de trinta e quatro annos, solteira e robusta, que apresentava a particularidade de ser menstruada pelo dedo grande do pé esquerdo. Durava o corrimento sanguineo três ou quatro dias, passados os quaes se entregava aos trabalhos agricolas, livre de qualquer incommodo. [1]

Talvez que Zacuto fosse levado a visitar Utrecht pela curiosidade de conhecer a famosa Anna Maria de Schurman que aliás não diz positivamente ter visto. O que a seu respeito escreve é o seguinte, depois de ter citado o nome de algumas mulheres que se entregaram ao exercicio da medicina, e de affirmar que lhes não falta aptidão para as sciencias: *Et nostro sæculo vivit hodie et floret in nostro Belgio, Ultraiecti, nobilissima virgo, appellata, Anna Maria à Schurman, ingenua, polita et solers, quæ ita raris prædita est omnium scientiarum dotibus, ut duodecim linguas calleat apprimè et nuper splendidissimum sui ingenii*

[1] Zacuti, *Operum tomus secundus. Praxis historiarum*, lib. III, pag. 486.

præbuit specimen, in tract. de fatali vitæ termino, ad Joannem Bereroricium, Medicum scientissimum. ([1])

Esta Anna Maria de Schurman era o *enfant prodige* dos Paizes-Baixos. Já quando a edade a tinha despojado havia muito das graças infantís, ainda não esquecera a impressão que produzira a creança. Era de familia nobre, e seus paes, Frederico de Schurman e Eva de Hars, seguiam a religião reformada. Nascera em Colonia em 5 de novembro de 1607. Muito nova, era duma notavel habilidade manual. Aos seis annos recortava com tesouras em papel toda a sorte de figuras sem necessidade de modelo. Aos oito, apprendia em poucos dias a desenhar flôres, e dois annos passados bastavam-lhe três horas para ficar sabendo bordar. Depois rapidamente estudou canto e musica, pintura, esculptura e gravura. A escripta em toda a especie de linguas era inimitavel, e muitos curiosos conservaram por muito tempo traslados seus que mostravam como maravilhas. Joly, na *Viagem de Munster*, presta homenagem, como testemunha ocular, á belleza da sua escripta franceza, grega, hebraica, syriaca e arabe, á sua habilidade em pintar em miniatura, e em fazer retratos em vidro com a ponta dum diamante. Retratava-se a si propria por meio dum espelho, e fazia perolas de cera tão perfeitas que era necessario atravessal-as com uma agulha para se perceber que eram artificiaes. Os seus talentos em nada eram inferiores ás suas prendas manuaes, porquanto aos onze annos sabia latim e depois tornaram-se-lhe tão familiares o grego e o hebreu, que

([1]) Zacuti, *Operum tomus primus*, lib. I. pag. 11.

apprendera com Gisbert Voet, que não só os escrevia mas falava com facilidade. Tambem adquiriu com facilidade as linguas aparentadas com o hebreu, como a syriaca, a chaldéa, a arabe e a ethiopica. Das linguas vivas entendia perfeitamente e falava sem difficuldade o francez, o inglez e o italiano. ([1]) A geographia, a astronomia, a philosophia e as outras sciencias humanas eram-lhe sufficientemente conhecidas para que dellas pudesse falar com discernimento, mas applicou-se principalmente á theologia e ao estudo da escriptura sagrada.

A isto alliava uma grande modestia e, longe de fazer exhibição das suas prendas, só contrariada as mostrava. O pai que tinha ido residir para Utrecht, quando ainda ella era muito creança, transportou-se para Franecker com toda a familia para educar os filhos ([2]) e ahi morreu em 1623. Depois deste acontecimento, a viuva regressou a Utrecht, onde Anna Maria de Schurman continuou a applicar-se com todas as veras ao estudo, o que a impediu de se casar, o que poderia ter feito com vantagem com Cato, grande pensionista da Hollanda e poeta famoso que escreveu

([1]) Baillet vae mais longe ainda, affirmando que ella não ignorava nenhuma das linguas vivas da Europa, incluindo o turco. Paquot, que considera muitas das asserções dos seus biographos exaggeradas, confessa que ella sabia bem grego e latim, e escrevia francez muito regularmente para uma flamenga.

([2]) Um d'elles, João Godescale de Schurman, é qualificado por Bearle de sapientissimo. O mesmo Bearle falla dum poema francez de J. C. Schurman. A elle e a sua irmã Anna Maria dedicou Gisbert Voet, o amigo de Descartes, o segundo volume das suas *Disputas theologicas*.

versos em seu louvor, quando ella não tinha ainda quatorze annos. Reservada e modesta como era, os seus meritos ficariam desconhecidos se Rivet, Voss e Spanheim a não houvessem louvado e preconizado. A estes três theologos juntaram-se Saumaise, Beverwijck e Huygens. Estes sabios tiveram grande commercio epistolar com ella, e mostrando as suas respostas grangearam-lhe uma grande reputação no estrangeiro. Dahi as cartas que recebeu de Balzac, de Gassendi, do P. Mersenne, de Bochart, de Conrart e doutros personagens illustres. Emfim, tal foi a celebridade que o seu nome adquiriu, que as pessoas mais altamente collocadas e até princezas a quem se offerecia occasião de a vêrem não a desaproveitavam. A princeza Luiza Maria de Gonzaga, mulher de Wladislau IV, indo para a Polonia, a duqueza de Longueville indo a Munster durante as negociações da paz, e passando uma e outra em Utrecht, julgaram uma honra visital-a. O mesmo fez a rainha Christina da Suecia, quando depois de abdicar se dirigia a Roma. Estimava-a muito a princeza Isabel, filha do rei da Bohemia, que Descartes tanto elogia.

Pelo anno de 1650, deu-se uma grande mudança no seu modo de viver. Morrera-lhe a mãe, ao que parece em 1637, e ficara confiada a duas tias que, cheias de achaques e cegas, não pudiam allivial-a como até alli dos cuidados domesticos. Julgou-se que queria abraçar a religião catholica; pelo menos esse boato foi posto em circulação por alguns ministros que desgostosos por ella abandonar as suas prédicas procuraram desacreditai-a. O pretexto para estes ataques foi uma viagem que ella fez a Colonia em 1653, onde

se demorou dois annos sem frequentar os templos protestantes. Quando regressou a Utrecht, retirou-se para o campo, onde continuou a não apparecer nas egrejas. Afeiçoou-se então ao famoso mystico João de Labadie cujos principios abraçou em 1669 e que seguiu por toda a parte. Chegou até a dizer-se que tinha casado com elle, mas Gaspar Burman affirma que a asserção é falsa. Renunciou ao estudo, vendeu as propriedades e foi residir para Herford ou Hervorden, e depois dahi permanecer dois annos foi com elle para Altena, no Holstein, onde assistiu aos seus ultimos momentos. Então, retirou-se para Wiswerden, na Frisia, e ahi morreu em 5 de maio de 1678.

Encontrar-se-ha uma lista das suas obras em Paquot. A que mais foi elogiada no seu tempo foi uma *De vita termino, Epistola ad Joannem Bererovicium*, publicada em 1639 por este medico illustre, precisamente a mesma de que fala Zacuto. Escreveu tambem uma *Dissertatio de ingenii muliebris* (Leyde, 1641), em que sustenta que uma mulher que não esteja sobrecarregada com os cuidados domesticos póde estudar a grammatica, as differentes partes da philosophia, a historia, as mathematicas, as linguas grega e hebraica, a escriptura, a theologia, a theoria da arte militar, a eloquencia do fôro e do pulpito e sobretudo da politica; a *Eucleria* (Altona, 1673) em que defende a sua affeição á seita dos labadistas; e os *Opuscula Hebræa, Græca, Latina, Gallica*, collecção de cartas a differentes homens illustres do seu tempo. Paquot conclue a sua noticia sobre esta mulher, dizendo que era um prodigio de saber para uma pessoa do seu sexo, mas que os seus meritos foram

louvados além do que mereciam, o que era naturalissimo. Não nos parece muito justa esta ultima restricção: poucas mulheres attingiram o grau de cultura de que nos dá provas a *nobilissima virgo* de Utrecht.

Voltemos, porém, a Zacuto. Os seus ultimos annos foram os mais laboriosos da sua vida. Causa espanto a sua actividade nesta epocha, quando os annos já lhe deviam pesar.

Encontrava-se no auge da gloria. De toda a parte lhe chegavam testemunhos de consideração e respeito. Além das epistolas que archivou nos seus livros, além dos prefacios que lhe pediam todos os dias, via que os seus trabalhos eram apreciados com justiça. Bento de Castro, Paulo Zacchias, João Gerardo Voss, Daniel Becker, João Beverwijck, João Lossellius, Vander Linden, Jacob Rosales, Pedro Montoia citavam-os; mas cumpre extremar Daniel Sennert e Lazaro Rivière no apreço que tinham pelo nosso compatriota. Sennert, que Zacuto venerava como um *alter germanus Galenus* ([1]) e que tentou seriamente conciliar os principios de Galeno com o que reconhecia de bom na doutrina de Paracelso, mais duma vez cita a *De praxi admiranda* do nosso biographado. ([2])

Quanto a Lazaro Rivière, que aliás não merece a mesma consideração, mas que gosou no seu tempo duma reputação européa, não ha por assim dizer uma

([1]) Zacuti, *Operum tomus secundus. De praxi medica admiranda*, lib. III, pag. 141.

([2]) *Opera omnia*, Lugduni, 1676.

Daniel Sennert

Reducção do retrato que vem junto às suas *Opera omnia*.

pagina da sua *Praxis medica* em que se não leia o nome de Zacuto.

Das suas relações da ultima hora, temos que destacar um portuguez illustre, Vicente Nogueira.

Foi por intermedio do illustre humanista que Zacuto adquiriu relações com Pedro Servio ([1]), e este louva-lhe a nobreza, a integridade dos costumes, e a erudição latina, grega e hebraica. A Vicente Nogueira dedicava Zacuto o seu *De medicorum principum historia liber septimus*, ou o que vem a dar no mesmo, o primeiro da sua *Praxis historiarum*, mas esta dedicatoria não se encontra nas edições posteriores.

Vicente Nogueira nasceu em Lisboa em 1586 ([2]) e pertencia a uma familia que em Espanha e Portugal tivera representantes distinctos. Seu pai, o dr. Francisco Nogueira, era cavalleiro de Santiago, desembargador da Casa da Supplicação e Juiz da Corôa e do Conselho de Estado de Portugal, o que o obrigou a ir residir para Madrid, onde educou os dois filhos Paulo Affonso e Vicente. ([3])

Tinha este apenas doze annos quando D. Phi-

([1]) *Ecce tibi Dom. Vincentium Noguera, vir generis nobilitate, morum integritate, Latina, Græca, Hebraica Literatura, omni denique doctrinarum genere clarissimus, qui ultrò tuam offert amicitiam, salutemque adjungit tuis verbis* (Carta de Pedro Servio de Roma 3 dos idos de julho de 1641, no 2.º vol. das obras de Zacuto).

([2]) Esta data é confirmada por duas confissões suas de 15 de novembro de 1614 e de 7 de novembro de 1630 na Inquisição de Lisboa. Na primeira data tinha 28 annos; na segunda 44. Fol. 44 e 52 do seu processo.

([3]) Tambem isto consta do mesmo processo a pag. 78 e 79.

lippe III o fez moço fidalgo, mas a frequencia da côrte não interrompeu os seus estudos, antes os ampliou com o trato de pessoas illustres que nella encontrava. Affirma elle que cursava de inverno nas universidades de Alcalá, Valladolid e Salamanca, e entre as pessoas que, apesar dos seus verdes annos, o admittiam na sua intimidade, nomeia o condestavel D. Juan Fernandez de Velasco, o conde de Miranda D. Juan de Zuñiga y Avellaneda, D. Diego de Cabrera y Bobadilla, conde de Cinchon, D. Bernardino de Mendoça, que foi embaixador em França e Inglaterra, e o duque de Feria, D. Lorenzo Suarez de Figueroa. Depois de estudada a philosophia, graduou-se em canones, e foi nomeado senador da Casa da Supplicação, de que tomou posse a 13 de março de 1613, e conego da cathedral de Lisboa. Numa carta escripta a Jacques de Thou em 28 de setembro de 1615, affirma Nogueira a sua grande cultura, quando ainda não tinha trinta annos: "Siempre me di con tanta curiosidad á las letras humanas que para solo la lengua griega truxe de Roma a Constantino Sophia Smirnes, doctor en theologia y colegial del Collegio Griego, y le tuve en mi casa cinco años en los quales passamos quasi todos los auctores con un profundo estudio y algunos de la primera letra hasta la ultima, Homero, Herodoto, Platone, Thucydides, etc. La hebréa sé con la misma suficiencia que la materna. La chaldea y arabica medianamente. Italiana y francesa bien, menos bien la thudesca. De historia es increible quanto he leydo de generales, particulares, chronicas, geographias, etc. En las mathematicas hago estudio firmado, siendo bien instruido en ellas, sacando la theoria de la mu-

sica. Y lo que mas procuro es la algebra, en la qual todo he manejado salvo las obras de Vieta, trayendo un excelentissimo maestro de ella de Marruecos, corte del Xarrife, adonde la enseñava por un modo arabigo aventajado al nuestro„. [1]

Em 1618, [2] Vicente Nogueira renunciou ás suas funcções politicas e foi a Madrid apresentar a sua demissão com o fim de se entregar exclusivamente aos seus estudos litterarios. Antes, porém, escrevera as *Relaçoens tiradas de varios papeis para a historia del Rey D. Sebastião com as noticias de Francisco Giraldes em Roma e Inglaterra e de Lourenço Pires de Tavora em Roma, escriptas por Vicente Nogueira em Lisboa a 12 de setembro de 1618*, obra que ficou manuscripta e se conservava no convento de Thomar.

Em 1625, apparecem as *Obras de Francisco de Figueroa, Laureado Pindaro español. Publicadas por el Licenciado Luiz Tribaldos de Toledo, cronista mayor del Rey nuestro señor por las Indias, bibliotecario del*

(1) Esta carta, impressa e traduzida nas *Historiarum*, de Jacques Augusto de Thou, foi dirigida a uma personagem portugueza ou espanhola residente em Antuerpia. Na bibliotheca nacional de Paris, segundo Morel-Fatio, existe uma copia manuscripta com esta indicação: Recebida em Poitiers, em 10 de janeiro de 1616.

(2) Esta data é fixada pelo snr. Morel-Fatio baseando-se em que Nogueira, na carta a Jacques de Thou, afirma que obteve a nomeação de conselheiro do tribunal da supplicação aos 25 annos, o que deita a 1611, e em que Luiz Tribaldos de Toledo, na dedicatoria que lhe faz das obras de Francisco de Figueiroa, diz que passados seis annos renunciou ao cargo. Se, porém, a asserção de Barbosa Machado é exacta e Nogueira só em 1613 tomou posse, a sua demissão deve datar-se de dois annos depois do fixado pelo illustre escriptor francez.

conde de Olivares, Duque y gran canciller & Dedicadas a Don Vicente Noguera, referendario de ambas signaturas de su Santidad, del Consejo de las dos Magestades, Cesarea y Catolica, gentilhombre de la Camara del Serenissimo Archiduque de Austria, Leopoldo. Con todas las licencias necessarias. Lisboa, por Pedro Craesbeck, impressor del Rey nuestro señor. A costa de Antonio Luis, Mercador. Nogueira não se limitou á divulgação do manuscripto que lhe tinha sido entregue e a obter para a edição os versos de Lope de Vega e Juan de Jauregui, que a acompanham, mas como provou o snr. Morel-Fatio contribuiu com auxilio pecuniario efficaz para essa publicação. Quando mais tarde os seus livros lhe foram confiscados pela inquisição, entre elles estavam seiscentos e trinta e nove volumes desta edição. Na dedicatoria, Tribaldos refere-se aos conhecimentos philologicos do illustre portuguez nos termos seguintes: " V. m. posee como maternas las lenguas hebrea, caldea, griega, latina, italiana, francesa, sin la nuestra natural, y el mediano de la turquesca, persiana y etiopica, de todas las quales ha procurado saber con particular estudio los fundamentos y reglas, trayendo á gran costa maestros de muy distantes reinos, por conocer que quien esto no hisiese, no podria penetrar los secretos que en semejantes lenguas estan depositados ".

Como se viu, no titulo das obras de Francisco de Figueiroa, Vicente Nogueira é apresentado como referendario de ambas as signaturas, conselheiro da Magestade catholica e cesarea e gentilhomem da camara do archiduque da Austria, Leopoldo; Morel-Fatio inclina-se, porém, a crêr que estes cargos fossem mera-

mente honorificos e que ao tempo Nogueira permanecesse em Lisboa entregando-se aos seus costumados estudos.

Dois annos depois, em 1607, o mesmo Luiz Tribaldes dava á luz a *Guerra de Granada* de Diogo Hurtado de Mendoza, offerecida tambem a Vicente Nogueira. O illustre philologo tambem desta vez subsidiou generosamente a publicação, o que é provado de se terem encontrado entre os seus livros apprehendidos trezentos e setenta e quatro exemplares desta obra.

Da lista dos livros confiscados deprehende-se que Nogueira estendia a sua protecção a outros editores, achando-se mencionadas differentes obras de que possuia grande numero de exemplares.

Em 17 de junho de 1631, diz elle laconicamente no seu *Discurso sobre a lingua e auctores de Espanha*, fui preso. Barbosa Machado é menos explicito ainda, limitando-se a informar que sahiu involuntariamente da patria nesse anno. Estas simples notas referem-se a um processo que lhe moveu a inquisição de Lisboa por delicto de sodomia. Graça Barreto, que o examinou, diz que Vicente Nogueira foi para a America em seguida ao processo e dahi fugiu para Espanha e mais tarde para Roma. (1) Infelizmente, o livro que aquelle investigador projectava publicar sobre tão interessante personagem nunca appareceu.

Podemos dar algumas noticias sobre esta parte da vida de Nogueira, graças ao extremado favor do snr.

(1) *Boletim de Bibliographia portugueza* e *Revista dos Archivos nacionaes*, II, pag. 127.

Pedro A. d'Azevedo, que a nosso pedido percorreu os papeis do Santo Officio e nos remetteu o extracto que no fim do volume publicamos.

A primeira denuncia a respeito do conego da Sé de Lisboa foi feita por Clemente de Oliveira, natural de Cantanhede, que tinha sido seu pagem em Coimbra. Tem a data de 20 de novembro de 1614.

Cinco dias antes, porém, Vicente Nogueira apresentava-se no hediondo tribunal a fazer confissão das suas culpas, persuadido de que elle lhe levaria em conta a apparente espontaneidade deste acto, com certeza motivado pelo receio de que algum dos seus cumplices o denunciasse. Então se accusou de ter praticado actos de perversão sexual que não constituiram motivo de perseguição.

Novas denuncias foram recolhidas de 1620 a 1630. Ou se tratava dum vicio inveterado ou duma impulsão morbida irresistivel. A ultima, de 6 de dezembro deste anno, tinha gravidade especial. Tratava-se dum menino do côro que fôra chamado á casa do cabido, sob o pretexto de ajudar o pederasta a remover uns livros a que elle pretendia pôr indices, mas na realidade para ser o paciente das suas inclinações lascivas. Segunda vez Vicente Nogueira lançou mão do meio que tão bom resultado lhe dera e apresentou-se novamente no Santo Officio a fazer confissão em 7 de novembro. Mas o estratagema não surtiu o effeito que primeiro produzira. Em 17 de junho de 1631 foi preso e recolhido ao carcere, sendo-lhe confiscados os seus livros. A sentença condemnatoria foi proferida em 8 de janeiro de 1633. Julgava-o convicto e confesso de sodomia e con-

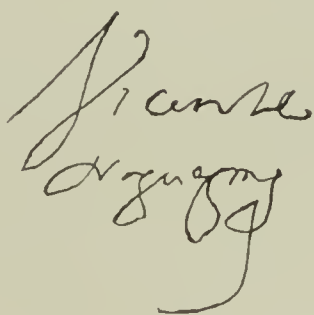
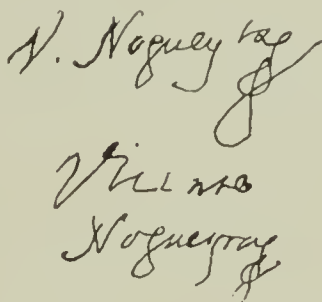
demnava-o na privação dos seus beneficios, na confiscação dos seus bens, na suspensão do exercicio das ordens e em degredo para a ilha do Principe. Requereu para não partir e para se demorar algum tempo ainda em Lisboa, mas a pretenção foi indeferida e em 28 de agosto Nogueira foi entregue a Agostinho Freire, mestre do navio *Nossa Senhora dos Remedios* que no dia seguinte saíu a barra. Vicente Nogueira desembarcou no Brazil, e ahi esteve na Parahyba, advogando com o nome de Domingos Pereira; residiu depois em um engenho de Jorge Lopes Brandão, da mesma capitania, de onde foi expulso por causa dos seus maus costumes, e voltou para a Parahyba, onde se deu novamente á advocacia. Partindo para o reino em 7 de setembro de 1634 o capitão Lourenço de Brito Correia, do porto de Mamanguape, veiu com elle Vicente Nogueira e aportou á Galliza, ao porto de Mungia, em 24 de outubro do mesmo anno. Visitou Compostella e tencionava ir para Madrid, onde tinha o irmão, a fazer-se religioso em S. Lorenzo el Real. (1)

A demora na capital de Espanha não podia ser grande, visto que ahi corria grandes perigos. Em todo o caso, na primavera do anno seguinte, ainda estava em Madrid. (2) Transferiu-se depois para

(1) Os documentos em que se baseia esta parte da biographia de Vicente Nogueira vão em appenso no fim do volume.

(2) Consta de uma passagem do seu *Discurso sopra la lingua e li autori de Spagna*, onde diz a respeito de uns manuscriptos de Argote: *Stanno nel Scuriale, dove, saranno venti mesi, gli stetti giorni intieri leggendo.* Nogueira escrevia isto em data de 5 de janeiro de 1637. (Morel-Fatio, op. cit., pag. 36).

Roma, onde se estabeleceu por 1636, ou talvez antes, aventuraremos nós. O que se sabe de positivo é que em 4 de junho deste anno, o P.e Christovão Dupuy, procurador geral da ordem dos Cartuxos, escrevia a um irmão Jacques Dupuy dizendo-lhe que o exilado portuguez insistia havia muito tempo para o vêr. (1)

Julga Morel-Fatio que Nogueira escolheria a capital do orbe catholico para residencia, porque os cargos que tinha desempenhado lhe deviam crear alli boa acolhida e ainda porque Roma era um centro scientifico de primeira ordem. Na peninsula sabemos nós que não podia viver.

Nos primeiros tempos da sua residencia naquella cidade parece que ainda se arreceava de perigos reaes ou imaginarios, visto que adoptou o nome de Francisco della Noya, mas breve o abandonou para readquirir o seu.

Acolheu-se á protecção do cardeal Francisco Barberino, vice-cancellario da Egreja romana, e manteve correspondencia com Claude Fabry de Peiresc, Holstenius, que o considerava a par dos grandes humanistas da Renascença, Isaac Voss, D. Francisco Manuel de Mello e o nosso Zacuto.

As suas relações com Portugal consistiram principalmente no commercio epistolar com o Marquez de Niza que muito o occupou na constituição da sua bibliotheca, e nas diligencias que fez para a organização da collecção de musica de D. João IV. Concedeu-lhe este uma tença que em tempos chegou a receber com grande atrazo e procurou chamal-o de novo

(1) Morel-Fatio, op. cit., pag. 17.

a Portugal, pensando em dar-lhe o cargo de guarda-mór da Torre do Tombo. ([1]) Nogueira continuou a viver em Roma no palacio do cardeal Barberino, entregue aos seus livros e á sua correspondencia, e ahi morreu em 1654, aos 68 annos de edade.

Assignaturas de Vicente Nogueira no seu processo

Da sua applicação ás letras pouco nos ficou, além das suas cartas, que é uma vergonha não terem sido publicadas até hoje. ([2])

O manuscripto citado por Barbosa Machado está provavelmente perdido.

([1]) Ramos Coelho, *O primeiro marquez de Niza* in *Archivo historico*, I, pag. 106 e 107.

([2]) Projectaram publical-as os snrs. Graça Barreto e A. Fernandes Thomaz, mas a morte do primeiro mallogrou a tentativa. Algumas cartas foram impressas pelos seus cuidados no *Boletim de Bibliographia portugueza* e *Revista dos Archivos nacionaes* e pelo snr. Joaquim de Vasconcellos no seu livro *El-Rey D. João o quarto;* as que lhe foram endereçadas pelo Marquez de Niza foram extractadas amplamente na memoria do snr. Ramos Coelho acima citada. Ainda hoje a fonte mais copiosa de informações sobre Vicente Nogueira é a excellente noticia de Alfredo Morel-Fatio, *Vicente Noguera et son Discours sur la langue et les auteurs d'Espagne.* Halle, 1879, separata da *Zeitschrift für romanische philologie*, t. III.

Morel-Fatio publicou, segundo uma copia feita por Holstenius, o seu *Discurso sopra la lingua e li autori de Spagna*, escripto a pedido de Peiresc, por intermedio do cardeal Barberino. São algumas notas lançadas á pressa no papel, obra de uma noite de trabalho, mas que apresentam interesse, menos talvez pela abundancia de factos do que pela apreciação critica que delles faz. A sua correspondencia, a ajuizar pelo que della conhecemos, fornece importantes subsidios para a historia litteraria do seculo XVII e mostra bem a variedade de conhecimentos que Nogueira possuia. Diz com justiça Theophilo Braga que ella espalha immensa luz sobre a vida intellectual portugueza. (1)

A dedicatoria de Zacuto mostra bem o alto conceito em que tinha o erudito portuguez. *Quis enim Ciceronianam linguam, ejus flores, phaleras et calamistros nostro sæculo te elegantius colit, callet et ornat? Quis Græcas literas, Chaldaicas, Syriacas, Arabicas intimius penetrat? Quis linguam sanctam et in ea recondita mysteria, ejus strenuos interpres, acriori mentis acie, acutiori minervâ, maturiori consilio explanat fœlicius in Europa tota?*

Mas estes elogios não eram inteiramente desinteressados, como já notou o snr. Morel-Fatio. Logo abaixo Zacuto accrescenta: *Hoc mihi si dederis beneficium, quidquid splendidum, quidquid venustum quicquid denique gloriosum mihi ex hoc opere continget, id omne tui nominis splendori et præclaræ stirpi*

(1) Op. cit., II, pag. 471.

tuæ, nostrâ Lusitaniâ celeberrimæ, inclytisque stemmatis illustri, assignabo.

Ainda, porem, que Zacuto tivesse em vista obter do seu compatriota, ou de qualquer dos seus patronos romanos, qualquer auxilio, subsiste o apreço em que o tinha. Ha exaggero quando lhe chama *nostri gloria sæcli, Hebraicæ linguæ coryphæus, antesignanus et antistes summus*, mas estes exaggeros eram muito vulgares ao tempo.

A dedicatoria tem a data de 30 de agosto de 1641. Cinco mezes depois, a 21 de janeiro de 1642, morria o famoso medico. No intervallo não temos conhecimento de qualquer acontecimento da sua vida que mereça menção.

E' cedo para julgarmos dos seus meritos, o que só poderá basear-se no estudo da sua obra que dentro em breve vamos tentar. Mas parece-nos o ensejo apropriado para procurar, á face dos testemunhos existentes, esboçar o seu caracter moral. A sua biographia e algumas passagens dos seus livros serão os elementos de que lançaremos mão.

A primeira qualidade que Zacuto possuia em alto grau era a tenacidade. Quando a morte do pae o privou do apoio natural em annos verdes, vemol-o proseguir corajosamente os seus estudos, não recuar perante as difficuldades, obter o seu titulo de doutor, embora numa Universidade modesta, e lançar-se afoitamente na vida. Cria em Lisboa uma situação, senão brilhante — faltam elementos para affirmal-o — pelo menos desafogada. Quando as perseguições religiosas o obrigam a abandonar o nosso paiz, Zacuto não esmorece e na Hollanda adquire reputação e creditos

de que são testemunho os elogios que de toda a parte recebe. Para a publicação das suas obras busca amparo material e moral em pessoas altamente collocadas, como Luiz XIII de França ou os principes de Orange, e, quando este lhe é negado ou insufficiente, segue o seu caminho pondo os olhos no favor da providencia que o compensa do desfavor humano. ([1])

A sua assiduidade ao trabalho é tambem de notar-se. Não se passava um dia sem escrever uma linha, diz elle por mais de uma vez. Os casos clinicos que observava notava-os cuidadosamente para os aproveitar um dia. E assim conseguiu, não falando nas suas obras ineditas, escrever em treze annos doze volumes, em que a abundancia de citações chegou a fazer suppôr impossivel que representassem um trabalho serio. E todavia era facil convencerem-se do contrario os que assim pensavam, bastando que as verificassem.

Como escriptor e no exercicio da sua profissão, Zacuto apresenta-nos um curioso mixto de modestia e de orgulho. Os medicos que encontrou na sua carreira são todos elogiados, como se cada um delles fosse a incarnação de Hippocrates ou Galeno. Aos velhos respeita-os, aos novos anima-os e aplana-lhes o caminho. Os preceitos que recommenda no seu *Introitus medici ad praxin* inspiram-se, não só na moral mais severa, mas na aversão á jactancia e á suberba. *Detestabile enim vitium est superbia.* ([2]) Quando affirma que a ninguem está cerrada a porta que leva

([1]) Fim da *Praxis medica admiranda.*

([2]) Zacuti, *Operum tomus secundus*, pag. 4.

á gloria, tempera o que poderia suppôr-se de satisfacção pessoal nestas palavras, accrescentando logo *Et ego Darus sum non Œdipus.* ([1])

Mas nem sempre é assim. Na *peroratio* dos seus *De praxi medica admiranda libri tres* vangloria-se de ter concluido uma obra que os medicos sapientissimos da sua edade não tinham podido realizar. Basta, porém, lêr mais algumas linhas para se comprehender que Zacuto se mostra assim envaidecido perante os ataques que lhe dirigem ou que prevê. *Non ambigo plurimos esse, qui postquam legerint, ea Timoniano dente incessant, vel etiam Vatiniano prosequantur odio, invidi, alienæ famæ detractores, quorum virulento morsu convulnerata plerumque exarescunt omnia.* ([2])

Da mesma maneira se nos mostra no exercicio clinico.

Narramos já o seu encontro em Lisboa com um medico formado em Coimbra que tinha obtido uma conducta na Universidade. ([3]) A referencia de Zacuto é uma verdadeira execução, mas é motivada pela ignorancia e philaucia do collega que se lhe deparava e que se preválecia da edade para o deprimir. ([4])

Outros factos semelhantes poderiamos juntar que provam que o seu orgulho era defensivo, e que o vin-

([1]) Zacuti, *Operum tomus primus,* lib. VI, pag. 984.

([2]) Zacuti, *Operum tomus secundus. De praxi medica admiranda*, pag. 147.

([3]) V. pag. 83.

([4]) Zacuti, *Operum tomus secundus. De praxi medica admiranda,* lib. III, obs. ultima, pag. 146.

gava das offensas recebidas. Tinha consciencia do seu valor e quando o queriam menoscabar reagia.

Menor sympathia nos inspira o seu caracter quando o vemos promover a diffusão do seu nome por meios condemnaveis. Enche de louvores um homem illustre, ás vezes até um mediocre. Não ha simples benevolencia de apreciação, ha exaggero propositado. Depois, como lhe ha-de elle recusar uma apreciação elogiosa das suas obras? Solicita-a e obtem-a. A segunda carta que dirigiu a Paulo Zacchias é uma confirmação inapreciavel do que dizemos. Mas adivinha-se que não é um caso isolado, pela frequencia dos encomios a quem já o havia apreciado ou havia de vir a apreciar com louvor.

Sob este ponto de vista, Zacuto antecipava-se alguns seculos ao regimen deprimente e immoral que vêmos erigido em systema numa grande parte da imprensa contemporanea.

Não queremos, porém, deixar o leitor sob esta impressão desagradavel. Zacuto apenas punha o fito na conquista da gloria. não em adquirir riqueza. O seu desinteresse profissional era completo: *in hac nobili arte, ignobile et indignum Medico est, imò impium et execrabile, de mercede deliberare.* (1)

O seu credo resumia-se no distico attribuido ao pae de Ausonio:

Obtuli opem cunctis, poscentibus artis inemptæ,
Officiumque meum cum pietate fuit.

(1) Zacuti, *Operum tomus secundus*, pag. 4.

Ora Paquot, que aliás não póde ser taxado de sympathias para com os judeus, diz do medico portuguez que elle tanto em Portugal como na Hollanda foi procurado de grandes e pequenos; a sua compaixão para com os pobres que auxiliava com as suas liberalidades, e a quem nunca recusava o soccorro da sua arte, as suas maneiras brandas e obsequiosas (douces et obligeantes) fizeram-o amar e estimar de todos. [1]

[1] Paquot, op. cit., I, pag. 199.

CAPITULO X

Os detractores de Zacuto: Diemerbroeck,
Vander Linden, Gaspar dos Reis Franco, Vopisco Fortunato Plemp,
Thomaz Bartholin e J. Banga

Poucos escriptores medicos terão tido a louval-os, a encarecel-os por fórma tão subida como Zacuto os homens mais notaveis do seu tempo. Não é menos certo que teve detractores que lhe não pouparam injurias e — coisa notavel! — muitos dos que mais o applaudiram e elogiaram.

Haller, em attenção ao que dizemos, escreveu: *Historias morborum protulit quibus non omnes credunt et multa ad famam augendam et admirationem excitandum ornasse suspicatur.*

Recentemente, Banga, na sua *Geschiedenis van de Geneeskunde* repete a accusação. Referindo-se ao prefacio do livro *De medicorum principum historia,* diz que o medico judeu nelle publica uma enumeração resumida d'um numero consideravel de escriptores que escreveram sobre varios assumptos. "Bastava, porém, que se limitasse a percorrer rapidamente as

obras citadas para que lhes devesse consagrar o dobro da sua edade. Não o acreditavam portanto e com razão „. [1]

Algumas das suas observações parecem-lhe calcadas sobre as de outros medicos, e nomeadamente sobre as de Nicolau Tulp, alindadas e desenvolvidas. Durante a vida, e depois da morte, foi julgado com severidade entre outros por Bartholin, Plemp, Vander Linden, Gaspar dos Reis Franco, Diemerbroeck, etc. Finalmente, o seu juizo sobre Zacuto é resumido nestas palavras: "Orgulho exaggerado, grande amor proprio e superstições infantís eram os seus principaes defeitos. Mas deve reconhecer-se que foi muito activo e em attenção aos conhecimentos da sua epoca, um erudito sabio. O seu exemplo, todavia, não merece ser seguido: *Fœda inceptu, fœda exitu vitanda.* [2]

Como não escrevemos um panegyrico, precisamos de vêr se as accusações são fundadas. Offerece o assumpto grandes difficuldades sobretudo porque não podemos vêr senão dois volumes da edição das obras de Zacuto do livreiro Laurentius, mas levaremos o seu estudo até onde o pudermos levar.

Nesta serie de detractores de Zacuto, o mais antigo é Diemerbroeck.

Não se trata de uma figura apagada da historia

[1] Devemos ao extremado favor do snr. Julio Cordwener, distincto engenheiro da Companhia do Gaz do Porto, a traducção de uma parte da obra de Banga, pelo que aqui deixamos affirmado o nosso muito reconhecimento.

[2] Banga, op. cit., I, pag. 250 e pag, 259.

da medicina. Pelo contrario, é elle um dos mais celebres medicos hollandezes do seu tempo. Isbrand van Diemerbroeck nasceu em Montfort em 13 de dezembro de 1609, fez os seus primeiros estudos em Utrecht e depois foi para Leyde, onde estudou as bellas-letras com Heinsius e Barlæus e a medicina com Otto Heurnius, Schrevelius e Valkenburg. Passou depois a França e em 1627 tomou o grau de doutor em philosophia e medicina na Universidade de Angers, então florescente. Residiu durante alguns annos em Poitiers e parece que serviu na medicina militar, mas é certo que em 1632 ainda estava em França. Regressando á patria, fixou-se em Nimégue em 1635, sendo nomeado medico da cidade. Pouco depois, em 1636 e 1637, desenvolveu-se alli uma terrivel epidemia de peste, e Diemerbroeck assignalou-se não só pelo seu zelo mas pela felicidade na cura dos doentes que se lhe confiaram, adquirindo a reputação de excellente pratico que toda a vida conservou. Permaneceu em Nimégue até 1646, em que foi fixar-se em Utrecht, e foi nomeado, a 7 de junho de 1649, professor extraordinario d'anatomia e de medicina em substituição dé Willem der Straeten e em 7 d'abril de 1651 foi elevado a professor ordinario. Ahi ensinou durante vinte e quatro annos com grande affluencia de alumnos, desejosos d'ouvirem a sua palavra eloquente. Ahi morreu em 17 de novembro de 1674.

Diemerbroeck é principalmente conhecido como anatomico, embora o manual que publicou sobre este ramo da medicina não mereça grande consideração. As descobertas que fez têm pouca importancia e nas apreciações dos trabalhos dos seus predecessores ou

contemporaneos, taes como Bils, Deusing, Regius e Swammerdam, nem sempre foi feliz nem justo.

A obra sobre a peste, *De peste liber quatuor,* causou sensação e é interessante principalmente pelos pormenores que encerra sobre a marcha da epidemia, dizendo que só em Leyde a doença fez 20.000 victimas.

Diemerbroeck ainda é conhecido pela polemica travada com Guy Patin sobre a triaga, attribuindo os maus effeitos desta droga em França á impericia e ignorancia dos pharmaceuticos que a preparavam. Tambem a defendeu contra os ataques que lhe dirigiram medicos allemães. (1)

E' no trabalho da peste que Diemerbroeck se occupa de Zacuto. Reportando-se á maneira como Galeno define o bubão que é uma phlogose dos ganglios, prefere a esta definição uma outra que vem a ser: um tumor dos ganglios que estão situados atraz das orelhas e no pescoço, e nas regiões sub-axillar e inguinal. Esta definição concorda com o que todos os praticos tinham observado, não se encontrando bubões em outros logares que não os mencionados. Elle, Diemerbroeck, na terrivel epidemia que descreve, tambem nunca os viu em outras regiões. Um só medico se não conforma com isto. Esse encontrou-os, não só nos logares indicados, mas na cabeça, na nuca, nos hombros, no thorax, no umbigo, sobre o femur e sobre a tibia, e com estas determinações locaes da peste

(1) Mercklin, op. cit., pag. 715; Banga, op. cit., I, pag. 418; L. Hahn, *Dictionnaire encyclopedique des sciences medicales* de Dechambre, 1.e serie, XXIX, pag. 282; Puschmann, Neuburger und Pagel, op. cit., II, pag. 69, 254, 487, 617, 744, 764; III, pag. 155.

todos os doentes morriam. De cem mil praticos não se encontrará um que tão descaradamente *(perfrictæ frontis)* se atreva a contradizer o que a experiencia de todos os praticos confirma. E accrescenta: *Verum cum Zacutus fuerit homo multæ quidem lectionis, sed interim supra modus gloriosus, quantum ex ejus scriptis et præcipue ex Praxi admiranda colligo, aliorum plurimorum Medicorum observationes sibi adscripsit, et ut speciem aliquam veritatis haberent, casum alicujus ægri affinxit, qui æger vel nunquam in rerum natura extitit, vel in pago aliove abstruso loco, nunquam invento, nec unquam inveniendo, vixit; imò multis in locis, ut aliquid gloriolæ sibi conquirat, tam splendidè veritate parcit, ut vel cæcus videat plurimas ejus observationes ab omni veritate alienas esse. Atque sic etiam, quod citato loco de bubonibus aliorum partium scribit tam longe distat à veritate, quam cælum à terra*„. [1]

Não levantaremos por agora a accusação de se apropriar Zacuto das observações alheias e de inventar casos clinicos para deste modo adquirir fama. O que importa saber é se o facto apontado pelo nosso compatriota é verdadeiro, se independentemente das localizações que Diemerbroeck aponta para os bubões pestosos outras existem e se essas são as mencionadas por Zacuto. E' esta a unica affirmação concreta do medico hollandez. Ora não é necessario ter grandes conhecimentos de pathologia interna para saber que algumas das localizações apontadas por Zacuto se têm observado em muitas epidemias de peste. Póde

[1] *Tractatus de peste.* Amstelædami. Typis Joannis Blaev, MDCLXV, pag. 88.

dizer-se que as determinações primitivas nos hombros e nos braços são communs (Savaresy). Bubões supra-claviculares foram observados, entre outras, nas epidemias de Irak-Arabi, como primeira manifestação da doença. Na nuca são relativamente frequentes.

Quanto ás outras localizações, Zacuto em parte alguma affirma que ellas sejam primitivas, e como manifestações secundarias os bubões podem observar-se em todas as regiões do corpo (Sousa Junior).

Se, portanto, Diemerbroeck não tinha outros motivos para pôr em duvida a veracidade e escrupulo do medico lisbonense, ha-de convir-se que neste ponto a critica era destituida de base. Ora havemos de vêr que os casos mais notaveis contidos no livro de Zacuto têm outros similares a abonar-lhes a seriedade da observação.

Note-se que Diemerbroeck nem sempre investe com Zacuto com a violencia de que é testemunho a passagem transcripta.

Se nessa mesma faz justiça á sua grande leitura, em outras passagens de *Tractatus de peste* discute serenamente os seus pontos de vista, ora para os combater, ora para se conformar com elles, e por varias vezes lhe chama *varão clarissimo.* [1]

Já nos referimos ás apreciações elogiosas que

[1] *Contra vero Zacutus Lusitanus, multique alii clarissimi viri...* (Lib. II, cap. III, pag. 117). *Alia varia incommoda à venenatorum amuletorum gestatione inducta, se quoque vidisse testatur Zacutus Lusitanus... His accedat quoque testimonium nostrum.* (Lib. II, cap. XI, pag. 175). *...Johannes Bravus, Conciliator, Paschalius, Zacutus Lusitanus, aliique plurimi doctissimi viri.* (Lib. III, cap. IV, pag. 192).

Vander Linden escreveu a respeito das obras de Zacuto. Do apreço em que o medico judeu o tinha, dizem os adjectivos doutissimo e experimentadissimo e outros, com que elle acompanha o seu nome. (1)

Desejamos, porém, frisar melhor os testemunhos de consideração que Vander Linden lhe deu. A primeira vez que Vander Linden se refere a Zacuto é na dedicatoria do seu livro *De scriptis medicis* a Nicolau Tulp: *Principum nupere promisit Zacutus Lusitanus, vir adprime doctus et in bonorum auctorum lectione versatissimus.* (2) Mas no mesmo anno em que saíu este livro, a 12 de julho, dirige-lhe uma carta cujas ultimas palavras são as seguintes: *Tu enim in his arduis antinomiis dissolvendis, novisque difficultatibus extricandis, in tuis elegantissimis Historiis locupletissimum specimen præbuisti. O! quam comptæ sunt, facundæ, politæ, nervosæ, succulentæ, et utiles.* (3)

Mas ha mais: na *Praxis medica admiranda* encontram-se uns versos do professor de Franecker. Já o titulo é suggestivo: *Invitatio ad praxim medicam admirandam, clarissimi et experientissimi Viri, D. Za-*

---

(1) *Dum hæc versabamus, exciderat à mente, de spiritu turbido, huius mali causa, perpulchra Galeni disceptatio, quam olim dilucidandum proposuit Joannes Antonides Vander Linden, Medicus Amstelodamensis eruditissimus, nunc illustris Academiæ Franckeranæ Professor eximius, ex qua velut ex facundissima penu depromi potest arduum dubium, quo Medicorum supellex instructior fiet.* (*Operum tomus primus*, lib. III, hist. XXIII, pag. 528).

(2) Esta passagem, que vem na edição de 1637, foi cortada nas posteriores. Assim falta na que possuimos, de Amsterdam, 1651. apud Johannem Blaev.

(3) *Epistolæ clarorum virorum*, à frente do 1.º volume das obras de Zacuto.

enti Lusitani, medici veracis, atque fidelis. E que diz elle de Zacuto? Este homem que vês, benigno leitor, *profectò est magnus inter auctores, seu tu prioris, sive respicis nostri secli Medentes: et scientia magnus et arte: viridisque viribus mentis: experientiam dedere quæ summam.*

Vander Linden não se conservou fiel á amizade que mostrava a Zacuto. Na sua *Selecta medica* (1), a cada passo cita as suas obras. Já se não encontram neste livro as expressões elogiosas que ordinariamente acompanhavam o nome do nosso biographado, uma ou outra vez se não conforma com elle, mas outras ainda demonstra a consideração que lhe votava, como quando diz que elle escreveu *diserte* (2) ou que bem ensina *(bene docet).* (3) Mas, em contraposição, chega um momento em que tudo quanto escreveu a respeito de Zacuto lhe esquece, e o medico verdadeiro e fiel já lhe não inspira agora confiança e a sua penna é uma penna venal. (4)

Não crêmos que seja possivel averiguar hoje em que se baseia esta accusação de venalidade, e quanto á falta de confiança da parte dum homem que louvou desmedidamente todas as obras de Zacuto, o mais que se póde acreditar é que a mudança de opinião assenta em motivos que nada tem que vêr com os meritos do homem de sciencia.

(1) *Selecta médica, et ad ea exercitationes batavæ.* Lugduni Batavorum, apud Johannem Elsevirium, CIƆIƆCLVI.

(2) Pag. 620.

(3) Pag. 646.

(4) *Illi Salius non multum fidit: nec ego huic: novi virum et venalem plumam*, pag. 238.

Por ordem chronologica, segue-se a Vander Linden o nosso Gaspar dos Reis Franco, cujos principaes traços biographicos delineamos. Os de *Praxis medica admiranda libri tres* trazem a precedel-os, entre outras, uma carta do medico eborense dirigida á summa *phenix da medicina*. Esta ave symbolica era o medico judeu. O seu livro era utilissimo, bellissimo. O auctor era um luminar esplendido da medicina, o que não era facil de conciliar com o seu caracter ornithologico. Pedia-lhe a sua amizade e promettia proclamar os seus louvores no futuro. Isto era dito em janeiro de 1639. Nesse livro de Zacuto, inclue-se uma observação de anus imperfurado, numa creança que por três mezes emittiu fezes pela urethra, observação que lhe fôra enviada pelo medico de Carmona. Note-se que o livro de Zacuto foi publicado pela primeira vez em 1634 e que portanto já era conhecido por Gaspar dos Reis Franco ao escrever a sua apologia que ainda não apparece publicada nessa edição, como se não encontra a observação a que acima fazemos referencia.

Como é que Gaspar dos Reis Franco proclamou aos posteros o nome do medico judeu?

As obras de Zacuto são a cada momento citadas pelo medico de Carmona, muitas vezes com louvor, mas outras com manifesta acrimonia. A *Praxis medica admiranda* que tantos encomios lhe havia merecido é agora um amontoado de patranhas. [1] O

[1] *Qui tanta mendacia in Praxi sua miranda scripsit.* (Op. cit., quæst. XXIV, 12, pag. 157).

seu auctor foi um pessimo judeu, outro pae das mentiras, como a respeito de Amato escrevera Fallopio. ([1])

Esta mudança de opinião deve ser attribuida a motivos religiosos. Reis Franco penitenciava-se de haver tido tracto com um homem que a Inquisição queimaria se o pudesse haver ás mãos, e queremos acreditar que se arreceava de que as relações que em tempo com elle mantivera o pudessem prejudicar. Não póde explicar-se de outro modo a satisfacção que manifesta por se prohibir aos judeus nas universidades catholicas o estudo da *santa* medicina ([2]), nem a credulidade de que dá provas quando affirma que os hebreus são menstruados pelo anus, em castigo dos soffrimentos que fizeram padecer a Christo. ([3])

Vopisco Fortunato Plemp foi, dos que conhecemos, o maior detractor de Zacuto.

Como dissemos, o medico judeu consultou-o sobre a applicação da sangria do calcanhar nas mulheres gravidas. A resposta que Plemp lhe enviou não podia ser mais amavel, nem encerrar mais altos louvores.

Logo no titulo começam: *Excultissimo Viro, Zacuto Lusitano, Medico percelebri, Fortunatus* ([4]) *Plempius Scholæ Lovaniensis Professor.*

([1]) *Fuit quippé pessimus hic judæus alter mendaciorum pater, ut de Amato illi simillimo non absque ratione dicebat Fallopius.* Op. cit., quæst. XXXI, pag. 221.

([2]) Op. cit., quæst. XIV, 7, pag. 88.

([3]) Op. cit., quæst. XLVII, 16, pag. 349. Esta accusação não foi levantada pela primeira vez por Reis Franco, mas que seja repetida por um medico, embora no seculo XVII, é motivo para alguma estranheza.

([4]) Na edição que nos tem servido encontra-se erradamente *Fontanus*, o que tem alguma importancia, como veremos.

Mas no decorrer da carta accentuam-se por esta fórma: *Quanto cum applausu accepta fuerit apud peritos totius Europæ Professores disceptatio tua conscripta in* PRIMO LIB. DE MEDICOR. PRINCIP. HIST. IN COM. HIST. 32 *et quanto gaudio eam exceperim, verbis referre nequeo, isque demum probè norit, cui compertum fuerit, quanto eius habendæ flagratim desiderio, aliquot enim abhinc mensibus jam eam exoptabam, ut huius paradoxæ opinionis mihi panderetur veritas. Recepi tamen librum, vidi, legi, relegi, imò penè devorari: ita fermenti similem, aut etiam fermentatam tuam reperio eruditionem: quoquò enim me confero, turget undequaque auctoritatibus.* ([1])

Já esta questão havia sido agitada por Zacuto no primeiro livro da sua obra e, contra o commum dos medicos, aconselhava que se praticasse algumas vezes a sangria nas gravidas, servindo-se de argumentos de auctoridade e ainda trazendo em abono do seu parecer cinco observações em que a subtracção de sangue fôra de proveito.

Plemp acompanha passo a passo a argumentação de Zacuto e combate-a sempre com toda a urbanidade, lançando egualmente mão de argumentos de auctoridade e soccorrendo-se do que lhe tinham ensinado os seus professores italianos.

Termina por esta fórma: *Hæc erant, versatissime Zacute, quæ in tuam sententiam mihi dicenda occurrebant, in quibus si quid urbaniusculè lusum est, da hoc æstui et enthusiasmo literario. Textor nobis com-*

([1]) *De medicorum principum historia*, lib. III, hist. XIII, pag 489.

munem Apollinem, non clarissimum tuum nomen mea crassiuscula Minerva obscurandi studio hæc sum commentatus, sed solo scientiæ amore impulsus, quo omnes docti pruriunt, ut non fucata veritatis agnoscatur integritas. Vale.

A' dissertação de Plemp respondeu Zacuto, sustentando a sua opinião com novos argumentos e procurando invalidar os do medico hollandez. Tambem se não apartou da cortezia propria das discussões scientificas e terminava com a esperança de convencer o seu adversario.

Ainda se deve dizer que o nosso compatriota manifestava por Plemp uma grande consideração. Não o cita muitas vezes, mas sempre que o faz é com muito elogio. ([1])

A acompanhar a obra *De medicorum principum historia*, entre outras *Epistolæ clarorum virorum*, apparece uma carta de Plemp datada de Lovania, 12 de julho de 1639, que merece ser transcripta, pela contestação a que deu logar:

Cum præterito mense, Bruxellas, aulam Serenissimi Principis Austriaci convenirem, humanissimum D. Doctorem Pax invisi, obtulique tuum quintum et sextum de Medicorum Principum historia librum,

---

([1]) *Cum Fortunato Plempio, qui ultrò citròque discursans lib. 4 elegantissimo et ingenuosissimo de ophtalmographia, ...* (I, 216); *Ingeniosissimus Plempius, qui nunc summa cum sui nominis commendatione Medicinam Lovanii profitetur* (I, 824): *De quorum numero fuisse doleo, Fortunatum Plempium, doctissimum Lovaniensis Scholæ, ac celeberrimum Professorem* (I, 830); *Fortunatus Plempius, acris ingenii vir.* (*Praxis medica admiranda,* lib. I, obs. LVII, pag. 14).

quem non semel exosculatus est, addens hæc honorifica verba: O! operosissime Zacute, Medice Consummatissime! Ego vero etsi non esset necesse, currenti calcaria addere, in tuas laudes cecidi pronus, omnesque qui etiam aderant Medici famigerati, eas jactant, et summè extollunt: nam Historiæ tuæ lemnisco ornari merentur, quum ipsæ sint dignissimæ cedro. Lovanii, 11 jul. 1639.

No livro segundo da *De medicorum principum historia* agita Zacuto a questão de saber se o olho direito tem uma visão menos perfeita que o esquerdo e resolve-a affirmativamente, contra a opinião de Amato e de Plemp, manifestada no seu livro *De ophthalmographia*. Quando sái a segunda edição deste trabalho, Plemp reforça os seus argumentos em defesa da opinião contraria, e accusa Zacuto de citar auctoridades que nada fazem ao caso e por vezes de as allegar falsamente. Mas a prova não é muito segura. Plemp não conseguiu vêr as obras de dois auctores que abonam a opinião do medico judeu: Luiz de Lemos e Pedro Lopes. Mas não duvída que ellas em nada favoreçam a causa de Zacuto. *Est illi familiare falsa allegare, imò judaicè mentiri.*

Mas ainda não chegamos á accusação mais grave. "Ouve, benigno leitor, uma mentira esplendida, impudente e mais que judaica, diz elle„. E continua dizendo que entre as epistolas que precedem as obras de Zacuto se encontra uma attribuida a elle Plemp e que vem a ser a que acima transcrevemos. *Dum in hanc epistolam incidi, obstupui et hæsi attonitus: nam numquam homini Lovanio scripsi: numquam Doctorem Paz Bruxellæ invisi, nec virum novi: num-*

quam Zacuti mentionem apud quenquam Medicum Bruxellæ feci: numquam ejus quintum et sextum de Medicorum Principum librum habui. Hinc collige, quæ fides sit habenda ejus observationibus et auctorum testiumque citationibus. [1]

A irritação de Plemp para com Zacuto póde attribuir-se a causas diversas. Póde elle não ter ficado satisfeito pela contestação das suas opiniões, póde ainda a insistencia em o accusar de mentira judaica ser devida a motivos religiosos. Mas isto não destróe a gravidade da accusação de ter forjado uma carta elogiosa dando-a como escripta por um medico illustre. Não queremos convencer-nos de que Plemp repudiasse uma carta authentica e todavia essa hypothese é admissivel, tanto mais que Zacuto não acompanhara a sua publicação dos epithetos elogiosos que tanto eram communs e que se não podia defender agora que estava morto. A nosso vêr, outra explicação se póde construir mais plausivel: é que a carta seja de outro medico e por inadvertencia tenha sido attribuida a Plemp. Esse medico deve ter sido Nicolau Fontein, a quem já por vezes nos referimos. O que nos leva a suppôl-o é que elle estava nas melhores relações com o dr. Francisco Paz, physico-mór do archiduque d'Austria, e tanto que este lhe communicava de Bruxellas a observação de quatro colonos que tinham perdido o cabello em re-

---

[1] *Vopisci Fortunati Plempii, Ophtalmographia, sive tractatio de oculo. Editio altera.* Lovanii, Typis ac sumptibus Hieronymi Nempaei. Anno MDCXLVIII, pag. 165.

sultado da ingestão de veneno. [1] Esta conjectura parece confirmar-se pela substituição do nome de *Fortunato* Plemp pelo de Fontanus (Fontein) que notamos a pag. 290.

O que repugna absolutamente é admittir-se a ideia da fabricação consciente duma carta falsa.

Nenhum interesse podia levar Zacuto a enveredar por tão vergonhoso caminho. Plemp nunca repudiou a consulta escripta a respeito da sangria nas gravidas e nessa, como se viu, encontram-se expressões tão elogiosas para o medico judeu como na que elle argúe de apocrypha. Outro motivo para explicar a falsificação senão uma satisfacção de vaidade não se póde encontrar, e a vaidade estava bem satisfeita. Dada, porém, a divulgação das obras de Zacuto, essa falsificação seria immediatamente conhecida e castigada, tratando-se dum escriptor vivo.

Se a ideia de que Plemp repudiasse o que tinha escripto nos repugna, dados os termos em que o faz, a de uma falsificação por parte de Zacuto é insustentavel, e a accusação do medico hollandez é insubsistente.

Não haverá certamente medico algum a quem seja extranho o nome de Thomaz Bartholin. O mais celebre da dynastia de anatomicos deste nome, Thomaz nasceu em Copenhague em 1616, estudou em Leyde, em Paris, em Montpellier, em Padua, percorreu a Italia,

---

[1] *A veneno quoque calvos factos quatuor colonos prope Bruxellas observavit Franciscus de Paz Regis Hispaniarum Medicus, sicut ad Nic. Fontanum perscripsit.* (Bartholin, *Anatomia*, Lugduni, 1684, pag. 454).

recebeu o grau de doutor em Basiléa em 1645 e foi por ultimo estabelecer-se na sua terra natal. Ahi, occupou primeiro uma cadeira de mathematica (1647), mas logo no anno seguinte regentou a de anatomia, em que se notabilizou. Em 1654 foi nomeado decano do collegio dos medicos e em 1661 obteve o titulo de professor extraordinario. Retirou-se então para o campo, para onde transportou a sua rica bibliotheca que foi devorada por um incendio em 1670. Bartholin morreu em 4 de dezembro de 1680, na edade de 64 annos.

O anatomico dinamarquez, que foi um dos escriptores medicos mais laboriosos, é sobretudo conhecido pelos seus trabalhos sobre os lymphaticos, embora todos os ramos da anatomia lhe devam serviços.

Demonstrou-os bem melhor do que tinha feito Aselli cincoenta antes que apenas os entrevira e confundira com os chiliferos e do que Olaus Rudbeck que os descobrira. Defendeu com muito calor o uso destes vasos lymphaticos atacados violentamente por Harvey, Riolan, Horst e Hoffmann; destituiu o figado do papel que Galeno lhe tinha feito representar, considerando-o como o orgão da sanguificação, e não foi extranho ao abalo do antigo humorismo do medico de Pergamo. Em honra de Bartholin deve dizer-se que foi um dos primeiros que adoptou e defendeu a circulação harveyana; que attribuiu ás arterias uma irritabilidade que permittia ao sangue chegar ás partes mais afastadas do coração; que descreveu com exactidão as capsulas supra-renaes e provou que a bexiga é um orgão musculoso e que a epiderme não é organizada; que reconheceu os verdadeiros usos do

Thomaz Bartholin

Reproducção do retrato que acompanha a sua *Anatomia*, edições de Lyão, 1677 e 1684.

canal pancreatico e foi o primeiro a descrever o ligamento dentado da medulla e que emfim enriqueceu a sciencia da organização do homem com um grande numero de observações bem proprias para a aperfeiçoar. Todavia, Bartholin foi victima duma singular disposição para a credulidade, merecendo o juizo que delle faz Haller: *vir facillimus in recipiendis historiis et mere credulus.*

Chereau nota-lhe, entre os erros a que deu curso, a affirmação de que só a epiderme dos pretos é negra, sendo a propria pelle branca; a asserção de que os musculos intercostaes externos servem para a expiração e os internos para a inspiração; a singular theoria de que as veias pulmonares trazem ar ao coração com o sangue e que as partes mais tenues e espirituosas deste liquido passam do ventriculo pulmonar ao aortico, através dos canaes sinuosos que suppunha no septo ventricular.

Apesar disto, parecem-nos justas as palavras com que o illustre historiador aprecia o valor de Bartholin: Por grandes que sejam, que são estes erros perante os trabalhos immensos deste illustre medico, deste escriptor infatigavel que conta mais obras do que annos e que soube juntar a variedade quasi infinita de pormenores á elegancia e clareza do estylo? [1]

Segundo Banga, que não cita a obra em que

---

(1) Vander Linden, op. cit., pag. 560; Mercklin, op. cit., pag. 1003; Chereau, *Dictionnaire encyclopedique des sciences medicales*, 1.e serie, VIII, pag. 387; Puschmann, Neuburger und Pagel, op. cit., II, pag. 50, 55, 68, 259, 260, 262, 338, 485, 655, 657, 795 e 867, III, pag. 63, 187, 193 e 468.

encontrou a passagem, Bartholin chama a Zacuto "*Judæus fallax*„.

Não nos é licito apreciar o valor da asserção, visto que não se encontra na sua *Anatomia*, (1) unico livro de sua auctoria que pudémos vêr. Tambem lhe não ligamos grande valor, visto que o anatomico dinamarquez nem sempre reputou fallazes as affirmações do nosso compatriota. Pelo contrario, a cada passo se encontram nesse livro de anatomia referencias aos seus trabalhos. Relativamente ás funcções da pelle, fala nas applicações iatralepticas reportando-se ao medico judeu (2); é de Gentil de Fuligno e delle que recolhe a affirmação que no estomago se formam concreções (3); a influencia das modificações do utero na secreção do leite abona-a com Laurentius e Zacuto (4); a possibilidade da mulher viver sem utero é affirmada, baseando-se Bartholin na observação de differentes praticos e entre elles do medico portuguez (5); a presença adventicia de pêlos na urina fundamenta-a em Nicolau Florentino, Tulp e Zacuto (6); a hypertrophia da lingua é mencionada em face das descripções de Galeno, de J. Camerarius, de Zacuto e Marcello Donato (7), como a possibilidade da sua ablação sem perigo da vida ou da saude é justificada por Galeno,

(1) Thomae Bartholini, archiatri danici, *Anatome quartum renovata*. Lugduni, Sumpt. Joan. Ant. Huguetan & Soc. MDCLXXVII.

(2) *Anatomia*, pag. 20.

(3) Id., pag. 80.

(4) Id., pag. 265.

(5) Id., pag. 274.

(6) Id., pag. 453.

(7) Id., pag. 547.

Zacuto e Walæus [1]; a descripção de excrescencias no craneo, duras ou molles, fal-a Bartholin em face das observações de Pareu, de Hilden, de Zacuto e doutros [2]; finalmente, os damnos que para as creanças resultam da incurvação para dentro do appendice xyphoideu, são fundamentados em muitos observadores e entre elles nas asserções do nosso biographado. [3]

Em face do que acima fica escripto, não será fóra de proposito perguntar quantas mais vezes o citaria Bartholin, se Zacuto não fosse um judeu fallaz?

A bem dizer, não nos deviamos aqui occupar de Banga, o illustre historiador da medicina nos Paizes Baixos.

Banga fez obra de critico e procurou ser imparcial, mas a leitura dos seus compatriotas que insultaram a memoria de Zacuto, visto que todos escreveram depois da sua morte, fel-o acceitar com demasiada facilidade accusações que mereciam mais demorado exame.

Já vimos em que ellas consistiam. A proposito da resumida historia da medicina que o medico judeu collocou á frente das suas obras, põe em duvida que elle pudesse lêr os trabalhos de que se occupa e acha que tinham razão os que o não acreditavam. [4]

Quem abre hoje qualquer livro de historia da me-

---

(1) Id., pag. 553.

(2) Id., pag. 701.

(3) Id., pag. 744.

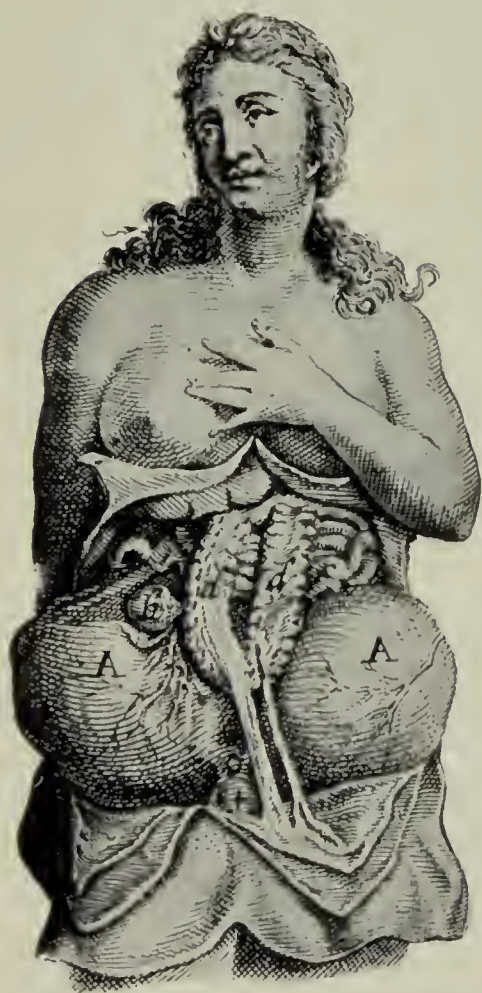
(4) *Had hij die alle slechts vlugtig doorbladerd, dan had hij wel het dubbel zijner jaren mogen bereikt hebben. Men geloofde het niet, en zekerlijk te regt.* Op. cit., I, pag. 251.

dicina não póde acceitar de modo algum como justificada esta censura. Muito pelo contrario, para escrever uma tábua bibliographica como a de Zacuto não se reclamava muito tempo, nem profundas leituras. Elle limita-se a dizer: Sobre este assumpto escreveram estes e aquelles medicos. Sobre est'outro, consultem-se estes e aquelles escriptores. Por vezes nem precisaria Zacuto de saber dos livros outra cousa além do seu titulo.

Ha portanto prevenção do escriptor hollandez e neste ponto não se justifica.

Esta prevenção manifesta-se duma maneira tão frisante que o torna manifestamente parcial quando, referindo-se a algumas das observações de Zacuto, o accusa de plagiar... obras que só appareceram depois das suas. Diz-nos que os casos notaveis que cita são incompletos e cheios de defeitos. "Assim refere o dum rapaz que viveu sem cerebro. Esta observação tem muitas semelhanças com o caso notado por Tulp. Seria imaginado sobre este?„ Mais adeante accrescenta que a observação CXXVI dum cancro por cima do olho é provavelmente uma diluição alindada do caso observado por Tulp, obs. I, cap. XLVII e que a observação LII do segundo livro é certamente copiada de Tulp, IV, cap. XLIV.

Não se nos affigura que haja tantos pontos de contacto entre as observações de Zacuto citadas por Banga e as correspondentes de Tulp. Succede mesmo que, a respeito do caso citado em ultimo logar, e que o burgomestre de Amsterdam acompanha da gravura que reproduzimos, nada haveria que extranhar que, tendo visto ambos uma doente — se duma mesma

Hydrops cornuum uteri

A A, Cornua uteri, aquâ referta; O, uterus; + vesica urinaria; *d d*, intestinum colon; *b*, testis.

Reproducção da tab. XVII das *Observationum medicæ*, de Nicolau Tulp.

doente se tratasse — que apresentava uma enfermidade pouco vulgar, registassem nos seus livros os resultados da observação propria. ([1]) Isto que dizemos não é a defesa de Zacuto, é a do seu collega hollandez que não merecia ser accusado inconscientemente por quem tanto o exalta. Porque Banga não reparou numa coisa, é que Zacuto publicou a sua *Praxis medica admiranda* pela primeira vez em 1634, pelo livreiro Henrique Laurentius. Ora succede que o livro de Tulp *Observationum Medicorum Libri tres* só appareceu sete annos depois, em 1641!

Como se explica tamanha inconsideração? Banga comparou o livro de Tulp com uma das edições in-folio de Zacuto, muito mais vulgares do que as anteriores. E, todavia, não ignorava que outras havia, visto que nos fala duma 3.ª edição da *Praxis admiranda*, de 1639. Ora, na edição princeps desta obra. encontram-se todas as observações que Banga diz copiadas, alindadas ou modificadas por Zacuto.

Julgamos este ponto tão importante que desejamos que seja o leitor o juiz da pendencia, pondo-lhe os elementos de apreciação deante dos olhos:

([1]) Zacuto não diz especificadamente que Tulp assistisse á autopsia da portadora dos dois kystos ovaricos, mas que estavam presentes outros amigos de Nicolau Fontein: *D. Nicolaus Fontanus, Medicus eruditus... elapsis diebus, magna festivitate, me et alios amicos ad sectionem cadaveris convocavit.* Ora Fontein era das relações de Tulp que o cita a pag. 67 das suas *Observationes medicæ*, ed. de 1652.

Zacuto em 1634

De hydrope, observatio XLV

Hydropis species rara

D. Nicolaus Fontanus, medicus eruditus et doctus, cujus opera ingenua lemnisco digna sunt, elapsis diebus, magna festivitate, me, et alios amicos ad sectionem cadaveris convocavit, in quo admirandam Hydropis speciem notavimus, à Græcis, aliisque omnium ætatum medicis Aretæo excepto *lib. 4 cronion cap. I.* incognitam. Vixerat fœmina quædam pauper, pluribus annis de tumore ventris querebunda, quousque ad immensam molem cum summa corporis tabitudine, et gracilitate distentus est venter. Hæc, mensibus omnino suppressis, erronea diæta sempre usa est.

Quare ob virium jacturam exanimis emoritur. Secto cadaver, adstante peritorum medicorum coronâ, parva aquæ copia educta est. Jecur lapidosum inventum. Pulmones, ob aquam, quæ Diaphragma penetrarat, dimidia ex parte corruptos vidimus. Resecto ventre ad musculos abdominis, inter Peritonæum, et intestina, binas vesicas invenimus, quarum quædam, bovinæ vesicæ urinariæ (mirum dictu) prægrandis magnitudinem superabat. Iis dirruptis, tanta fœtidæ,

Nicolau Tulp em 1641

Lib. IV. Cap. XLIV

Hydrops in cornubus uteri

In cornubus, ac tubâ uteri, ut fœtum non semel animadvertit Joannes Riolanus, anthropographiæ libro II. cap. XXXIV, sic nobis contigit videre in eadem parte, aquam hydropicorum, utero interim ipso planè vacuo, ac nullo omnino humore imbuto, uti declaratum ibit, quod sequetur exemplum.

Cathalinæ Bonevalliæ, adversâ valetudine, ob suppressa menstrua, aliquandiu usæ, induruit tandem abdomen, increscendo paulatim in eam molem; ut præ pondere aquarum, novem annis molestissimè vixerit, antequam aut laborum aut vitæ invenerit finem, quem tamen adepta, fecit medicis copiam inspiciundi suum cadaver, in quo præter omentum putridum, jecur pallidum, lienem parvum ac intestinum colon loco motum, videre fuit utrumque uteri cornu continuisse novem circiter aquæ, purisque libras, inclusas innumeris vesicis, quarum aliquas etiam ostendebat extima uteri tunica, licet in vacuo ipsius ne minima quidem occuret guttula, quàm eandem rerum faciem

lividæque aquæ copia mucoso humori permixta effluxit, ut vas triginta librarum capax adimpleret, quo copioso humore innatus ignis obrutus, est extinctus. [1]

Joannes Riolanus etiam similiter asserit observatam, in illis uteris, quorum cornua produxêre, quos commemoravit, fœtus. [2]

Como se vê, ha differenças de importancia entre as duas observações, mas por isso mesmo mais evidenciada fica a precipitação de Banga, que não póde attingir Zacuto, mas poderia comprometter os creditos de que justamente gosa Tulp.

A comparação dos outros casos incriminados daria resultados analogos, mas não merece a pena tental-a, porque não temos em vista justificar o anatomico hollandez mas defender o nosso biographado de arguições menos fundamentadas. Quer-nos parecer que o conseguimos e que o exame despreoccupado das accusações que foram feitas a Zacuto o não deixa de modo algum amesquinhado.

(1) A reproducção é feita directamente da edição de 1634.
(2) A reproducção é feita pela edição de 1652 que possuimos.

CAPITULO XI

As obras de Zacuto; sua exposição e apreciação.

As obras de Zacuto foram reunidas em dois grandes volumes in-folio. O primeiro comprehende os *De medicorum principum historia libri sex*. O segundo divide-se em duas partes: a primeira é constituida pela *Praxis historiarum*; a segunda pela *Praxis medica admiranda*.

Na apreciação que vamos apresentar, seguiremos a ordem adoptada nestas edições, apesar de se não justificar nem chronologica nem methodicamente. Chronologicamente, já sabemos que, depois de publicado o primeiro livro das *Historias dos principes dos medicos*, saíu a *Praxis medica admiranda* e depois foram apparecendo os demais volumes das *Historias*, terminando com a *Praxis historiarum*. Methodicamente, a ordem em que estão dispostas as obras contidas no segundo volume deveria ser invertida. A *Praxis historiarum* é, como elle proprio diz, o tecto do edificio que havia construido.

Assim distribuidas, constituiriam as primeiras obras uma reunião de casos clinicos, commentados e paraphraseados, que lhe serviriam de base para escrever o que hoje chamariamos um tratado de pathologia interna.

Nos *De medicorum principum historia libri sex* propoz-se o medico judeu reunir as observações mais notaveis dos auctores classicos, gregos e arabes, taes como: Galeno, Tralliano, Cornelio Celso, Scribonio Largo, Paulo Egineta, Aecio, Oribasio, Celio Aureliano, Areteu, Actuario, Rhasis, Alzaharavio, Albucasis, Averroes, etc., que elle reputa os principes medicos. Ao todo reune 390 casos colhidos nesses illustres escriptores, e só por esse lado fica justificado o parecer de Daremberg que considera a obra preciosa. Na lista que acima inscrevemos, deverá estranhar-se que não figure o nome de Hippocrates. Não vá julgar-se que Zacuto tem em menos conta o grande luminar da medicina, ou que o seu affecto ao galenismo o leve a desdenhar do naturismo de Cos. Não; se o grande medico grego não é submettido a contribuição, é porque elle é o principe dos principes e porque as suas observações foram aproveitadas por escriptores anteriores a Zacuto. [1]

Abre a obra por um *Totius operis præfactio,* em que Zacuto apresenta um esboço de historia da me-

---

[1] *Omisi Magnum Hippocratem, nostræ artis Legislatorem cùm is Divinus Auctor, non Princeps, sed Princeps Medicorum meritò nuncupari debeat: et maximè cum ante me omnes illius historias, plures suprà citati Auctores eleganter fuerint interpretati.* (Operis auctores).

dicina, onde cita o nome de muitos medicos portuguezes que assim ficaram conhecidos da Europa culta. Com o titulo de *Operis auctores* vêm a seguir noticias sobre os medicos gregos e arabes de que colligiu as observações. Um e outro destes prefacios constituem materiaes valiosos para a historia medica que o medico judeu considera de grande utilidade. ([1])

A obra é dividida em seis livros. O primeiro trata das doenças da cabeça. Occupa-se o segundo das doenças das partes vitaes e naturaes, o que corresponde a doenças dos apparelhos digestivo, respiratorio, circulatorio e urinario. O terceiro é consagrado ás doenças dos orgãos genitaes e dos membros inferiores. Versa o quarto a essencia das febres, as suas differenças, causas, signaes, prognostico e tratamento. Consagra o quinto ao estudo dos venenos, das doenças toxicas e dos seus antidotos. Finalmente, o sexto comprehende as doenças que por terem séde incerta não encontraram logar nos precedentes livros. O primeiro livro contém 84 historias; o segundo 151; o terceiro 48; o quarto 55; o quinto 33; o sexto 19.

Estas historias estão distribuidas methodicamente em cada um dos livros. Cada uma é seguida da sua discussão e commentario e por vezes de observações pessoaes que vêm reforçar as opiniões defendidas no texto. Raro as observações proprias são substituidas por outras ineditas, devidas aos seus nume-

---

([1]) *Fructuosa est Historiæ utilitas in medica facultate et nonnisi pluris facienda.* (Operis auctores).

rosos correspondentes, Luiz Nunes, Jacob Rosales, Valle, etc. Os casos novos são perto de 100. (1)

Torna-se muito difficil dar uma ideia do vasto cabedal scientifico armazenado nesta obra e sobretudo destrinçal-o do que pertence a medicos anteriores. Todavia procuraremos não deixar ficar sem referencia o que é mais original. A exposição é longa e não póde deixar de parecer desordenada, porque as questões tratadas a respeito de cada caso são de extrema variedade.

Encontramos no primeiro livro que trata das doenças da cabeça, como ficou dito, a observação de um caso de alopecia, talvez syphilitica, curada pela applicação do succo do tabaco (2) e a de outro de tinha debellada pelo sublimado corrosivo em solução. (3) A proposito de uma observação de Paulo Egineta, relativa á cura de uma hemicrania por una curiosa, ventila a questão do exercicio medico pelas mulheres, reportando-se a Galeno, Aecio, Avicena e outros, colhendo os nomes de algumas que se tornaram notaveis na pratica clinica. Não lhes nega disposições para o estudo das sciencias e letras, e aproveita o ensejo para prestar homenagem á nobilissima virgem

(1) *Sic ego in nobilissimis Europæ civitatibus, Phœbæam artem exercens, in facienda medicinæ occupatissimus, plura morborum et curationum notavi, quæ cum scitu digna sint, nec frugivora et pro nostrarum virium captu absoluta, ea huic operi alternatim inserere non dubitavi.* (Lib. I, hist. I, pag. 3).

(2) Lib. I, obs. I, pag. 3.

(3) Lib. I, obs. II, pag. 4.

Anna Maria de Schurman. ([1]) Dá noticia de colicas saturninas e reprova o uso dos tubos de chumbo para a conducção da agua. ([2]) Julga possivel conservar as forças dos doentes por meio de emplastros nutritivos collocados sobre o ventre, de applicações locaes de succo de carne, gemmas d'ovos e sangue, e por vezes de clysteres alimentares. ([3]) Num individuo somnambulo teve a applaudir-se do uso de banhos repetidos. ([4]) Curou uma ulcera da face motivada pelo uso excessivo da pimenta, pela abertura de fonticulos. ([5]) Dá curso á fabula, primeiro narrada por João de Barros, de que na India existe um animal chamado cabal, cujos ossos tinham notaveis propriedades hemostaticas, bastando que tocassem as partes molles para que vedassem a perda de sangue. ([6]) Narra que alguns povos e individuos, acostumados ao uso de determinados venenos, não apresentam os symptomas por que habitualmente se traduz a intoxicação. ([7]) Observou casos de epilepsia curados por um xarope de nicociana. ([8]) Na vasta pestilencia que se espalhou pelo mundo nos annos de 1600 e affligiu sobretudo a Espanha, viu numerosas mulheres gravidas com bu-

([1]) Lib. I, hist. VII, pag. 11. Veja-se pag. 257 e seg. deste livro.
([2]) Lib. I, hist. VII, pag. 14.
([3]) Lib. I, hist. IX, pag. 19 e 20.
([4]) Lib. I. obs. XIV, pag. 28.
([5]) Lib. I, obs. XVII, pag. 33.
([6]) Lib. I, hist. XXII, pag. 39.
([7]) Lib. I, hist. XXVII, pag. 47.
([8]) Lib. I, hist. XXIX, pag. 57.

bões nas virilhas, joelhos, etc., que se curavam por meio da sangria no calcanhar. ([1]) Julga que a gravidez não é uma contra-indicação deste meio therapeutico e cita em abono deste modo de ver differentes casos da sua pratica em que se applaudiu do seu emprego, qualquer que fosse o periodo da gestação em que as applicou. ([2]) Observou um caso de morte apparente num pescador que por espaço de vinte horas esteve sem accordo. ([3]) Tirou proveito, num caso de melancholia, da applicação interna do oiro potavel, preparado de antimonio vulgarizado sobretudo por um charlatão italiano, Alexandre Quintilio, que ao tempo residia em Madrid e que escreveu em 1600 um opusculo intitulado *Da quinta essencia do oiro*. ([4]) Este preparado teve depois grande acceitação entre nós sob o nome de pós de Quintilio. Foi o primeiro a usar do *cachunde*, de que não encontrava noticia nos auctores que se tinham occupado das drogas da India e cuja formula colhera de medicos que ahi haviam exercido clinica. A seu respeito conta que os mercadores traziam a Lisboa figurinhas, semelhantes ás que se fabricam de porcelana, feitas desta substancia. Os principes da India e os magnates da

([1]) Lib. I, hist. XXXII, obs. XIX, pag. 60.

([2]) Lib. I, obs. XXX, pag. 62.

([3]) Lib. I, hist. XXXIV, obs. XXXII, pag. 65.

([4]) Lib. I, hist. XXXVI, obs. XXXIII, pag. 70. Banga erradamente affirma que Zacuto empregou muitas vezes o oiro, reportando-se a esta passagem. E' certo que o medico judeu aconselha o oiro em differentes doenças, mas aqui trata-se de coisa muito differente.

China mascavam o *cachunde* para darem tonicidade ao estomago. [1] E' muito curioso o seguinte caso de suggestão. Tratou um rapaz portuguez que, dominado por uma melancholia anciosa, se julgava vexado de peccados que nunca encontrariam absolvição. Era acommettido de allucinações em que via o demonio que lhe affirmava estarem-lhe reservadas penas eternas. Ensaiaram-se varios tratamentos, todos elles sem resultado. Os purgantes, as sanguesugas no anus, os banhos, os fonticulos nas coxas, os conselhos dos amigos, as distracções, tudo se tentou e tudo foi baldado. Para grandes males remedios. Uma noite entra-lhe pelo tecto da casa um anjo artificial,—são palavras de Zacuto,—com uma espada na mão direita e um archote acceso na esquerda, que o chama pelo nome. Ao vêl-o, o doente salta da cama, ajoelha-se e accusa-se de todos os seus peccados. Apagando-se o facho, não proseguiu a conversa, nem pôde o pobre melancholico vêr o homem que por traz do anjo lhe falava. Mas a mystificação surtiu effeito. Começou o doente a comer e a dormir e dentro em pouco estava curado. [2] Refere um caso de otalgia seguido de morte, pela applicação intempestiva de medicamentos opiados em instillações. [3] Pro-

(1) Lib. I, hist. XXXVI, obs. XXXVII, pag. 73 e 74. T. Gobley, no *Dictionnaire encyclopedique des sciences medicales*, de Dechambre, XI da 2.e serie, reproduz a formula de Zacuto que diz ser uma das mais celebres.

(2) Lib. I, hist. XXXVII, obs. XXXIX, pag. 75. Faz referencia a este caso S. Kornfeld in Puschmann, Neuburger und Pagel, op. cit., III, pag. 607.

(3) Lib. I, hist. LXI, obs. XLIV, pag. 101.

duz uma observação de odontalgia curada pela applicação de neve sobre o dente, o que o leva a tratar do uso do gelo em differentes doenças ([1]). Observou um tumor volumoso da lingua, proximo da ponta, que, aberto por um cirurgião, deu saída a uma concreção dura e lisa do tamanho de uma avellã. ([2]) Refere casos notaveis de affecções syphiliticas, sustentando que a doença é conhecida desde a mais remota antiguidade e se póde contrahir sem contacto venereo. Combate-a com o mercurio interna e externamente, embora tenha por vezes inconvenientes ([3]). Defende os medicos portuguezes da accusação que lhes fizera Rodrigo da Fonseca, chamando-lhes insaciaveis de sangue pela affeição que tinham á sangria. ([4]) Sustenta que as escrofulas são contagiosas, abonando-se com casos da sua pratica, mas a sua concepção desta diathese é muito lata, considerando como dependentes della manifestações que lhe não pertencem. ([5])

Já sabemos que o segundo livro se occupa das doenças das partes vitaes e naturaes, isto é, das doenças dos apparelhos respiratorio, circulatorio, digestivo e urinario. Sustenta que a variola e o sarampo haviam sido conhecidos de Hippocrates e Galeno ([6]) e refere um caso da primeira destas doenças

([1]) Lib. I, hist. LXVII, ob. XLVI, pag. 118.
([2]) Lib. I, hist. LXX, obs. XLIX, pag. 122.
([3]) Lib. I, hist. LXXIII, pag. 125 e seg.
([4]) Lib. I, hist. LXXX, pag. 143.
([5]) Lib. I, hist. LXXXIV, pag. 149.
([6]) Lib. II, hist. III, pag. 165.

em uma mulher gravida que se curou sem que o exanthema perturbasse de qualquer modo o curso da prenhez. ([1]) Conformando-se com a opinião corrente desde Galeno, não receia empregar a sangria para combater as hemoptyses. ([2]) Refere casos de hemorrhagias derivados da presença nas fauces de sanguesugas, mas estes casos não são de observação propria. ([3]) Contra o mau cheiro da bocca sempre tirou proveito do *cachunde*, mascado de modo que fosse vagarosamente deglutido. ([4]) Sustenta, com Galeno, que o empyema se póde curar pela eliminação da materia peccante pela urina ou pelas fezes. ([5]) Refere-se ás relações que existem entre a pleurisia e a tysica, affirmando que aquella é uma doença muito perigosa porque frequentemente é precursora da tuberculose. ([6]) O cancro, para elle, não é contagioso a distancia, mas póde infectar pelo contacto. ([7]) Affirma a curabilidade da tysica ([8]) e diz que é raro que entisique quem não tenha tido hemoptyses, suppurações ou catarrhos e admitte que uma hygiene bem dirigida póde evitar o apparecimento de tuberculose nos predispostos. Em Portugal, por causa da desegualdade da terra e do ar crasso e nebuloso, era esta uma doença endemica, abundando

([1]) Lib. II, hist. III, ob. I, pag. 168.
([2]) Lib. II, hist. VII, pag. 176 e 177.
([3]) Lib. II, hist. IX, pag. 182.
([4]) Lib. II, hist. XVII, pag. 201.
([5]) Lib. II, hist. XXVI, pag. 229.
([6]) Lib. II, hist. XXVII, pag. 230.
([7]) Lib. II, hist. XXVIII, pag. 233.
([8]) Lib. II, hist. XXXIII, pag. 239.

nas collinas e valles. ([1]) Observou um caso de tosse pertinaz que se curou depois que o doente expulsou pela bocca um calculo crystalliforme do tamanho de uma pequena avellã. ([2]) Curou uma palpitação com a applicação na região cardiaca de sanguesugas. ([3]) Observou uma tenia de vinte e cinco palmos de comprimento cuja expulsão foi determinada pela triaga. ([4]) Regista uma observação de um verme, expulso por meio do absinthio, branco, do comprimento dum palmo, da grossura do pollegar, com o corpo coberto de lanugem, tendo na frente dois corniculos. ([5]) Refere-se a numerosos casos de peste que tinha observado em 1600 e devastou Portugal, a Espanha, a Flandres e algumas provincias orientaes e em que reconheceu que de nenhuma efficacia era trazer sobre o coração um saquinho cheio de arsenio, a que alguns attribuíam virtudes prophylacticas. ([6]) Curou um volvulo por meio de clysteres antispasmodicos. ([7]) Produz duas observações que lhe tinham sido communicadas por Luiz Nunes, medico em Antuerpia, uma de peritonite purulenta seguida de morte, e em que se procedeu á autopsia; outra de convulsões, acompanhadas de delirio e curadas pelo uso interno do ebano. ([8]) Viu um ceifador que, mordido por uma vibora

---

([1]) Lib. II, hist. XXXVI, pag. 245.
([2]) Lib. II, hist. XXXVII, obs. VIII, pag. 249.
([3]) Lib. II, hist. XXXIX, obs. IX, pag. 251.
([4]) Lib. II, hist. LXVIII, obs. XI, pag. 303.
([5]) Lib. II, hist. LXVIII, obs. XII, pag. 305.
([6]) Lib, II, hist. LXXXIX, pag. 339.
([7]) Lib. II, hist. XCVII, obs. XVI, pag. 358.
([8]) Lib. II, hist. CIX, obs. XVIII e XIX, pag. 377.

no pollegar do pé, succumbiu com icterícia negra, acompanhada de motos epilepticos e convulsões. Autopsiado, encontrou-se o figado livido, com manchas negras; cortado, estava cheio dum liquido sanioso. ([1]) Colheu excellente resultado, num caso de hydropisia, do uso interno da raiz duma planta das Molucas, a que dá o nome de *Amboina*, cuja côr, sabor e cheiro era semelhante ao do gengibre. ([2]) Julga que no hydrothorax a puncção está tão indicada como no empyema, desde o momento que se não tenha podido fazer reabsorver o liquido. ([3]) Viu sarar uma mulher ascitica em que o liquido, depois de abrir passagem pelo umbigo, correu por espaço de trinta dias. ([4]) Observou uma mulher hydropica em que na autopsia encontrou grande numero de kystos hydaticos (?) do ventre, cada um dos quaes não excedia o tamanho dum ovo. ([5]) Cita casos de calculos renaes e vesicaes cuja expulsão foi determinada ou facilitada por substancias balsamicas. ([6]) Finalmente, refere-se á incontinencia de urinas que póde sobrevir á luxação das vertebras. ([7])

Tem por objecto o terceiro livro o estudo das doenças dos orgãos genitaes de um e outro sexo e ainda as dos membros inferiores.

Não se encontram nelle casos de observação

([1]) Lib. II, hist. CXV, obs. XX, pag. 388.
([2]) Lib. II, hist. CXX, obs. XXII, pag. 401.
([3]) Lib. II, hist. CXXI, pag. 402.
([4]) Lib. II, hist. CXXIII, obs. XXIV, pag. 406.
([5]) Lib. II, hist. CXXIII, obs. XXV, pag. 406.
([6]) Lib. II, hist. CXXVIII, pag. 412.
([7]) Lib. II, hist. CXLIII, pag. 428.

propria tão numerosos nem tão variados como nos livros anteriores. A proposito de mutação de femeas em varões que julga possivel, embora não considere o inverso realisavel, refere-se a mulheres barbadas, citando o caso já nosso conhecido de Brizida de Peñaranda. ([1]) Conta, a respeito da influencia que tem na concepção imagens agradaveis ou desagradaveis um caso que lhe narrou o dr. Thomaz do Valle e que já referimos. ([2]) Julgou importante discutir se convinha applicar a sangria nos pés ou nos braços das mulheres gravidas quando estavam sujeitas a ataques hystericos, epilepticos ou apopleticos, e sobre o assumpto consultou Nicolau Fontein, V. Fortunato Plemp e Antonio Bruschio. Pelo seu lado, sem se mostrar muito enthusiasta pelo seu emprego, admitte-o em determinadas circumstancias. ([3]) Para a expulsão do feto morto, recorre a banhos, a fumigações, e se estes meios falharem deve proceder-se á extracção manual. ([4]) Discute as condições a que deve satisfazer uma habitação e a este respeito encarece o clima, muito temperado, de Portugal e Espanha. ([5]) Louva o uso da pedra nephritica na gotta, tendo tido ensejo de observar os seus beneficos effeitos num vice-rei da India. ([6])

([1]) Lib. III, hist. VIII, pag. 467. Vide pag. 28.
([2]) Lib. III, hist. XII, pag. 487. Vide pag. 224.
([3]) Lib. III, hist. XIII, pag. 488 e seg.
([4]) Lib. III, hist. XVII, pag. 514.
([5]) Lib. III, hist. XXXIV, pag. 573.
([6]) Lib. III, hist. XXXV, pag. 579.

Trata o quarto livro da essencia das febres, differenças, causas, signaes, prognostico e tratamento, e todos sabem como eram especiosas e inconsistentes as multiplas divisões que os antigos abriam neste capitulo. Convém dizer que para Zacuto a febre consiste na exaltação do calor natural, mas essa elevação de temperatura nem sempre se torna manifesta. Frequentemente, julga-a devida á podridão dos humores, o que póde traduzir-se em linguagem corrente, é consequencia de uma infecção. Neste livro, dá grande importancia aos banhos e bebidas frias no tratamento das febres [1], estendendo tambem esta pratica a combater a tysica pulmonar e a febre hectica que por vezes a acompanha. [2] Refere-se a uma epidemia de peste que grassou em Lisboa em 1601, e em que appareceram fórmas insolitas caracterizadas pela saída de grande numero de vermes vivos pelo nariz, e pela apparição de suores no rosto e no thorax, com lividez de todo o corpo, a que se seguia promptamente a morte. [3] Estranha o costume que tinham os belgas, apesar de prudentissimos e humanissimos, de enterrarem os cadaveres dos empéstados nos templos. [4] Encarece as virtudes do corno do rhinoceronte, baseando-se na informação de um nobilissimo capitão que commandara em Malaca e vira soldados errantes pelo deserto e mordidos do tigre, acommettidos de sympto-

[1] Lib. I, hist. XVIII, pag. 699.
[2] Lib. I, hist. XLIV,, pag. 746.
[3] Lib. IV, hist. XLVI, pag. 754.
[4] Lib. VI, hist. XLVI, pag. 756.

mas graves como delirio, distorsão dos olhos, suores frios, suppressão do pulso, restabelecerem-se com o uso interno desta substancia dissolvida em agua. ([1]) Louva a efficacia do maracujá no tratamento da peste e das febres malignas, assim como teve ensejo de experimentar nas mesmas doenças as virtudes do coco das Molucas que não era conhecido dos escriptores antigos ou modernos que se tinham occupado dos arómatos da India. ([2]) Viu casos de uremia, acompanhados de symptomas epilepticos e apoplecticos, terminados pela morte. ([3]) Insiste nas vantagens da sangria na variola antes do apparecimento da erupção, de harmonia com o que tinha observado não só em Portugal, mas na pratica da medicina na Belgica. ([4])

Trata o quinto livro dos venenos e peçonhas, dos symptomas que determinam e dos seus antidotos. Entre as notas e observações que nelle se conteem, merecem menção as seguintes. A proposito da peçonha das serpentes, occupa-se de venenos volateis e que podem produzir os seus effeitos depois de absorvidos pela pituitaria e affirma que a morte de D. Antonio, filho do duque de Bragança, resultou de envenenamento, tendo-lhe sido propinado o toxico por intermedio dum ramo. ([5]) Consagra dif-

---

([1]) Lib. IV, hist. LI, pag. 777.

([2]) Id., Id.

([3]) Lib. IV, hist. LII, pag. 779.

([4]) Lib. IV, hist. LIV, pag. 780 e 781.

([5]) Lib. V, hist. III, pag. 796. Já dissemos que não pudemos saber quem era este principe.

ferentes capitulos ao exame das urinas, tirando delle todo o partido possivel no seu tempo. ([1]) Contra o veneno do elleboro nenhum antidoto conhece mais valioso do que o succo expresso do tabaco ou erva santa. ([2]) Inclina-se a crêr que a mordedura do lagarto é peçonhenta e a esse respeito descreve exaggeradamente os caimans das Indias Occidentaes. ([3]) Admitte a efficacia da pedra bazar nas febres pestilenciaes e em geral em todas as intoxicações, contando em seu abono a historia clinica do Padre Manuel Alvares, de que já nos occupamos desenvolvidamente. ([4]) Por ultimo, dá conta de que os caraíbas ou anthropophagos costumam ervar as settas com o succo de uma planta, de modo que os ferimentos produzidos por ellas são rapidamente mortaes. ([5])

O ultimo livro contém a descripção das doenças que não haviam entrado no quadro da distribuição adoptado, e a seu proposito ventila Zacuto as mais variadas questões. Occupa-se da elephantiase, manifestando a opinião corrente no seu tempo, e hoje de novo acceite, de que é uma doença contagiosa. ([6]) Descreve, á semelhança de Thevet, como uma doença nova o *berozaïl*, ulceração corrosiva do penis, em que parece reconhecer-se uma das multiplas variedades de syphilis. ([7]) A respeito d'esta doença, mais uma

([1]) Lib. v, hist. xx, pag. 852, etc.
([2]) Lib. v, hist. xxv, pag. 874.
([3]) Lib. v, hist. xxvii, pag. 875.
([4]) Lib. v, hist. xxix, pag. 901.
([5]) Lib. v, hist. ultima, pag. 905.
([6]) Lib. vi, hist. i, pag. 907.
([7]) Lib. vi, hist. iii, pag. 920.

vez affirma que é uma doença antiquissima. ([1]) A quarta historia é um resumo anatomico *(Spicilegium Anatomicum)*. Póde considerar-se como um inventario succinto dos conhecimentos do seu tempo sobre a organização do homem. Zacuto conhecia os trabalhos dos grandes mestres antigos e dos modernos eram-lhe familiares os de André Vesalio, de Valverde, Fabricio d'Acquapendente, de Gaspar Bartholin, de Guevara, de Spigel, de Pareu, de Aselli, de Riolan, etc. A unica nota pessoal que apresenta é ao tratar do coccyx, cuja procidencia póde ser uma causa de tabes, como teve ensejo de notar. Occupando-se da influencia que têm as diversas regiões sobre a duração da vida humana, refere-se aos habitantes de Cabo Verde, entre os quaes abundam os homens sexagenarios, o que é devido á elevação e egualdade da temperatura ([2]); e aos de Roma e Lisboa em que a vida é relativamente curta, sendo raros os individuos que chegam aos 60 annos. ([3]) Termina estudando alguns assumptos de pathologia geral, taes como a influencia dos dias criticos e dos movimentos dos astros na evolução das doenças. ([4])

O segundo volume das obras de Zacuto abre pelo *Introitus medici ad praxin*. Esta introducção é um tratado de deontologia medica não destituido de valor, embora pouco adeante aos dos seus conterraneos Henrique Jorge Henriques e Rodrigo de Castro. O pro-

---

([1]) Id., Id.
([2]) Lib. VI, hist. XVII, pag. 963.
([3]) Id., Id.
([4]) Lib. VI, hist. XIX, pag. 967.

prio Banga não póde deixar de dizer: "A segunda parte começa por um prefacio em que elle mostra o que deve ser um medico e como deve comportar-se. Aqui dá excellentes conselhos„. [1] Já atraz expuzemos alguns dos seus preceitos. Agora rapidamente passaremos pelo livro, demorando-nos apenas em alguns pontos interessantes para o conhecimento de Zacuto. O medico deve: ser amante de Deus, vestir-se com decoro, detestar a loquacidade, e a avareza, fugir de discutir os honorarios. [2] Não seja invejoso, nem suberbo e arrogante, nem obstinado. [3] Reconheça os seus erros e quando advertido repare-os quanto possivel. [4] Seja cauteloso no uso dos perfumes, sabedor e prudente. [5] Dê-se ao estudo, mas não queira muitos livros, e apenas os mais escolhidos. [6] São estes as obras de Hippocrates, Galeno, Aristoteles, Avicena e Rhasis, mas Zacuto enumera a respeito de cada um os commentarios que lhe merecem mais conceito. Todavia, não se creia que a sua affeição aos gregos e aos arabes seja cega, como em relação aos ultimos escreveu Guy Patin. Haja vista o que o medico judeu diz a respeito da anatomia de Galeno. Reconhece que os seus livros *De usu partium* estão cheios de numerosas ambiguidades e affirma que Vesalio aclarou muitas; lamenta apenas que este, ao paten-

(1) Op. cit. I, pag. 253.
(2) Præcepta I, II, III, IV et V, pag. 1, 2, 3 e 4.
(3) Præcepta VI, VII et VIII, pag. 4 e 5.
(4) Præcepta IX et X, pag. 5.
(5) Præcepta XI, XII et XIII, pag. 6 e 7.
(6) Præcepta XIV et XV, pag. 8 e 9.

tear as descobertas que fez o seu *divino engenho*, tratasse com menos respeito o mestre. Ha aqui tambem a notar que Zacuto recommenda as leituras de obras de mathematica, sem o conhecimento da qual não póde haver medico perfeito, segundo muitos opinam. ([1])

Saltamos alguns preceitos banaes para colher a recommendação de que o medico deve ter poucos doentes para lhes poder consagrar mais attenção. ([2]) Quando aconselha que o medico fuja dos chimicos, Zacuto inscreve-se com violencia no rol dos adversarios de Paracelso. ([3]) Espanta-se de que Sennert tenha procurado conciliar chimicos e galenistas e parece impossivel qualquer transacção. Veremos que assim não é. Na applicação dos purgantes, é necessario attender aos movimentos dos astros. ([4]) O medico deve auxiliar a natureza como primeira operaria da saúde. ([5]) A therapeutica deve variar com o clima. Assim a sangria, de grande utilidade na Espanha e no Brazil, tem de ser empregada com mais parcimonia nas regiões septentrionaes. ([6]) Nem todos os symptomas de uma doença têm a mesma importancia, e o clinico deve primeiro que tudo procurar acalmar a dôr, provocar o somno e facilitar o repoiso. ([7])

([1]) Præceptum XI, pag. 9.
([2]) Præceptum XXI, pag. 12.
([3]) Præceptum XXVII, pag. 14.
([4]) Præceptum XLVIII, pag. 34.
([5]) Præceptum LXI, pag. 47.
([6]) Præceptum LXVII, pag. 58.
([7]) Præcepta LXXI et LXXII, pag. 63 e 64.

Deve ser instruido na anatomia, versado na cirurgia e conhecer bem a pharmacologia. ([1])

Esta ultima asserção serve de motivo á publicação da sua *Pharmacopéa*. Muito bem disposta, é um tratado de pharmacia fundamentado sobretudo nos trabalhos dos arabes, taes como Mesué e Rhasis e nos dos gregos como Dioscorides e Galeno. As formulas que recommenda, e cujo modo de preparação publíca, têm por base principalmente as substancias vegetaes, alguns productos animaes e raros mineraes, sendo a maior parte destes pedras preciosas. Os medicamentos são classificados segundo a fórma pharmaceutica, e o seu emprego em therapeutica, e em seguida segundo a doutrina dos quatros elementos: quentes, frios. etc. Os medicamentos em que mais insiste são os purgantes: ruibarbo, cannafistula, tamarindos, escammonéa, aloës, manná, myrobalanos, etc. E' de notar que, referindo-se a differentes substancias novas em outras partes da sua obra, não as mencionasse na sua *Pharmacopéa*, nem sequer accrescentasse ás conhecidas dos antigos quaesquer recentes acquisições. Vêmos uma excepção no *estibio preparado*, mostrando-se muito convencido da sua efficacia.

A seguir á *Pharmacopéa*, vem a *Praxis historiarum*, especie de tratado de pathologia, em que principalmente attende ao tratamento das doenças. Construida sobre as *Historias*, não podia deixar de ser em parte a reproducção das ideias que nellas expõe.

Occupa-se o primeiro livro das doenças da cabeça.

([1]) Præcepta LXXVIII, LXXIX et LXXX, pag. 70, 71 e 72.

Cada uma dellas é estudada á maneira do que hoje se faz nos livros de pathologia interna. Definição, fórmas, causas, symptomas, prognostico e tratamento, taes são os paragraphos que comprehende cada capitulo. Por vezes á descripção da doença accrescenta algumas observações. Iremos colhendo aqui e além o que se nos affigurar mais importante neste tratado. Em alguns casos de epilepsia recommenda o uso de banhos repetidos. ([1]) Na apoplexia aconselha o uso da sangria cuja efficacia teve ensejo de observar mais de uma vez. ([2]) Nas hemiplegias prescreve o uso de uma especie de pontas de fogo. ([3]) Descreve uma fórma de vertigem, originada por perturbações na funcção auditiva em que poderá reconhecer-se o que hoje chamamos vertigem de Menière. ([4])

O livro segundo occupa-se das doenças das visceras contidas no thorax e abdomen. Occupa-se em primeiro logar da syphilis e combate-a com decoctos sudorificos e com a applicação do mercurio. Admitte que esta doença póde transmittir-se por herança. ([5]) Em casos de anginas intensas deu-se bem com a applicação de sanguesugas junto ao freio da lingua. ([6]) O diagnostico differencial que estabelece entre a pleurisia e a pneumonia revela notaveis qualidades de clinico. ([7]) Em alguns casos de empyema

([1]) *Praxis historiarum*, lib. I, pag. 187.
([2]) Id., lib. I, pag. 194.
([3]) Id., lib. I, pag. 231.
([4]) Id., lib. I, pag. 246.
([5]) Id., lib. II. pag. 268.
([6]) Id., lib. II, pag. 289.
([7]) Id., lib. II, pag. 301.

recorreu á thoracentese praticada por meio do cauterio actual. ([1]) Observou uma pneumonia grave em que uma copiosa hemorrhagia nasal apressou a cura, já considerada difficil. ([2]) Assistiu a um doente com palpitações cardiacas e deliquio frequente que morreu, encontrando-se por occasião da autopsia um tumor duro e negro situado entre a origem da aorta e a arteria pulmonar. ([3]) Curou um caso de tysica pulmonar por meio de leite ministrado internamente e ainda sob a fórma de banhos. ([4]) A residencia em localidades onde abundem pinheiros é de recommendar aos tuberculosos: para Palmella mandava elle e os mais distinctos medicos de Lisboa os seus doentes que alcançavam notaveis melhoras. ([5]) Recorre na ascite á puneção repetida que viu seguida de bons resultados quando os doentes tinham forças sufficientes; algumas vezes associa-lhe os causticos. ([6]) Affirma que para dissolver os calculos renaes e vesicaes nenhum meio ha mais efficaz do que a agua de ananaz. ([7]) Assistiu em Lisboa, no hospital dos militares espanhoes, a uma autopsia praticada por um cirurgião habil em que se encontraram vermes vivos nos rins, gordos, alvos, do comprimento de meio dedo

([1]) Id., lib. II, pag. 315.
([2]) Id., lib. II, pag. 322.
([3]) Id., lib. II, pag. 360.
([4]) Id., lib. II, pag. 377.
([5]) Id., lib. II, pag. 377.
([6]) Id., lib. II, pag. 433.
([7]) Id., lib. II, pag. 441.

indicador. [1] Finalmente, curou casos de diabete com banhos d'agua frigidissima. [2]

Trata o livro terceiro das doenças das mulheres. Depois de ter encarecido as excellencias do sexo, Zacuto apresenta, na descripção das differentes enfermidades que o acommettem, os resultados da observação pessoal. [3] Assim, viu, em um caso de retenção de menstruos, hemorrhagias supplementares pelo pollex esquerdo. [4] Presenciou accidentes hystericos remediados depois que, introduzida a mão pela vagina, se extraíu do utero um verme comprido e redondo. [5] Aconselha nos prolapsos uterinos a reducção, a remoção da causa que excitava o prolapso e a contenção do utero na posição devida. [6] Prescreve o uso das ventosas no tratamento das metrites. [7] Viu molas que se tornavam notaveis, ou pelas suas extraordinarias dimensões, ou pela sua permanencia por longo tempo na cavidade uterina. [8] Para promover a expulsão do feto morto, aconselha um pessa-

(1) Id., lib. II, pag. 442. Veja-se o que dissemos a respeito desta observação a pag. 104.

(2) Id., lib. II, pag. 446.

(3) Diz Paquot e repete-o Carmoly que o nosso medico, todas as vezes que era chamado a tratar qualquer mulher que soffria de doença propria do sexo, se fazia acompanhar por uma honesta matrona hollandeza que sabia portuguez e por este meio colhia algumas circumstancias destas doenças que o pudor impediria de lhe serem communicadas directamente.

(4) Id., lib. II, pag. 486. Veja-se o que dizemos a pag. 257.

(5) Id., lib. III, pag. 497.

(6) Id., lib. III, pag. 498.

(7) Id., lib. III, pag. 500.

(8) Id., lib. III, pag. 508.

rio introduzido na vulva, e constituido de substancias irritantes. [1] Termina este livro com um regimento de paridas e de recemnascidos, e com prescripções sobre a escolha das amas e a qualidade do leite.

O livro quarto versa em primeiro logar o tratamento geral das febres, não omittindo Zacuto as mais pequenas particularidades relativas ao regimen, á posição, ao logar de residencia, etc., dos febricitantes. Os meios therapeuticos mais geralmente empregados são a sangria e os purgantes. [2] Depois cada uma das variedades de febre é objecto de paragraphos especiaes.

Por ultimo, o livro quinto trata da cura dos symptomas da febre. A passagem mais interessante é relativa á cholera que em Portugal e em Amsterdam mata poucos, mas no Oriente, onde é chamada *morderi*, na Mauritania e na Arabia é quasi sempre mortal. A descripção que faz da doença é muito notavel: magistral lhe chama Ricardo Jorge. [3]

A obra mais valiosa de Zacuto Lusitano é a *Praxis medica admiranda*, cuja primeira edição é de 1634. Por isso a examinaremos mais detidamente.

Esta obra, como as centurias de Amato, é uma collecção de observações de casos clinicos pouco vulgares, na maior parte recolhidas pelo auctor, mas algumas communicadas pelos numerosos correspondentes com quem estava em relações seguidas.

Se algumas dellas não apresentam hoje interesse,

(1) Id., lib. III, pag. 509.
(2) Id., lib. III, pag. 548.
(3) *A epidemia de Lisboa de 1894*. Porto, 1895, pag. 58.

a maior parte merecem attenção e exame, ou porque se refiram a especies nosologicas pouco communs, ou porque contenham referencias a substancias que então se começavam a usar como medicamentos, ou ainda porque encerrem referencias a coisas do nosso paiz.

O primeiro livro refere-se ás doenças da cabeça e dos orgãos que ella encerra. Abre com uma observação de alopecia, em que affirma que o fructo duma planta brazileira, o genipapo, vulgar sobretudo em Pernambuco, tem a propriedade de ennegrecer os cabellos que com elle estejam em contacto, e ainda a de os fazer crescer. Effectivamente as bagas verdes do genipapeiro fornecem por expressão do pericarpo um suco avermelhado que, exposto ao ar, se torna azul escuro e foi empregado pelos habitantes do sul da America para tingir a pelle, não desapparecendo a côr emquanto não era renovada a epiderme. Parece portanto acceitavel a informação de Zacuto. ([1])

Refere um caso de ferimento na região posterior da cabeça em que houve perda de grande porção da substancia cerebral. O paciente era uma creança de 10 annos e curou-se. Passados tres annos morreu e encontrou-se por baixo da dura mater, consideravelmente engrossada, uma grande quantidade de liquido limpido semelhante ao do hydrocephalo. ([2])

Um outro ferimento da cabeça torna-se notavel pela tolerancia que a massa cerebral manifestou para com metade de uma faca que ficou por oito annos entre o craneo e a dura mater. A morte resultou de

([1]) Lib. I, obs. I, pag. 1.
([2]) Lib. I, obs. V, pag. 2.

uma febre maligna e na autopsia lá se encontrou o ferro enferrujado que nenhuns symptomas de reacção provocara. ([1])

Menciona uma observação de morte apparente, em que um individuo apoplectico esteve por vinte horas sem accordo, extremamente frio, e tanto que chegou a ser amortalhado e ia ser enterrado quando um grito rouco e clamoroso espavoriu os conductores do feretro. Revulsivos e clysteres irritantes em breves dias o restituiram á saude. ([2])

São notaveis alguns casos de epilepsia que produz. Num delles teve a louvar-se da applicação do xarope de tabaco. A indicação desta substancia para combater o mal do Senhor foi pela primeira vez feita pelo medico judeu que ainda hoje é lembrado por escriptores modernos a tal respeito. ([3])

Outro caso de epilepsia grave foi curado pelo antimonio. Nesta doença é tambem Zacuto o primeiro a recommendal-o, e depois delle, Peyson, Angelot e Pariset. Quem é que hoje perderia o tempo em seguir o seu exemplo? ([4])

Mais interesse se nos afigura offerecer outro caso de epilepsia hereditaria que nos refere. Affirma terminantemente n'esta observação a sua crença na hereditariedade morbida similar.

Como transmissiveis por herança admitte: a côr

([1]) Lib. I, obs. VI, pag. 2.

([2]) Lib. I, obs. XIX, pag. 5.

([3]) Lib. I, obs. XXIII, pag. 5. Pecholier, art. TABAC do *Dictionnaire encyclopedique des sciences medicales*, de A. Dechambre.

([4]) Lib. I, obs. XXXI, pag. 7.

verde dos olhos, alguns aleijões, a lepra, a escrofula, a podagra, a tysica, os calculos e a epilepsia. Em abono desta asserção affirma ter visto um portuguez epileptico cujos oito filhos e três netos eram todos epilepticos, e arrastaram a doença até á morte. Desta familia apenas um bisneto que tambem apresentava os symptomas do mal comicial se curou pela applicação d'um cauterio na nuca. O facto é digno de approximar-se das estatisticas de Echeverria, de Voisin, de Moreau, de Foville, de Cullerre e mais recentemente de Feré e Bourneville, em que aliás a predisposição hereditaria raras vezes se manifesta com tanta intensidade. (1)

Já atraz nos referimos a um caso de tratamento da melancholia anciosa por meio da suggestão. (2)

Depara-se-nos agora a observação de lagrimas sanguinolentas que é uma das primeiras conhecidas. Casos analogos foram publicados por Dodonæus, Forestus, Lanzoni, Havers, Rosas e Hasner. Tende hoje a vêr-se nestes casos hemorrhagias da conjunctiva em pessoas fracas ou em mulheres mal regradas, e não perversões da secreção lacrymal, mas não se trata de facto vulgar. (3)

Uma observação de epiphora torna-se notavel porque saíam com as lagrimas por vezes vermes pequenos, em que talvez se possa reconhecer a *filaria*

(1) Lib. I, obs. XXXIV, pag. 8.

(2) Lib. I. obs. XLIX, pag. 11. V. pag. 315. O caso é o mesmo que alli é citado.

(3) Lib. I, obs. LIV, pag. 13.

lacrymal que Van Beneden affirma ter encontrado com frequencia na Belgica. ([1])

A observação LXXVII é de manifestações maculosas de syphilis na face. Para as combater aconselha a casca duma planta semelhante á aroeira e originaria do Brazil, o *coqual,* que não pudemos saber o que fosse. ([2])

Casos de glossites foram tratados pela sangria local e pelas escarificações. ([3])

Recommenda como detersivo o uso duma pedra originaria da Bolivia (Potosi) a que chama *Lapis lipis*, que parece ser o sulfato de cobre. ([4])

A narração de um caso de garrotilho torna o nome de Zacuto inseparavel da historia desta doença, aliás muito mal feita, ao que se nos afigura. O medico judeu diz que a doença era frequente em Espanha, não havia muitos annos, principalmente nas creanças, mas tambem nos adultos, e contagiosa. As fauces cobriam-se de pequenas ulcerações brancas ou anegradas, de cheiro nauseabundo, de extensão rapida com tendencia para a gangrena. Além dos meios ordinarios para combater a oppressão da respiração, recommenda um soluto de arsenio e mesmo a cauterização pelo fogo. ([5])

E' digna de menção a observação de um cancro da mamma, em que affirma o contagio desta neopla-

([1]) Lib. I, obs. LXII, pag. 14.
([2]) Lib. I, obs. LXXVII, pag. 18.
([3]) Lib. I, obs. LXXX e LXXXI, pag. 19.
([4]) Lib. I, obs. LXXXIX, pag. 21.
([5]) Lib. I, obs. XCIX, pag. 23.

sia. Uma pobre mulher, affectada de um cancro ulcerado, dormia com três filhos. Todos elles contrahiram esta affecção. Dois morreram passados quinze annos; o outro, mais robusto, escapou. Este havia soffrido a extirpação do tumor. ([1])

Para combater as hemorrhagias pulmonares recommenda a raiz duma planta brazileira, semelhante á tanchagem, a que chama *raiz da serra*. Era uma substancia datada de propriedades adstringentes. ([2])

Finalmente, observou concreções calcareas no coração dum individuo que autopsiou com dois collegas. ([3])

No segundo livro apresenta grande numero de observações relativas a doenças das partes *naturaes, genitaes e inferiores*. Notamos, entre ellas, a noticia que publíca a respeito do chocolate, a que attribue as propriedades de restaurar as forças dos doentes em casos de dispepsia, de exaltar a potencia genesica, combater a asthma, facilitar a menstruação, etc. A substancia era ainda mal conhecida na Hollanda, mas a descripção que della faz tem algumas flagrantes inexactidões, como o leitor já notou ao ler o que escrevemos a pag. 112. ([4]) Apresenta duas observações de cholera, mas evidentemente não se trata da fórma epidemica que ainda não tinha apparecido na Europa. O primeiro é, todavia, de uma gravidade nota-

---

([1]) Lib. I, obs. CXXIV, pag. 31.
([2]) Lib. I, obs. CXXVIII, pag. 32.
([3]) Lib. I, obs. CXLI, pag. 37.
([4]) Lib. II, obs. VII, pag. 42.

vel. ([1]) Narra casos de peste referidos ao anno de 1600, em que a doença era rapidamente mortal, não durando mais de três ou quatro dias, com symptomas de intoxicação geral *(venenosis symptomatis excruciati)*. ([2]) Curou um volvulo pela administração de doze grãos de chumbo de caça. ([3]) Apresenta um caso de abcessos do figado, com hypertrophia desta viscera que pesava trinta e seis libras. ([4]) Parece-nos que é Zacuto o primeiro que dá a conhecer a *cola* que procede da Guiné e nos apresenta como um fructo semelhante na fórma e no tamanho a uma castanha, e de côr vermelha clara e sabor algum tanto amargo; attribue-lhe propriedades antipyreticas. ([5]) Temos depois a observação de kystos dos ovarios a que já nos referimos a pag. 302. ([6]) Cita um caso de calculo vesical do peso de 18 onças e diz que Antonio Vander Linden lhe mostrou outro do peso de 32 onças, de tal dureza que faiscava sob a acção do fuzil, como se fosse de pederneira. ([7]) Observou cinco casos de diabetes, dos quaes dois se curaram; possivel é, porém, que um dos casos fataes fosse antes de esclerose renal, visto que nos diz que os rins estavam de notavel aspereza *(squallidos)*. ([8]) Numa mulher cujo utero em prolapso se gangrenou,

([1]) Lib. II, obs. XVI e XVII, pag. 45.
([2]) Lib. II, obs. XXIII, pag. 47.
([3]) Lib. II, obs. XXXIV, pag. 49.
([4]) Lib. II, obs. XLV, pag. 52.
([5]) Lib. II, obs. XLVI, pag. 52.
([6]) Lib. II, obs. LII, pag. 54.
([7]) Lib. II, obs. LXX, pag. 58.
([8]) Lib. II, obs. LXXX, pag. 60.

um cirurgião procedeu á amputação do orgão, seguida de cura ([1]) Tratou de um caso de prolapso interino que não pôde reduzir. Lembrando-se então de um conselho de Avenzoar, approximou das pernas da paciente ratos presos por fios e o medo que estes animaes lhe causaram, *per femora vagantibus*, fez voltar a madre á sua posição normal. ([2]) Viu casos de hemorrhagias supplementares, pelas gengivas, pelo umbigo, pelas virilhas. ([3]) Attribue a uma planta peruviana, o *icho*, a propriedade de eliminar o mercurio que existe no organismo. ([4]) Cita dois casos de persistencia do hymen, depois da copula. ([5]) Promove a expulsão do feto morto por meio de pessarios, mas outras vezes aconselha que se faça a extracção com o gancho, tendo visto muitos casos felizes de applicação deste recurso *(quod auxilium in plurimis in agône positis felicissimè sum expertus)*. ([6]) Finalmente apresenta um caso de gotta que tratou com bom exito por meio de banhos de areia. ([7])

O ultimo livro trata das febres e de algumas outras doenças. Encarece a gravidade que têm nas creanças as febres catarrhaes, expondo-as frequentemente á morte subita. ([8]) A proposito de um caso de terçã mais uma vez aconselha, como de proveito nas febres, o

([1]) Lib. II, obs. LXXXV. pag. 62.
([2]) Lib. II. obs. XCV, pag. 65.
([3]) Lib. II, obs. CI, CII e CIII. pag. 66 e 67.
([4]) Lib. II, obs. CXXXVI, pag. 75.
([5]) Lib. II, obs. CXLIII. pag. 77.
([6]) Lib. II, obs. CLXIII e CLXV, pag. 82 e 83.
([7]) Lib. II, obs. CLXXXII, pag. 88.
([8]) *Subitò eos suffocat.* Lib. III, obs. XII, pag. 96.

maracujá. [1] Apresenta observações da peste que observara de 1600 a 1604 e percorreu toda a Europa, mas já a ellas nos referimos a pag. 93 deste livro. [2] Parece ser de sarampo a observação XLVIII. Todavia póde ser que Zacuto não distinguisse o sarampo da escarlatina como depois fez Morton, porque alguns casos de que fala lembram esta ultima doença. "*Sæpé fauces apprehendit, et interno in tonsillis ulcere maligno suborto Gurgulionem rodit, cum faucium tumore insigni. Hæc omnia mala in constitutione quadam, citra pestem evenisse ex Morbillis notavi*... [3]

Como o meio therapeutico que mais recommenda é a sangria geral ou local, apresenta uma receita para fazer servir as sanguesugas mais de uma vez. Consiste em polvilhal-as com cinza de madeira, porque então vomitam o sangue e ficam aptas para sugar de novo. [4] Publica o caso de anus imperfurado que lhe fôra communicado por Gaspar dos Reis Franco. Uma creança por tres mezes emittiu fezes pela urethra, por ter o anus cerrado por uma membrana. Cortada esta membrana, estabeleceu-se o curso normal das fezes e a creança vivia ainda. [5]

Apresentá dois casos de intoxicação chronica pelos vapores de arsenio, curados com soro de leite e substancias cordeaes. [6]

Narra um caso de tumor da fronte que tinha o

(1) Lib. III, obs. XXVII, pag. 101.
(2) Lib. III, obs. XXXVIII, pag. 104, XLV e XLVI, pag. 109.
(3) Lib. III, obs. XLVIII, pag. 107.
(4) Lib. III, obs. LXIV, pag. 110.
(5) Lib. III, obs. LXXII, pag. 112.
(6) Lib. III, obs. LXXIX, pag. 114.

aspecto dum corno de meio palmo de comprido, attribuido pela mãe do paciente a ter visto por occasião da concepção a pintura de um rhinoceronte. ([1])

Por ultimo, dá noticia, como de uma doença nova, do *bicho*, que tinha sido descripto pela primeira vez por Aleixo de Abreu. ([2])

E' tempo de pôrmos um remate a este longo trabalho.

Zacuto apparece-nos, atravez das suas obras, como um dos mais illustres representantes do galenismo moribundo, que elle desejaria manter em toda a sua pureza. ([3]) Confessa o seu culto pela medicina tradicional, e combate os modernos que pervertem os textos, ou desrespeitam os mestres. ([4]) Das suas obras diz Lorain: "Não se póde encontrar um quadro mais completo da medicina classica, tal como era ensinada no fim do seculo XVI e no principio do seculo XVII. Bastaria este livro, só de per si, para fazer reviver aos nossos olhos toda a medicina antiga.„ ([5])

Para manter a genuina interpretação dos textos do

([1]) Lib. III, obs. XCVII, pag. 118.

([2]) Lib. III, obs. XCVIII, pag. 119.

([3]) *Galenus fortissimus Medicorum Antesignanus qui... universam medicinam veterem, hippocratica brevitate obscuram perfecit... ut eum artem hanc primo instituisse et genuisse sit dicendum.* (Præfatio totius operis).

([4]) *Sed cum ego fuerim semper detestatus eos, qui levi de causa cum Neotericis manifesto errore succumbentes, Galeni dicta pervertunt...* (Zacuti, *Operum tomus primus*, lib. II, pag. 185).

([5]) Lorain, *De la temperature du corps humain*, I, Paris, 1877, pag. 106.

grande medico de Pergamo, Zacuto está bem preparado. O grego conhece-o tão familiarmente que Homero e Anacreonte andam-lhe sempre nas mãos. ([1]) Para a leitura dos commentadores e continuadores, conhece sufficientemente o arabe. ([2]) Em latim escreve as suas obras. O hebreu é a lingua da synagoga. Dos idiomas modernos, versa o espanhol ([3]), o flamengo ([4]), o allemão ([5]), e provavelmente o francez ([6]) e o inglez ([7]), além do proprio que o tempo e o afastamento da patria ia fazendo esquecer ou pelo menos corrompendo. ([8])

O principio do seculo XVII não é, porém, uma epocha de retrocesso, é o inicio de uma era de renovação.

Desde a Renascença vêm proclamando a liberdade do pensamento espiritos independentes como Campanella, Giordano Bruno e Pedro Ramus; a astronomia e as mathematicas renovam-se com Coper-

([1]) Zacuti, *Operum tomus primus*, pag. 404, 435, etc.

([2]) Id., pag. 71, 180, 284, 950, etc.

([3]) Residencia em Siguenza e em Madrid.

([4]) *Praxis medica admiranda*, lib. I, obs. CXXVIII, pag. 33, e lib. III, obs. XCVIII, pag. 199.

([5]) Leu os escriptos de Paracelso, *germanico sermone consignatis* (*Introitu ad praxin*, pag. 15).

([6]) Tratou doentes desta nacionalidade. (Zacuti, *Operum tomus primus*, lib. I, obs. XLVII; *Praxis medica admiranda*, lib. I, obs. XXXV, LXXX e CXIII).

([7]) Tratou doentes desta origem. (*Praxis historiarum*, lib. I, pag. 173; *Praxis medica admiranda*, lib. III, obs. CLIII).

([8]) A transformação de *banha de cacau* em *bainha de cacau*, na descripção do chocolate, parece proval-o. (*Praxis medica admiranda*, lib. II, obs. VII, pag. 42).

nico, Tycho-Brahe, Kepler, Viète e Neper; o methodo experimental faz a sua iniciação com Galileu, Rondelet, Servet, Aselli, Harvey e Bacon. Zacuto pisa o mesmo terreno que Descartes palmilha.

Póde o nosso compatriota, amante do estudo como se mostra, subtrahir-se a influencias tão demolidoras do espirito d'auctoridade? Não é possivel acredital-o. Certamente não se lança resolutamente no movimento de renovação, resiste-lhe mesmo, mas a vaga envolve-o e arrasta-o.

Não quer Zacuto, já o dissemos, que o medico tenha muitos livros e poucos effectivamente lhe indica para formar a sua bibliotheca. E todavia aconselha-lhe um tratado de mathematica, *sem a qual muitos opinam que não póde haver medico perfeito.* [1]

Parece isto um vestigio da leitura do *Discurso sobre o methodo* de Descartes que apparecera nessa occasião (1637). E quem é o auctor do tratado que recommenda? Adriano Metius, um jurista que trocou o direito pela medicina, e que depois abandonou este pela astronomia, um discipulo de Tycho-Brahe que morreu a ensinar mathematicas em Franecker. [2]

Zacuto, porém, é muito medico para que, apesar da sua illustração, se julgue com direito a emittir opinião fóra dos limites restrictos da sciencia que cultiva. *Nos Medici sumus, non theologi,* diz elle

(1) *Sine qua perfectum non posse esse Medicum arbitrantur plures.* (*Introitus ad praxin*, pag. 10).

(2) *Consule Adrianum Metium in Academia Frisiorum Professorem eximium, in suis libris De doctrina spherica elegantissimis.* (Id.).

como remate de uma questão sobre a eternidade do mundo. (1)

E' adentro dos dominios da medicina que vamos assistir ás modificações que as novas descobertas, os novos methodos imprimem ás suas primitivas ideias.

Como recebe elle a doutrina da circulação? Nenhuma conquista abalou tanto a medicina galenica. Iremos assistir a uma opposição obstinada? De modo algum. A sua attitude é a que hoje chamariamos de espectativa benevola. Logo depois do annuncio da descoberta escreve elle: *De cujus motu* (cordis) *et vi mira conscripsit eruditissimus Gulielmus Harveius, libello proprio de ejus motu.* (2) E' certo que, ao escrever o seu resumo anatomico, ainda repete, na descripção do coração, os erros que Galeno divulgara e sobretudo o de que o septo ventricular era perfurado, (3) e de Emilio Parisano e de James Primerose diz que elles *strenuè dissertarunt* contra Harvey. (4)

Nenhuma phrase vem modificar, porém, o juizo que primitivamente formara a respeito do grande physiologista inglez.

Ha-de haver quem ache esta attitude hesitante pouco de louvar, mas lembre-se o leitor de que a circulação é ao tempo combatida por Riolan, por Parisano, por Primerose, por Plemp, por Guy Pa-

(1) Zacuti, *Operum tomus primus*, lib. IV, pag. 753.

(2) Zacuti, *Operum tomus primus*, lib. II, pag. 250. Este trecho era escripto em 1636 ou ainda antes. O livro de Harvey é de 1628.

(3) Id., lib. VI, pag. 933.

(4) Id., lib. V, pag. 823.

tin, e que, ainda depois da resposta de Harvey ao primeiro, a faculdade de medicina de Paris persiste na sua opposição. A conversão de Plemp, que arrastou outras, data de 1652, dez annos depois da morte de Zacuto, e vinte e seis depois de escriptas as palavras que notamos.

Se ha adversarios de Galeno que verbere asperamente são Paracelso e os seus discipulos, que taxa de impostores, de ridiculos, de matadores do genero humano. ([1]) No seu odio á amaldiçoada seita, admira-se de que um homem do valor de Sennert procure conciliar chimicos com galenistas. ([2])

Não se illuda, porém, o leitor com este odio entranhado. O que Zacuto não quer é que lhe desrespeitem os santos que venera; mas se os iconoclastas são depositarios de uma scentelha de verdade ha-de desaproveitar-se? Não póde ser. E com surpresa vêmos que, em vez de formar ao lado dos que systematicamente se oppõem ao emprego interno do antimonio, o medico judeu é um dos preconizadores do seu emprego.

Milhares de doentes tratou, diz elle, *qui postquam aliorum præsidiorum ope convalescere non potuerunt,*

([1]) *Apage, apage hoc pestilentissimum venenum, à Galeni mente tam longè diversum! Fuge crudeles hujus hominis mores, qui nefariis, ac diabolicis artibus et magicis incontationibus instructus, Galenum temnuit, Avicennam damnat et sanos auctores respuit.* (*Introitu ad praxin*, pag. 14).

([2]) *Quo pacto demiror Sennertum, virum alioquin artis Galenicæ amantissimum qui forsan in gratiam suorum Germanorum, pacem inter Chymicos et Galenicos conciliare tentarit, cum ii nullam inter se admittant.* (*Operum tomus primus*, lib. II, pag. 396).

hujus solum beneficio et potestate, pristinam sanitatem, vacuatis crassis et melancholicis succis, sunt adepti. ([1])

Não seria, porém, Zacuto o clinico prudente que foi se se deixasse levar de enthusiasmos; e, apesar do que acima fica transcripto, casos ha em que reputa o antimonio perigoso, como por exemplo na apoplexia, em que a possibilidade de provocar o vomito lhe parece uma contra-indicação formal. ([2])

Já indicamos que succede coisa parecida com a anatomia de Galeno. Zacuto não é um anatomico praticante, mas entende que o conhecimento da sciencia da organização do homem é indispensavel ao medico ([3]), e o resumo que publicou sob o titulo de *Spicilegium anatomicum* demonstra que a conhecia sufficientemente. Todos sabem, porém, que Vesalio demonstrou á saciedade os muitos erros em que Galeno caíu no seu famoso livro *De usu partium*. Imaginam que Zacuto se arvora em defensor do seu grande mestre, como aliás outros fizeram? Uma ou outra vez assim succede, mas factos são factos e esses acceita-os. Reconhece que na sua Anatomia o medico de Pergamo tem numerosas *ambiguidades* e que Vesalio as aclarou com o seu quasi divino engenho. Lamenta, porém, que o offendesse e injuriasse. ([4])

Zacuto não é portanto demasiado avicenista, como

([1]) Zacuti, *Operum tomus secundus*. Pharmacopoea, pag. 115.

([2]) Zacuti, id., lib. 1, pag. 193.

([3]) *Non posse quempiam locos affectos agnoscere nisi in anatomica scientia sit satis exercitatus.* (Id., *Introitu ad praxin*, pag. 71).

([4]) Zacuti, *Operum tomus secundus, Introitus ad praxin*, pag. 9.

quer Guy Patin, nem defende constantemente Galeno, como affirmam Haller e Banga; é um galenista illustrado e tolerante que acceita a verdade, venha donde vier, e por muito que ella esteja em contradicção com as suas opiniões systematicas.

Sob três pontos de vista o podemos considerar: como anatomo-pathologista, como pharmacologista, como clinico.

Em epocha em que as autopsias eram ainda raras, Zacuto reune um numero de factos anatomo-pathologicos relativamente consideravel. Sempre que póde, abre os cadaveres para afferir a symptomatologia das doenças que observa com as lesões macroscopicas que encontra. Sempre que lhe é dado assistir a uma dissecção, não desaproveita o ensejo. Assim, nos seus livros, encontra-se material para o estudo das lesões da peste, das cardiopathias, dos entozoarios, dos tumores malignos, dos calculos renaes e vesicaes. Se, como parece provavel, os vermes nos rins a que fizemos referencia a pag. 330 e 104 são o *Eustrongylus visceralis*, Gm., é este o primeiro caso registado na sciencia do encontro deste nematoide no homem.

Como pharmacologista encontram-se em Zacuto algumas noticias de plantas e animaes a que attribue propriedades medicinaes. Aproveita as informações que póde obter dos navegantes lusitanos e hollandezes, mas essas informações são por vezes incompletas e não fornecem elementos bastantes para a diagnose das especies a que se refere. Outras vezes, como succede com o maracujá e o ananaz, as virtudes medicinaes que o nosso compatriota lhes attribue não

foram confirmadas pela observação ulterior. Substancia valiosa, uma apenas encontramos notada, a *cola*, mas não podemos affirmar terminantemente que seja elle quem a dê a conhecer, embora nos pareça isso muito provavel.

E' como clinico que avulta a figura de Zacuto. Das rapidas notas que lançamos no papel vê-se que não ha um capitulo da pathologia que lhe não deva serviços. O seu nome é inseparavel da historia de differentes doenças, como a peste, a diphteria, as febres eruptivas, o cancro, etc. Os meios de diagnostico que ao tempo são conhecidos, todos emprega e pratíca. Alguns processos de tratamento recentemente preconizados, como a balneotherapia nas febres, já elle os recommenda e encarece. Isto, porém, ainda não é bastante; é necessario lêr as suas obras para que a impressão de que nos achamos em presença de um grande clinico se radique e imponha. De preferencia aos encomios que lhe dirigiram, nos tempos modernos, historiadores medicos como Sprengel, Chinchilla, e Daremberg, parece-nos que deve ficar como juizo definitivo a seu respeito o que delle escreveu Lorain, que não era um historiador mas um clinico, e que aliás não conheceu a melhor parte da sua obra: "L'auteur est un des plus savants praticiens de son temps, et ses commentaires ou paraphrases donnent une haute idée de ses grandes facultés.„

Crêmos que dos homens do seu tempo Zacuto se póde approximar de Sennert, que elle considerava como o Galeno allemão, e que em duas palavras se póde caracterizar o nosso biographado: *Alter Sennertus.*

NOTA

A pag. 130 deste livro ha uma referencia a Uriel da Costa, em que reproduzimos uma passagem do seu *Espelho da vida humana*, traduzido por nós da *Historia de los heterodoxos* de Menendez Pelayo. Ignoravamos então que a auto-biographia de Uriel da Costa tinha sido vertida directamente do original para portuguez pelo erudito professor A. Epiphanio da Silva Dias, sem os córtes que lhe fez soffrer o grande historiador espanhol. Julgamos portanto de obrigação restaurar o texto, que é como segue:

Outros sete annos durou esta guerra, e no correr d'este tempo padeci cousas que não se acreditão. Guerreavão-me duas hostes, uma a do povo, outra a dos parentes, que buscavão a minha ignominia para de mim tirarem vingança. E os parentes não tiverão descanso emquanto não me desalojárão da posição anterior. Disserão entre si: Elle nada fará, se não fôr obrigado, e cumpre que seja obrigado. Se estava enfermo, via-me sòzinho. Se alguma outra calamidade pesava sobre mim, contavão-na entre os seus maiores desejos. Se dizia que se tirasse d'entre elles um juiz que decidisse a questão entre nós, nada querião menos. Tratar de tal pendencia em juizo, passo que tambem ten-

tei, dava muito incommodo e enfado, sendo que consumia estiradissimo tempo o recorrer aos tribunaes, onde, afóra muitos outros encargos, ha constantemente tantas delongas e adiamentos. Disserão-me muitas vezes: Submette-te a nós, pois somos todos iguaes e não imagines nem temas que procedamos mal comtigo. Dize emfim uma vez, que estás pronto a cumprir o que te impusermos, e deixa-nos a nós o final, que nós faremos tudo como é bem que se faça. Eu, embora a questão versasse justamente sobre este ponto e semelhante submissão e acceitação de imposições arrancada á força fosse para mim grandissima vergonha, comtudo para levar as cousas até o cabo e com os meus olhos verificar-lhes o desfecho, venci-me a mim proprio determinando-me animosamente a acceitar e experimentar quanto elles quisessem. De feito, no caso de as imposições serem feias e deshonrosas, ainda mais justificavão a minha causa contra elles e manifestavão as disposições dos animos d'elles para comigo e a sua lealdade, e patenteava-se de vez o hediondo e execrando dos costumes d'esta gente que tão indecorosamente abusa das pessoas mais honestas como se fossem os mais vis escravos. Pois cumprirei, disse eu, tudo quanto me impuserdes. Agora dai-me attenção, quantos sois honrados, cordatos e humanos, e meditae profundamente, uma e muitas vezes, a sentença que executárão em mim, de todo innocente, elles, pessoas privadas, sujeitas ao poder de outrem.

Entrei na Synagoga, que estava cheia de homens e de mulheres, e quando foi tempo, subi ao taburno de madeira que está no meio da Synagoga para o serviço dos sermões e demais actos do culto; li em voz alta o escrito, redigido por elles, em que eu confessava que merecia morrer mil vezes pelos peccados por mim commettidos, convem a saber: não ter guardado o sabbado, ter violado a fé a ponto de chegar a aconselhar os mais a que não viessem para o judaismo; e que em satisfação de taes culpaes eu queria obedecer ao que me ordenassem e cumprir as penas que me impusessem, promettendo não tornar a cahir de futuro em semelhantes iniquidades e malfeitorias.

Acabada a leitura, desci do taburno e acercou-se de mim o venerando presidente, dizendo-me ao ouvido que fosse para um outro canto da Synagoga. Assim fiz; então o porteiro ordenou-me que me despisse. Despi-me até á cintura, atei um lenço á cabeça, descalcei os çapatos e ergui os braços, pondo as mãos em uma especie de columna. Chegou-se a mim o porteiro e atou-me as mãos á columna com uma faxa. Depois veiu o precentor ([1]) e, pegando de um couro, deu-me trinta e nove tagantes conformemente á prática tradicional — a Lei prescreve que não sejão mais de quarenta, e sendo estes varões tão escrupulosos observadores das leis, guardão-se de cahir em peccar por excesso ([2]). — Durante a flagellação cantava-se um psalmo. ([3]) No fim assentei-me no chão, e o grão-rabbino ([4]) — que ridiculas que são as cousas do genero humano! — chegando-se á minha beira, levantou-me a excommunhão; d'est'arte já me estava aberta a porta do Céo, que antes d'isto, de valentemente trancada, me impedia de entrar. Depois tornei a vestir-me e fui para a entrada da Synagoga. Prostei-me no chão, amparando-me o guarda a cabeça. Então todos quantos descião, passavão por cima de mim, quero dizer, levantando um pé, passavão para alêm junto da parte inferior das minhas pernas. Isto praticavão todos, moços e velhos — não ha bugios que possão apresentar a olhos humanos nem actos mais desentoados,

([1]) *Praecentor.*

([2]) *Pro mensura peccati erit et plagarum modus; ita dumtaxat, ut quadragenarium numerum non excedant.* Deuteronomio, XXV, 2, 3.

([3]) Durante a execução da pena canta-se o versiculo 38 do psalmo 77. No texto hebraico o versiculo tem treze palavras; entôa-se uma palavra a cada pancada, repetindo-se o versiculo tres vezes para o numero das palavras igualar o numero das pancadas. (Devo esta noticia á obsequiosidade do erudito hebraizante o sr. Joseph Bénoliel).

([4]) *Concionator ceu sapiens.*

nem gestos mais ridiculos. — No fim, quando já não restava mais ninguem, ergui-me, e tendo-me limpado do pó, com ajuda d'aquelle que estava ao meu lado — ninguem diga que elles não me honrárão, pois, se me atagantavão, em todo o caso choravão e afagavão-me a cabeça — voltei para casa. (1)

(1) *Uriel da Costa — Espelho da vida humana*, versão de A. Epiphanio da Silva Dias. Lisboa, Imprensa Lucas, 1901, pag. 24, 25 e 26.

DOCUMENTOS

DOCUMENTO N.º 1 ([1])

Ruy Gill Mamdamosuos que dees a Raby abrãao estrolico dez espadys douro que lhe mamdamos dar E asemtaio em voso caderno pera vollo depois asynarmos. feyto em torres vedras a ix dias de Junho pedro lomelim o fez de mjl iiij c lRiij. — Rey · ⋮ ·

Pera Ruy gill que dee a Raby abrão x espadjns pera o caderno — *Assinatura em hebraico.*

(Torre do Tombo. *Corpo Chronologico*, Part. I, Maço 2, n.º 18).

DOCUMENTO N.º 2

Caderno dos Registos delRey nosso senhor começado em a ssua villa de santarem aos xix dias do mes dabrill ano do senhor de myll iiij c lxix (1469) em que som registadas as cartas dos contratos.

([1]) Os documentos que aqui vão transcriptos ou extractados devemol-os, como já frequentes vezes dissemos, ao extremado favor do snr. Pedro A. de Azevedo, estimado e competentissimo conservador do Real Archivo da Torre do Tombo. Não nos leve a mal a sua modestia que mais uma vez lhe confessemos o nosso muito reconhecimento.

. . . .
outra tall de abraao zacuto morador en gouvea. feita a xx dias do dito mes [de abril] do ano suso dito [de 1469].

(*Chancellaria* de D. Affonso v, liv. 31, fl. 25 v.).

DOCUMENTO N.º 3

Outra tal de salamõ zecute judeu morador en gouuea etc. dada em evora xix dias de dezembro. per o doutor pero lobato. Diogo Afomso a fez anno de nosso senhor jhesu christo de myl iiij c lb [1455].

(*Chancellaria* de D. Affonso v, liv. 38, fl. 96 v.).

DOCUMENTO N.º 4

Aos uinte e tres dias do mez de outubro de mil seiscentos e trinta e sette annos em Lisboa nos Estaos e casa do despacho da Santa Inquisiçã, estando ahi em audiencia da manhã o Senhor Inquisidor Dom Aluaro de Attaide, apareceo sem ser chamado Saluador das Neues filho de Abrahão Machorro, natural desta cidade e que depois se passou a uiuer na ley de Moises na cidade de Abstardão e de Ester Zacuto filha tambem de Portugues porem nascida na ditta cidade na qual desde que naceo ate o prezente estado que tem de uiuua professou sempre a ley de Moises e nella uiue. E que elle declarante he tambem natural e morador da ditta uilla digo cidade de Abstardão e sendo prezente por dizer que tinha que denunciar nesta mesa lhe foi dado o juramento dos sanctos Euangelhos em que pos a mão sob cargo do qual lhe foi mandado dizer uerdade e guardar segredo o que tudo prometteo cumprir. De sua edade disse ser de uinte e quatro annos. E sendo muito admoestado na forma do Estillo do Sancto Officio denunciando disse que auera seis ou sette meses na cidade da Paraiba se achou elle declarante por uiuer nella com os olandeses professando a ley de Moises e que

achandosse em hua caza da ditta cidade a qual os judeus que ali rezidem acodem aos sabados em hua sala grande e nella orão e fazem suas ceremonias como em sinagoga que pera o ditto elfeito lhes de[s]peja nos dittos dias hum capitão judeu que mora na ditta caza por nome Moises Peixoto com elle e com os mais judeus publicos que tinhão uindo de Olanda e com Moises de Almeida christão novo Portuges que depois de tomada a Paraiua se foi circuncidar a Abstardão do qual ouuio dizer que era da cidade do Porto e hua sua auo que neste Rejno fora Relaxada pello Sancto Officio e com outro companheiro deste e na do de hum homem chamado Monsancto que auera hum anno foi do Brasil a Olanda a fazerse tambem judeu como com effeito fez o qual he groço e baixo do corpo, e tera sesenta annos e o criado sera de uinte e dois de meiam estatura magro e seco e o Almeida ditto he tambem baixo gordo e pretto e tera uinte annos e com Ambrosio Vieira que sera de sincoenta annos baixo do corpo carregado das espadoas e Manoel Rodrigues da Costa genro deste que sera de quarenta annos grosso e bem desposto e João Nunes do Paço sobrinho do ditto Ambrosio Vieira mancebo de trinta e dous annos bem desposto e aluo do rosto e estando todos juntos comessou o ditto Moises Peixoto a ler por hum livro da lei de Moises perguando a hobservançia della declarandosse por crente e obsernante da ditta ley e a mesma declaração tiuerão com o ditto Moises Peixoto as sobreditas pessoas a saber elle declarante e os judeos que tinham uindo de Olanda e Moises de Almeida e o companheiro deste criado do Monsanto e Ambrosio Vieira e seu genrro e sobrinho os quais ainda se não circumcidaram com temor de que tornara Espanha a recuperar aquelle estado e que dandosse ali contta e declarando por judeus forão lendo cada hum por seu liuro da ditta Ley de Moises o que o ditto Ambrosio Vieira e seu genro e sobrinho fazião por hum liuro de letra portugesa por não saberem ler ebraico como os demais e que feita a ditta oração uocal por espaço de duas oras pedio o ditto Mosem Peixoto hũa esmola para os judeos pobres de Olanda a qual prometterão fazer todas as sobredittas pessoas e que por então não passarão mais cousa algũa mas que dentro de dezoito dias vio que o ditto Ambrosio Vieira mandou hum fecho de asucar para a ditta esmola que se pedio na sinagoga e que por outras muitas uezes encontrandosse com as sobredittas pessoas se tratauam como crentes na lei de Moises.

Disse mais que auera hum anno mez e dias de que ao certo se não lembra na cidade *(sic)* de Pernãobuco na botica de Moises Nauarro se achou elle declarante com o ditto Moises Nauarro e com Fernão do Valle senhor do Eingenho de S. Bertholomeu e estando todos juntos entre praticas que tiuerão disse o dito Moises Nauarro a elle declarante por occasião de lhe perguntar como trazia espada o ditto Fernão do Valle sendo prohibida aos outros portugeses catolicos que uiuia na lei de Moises e era tambem a ditta sua crensa ao que o ditto Fernão do Valle se rio declarandosse por esta e por outras muytas vezes que cria e uiuia na ditta ley. Disse mais que auera cousa de sinco annos na ditta cidade de Abstardam estava hum mancebo de trinta annos alto do corpo, aluo e meio louro que mette hum olho pello outro e pouoado de barba o qual era circuncidado e tinha nome de judeu e o apelido de Garçes e por furtar hum pouco de dinheiro a seu amo se uiera para este Reino e desiam que andaua nesta cidade e que desde minino se achou com elle na sinagoga de Abstardão e que ate o tempo de sua absencia se trataram por crentes e obseruantes da ditta ley de Moises.

Disse mais que auera quatro annos pouco mais ou menos na dita cidade de Abstardam se achou elle declarante *em casa de Abrahão Zacuto seu parente e casado com hũa sua Tia materna o qual foi desta cidade a de Abstardam a tornarse judeu como de prezente he e estando ambos lhe mostrou o ditto seu cunhado* (sic) *hũa carta que lhe escreuia sua may desta cidade em a qual lhe disse que uiuia e era uiuua e borladora e do nome se não lembra e que tem duas filhas tambem borladoras e que de hua dellas era a letra da ditta carta em a qual dezia que a uiesse buscar que era já uelha que não queria morrer entre christaos e que seu aria de ser o peccado de morrer no inferno desta cidade e falando lhe por tu lhe desia « tu não te lembras de tuas irmans » e que isto he o que lhe leo da ditta carta o ditto seu cunhado.*

Disse mais que auera tres annos na ditta uilla de Pernãobuco se achou elle declarante em caza de Duarte Saraiua em a qual fazião sinagoga com elle e com Manoel Rodriges Mendes que era morador em Pernãobuco e estando todos tres se declararão e derão conta por crentes e obsernantes da ley de Moises e por esta uez não passarão mais cousa algua mas por outra tiuerão a mesma declaração na ditta sinagoga estando nella aos sabados fasendo as seremonias que tem ditto e encarregandosse o dito Manoel Rodriges da Esmola da sinagoga.

Disse mais que auera dous ou tres annos lhe disseram na ditta uilla de Pernãobuco no Aracife alguns judeus de Olanda amigos seus e de Balthesar da Fonseca morador na ditta uilla e nella mercador e parente do ditto Ambrosio Vieira que o ditto Balthesar da Fonseca e Gaspar Francisco tambem morador e mercador em Pernãobuco que crião e uiuião na lei de Moises porem muyto escondidamente por temerem que ainda Espanha restaurasse aquelle estado e al não disse.

Perguntado se lhe parece que as dittas pessoas de que tem ditto se declararão na ley de Moises lhe parece que o fazião de coração ou fingidamente por alguns respeitos e temor ou conuiniencia. Disse que todas as pessoas de que tem ditto de sua liure vontade e com muyto gosto e consideradamente se declarauam por crentes na ley de Moises e que por tais os tinha.

Perguntado se aos judeus a que ouuio que os catholicos de que tem ditto crião na ley de Moises lhe pareceo que falavam uerdade e com que fundamento costumão diser semelhantes cousas. Disse que os dittos judeos e os demais não costumam dizer de nenhum catolico que he judeo se não constandolhe com muita certeza e auendo se declarado com todas as mostras dos que creem e observam a ditta ley de Moises, e que tinha os dittos judeos por uerdadeiros que lhe disseram uerdade no que toca as sobredittas pessoas de que uiuião na Ley de Moises. Disse mais que hũa molher que matarão em Madrid no anno de trinta e hum ou trinta e dous a qual não sabe o nome e foi no tempo em que prendiam muitos christãos nouos na ditta corte de Madrid, sabe elle declarante que a matou hum mancebo christão nouo alto do corpo, preto morador na ditta corte de Madrid que tinha duas irmans sem remedio e por lhe offerecer hum fulano Saraiva que lhe parece ser o nome proprio Manoel homem rico e poderoso que lhe daria com que remediasse as dittas suas irmans se matasse a ditta molher o ditto mancebo a matou o qual agora lhe lembra ser natural de Villa Real, e que o ditto Manoel Saraiva lhe mandou matasse a ditta mulher porque acusaua muytos christaos nouos no Sancto Officio e se temia que lhe fizesse o mesmo, e que tanto que fez a ditta morte o despachou pera a ditta cidade de Abstardão onde se circumcidou e tomou nome de Dauid e que perdendo o juizo o remetteram os judeus daquella cidade ao hospital que tem em Constantinopla o que elle declarante sabe por estar no ditto tempo negoceando em

Constantinopla e lho remetterem a elle declarante com hũa *carta de seu tio o Doutor Abrahão Zacuto que hauera dose annos se foi tambem desta cidade a de Abstardão a uiuer na lei de Moises e que era natural desta cidade, homem uelho branco de cabello surdo de meaam estatura de hua barba larga e grande e que nesta cidade se chamaua fulano de Tauora parente aqui de huns homens que chamam os Tangeres e que se foi com sua molher e tres filhos e duas filhas a ditta cidade onde todos uiuem na ley de Moises* e que desta lhe escreuem muytas pessoas muy ordinariamente e que na ditta carta lhe escreuia a elle declarante tudo o que tem ditto deste mancebo per nome Dauid e que o recolheo no dito hospital como elle fez e nelle o deixou muyto forioso gritando sobre o ditto Manoel Saraiva.

Perguntado que o moueo a fazer esta denunciação. Disse que per desemcarregar sua consciencia dizendo tudo o que pode seruir pera estirpação das heresias e se tratar o remedio dos que andão apartados de nossa sancta fee catholica a qual esta redosido de todo o coração e por auer pouco tempo que vai instroindo nas cousas da Religião christã não veio mais cedo a esta mesa e al não disse e ao costume nada E sendo lhe lido este seu testemunho e por elle ouuido e entendido disse estar escrito na uerdade e que somente tem que declarar que os judeos de Abstardão dizem e tem por certo que quasi todos os homens da nação deste Reino uiuem na lej de Moises e que por seus enteresses particulares deixam de se passar a Olanda e ser judeos publicamente e que entende elle declarante pellos muytos christaos nouos que uia passaram se aquellas partes e serem judeos circuncidados padessendo muito na circuncisão e pellas comrrespondencias que tem com os christaos nouos moradores neste Rejno que he assi uerdade que quasi todos uiuem na ley de Moises e que não tem nada que tirar nem acresentar nem dizer de nouo ao costume. E que assi o affirmaua ratificava e dezia de nouo sendo necessario de baixo de juramento dos Santos Euangelhos em que pos sua mão ao que tudo estiueram prezentes por hoestas e religiosas pessoas que a tudo uirão e ouuirão e prometterão dizer uerdade ao que lhe fosse perguntado debaixo do ditto juramento os Reverendos Padres Gonsalo Veloso, Francisco de Gamboa de Gouuea sacerdotes residentes nesta cidade que ambos aqui assinaram com o ditto senhor e o denunciante. Fernam Soares notario que o escreui. — *D. Alvaro de Attayde — Gonsalo Veloso — Francisco de Gamboa.* — De Salvador das Neves uma cruz.

E hido pera fora o denunciante foram perguntados os dittos padres se lhes parecera que falava uerdade e se lhe deuia dar credito a seu testemunho e por elles foi que si lhes parecia que falaua verdade e se lhe devia dar creditto a seu testemunho e tornarão a assinar com o dito senhor. Fernão Soares o escreui — *D. Alvaro de Attayde — Gonsalo Veloso — Francisco de Gamboa.*

(Caderno 16 dos papeis do Promotor de Lisboa, fls. 518 a 525).

DOCUMENTO N.º 5

Aos vinte e sete dias do mes de Junho de mil e seiscentos e quarenta annos em Lisboa aos Estaos e casa do despacho da Santa Inquisição estando ahy em audiencia da manhã o senhor Inquisidor Diogo de Sousa mandou uir perante si a Francisco Alvares Peres... hera lembrado que hauera des mezes pouco mais ou menos se achou elle declarante em a cidade de Amstradão, pella occasião que tem declarado e alli vio a Manoel Alvares que por outro nome Judaico se chama la Abrahão Zacuto ao qual ouvio dizer que elle [era] natural desta cidade e que tinha nella a hũa Irmam moradora na rua dos ouriues do ouro, mas não a nomeou nem elle declarante a conhece, e elle he la casado, não sabe com quem, e he corretor.

(Caderno 19 da Inquisição de Lisboa, fl. 175).

DOCUMENTO N.º 6

Aos tres dias do mes de Agosto do anno de mill e seiscentos e trinta e noue em Lisboa nos Estaos e Caza do despacho da Santa Inquisição estando ahy em audiencia da manhã o senhor Inquisidor Dom Aluaro de Attayde mandou vir perante sy o Licenciado Feliciano Dourado natural da Paraiba estado do Brasil e hora residente nesta cidade, por ter que denunciar nesta meza... e disse ser da idade de vinte e noue annos.

. . . .

Disse mais que no mesmo tempo [1635] se achou elle declarante na ditta cidade de Amsterdão, em hum dia de que em particulas se não lembra com dous Judeus, dos quaes hum se chamaua Manasse ben Israel o qual entre elles he Rabino e do nome do outro se não lembra aonde entre praticas que tiveram lhe derão os dittos judeus muitas queixas do aperto que lhes fazião em Hespanha pera que não fossem iudeus e hé a primeira cousa, em que fallão aos Hespanhoes, quando os encontrão, e continuando nas dittas rezões, com grande sintimento e queixa e lhe disse o ditto Manasse que por mais que fizessem em Hespanha, lhes não hauião de tirar serem iudeus, porque quantos christãos nouos hauia em Hespanha erão christãos violentados, e que desde Olanda hião todos os annos algũs Judeus a corte de Madrid, e a outras muitas partes destes Reynos de Hespanha a circuncidar os christãos nouos, ao que lhe foy a mão o outro iudeu, aduirtindolhe que fazia mal em descubrir aquillo diante delle declarante porque havia de uir a Hespanha e contallo e poderia preiudicar as pessoas da sua nação e cõ esta aduertencia o ditto Manasse deitou a couza a zombaria, dizendo que dizia aquillo por graça, e elle declarante tambem se fez desentendido, e não passarão mais antes nem depois sobre esta materia.

(Caderno 19 da Inquisição de Lisboa, pag. 7).

DOCUMENTO N.º 7

Aos tres dias do mes de Agosto do anno de mil e seiscentos e trinta e nove em Lisboa nos Estaos... Dom Alvaro de Attayde mandou uir perante sy a Antonio Dourado estudante natural da Paraiba... christo velho de idade de dezenoue annos.

. . . .

Disse mais que no ditto tempo (1635) se achou elle declarante na ditta cidade de Amsterdão na caza em que elle declarante moraua e estando ahy com o ditto seu irmão os uieram uizitar dous judeus dos quais hum delles era Rabino e se chamaua Manasses e do nome do outro se não lembra e entre praticas que tiuerão lhes disse o ditto Manasses e deu muitas queixas

do mao tratamento que em Hespanha se daua a gente da nação hebrea e que toda ella era christã forçada, e que todos os annos mandauão os judeus de Olanda hum judeu a Corte de Madrid, o qual hia circuncidar os christãos nouos espanhoes moradores na ditta Corte e que discorria por uarias partes de Hespanha circumcidando os homẽs da nação que nellas morauão ao que acodio o ditto judeu reprehendendo-o do que dizia diante do ditto feliciano dourado irmão delle declarante porque uindo a Hespanha o hauia de dizer e podia cauzar preiuizo as pessoas de sua nação e o ditto Manasses fez então que estaua zombando e não fallarão mais nesta materia por esta nem por outras vezes. (Id. fl. 12).

DOCUMENTO N.º 8

Aos quatorze dias do mes de nouembro de mil e seiscentos e trinta e noue annos em Lisboa nos Estaos e casa do despacho da Santa Inquisição estando ahi em audiencia da manhã o senhor Inquisidor Diogo de Sousa mandou uir perante si a Duarte Guterres Estoque natural e morador nesta cidade por pedir mesa da sala desta Inquisição... e disse ser solteiro e filho de Guterres Romão Estoque e de Maria Francisca moradores nesta cidade e que sera de idade de trinta e quatro annos.

. . . .

Disse mais que auera oito ou nove anos pouco mais ou menos na dita cidade de Astradama na sinagoga dos judeus vio elle denunciante a hum Cristão nouo o qual estaua na dita sinagoga com hũa toalha branca sinal con que costumão estar os judeus na dita sinagoga e que falando com o dito iudeo portuges lhe disse que se chamaua manoel dias soeiro e que era natural da ilha da Madeira e despois sobera de outras pessoas que o dito christão nouo se chamava do dito nome e que era natural da dita ilha, o qual em ebraico se chamaua na dita cidade Manase aben Israel e que era publico Rabino e professor da lei de Moises o qual disse a elle declarante que tinha mandados dois caixois de livros que tinha composto a Espanha hũ caixão e ao brasil outro e que o liuro se intitula reconceliaçones de la sagrada escritura e que elle denunciante tem hum dos ditos liuros em seo poder que está ainda na alfandiga e o trara a esta mesa (Id. fl. 21).

DOCUMENTO N.º 9

Aos desaseis dias do mes de junho de mil e seiscentos e quarenta annos em lisboa nos estaos... o senhor deputado Dom Leão de Noronha... mandou vir perante si a Roque Ferreira, mercador... disse que conhecera... a manel dias soeiro que tinha officio de corretor em Olanda o qual residio muitos annos na Ilha da Madeira, mas não sabe donde seia natural. (Id. fl. 434).

EXTRACTOS E DOCUMENTO N.º 10

O mandado de prisão de Vicente Nogueira, sacerdote, conego da sé de Lisboa, morador nas casas dos diamantes ou dos bicos na Ribeira, é datado de 17 de junho de 1631 (Fl. 1).

Foi entregue nos carceres da Inquisição no mesmo dia. (Fl. 2).

O primeiro denunciante foi Clemente de Oliveira, christão-velho, natural de Cantanhede, de 21 annos. Tinha sido pagem de Vicente Nogueira, em quanto este residiu em Coimbra numas casas junto do mosteiro da Trindade e mais tarde tambem o serviu em Lisboa morando o conego junto da Sé. Denuncia de 20 de novembro de 1614. (Fl. 3).

Em 20 de setembro de 1620, tambem denunciou a D. Vicente Nogueira Francisco Botelho, creado de Christovam d'Almada, em casa de quem esteve um mês o referido conego, havia uns 10 ou 12 annos. Mais tarde, haverá uns quatro annos, vivendo D. Vicente a Santo Eloi foi o referido denunciante a casa delle. (Fl. 5).

Em 15 de outubro de 1620, foi denuncia-lo Pero Teixeira, morador em casa de Pedro Cesar. (Fl. 6).

Denuncias de Antonio Moniz Barreto, José Ribeiro, morador em Oeiras (vivia a então D. Vicente na Cartuxa), Francisco Correia da Silva, natural de Setubal, Vicente Ferreira, Antonio Dias do Rio, criado do conego Manuel Pereira (este declarou «não acabou de entrar bem [o membro viril de D. Vicente no traseiro do denunciante] por amor da sua barriga), Marcos Vieira, Abrahão Hugo, hollandês, tambem chamado Antonio de Torres, João Garcez, Jacinto Lopes Ferreira, Simão Monteiro, Manuel da Fonseca. (Fls. 7 v. a 20).

Francisco Peres Godinho declarou em 6 de dezembro de 1630 sendo chamado, que seu sobrinho Manuel Pereira, moço do coro, foi encarregado por D. Vicente de o ajudar a abrir os armarios da casa do cabido e chegar-lhe os livros a que o conego queria fazer os indices, como pretexto para abusar delle (Fl. 21).

Houve ainda mais testemunhos do mesmo teor.

D. Vicente fez a primeira confissão em 15 de novembro de 1614. Tinha então 28 annos. Declarou que tinha tido relações em Coimbra com João Astor Brancaleão, natural de Buldruc *(Bois-le-Duc)* no estado de Flandres, agora residente em Napoles como soldado. Teve mais relações estando em Madrid em 1609 com D. Bartholomeu de la Penha e com João Baptista Toalha, pagem do collector Garrafa que ora é Cardeal, e ainda na mesma cidade residindo em casas alugadas a D. José de Tarsis, correio mor de Castella e Conde de Villa Mediana, com João Baptista, romano, pagem do Duque de Feria, e em Coimbra com D. Jeronimo de Azevedo, sobrinho do Vice-Rei da India, agora frade de Santa Cruz. (Fls. 44 a 53).

A segunda confissão foi em 27 de novembro de 1630 tendo então 44 annos. (Fls. 54).

Petição de Vicente Nogueira ao Santo Officio para lhe ser restituido um dinheiro que lhe tinha sido roubado. (Fl. 65).

Em 2 de dezembro de 1630, declarou ter tido relações em Madrid com D. Christovam de Sarate, biscainho, gentil homem do Conde de Miranda, com D. Martim de Barrute, pagem do Duque de Alba, e com D. Luis Ochoa, pagem do Conde de Villalonso. (Fls. 67 a 71).

Protestação de arrependimento escrito e assinado por Vicente Nogueira. Começa: Se eu por meus grandes pecados tenho asco de mi e me aborreço a mi proprio... (Fls. 72 e 73).

Genealogia: «Dice que elle se chama Vicente Nugueyra e he christão velho de quarenta e sinco annos de idade [1], sacerdote Conego na see de Lisboa, como ditto tem e foy Dezembargador na Caza da Supplicação natural e morador nesta cidade filho do Dr. Francisco Nugueira do Conselho de Sua Magestade em Madrid e da Donna Maria de Alcaseua, mulher de seu Pay e que não cochecco Auos nem tem Thios, nem Thias irmãos de pay ou de may,

[1] Em 1632.

somente Sebastião Afonso de Alcaseua irmão de sua may morador nesta cidade. E que elle tem hum so irmão Paulo Afonso Nugueira, mulher em Madrid solteiro e que elle he christão Baptisado e o foy na igreja de Sancta Marinha por hum sacerdote, que lhe pareçe se chamaua Matheus Bernardes e foy seu padrinho. Sebastião Barbosa desembargador do Paço, e he chrismado na see do Porto pello Bispo Dom Jeronimo de Menezes e foy seu padrinho Gaspar Gomes, e tanto que teue uzo de rezão, hia a igreja e se confessaua e comungaua e ouuia missa e pregação e fazia as demais obras de christão e auerá vinte annos, que se ordenou de sacerdote, e logo posto de giolhos se benzeo e dice o padre nosso Aue Maria, creo em Deus padre, salue Rainha os mandamentos da ley de Deos».

«Dice que a Castella fôra e la estivera tempos, e não sahira de Hespanha e que nunca fora preso, nem penitenciado pelo Sancto Officio nem parente seu». (Fls. 78 e 79).

A audiencia da genealogia foi em 15 de julho de 1632.

Testemunhas apresentadas por Vicente Nogueira aos diversos artigos de sua defesa: o P.e Diogo de Areda, o P.e Jorge Cabral, o P.e Nuno da Cunha, o P.e Diogo Pereira, o Dr. Gabriel Pereira de Castro, o Dr. Thomé Pinheiro da Veiga, o Dr. Balthasar Pinto Pereira, o P.e Alvaro Pires, o P.e Mestre Fr. Antonio de Sousa, o Doutor Antonio das Pouoas, o licenciado Gonçalo Nunes de Avila, o licenciado André Rodrigues, o Licenciado Antonio da Fonseca, o Licenciado Lourenço Brandão, o licenciado Luis de Mello, o P.e João de Matos. (Fl. 61).

Arrazoado da letra de Vicente Nogueira em que pede misericordia. (Fls. 138 a 154).

O accordam em que foi condemnado diz «Declarão ao Reo Vicente Nogueira por conuicto e confesso no ditto crime de sodomia e que encorreo em priuação de seus beneficios, e em confiscação de todos seus bens... mandão que o Reo ouça sua sentença na salla do Santo Officio ante os Inquisidores e seus officiaes e outras pessoas de fora que lhe parecer e o suspendem do exercicio de suas ordens e uzo dellas té merce do Illustrisimo Senhor Inquisidor geral e o degradão pera sempre pera a Ilha do Principe». Foi lavrado em 8 de janeiro de 1633. (Fl. 162).

Requerimento em que pede para não ir á Ilha do Principe e poder demorar-se mais algum tempo. Foi despachado que parta immediatamente. (Fl. 16).

Foi entregue a Agostinho Freire, mestre do navio N. S.ª dos Remedios em 28 agosto de 1633. (Fl. 172).

Conforme os ditos de tres testemunhas Vicente Nogueira esteve residindo na Parahiba onde usava o nome de Domingos Pereira e advogava, até que recebeu ordem do governador Antonio d'Albuquerque para embarcar, o que fez partindo do Porto de Monganguape em 7 de setembro de 1635. A bordo continuou com os seus costumes. Vicente Nogueira desembarcou na Galliza no porto de Mungia, de onde passou ao logar de Camarinhas e depois a Compostella a esperar mulas que o levassem a Madrid onde tinha um irmão, tendo feito constar que se ia meter a religioso em S. Lourenço *el Real*. (Fls. 173 até final).

«Ao primeiro dia do mes de feuereiro de mil seiscentos e trinta e cinco annos em Lisboa nos estaos e casas do despacho da Santa Inquisição estando alhy em audiencia da menhã o senhor Inquisidor Diogo Osorio de Castro appareceo sem ser chamado o padre fr. Bento Pais religioso da Ordem de São João de Deus natural desta cidade e nella hora residente e morador em Castella, por se lhe auer mandado que antes de se auzentar desta cidade uiesse a esta meza para se lhe tomar se parecesse o que em uos se lhe tinha ouuido nella e para em tudo dizer uerdade e ter segredo lhe foi dado juramento dos santos euangelhos em que pos a mão sob cargo do qual prometeo de assy o fazer, de sua idade disse ser de vinte e dous annos e denunciando disse que elle se partira do porto desta cidade para as partes do Brasil em uinte e noue de Agosto de seiscentos e trinta e tres e no mesmo dia sahio daqui hum navio que hia para a Ilha de Sam Thome e nelle hia Visente nugueira que bem conhecia por conego desta see e tinha ouvido que fora prezo neste santo officio pelo pecado nefando, e o dito nauio aportou tambem nas partes do Brazil e ally saio o dito Vicente Nugueira uestido de cor porém como clerigo com barba e bigode crecido nomeandose por Domingos Pereira e ally esteue na Paraiba algum tempo auogando por terceira pessoa, e depois se foi estar algum tempo em hum engenho de hũ Jorge Lopes Brandão da mesma capitania, o qual lançou della e era fama publica na Paraiba que fora lançado por seus maos costumes e tornandose a Paraiba e ganhando algumas patacas no ditto officio de auogar e succedendo partir hũa caravella do Porto de Monganguape em direitura a este Reyno segundo se dizia se embarcou o ditto Vicente

Nugueira na ditta caravella por ordem do Capitão Antonio de Albuquerque na qual elle denunciante tambem ueo e no discurso da viagem deu o dito Vicente Nugueira grande escandalo na ditta caravella aos que nella uinham porque pegaua nas pernas aos rapazes e no trazeiro e os persuadia que se deitassem a dormir a par delle e fazendo se hia chegando para elles e os dittos mossos lhe fugião e hum mosso por nome Balthezar que he de Lessa e outro por nome Vicente daqui da Attouguia que uinha por criado do capitão Lourenço de Brito Correia morador nesta cidade ao Loreto e hum mosso por nome Manoel natural de Settuual pagem da carauella e outro por nome Filippe que não sabe donde he dizião a elle denunciante e ao capitão Roque de Bayros e Lourenço de Brito que o ditto Vicente Nugueira lhe daua tostoes e lhes promettia que em terra lhes auia de dar uestidos e dinheiro e lhes pegava nas pernas sem declarar o que pretendia mas entendiasse que seria para commetter com elles o peccado pello que delle se dizia e que o succedendo terem hũa grande tormenta no mar, se metteo com elle em hũ camarote leuadisso que ally uinha para confessar ao ditto Vicente Nugueira hũ frade da ordem de S. Bento por nome Fr. Ildefonso das Chagas que ficou la na Galiza não sabe para onde iria mas era portuguêz, e depois de la auer estado hum espaço com o ditto Vicente Nugueira e vindosse para o Camarote onde elle denunciante estava com os dous capitães nomeados e outras pessoas disse o dito frade *botem aquelle camarote ao mar* e dizendo hũ homem que ally vinha que se chamava João Nunes da Fonseca, *comtudo o que nelle está?* ho frade disse *comtudo,* e estando ainda dentro o ditto Vicente Nugueira e aportando a ditta caravella em hũa ria de Galiza que chamão Mungia junto a hum logar que chamão Camarinhas disse o dito frade ally ao Capitão Roque de Bairos que o contou a elle denunciante que o ditto Vicente Nugueira lhe auia promettido de lançar fora de sy hum mosso que comsigo trazia que se chamava Nunez e não lançaua e que lhe parecia que fizesse, que dizião ser desta cidade e filho de hum serieiro e aqui o uio elle denunciante nesta cidade por duas vezes hũa dellas foi junto a Santo Estevão de Alfama, e o ditto mosso he alto do corpo, rosto meudo sobre moreno começalhe o buço, tem hum sinal como de ferida sobre a parte direita do beiso segundo sua lembrança e anda de Baeta comprida, mas tras espada e ally no porto de Mungia esteue o ditto Vicente Nugueira alguns dias sem deixar sair de casa ao ditto mosso e que depois o deixou em Com-

postella porem dizia digo *(sic)* e não soube mais delle mas dizia que se auia de ir direito a Madrid onde tinha hum irmão e que isto era o que tinha que denunciar nesta meza e o fazia por descargo da sua consciencia...... » (Fl. 173).

O capitão Lourenço de Brito Correia declarou que partio do porto Manguanguape em 7 de setembro de 1634 e chegou em 24 de outubro á ria de Mungia. E mais declarou que « no logar de Camarinhas se agazalhou o dito Vicente Nogueira com o dito moço Nunes, e depois junto a Compostella o encontrou com o mesmo Nunes, e lhe disse que hya ally esperar mullas para se ir a Madrid e dantes lhe havia dito que se havia de metter religioso em San Lourenço el Real » (Fl. 176 v.).

(Torre do Tombo, processo n.º 4241
da Inquisição de Lisboa).

CARTAS E PROLOGOS DE ZACUTO LUSITANO

Sapientissimo viro, domino Menasseh
Ben Israel, sacrorum librorum eruditissimo interpreti, Salvtem.

Sacræ Bibliæ varia loca, tenebricosa, immò ardua, & intricata à te affabrè cõciliata, in unum volumen sempiternæ memoriæ commendandum congesta accepi, vidi, legi: & quidem simul adeò cupidè, ut prius penè ad calcem præ studio peruenisse, quàm ex carceribus promouisse me senserim. Mox tuorum verborum suaui, quin Ambrosio planè odore ueluti delinitus animam recreavi: nam sententiarum veluti sapor quidam dulcissimus ex illecebris orationis tuæ emanans ita palatum irritavit, ut quasi helluo aliquis vix commansas epulas has tam lautas, tam opiparas devoraverim: ita fermentatam tuam inueni eruditionem: quoquò enim me verto, turget undequaq̃ auctoritatibus .Quis enim indefessos labores tuos in hoc eruditissimo puluere non suscipiet, ac venerabitur? Quis felicissimas velificationes tuas in tam vasto pelago, magnorum nauarchorum bolide numquam non tentato, at numquam explorato, & dignitate summa, & amplissimarum laudum præconijs non præferet? Hebræorum tum veterum,

cum recentiorum peritissimi á primis illis sæculis usque ad nostrum ævum, circa divinæ legis mysteria explicanda strenuė insudantes, fecere consilia, controversias, concordantias. Thalmudicæ scientiæ auctores in explanandis obscuris dubijs inter omnes excellunt. Alij in interpretandis sacræ paginæ asperioribus clivis primas tenuere. Quidam dictionaria construxere locupletissima verborum serie ornata. Plures recondita Mosaicæ scientiæ oracula subtilissimis disputationibus illustrarunt. Demum plurimi ingenio præstantiores secretiora Sacrosanctæ legis arcana, Moysi cælitus reuelata, quæ Sapientes viri, mira eruditione, & pietate insignes, in varia volumina congessere, quam Cabalam dixerunt, acuto scribendi stylo, scientia singulari, doctrina exacta sunt interpretati, quæ ineffabilem de divinitate, angelicis intelligentijs sapientiam, & de rebus naturalibus accuratam traditionem continebant. At nullus superiorum scriptorum tuum attigit institutum. Omnium enim in hoc argumento primus, & inter Israeliticos sapientes antesignanus, & coryphæus, omnes quæstiones Peutateuchi, pallantes illas quidem, & in varijs, abditisq̃ sacræ, scripturæ locis dispersas compendioso ordine disposuisti, dispositas acri tua minerva, & præstantissimorum Theologorum auctoritate ita graphicé, eleganter, & breviter conciliasti, ut *conciliator* ab Hebræorum scientissimis possis posthac, & debeas jure optimo nuncupari. Opus enim quod tentasti, non solum his, sed sacrarum literarum studiosis est apprimé necessarium, & illarum facundissimam doctrinam affectantibus jucundissimum, in quo condendo, ita nervos, conatusq̃ omnes imposuisti, ut loca obscura, quæ prima facie inuia, repugnantiaq̃ videbantur, nunc solertis tui ingenij industria admiranda, non rudioribus modó, sed & cæteris eruditioribus, plana manifestaq̃ existant. Nam divina instructus arte antinomias difficiles diligentissime proponis, ingenio raro dissertans earum dilucidam explanas solutionem, incredibili scientia dubiorum labyrinthos extricas, varia auctorum lectione eorum causas perscrutaris, præexcellenti doctrina ad quæsita respondes, ingenuė deliberas, prudentissimé animaduertis, argutissimé obijcis, Hebræorum doctissimos ad sacrorum librorum penetralia investiganda veluti manu ducis, & eminentissimorum Rabbinorum mentem non perfunctorie, sed firmissimis rationibus expendis, enucleas, emedullas. Deniq̃ quod-quod alij longis ambagibus, perplexé, & quod plus est, dispersim tradidere, id tu in synopsi exhibes, ac repræsentas. Neq putes me in eorum numero esse qui sub capite consuunt puluinaria. Si assentior, sim contemptui

doctis omnibus quorum illibatum iudicium tibi quasi pro lapide lydio debet esse, quo approbari facilè credo scribēdi genus illud tuum minimè triviale, cultum quinimmò, subactum exercitatione multa, & sparsum ueluti fruge bona veterum lectionum. Quare auguror, nec me, puto, fallit judicium, multum tibi ex suscepto labore, Israelitico populo plurimum collaturo, & laudis, & gloriæ, ob argumenti novitatem, nostrum æuum relaturum. Perge igitur, quæso, charissimè Menasseh, qua cœpisti ope, Hebraicam rempublicam juvare, & residuas, quas domi paratas, & ornatas habes, in omnes sacros libros, huius argumenti featuras in publicam utilitam emitte. Omnipotentem precor, ut tibi animum ad labores subeundum alacrem & vitæ diuturnitatem concedere velit. Vale & Zacutum tuum ama, te, divinarumque literarum studiosos sedulos perpetuò amaturum. Amstelodami diè ultim. Mensis August. Anno 1632. Te summècolit, & observat.

Doctor Zacutus Lusitanus.

Transcripto de Menasseh Ben Israel: *Conciliator* sive *de convenientia locorum S. Scripturæ, quæ pugnare inter se videntur, esto es conciliador o de la conveniencia de los lugares de La S. Escriptura que repugnantes entre si parecem.* Francfurti 1632.

AD CLARISSIMUM VIRUM PAULUM ZACCHIAM

Summo Medicinæ Antistiti,

Mirabelis fortasse, Eruditissime Zacchia, quod ad te ignotus scripserim, & præsertim tanti nominis Virum. Verùm, si ad hujus calcem Epistolæ perveneris, invenies profectò, si ignotum, saltem tui amantissimum, & acerrimum tuarum laudum propugnatorem. Cum videndi Quæstiones tuas Medico-Legales jam diù desiderio exardescerim, quarum mirificam doctrinam omnis Medicorum chorus unanimiter suspicit, & veneratur, ecce convenio Bibliopolam, qui, cùm me doctorum librorum helluonem agnoscit, in manus meas obtulit statim opera tua, quatuor in Libros partita, Lipsiæ in octavo excusa. Ea omnia, vidi, legi, obstupui: nec enim putabam in nostræ professionis hominibus tot diversarum facultatum dotes eximias posse cumulari: arbitrabar enim, quod de te constantissimè conci-

piunt omnes, & scientissimus Stephanus Rodericus Castrensis, Pisanæ Academiæ primarius Professor pleno ore prædicant, me non minus eorum multijuga lectione, quàm multiplici eruditione delectatum iri. Verùm superavit præsentia faman: inveni siquidem non sellulariam, ac trivialem in eis doctrinam, sed qualem Hippocratis, aut Ulpiani, Græcæve antiquitatis fuisse memorant: nam in his scientiis adusque miraculum cæteros excellis; cùm sis, mirum dictu, in Auctorum lectione versatissimus, quoniam graviter disserta, subtilissimò objicis, & ardua, atque hactenus non tentata dubia, omnium primus in argumento novo patefacis, aperis, emedullas. Reliquum est, ut quintum Librum, quem te scripturum polliceris in quo de Monstris, ut audio, agis eximiè, pro liberalitate, & tua in doctos humanitate, mihi remittas, nam erit senecturis meæ solatium: nec enim per Venetias, aut Pisas tibi deerit occasio. Pro honorifica verò illa mei nominis mentione, quam ingenuè nimis Operi tuo postremo inseruisti, gratulor tibi, & summas gratias ago, hoc ego facere specialim conor in quadam meæ supellectilis fœtura, nempe lib. de medic. Princip. Histor. 3. qui jam sub prælo gemit (nam secundus ejusdem instituti propediem licis usura fruetur), in qua tuam prædico scribendi facundiam, tuum miris laudibus ingenium extollo ingenuum, tuam eximiam, & raram doctrinam variis præconiorum titulis collando. & tua auctoritate Librum præsertim tertium exorno. Cùm videris secundum, qui citissimè prodibit in lucem, sicut tertium, & alios, alterius argumenti Libros, & praxim admirandam, quæ applausu in tota Europa fuit excepta, prostatque Venetiis, Pisis, & quandoque juvat, atque appetitur oliva. De cætero enixè precor, ut festinanter rescribas, rogans thesauros residuos, quos domi te habere omnes norunt, expendas tuos, quibus universa Medicorum Tribus fœcundetur. Vale ergo, Amantissime Vir, & Zacutum tuum amare ex animo perge, nam & ego te, ob præclara tua animi, & corporis insignia, ex toto corde redamo. Vale iterùm, Æsculapius ipse meus, & Medicinæ decus. Amstelodami, 10. die Novembr. 1635.

Tuas manus Illustres non semel exosculatur

Zacutus Lusitanus,

M. D.

EIDEM

Viro Omniscio.

Vulgare est, Vir Clarissime, ut, qui pauló feriùs ad Amicorum litteras respondeant, nimias suas occupationes excusent. Ego veró, quó minùs maturè ad te scripserim, non tam culpam confero in occupationes, quanquam ne ipsæ, quidem mihi studiorum negotiis occupatissimo defuerunt quàm in loci distantiam, & tabellariorum negligentiam, ac penuriam: sed relictis his, accedo ad negotium. Valeo, vivo, Dei misericordiâ: & licèt senex sim, animo tamen consto alacri, ad subeundos labores promptissimo. Et, cùm vivat post funera virtus, in publicandis aliis operibus meis incessanter insudo. Sex libri Historiarum, ad umbilicum perducti applausu sunt excepti in orbe toto; cùm eorum doctrina incompta sit, inermis, rudis, & nullam mereatur laudem. Prostant Venetiis, Parisiiis, sed præsertim Lugduni Gallorum, quo loco Praxis Medica admiranda, ex secunda impressione, lucis jam fruitur usura, & ad omnes Italiæ Academias accessisse, admonitus sum. In iis omnibus tuarum laudum, ut videbis, sum vocalissimus præco, at, ut vereor, inconcinnus: nam cùm Quæstiones tuas (earum enim quatuor solùm Libros habeo, alios enixè expero, non invenio), varia & plusquam medica eruditione refertos lego, obstupesco, contremisco: tu enim in illis delineandis cæteros nostræ Artis Antistites ita excellis, velut inter ignes Luna minores. Ob hanc causam auctor fui plurimis Jurisconsultis, Theologis, & Medicis, ut tam gratiosa doctrina, utili, necessaria affabrè conscripta potirentur: famâ enim es magnus, scriptis certè major. Quod si illis ad plenum mihi frui liceret, vel supervenienti fortunæ medium unguem porrigerem. Quod reliquum est, ut, si me amas, & te à me amari desideras, cætera tua opera mihi devehenda cures, in illis enim revidendis hærebo dies noctesque. Ego enim, in illustrandís historiis licèt totus sim, hæc omnia post terga regiciam, cùm præ oculis sit unus Zacchias, Æsculapius ipse meus, & qui mihi est mille instar omnium. Historiæ meæ exornantur praxi, quam tribus tomis graphicè expolire intendo. Sicut enim domus sine tecto absoluta non est, sic illud Opus sine praxi, mutilum erat futurum ac prorsus nullum: quare in septimo libro, qui jam sub prælo gemit, de curatione morborum capitis discepto. Cùm tuus de Morbis Hypo-

chondriacis liber sit integer, quæso per Venetias illum mihi communicare ne graveris: illicò enim Praxim Historiarum tibi remittam. Misit ad me D. Josias Florietus, Vir Doctissimus, & utriusque nostrum amicissimus, Epistolam hanc, ad te scriptam. Videbis hominis eruditissimi ingenium excultum, & mores candidos. Ego nil habeo, quod ad te mittam, nisi memetipsum. Idcircò in nostræ amicitiæ firmissimum testimonium effigiem meam ad solertissimi ingenii tui aras appono: grandem honorem merebitur, si in Musæo tuo sit appensa. Liber Octavus Praxeos Historiarum, qui de Curatione Morborum disserit, qui partes vitales, naturales, genitales, & inferiores infestant, citò excudetur. Rem mihi graditissimam feceris, si Epistola, tua in limine libri apponenda hunc Tomum illustres: nam septimum exornat alia à D. percelebri Parisiensi Renato Morello conscripta; ut sciant omnes, te studiosos Viros redamare ex corde. Vale ergo, Chori Medici fulgentissimum Jubar. Rogo, ut te ipsum ames: si hoc feceris, me quoque amabis, ita enim vulgaris noster amor exigit. Ex musæolo nostro, Amstelodami 1. Septembris 1639.

Tuus, per saxa, per ignes,

Zacutus Lusitanus.

Transcriptas das *Quæstiones medico legales*, de Paulo Zacchias, edição de Lugduni, Sumptibus Anisson et Posuel, 1726.

ZACUTO LVSITANO

Medico Amstelodamensi,

IOH. BEVEROVICIUS S. D.

Prævenisti me manu, Vir Clarissime, non mente. Quis enim ita barbarus, cui non notum Zacuti nomen, cui non summa voti sit, in amicitiam tanti viri admitti? Quam ultro ut offerres homini obscuro, nunquam sperare ausus fui. Cur ipse ambire eam distulerim, nisi in maximas occupationes caussam conjecero, nullam equidem afferre queam. Nec hæ modo me excusare possent à carmine, quod amice petis, sed præcipue ingenium ad poësin non natum. Et stultum certe videtur, conari aliquid repugnante genio & natura. Φύσιογάζ, ut vere

lib. de Arte artis nostræ princeps, *ἀνυπαζατιόσης, πενεὰ πάντα.* Tanti tamen apud me valet authoritas tua, ut immemor præcepti Horatiani,

Tu nihil invita tentes faciasve Minerva,

infantiam meam prodere maluerim. quam mandatis tuis non obsequi. Ita in me quoque verum est illud poëtæ jam laudati,

Scribimus indocti doctique poëmata passim.

Habes Græcum epigramma Musis & Apolline nullo. in quo cum nihil possis aliud, affectum ut probes, rogo. Illud unum exprimere conatus sum, ingenii tui monumentum, ejus esse præstantiæ, *ὡς οὐδεὶς αὖ, ἀὼ ἀ δ' ὁ Μῶμο μωμήτα αδαι δώνασδ.* Primum tuarum Historiarum tomum habeo, reliquos videre nondum contigit. decrevi brevi, quæcunque in lucem dedisti, legere, & ex iis ansam arripere sæpius te compellandi, quæque bonis avibus inter nos auspicata est, literarum commercio fovere amicitiam. Excudunt nunc Elsevirii tractatũ meum de Calculo plane *φαιάδοξον,* cui comites dabo doctorum aliquot virorum epistolicas de Lithiasi observationes, quorum numero ut & te adscribas, rogo & flagito. Vir Excellentissime vale, & me reconditæ eruditionis tuæ admiratorem, amare perge. Dordrechti XXII. Octob. CIƆIƆCXXXVII.

Calculos non gigni in substantia, sed cavitatibus renum. Fernellii hallucinatio. Difficilis calculosorum curatio; Remedia præstantissima.

IOH. BEVEROVICIO,

Senatori, & Medico Dordrechtano,

ZACUTUS LUSITANUS S. D.

Ad Dionysium scribens Plato disputat rectius ne fit salutis, an gaudii munus per epistolam amicis suis deferre: ego vero utrunque tibi, vir solertissime, et opto, et voveo, cum te de salute mea sollicitum, nullo meo merito ostenderis, salutis quippe, dum te, tantum virum de salute nostra monitum, certioremque facimus, rati gaudium potius esse nostras gratulari literas, cum tuas non minus avido, quam

læto animo acceperimus, salutis, eruditionisque tuæ prænuntias, per quas humaniter, meque immodice laudas, quæ omnia etsi prædices benignius multo, quam verius, tamen gaudeo ea mihi tribui abs te, quæ ipse in me neutiquam agnosco, quandoquidem non tu ex ea hominum forte mihi videris, quos Homericus ille Heros tantopere odit, qui aliud in lingua promptum, aliud in pectore clausum gestare consueverunt. Literæ ergo tuæ ingenti me voluptate affecerunt. quæ quidem tanti mihi sunt, ut nullo pacto credam posse me illis rescribendo satisfacere. Deus bone, quantum Atticæ, excultæ, quantum denique amabilis, ut in iis summus amor, summaque eruditio contendere videantur, neque facile utrum excellat, dignosci possit. Scriptis magnus es, eruditione maximus, quoties enim opera tua cedro dignissima contemplor, eorum jucundissima lectione delector, et juvari doctissimus quisque potest: nam ex eorum facundia fructus, ex elegantia voluptas, ex auctoritate summus honos conciliatur. Non me amor, aut adulandi studium fallit, à quo semper tanquam intestino morbo abhorrui. neque enim à labiis dissentiunt præcordia, concordat in me scriptio cum mente, lingua cum pectore. Quod vero addis te habere nunc sub prœlo tractatum de calculo, monesque ut si aliquid novi de hoc morbo habeam, libenter promam, tibique aliquam observationem communicem, quam illi inserere possis: plurimas tibi pro hac animadversione præsto gratias, gratulorque maxime, quod me, hominem vix intra proprios lares notum, dignum judices, ut in doctorum virorum albo, quorum magnus est numerus in nostro Belgio, in Europa, imo in orbe toto, sim reponendus. Cum liber tuus de calculo lemnisco adornandus lucis usura fruatur, hærebo in illius doctrina eximia, dies, noctesque: nam tu vir laudatissimus, es mihi unus mille instar, cui tam medico, quam poëtæ, suas artes, sua munera præstat Apollo. Sed ne parœmia major sit, quam opus totum, accedo ad negotium.

Nullus est morbus plus carnifex, et atrox calculo, et renum, et vesicæ: facilius enim, voto meo, uterum à concipiendi munere abstrahes, quam renes calculosos à gignendis calculis. Hos in renum cavitatibus, ut firmavit *Galenus,* non in eorum substantia produci, ut *Fernelius* retur, certa res est, et à classicis experimento munita. Deinde cum hic prurigine laborarit mordendi *Galenum,* veresque scientissimos audacia, & temeritate fuerit insectatus, fragili fundamento nixus medicos hortatur, ut credant causam calculi vesicæ, non esse crudum, ac crassum succum, qui per venas, naturalesque

ductus cum urina in vesicæ capacitatem excurrit, in qua tandem loci calore exarefactus sensim lapidescit: nequit enim intelligere quo pacto libera existente vesicæ cervice possit limus ille tam diu illic morari, quum videat, et sanguinem, grumum, pus et mucosam, lentamque pituitam, aliaque multo crassiora facile illinc profluere foras cum urina. Hoc demum convictus argumento aliam occepit causam calculi vesicæ investigare, ac comperisse monet, omnem calculum in vesica conclusum, rudimentum quoddam è renibus traxisse, è quibus per nephriticum dolorem excidens, si grandiusculus est, in vesica aliquandiu hæret, ac plerunque persistit, illicque allatarum sordium adhæsu coagmentatur, dum verus, confirmatusque lapis fiat. Ita quidem neminem hactenus, inquit, se offendisse in vesica calculum habere, qui nephriticis doloribus diu vexatus antea non fuisset. Quæ opinio falsa, incerta, fabulosa, et commentitia est, et à medicorum primariis reprobata: oblitus enim est *Fernelius* pueros fere omnes calculo vesicæ laborantes, quorum tamen vix ullus unquam renum calculo antea fuit afflictus. Peculiaris quippe est pueris vesicæ calculus, non renum, senibus vero renum, et non vesicæ, ut *Hip. lib. 6. epid. sect. 3. text. 15.* confirmavit.

Demum cum hic truculentus morbus plurimos jugulet et incipiens vix curari possit, *6. de sanit. tuend. cap. 6.* et si per annum duret, nullum curatum vidisse, neque juvenem, neque senem *Galenus* fateatur, quia intemperies illa fit habitualis, quæ nullo modo postea removeri potest, iccirco semper mihi satius visum fuit, parte artis præservativa uti, quum, monente *Galeno, 2. de natural. facult. cap. 8. in princip. multo melius sit imminentem morbum præcavere, quam factum curare.* Hoc pacto fidissimo experimento compertum habeo pro curandis iis qui in miserrimum hunc morbum frequenter labuntur, uti præsidiis, quæ tum crassam, lutulentamque materiam, quæ futura est causa calculi, per alvum evacuent, primas vias clementer à mucoso humore abstergant, vasa urinaria, renes, et vesicam à fabulosa substantia mundilicent, et harum partium calorem attemperent, à quo solum calculos generari, prisci, et juniores confirmarunt. In hunc usum, ad præservandos calculosos à gignendis calculis, omnium præstantissimum est electuarium hoc.

♃. Fol. sen. ℥ fs. sem. carth. polipod. epithym. et hermodactylor. ana ʒ ij. anisi ʒ j. flor. cordial. ʒ i i j. capil. vener. m. j. glycyrrh. ras. & contusæ ℥ j. fs. radic. asparag. & gramin.

an. ℥ j. cicer. rubeor. num. xx. fem. althææ ʒ j. passular. ℥ j. coque secund. art. in sufficienti aq. quantitat, quousque remaneat lib. fs. adde theriac ʒ. j. lapid. judaïci ℈ ij. fem. urtic. & citruli an. ℈ j. pulver. terebinthin. ʒ fs. Balsami ℥ fs. pulv. virgæ aureæ ʒ j fs. pulv. ossium Mespil. ℈ fs. liquiritiæ ʒ i i j. pulv. fol. sen. ʒ ij fs. Mecoachæ ʒ ij. hermodactylor. ʒ j. fs. Mannæ ℥ j. pulp. cas. ℥ j fs. anisi, & cinnamom. an. ʒ fs. tartar. vini albi. ʒ ij. pulv. ligni nephritici ʒ j fs. pulverisanda pulverisentur tenuissime. et excipiantur cum saccharo quod fit satis ut fiat electuarium.

Dosis ejus est ab ℥ fs. usque d. ʒ vj. vel ℥ j. sumitur jejuno ventriculo, superbibitis ℥ iiij. vel v. vini gallici, vel rhenani, vel aquæ quæ ex ligno quodam indico efficitur, quæ post coctionem, aut infusionem varios præ se fert colores, arcus cœlestis instar, nullo mutato sapore, vel odore, de cujus eximiis facultatibus pro repurgandis renibus á sabulo, et ad renum vitia, et urinæ difficultatis, et incommoda late disceptat *Nicolaus Monardus in lib. aromatum.* Porro virga aurea, herba est, caule rubente, binum cubitorum, alto, pellucido, et lævi, cui folia olivæ incumbunt, orbiculatim denticulis minutissimis incisa, et in superiori parte lævia: flores profert in summo caule spicatos, aurei coloris, qui ut ematuruerint, in pappos abeunt. de cujus efficacia in hunc usum legendus Matthiolus *lib. 4. in Dioscorid. cap. 31.* Denique si aliquid sit quod in tui gratiam præstare possim, impera, ad nutum exequar libentissime, dummodo scias te habere in hac augusta urbe senem, etsi invalidum, et studiorum laboribus jam fatigatum, de quo tanquam de optimo amico cunctis plura possis polliceri. Vale ergo vir suavissime, et reipublicæ medicæ fidus fulgentissimum, Zacutumque tuum, tui celeberrimi nominis licet inconcinnum præconem, ama, sustine,, fove. Amstelodami 25. Octob. 1637.

tuus per saxa, per ignes

Zacutus Lusitanus, m. d.

Aliud ex alio negocium in causa fuit, cur oblitus fuerim gratiam tibi præstare pro Epigrammate, quod in meorum operum laudem tam cito adscribendum curasti. Exibit liber hilaris et ovans in medicorum manus, tantique viri auctoritate decoratus in publicum prodire non

recusabit, invidorumque calumnias triumphans contemnet, pro quo officio, beneficio potius, Principes medici tibi gratulari non cessant: et ego, quamdiu spiritus hos regat artus, tuæ celeberrimæ famæ ero vocalissimus præco in æternum.

Transcripto de Joh. Beverovicii — *De calculo Renum & Vesicæ Liber singularis cum epistolis & consultationibus magnorum virorum.* Lugd. Batav. Ex officina Elsevirirum CIↃIↃCXXXVIII, pag. 239 a 248.

JUDICIUM ZACUTI LUSITANI

Amicissime ARNOLDE, Vidi hunc librum excellentissimi Viri Iacobi Primerosii, qui de vulgi in medicina erroribus graphicè disceptat, aureolus est, nervosus, varius, jucundus, & utilis, dignus ut in ore medicorum perpetuò versetur. Affabre disserit, acutè dissolvit, subtiliter objicit hic perdoctus auctor. Eja age, mi *Arnolde*, eum ex tempore prælo committe, ne recrastines, nullus emunctæ naris vir hunc salutiferum partum torvè spectabit, sed in doctorum amplexu, semper erit delitio, & ornamento, virentiumque instar rosarum in dies magis, ac magis efflorebit semper. Pseudo enim medicorum inscitiam, & errores detegit, qui alienis periculis sibi sumptus faciunt, & rudem, ineptamque plebeculam falsis pollicitationibus alliciunt. Hi contra præcepta Sacrosanctæ Medicinæ insolentes insurgunt, & detestàntur eos, qui ægris mirà diligentià succurrunt, suavissimè medentur, & citò manus adhibent auxiliares; Hos, Herculeâ veluti clavâ, hoc est, Hippocratica methodo instructus solo æquat, & eorum erroneas opiniones ex toto profligat, vanam Medicastrorum arrogantiam refrænat, lividam proterviam coërcet, & superbos blateronum conatus strenuè retundit. Vnum enim molestissimè fero, quod gregarii, & inepti homunculi, imò male feriati empirici hanc prærogativam eruditorum instar sibi vendicent; ita ut venatici canes, & villatici eodem modo ferinam olfacere videantur, velintque capræ Rhinoceroti nasuto videri similes. At hæc faciamus missa. Tu bonarum artium fautor integerrime, strenuam repone operam, ut hic liber politus, & tersus prælo citò gemat, & lucis usura fruatur: nam

applausu erit exceptus in nostro Belgio, in Europa, imo in orbe toto. Vale, & me te amantem, redama, Amstelodami. 4. Iunii 1639.

Zacutus Lusitanus M. D.

Transcripto do livro de James Primerose, *De vulgi erroribus in medicina libri IV* — Roterodami, Ex-officinâ Arnoldi Leers, MDCLVIII.

BIBLIOGRAPHIA [1]

Zacvti Lvsitani, Medici & Philosophi præstantissimi, De medicorvm principvm historia libri sex. In quibus Medicinales omnes Medicorum Principum Historiæ, utili & compendioso ordine dispositæ proponuntur, Paraphrasi, & Commentarijs enarrantur, Dubijs & Auctoris peculiaribus Observationibus illustrantur. Quorum primus Liber nunc primum in lucem exit.

Amstelodami apud Joannem Federicum Stam, 1629. in-8.º.

* Coloniæ Aggripinæ, apud Joannem Federicum Stam, 1629. in-8.º.

* Lvgduni Batavorvm, Ex officina Ioannis Maire CIƆIƆCXXIX, in-8.º. [2]

Amstelodami, apud Henricum Laurentium, 1637. in-8.º.

---

(1) Vão notadas com um asterisco as edições que pudemos vêr.

(2) Esta edição apenas varía da anterior no frontispicio; provavelmente as três primeiras edições são uma e a mesma, differindo apenas na indicação do livreiro que as tinha á venda.

Lugduni apud Antonium et Marcum Antonium Ravaud, 1649. in-8.°.

Zacvti Lvsitani, Medici & Philosophi præstantissimi, De medicorum principum historia. Liber secundus. In quo Medicinales omnes Medicorum principum historiæ, de Vitalium & Naturalium partium affectibus, compendioso ordine proponuntur, enarrantur, quæstionibus, dubiis, & observationibus illustrantur. Opus varia, & utili doctrina repertum. In eo principum placita à Neoticorum calumniis vendicantur. Amstelodami, apud Henrici Laurentii, 1636, in-8.°.

Zacvti Lvsitani, Medici & Philosophi præstantissimi, De medicorum principum historia. Liber tertius. In quo Medicinales omnes Medicorum principum historiæ, de Vteri, genitalium, & inferiorum partium affectibus historiæ describuntur, & compendiosè explanantur. Amstelodami, apud Henrici Laurentii, 1637, in-8.°.

* Zacvti Lvsitani, Medici, & Philosophi præstantissimi, De Medicorum principvm historia. Liber Quartus. In quo medicinales omnes Medicorum Principum Historiæ, de febrium essentia, differentijs, causis, signis, prognosi, & curatione affabrè explanantur.

Amstelodami, Sumptibus Henrici Laurentii Bibliopolæ, 1637, in-8.°.

* Zacvti Lvsitani, Medici & Philosophi præstantissimi. De medicorvm principvm historia Liber Qvintus. In quo Medicinales omnes Medicorvm historiæ, de Ve-

nenis, morbis venenosis, & antidotis graphice examinantur.

Amstelodami, Sumptibus Henrici Laurentii. Anno MDCXXXIX, in-8.º.

Zacvti Lvsitani, Medici & Philosophi præstantissimi. De Medicorum principum historia. Liber sextus. In quo Medicinales omnes Medicorum principum historiæ proponuntur, quæ in superioribus libris certam sedem non determinarunt. Amstelodami, Apud Henrici Laurentii, 1638, in-8.º.

Zacvti Lvsitani, Medici & Philosophi præstantissimi, De medicorum principum historia. Liber septimus. In quo proponitur Curatio omnium Morborum internorum. Amstelodami, apud Henrici Laurentii, 1641, in-8.º. Addita est Pharmacopœa & Introitus ad Praxin ejusdem.

Zacvti Lvsitani, Medici & Philosophi præstantissimi, De medicorum principum historia. Liber octavus. In quo proponitur Curatio morborum, qui Partes naturales & Vitales infestant. Amstelodami, apud Henrici Laurentii, 1641, in-8.º.

Zacvti Lvsitani, Medici & Philosophi præstantissimi, De medicorum principum historia. Liber nonus. In quo proponitur Curatio Muliebrium morborum. Amstelodami, apud Henrici Laurentii, 1642, in-8.º.

Zacvti Lvsitani, Medici & Philosophi præstantissimi, De Medicorum principum historia. Liber decimus. In quo proponitur Curatio morborum, qui vasa & corpus oppri-

munt. Amstelodami, apud Henrici Laurentii, 1642, in-8.º.

Zacvti Lvsitani, medici & Philosophi præstantissimi, Praxis historiarum Liber undecimus & ultimus. Amstelodami, apud Henrici Laurentii, 1642, in-8.º.

* Zacuti Lusitani Medici, et Philosophi præstantissimi, De praxi medica admiranda. Libri tres. In quibus, exempla monstrosa, Rara, Nova, Mirabilia, circa abditas morborum causas, signa, eventus, atque curationes exhibita, diligentissimè proponuntur.

Opus, varia, & utili doctrina refertum, non solum Medicis, & Chirurgis, sed recondita medicina arcana affectantibus necessarium. Cum Indice observationum locupletissimo.

Amstelodami, Typis Cornelii Breugeli, Sumptibus Henrici Laurentii, Anno MDCXXXIV, in-8.º [1]

* Zacvti Lvsitani, medici et philosophi præstantissimi, de medicorvm principvm historia. Opus absolvtissimvm: in qvo medicinales omnes historiæ, de morbis internis, quæ passim apud Principes Medicos occurrunt, concinno ordine disponuntur, Paraphrasi, & Commentariis, illustrantur: necnon Quæstionibus, Dubiis, & Obseruatio-

[1] Ha pelo menos mais uma edição deste livro, de que infelizmente possuimos escassas noticias. Na 2.ª carta a Paulo Zacchias (pag. 371) Zacuto fala de uma segunda edição do seu livro publicada em Lyão, sem indicar a data. Banga fala duma edição de 1639, provavelmente a mesma.

nibus exquisitissimis exornantur. Editio postrema. Ab ipso Authore, ante obitum, summâ curâ recognita, & locupletata.

Lvgdvni, Sumptibus Joannis Antonii Hvgvetan, in vico Mercatorio, ad insigne Sphæræ, MDCXLII. Com privilegio. in-fol.

Lvgdvni, Sumptibus Joannis Antonii Hvgvetan, via Mercatoria, ad insigne Sphæræ, MDCXLIV. Cum privilegio regis christianissimi. in-fol.

* Zacvti Lvsitani, medici, et philosophi præstantissimi, Praxis historiarvm: in qva morborvm omnivm internorvm curatio, ad Principum Medicorum mentem explicatur: grauiora dubia ventilantur ac resoluuntur: Practicæ denique obseruationes permultæ suis locis insperguntur. Præmittitur Introitvs Medici ad Praxin: necnon pharmacopoea elegantissima. Accessit Praxis medica admiranda, ab ipsomet Auctore non parum de nouo locupletata: In qua Exempla rara, mirabilia, monstrosa, circit ábditas morborum causas, signa, euentus, atque curationes proponuntur. Editis postrema à mendis correctissima.

Lvgdvni, Sumptibus Joannis Antonii Hvgvetan, viâ Mercatoriâ, ad insigne Sphæræ, MDCXLIII. Com privilegio regis christianissimi.

* Lvgvni, Sumptibus Joannis Antonii Hvgvetan, viâ Mercatoriâ, ad insigne Sphæræ, MDCXLIV. Cum privilegio regis christianissimi. in-fol.

* Zacvti Lvsitani, Medici, et philosophi præstantissimi, operum tomus primus, in qvo De medicorum principvm historia libri sex: vbi medicinales omnes historiæ, de morbis internis, quæ passim apud Principes Medicos occurrunt, concinno ordine disponuntur, Paraphrasi, & Commentariis illustrantur: necnon Quæstionibus, Dubiis & Observationibus exquisitissimis exornantur. Editio postrema, à mendis purgatissima.

Lvgdvni, Sumptibus Joannis Antonii Hvgvetan, Filij, & Marci Antonii Ravavd, MDCXLIX. Com privilegio regis christianissimi.

* Lvgdvni, Sumptibus Joannis Antonii Hvgvetan & Marci Antonii Ravavd, MDCLVII. Cvm privilegio regis christianissimi.

* Lvgdvni, Sumptibus Joannis Antonii Hvgvetan & Gvillielmi Barbier. MDCLXVII. Cvm privilegio regis christianissimi.

* Zacvti Lvsitani, medici, et philosophi præstantissimi, operum tomus secvndus, in qvo Praxis historiarvm: Vbi morborvm omnivm internorvm cvratio, ad Principum Medicorum mentem explicatur: grauiora dubia ventilantur, ac resoluuntur: Practicæ denique obseruationes permulta suis locis insperguntur.

Præmittitur Introitvs medici ad praxin: necnon Pharmacopoea elegantissima.

Accessit Praxis Medica Admiranda, ab ipsomet Auctore non parum de nouo locupletata: in qua Exempla rara, mirabilia, monstrosa, circit abditas morborum causas, signa, euentùs, atque curationes proponuntur.

Lvgdvni, Sumptibus Joannis Antonii Hvgvetan, Filii, & Marci Antonii Ravavd, MDCXLIX. Cvm privilegio regis christianissimi.

* Lvgdvni, Sumptibus Joannis Antonii Hvgvetan, & Marci Antonii Ravavd, MDCLVII. Cvm privilegio regis christianissimi.

* Lvgdvni. Sumptibus Joannis Antonii Hvgvetan & Gvillielmi Barbier. MDCLXVII. Cvm privilegio regis christianissimi.

Salmon (William) Iatrica: seu praxis medendi. The practice of curing: being a medicinal history of above three thousand famous observations in the cure of diseases, performed by the author hereof. Together with several of the choichest observations of other men, taken from Crato, Forestus, Hildanus, Skenkius, Rulandus, Zacutus, Platerus, Riverius, Willis, and several others which are falln into the author's hands in manuscript: all of them digested under their proper heads. London, T. Dowks & L. Curtus, 1681. (1)

Epistolas a Menasseh ben Israel;
a Paulo Zacchias;
a João Beverwijck;
a Arnoldo Leers, editor de James Primerose. (2)

(1) Index catalogue of the library of the surgeon-general's office, United states army. Washington, Government printing office 1891.

(2) Vão reproduzidas a pag. 365 e seguintes deste livro, com a indicação das obras em que se encontram.

Obras em que trabalhou e que não foram publicadas:

De chirurgicorum principum historia. ([1])
De juniorum medicorum in theoria et praxi erroribus. ([2])
De regimine principum. ([3])
De medica doctrina selecta. ([3])
Hippocratis et Galeni epitomen. ([3])

([1]) Cita-a a pag. 87 do 1.º volume das suas obras completas.
([2]) Cita-a a pag. 97 e 100 do 1.º vol. das suas obras completas.
([3]) Indica-as Luiz de Lemos na biographia que acompanha as edições posthumas de Zacuto.

INDICE

TÁBUA ANALYTICA

INDICE DAS GRAVURAS